

Gil Cleber



nas Sombras



Romance

Fausto nas sombras



Gil Cleber Carvalho

Fausto nas Sombras

R o m a n c e



Arte final e capa: Gil Cleber

Ilustração da capa: baseada em **O Viandante Noturno**, óleo sobre tela de Edvard Munch.

Obra registrada no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional sob o nº 481.457, às fls. 382 do livro 908.

Nota importante:

Sendo o autor contra a maioria das mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

Contato e *site* do autor:

gilcarvalho959@gmail.com
www.gilcleber.com.br

Inclino-me a comparar sua solidão com um abismo no qual se aprofundavam, sem ruído nem rastro, os sentimentos que os outros lhe ofereciam.

(Doutor Fausto, Thomas Mann)

Então o Diabo, levando-o a um lugar elevado, mostrou-lhe num momento do tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe: — Dar-te-ei toda a autoridade e a glória destes reinos, porque me foram entregues e as dou a quem bem me parecer; se te prostrares diante de mim e me adorares, tudo será teu.

(Evangelho de S. Lucas, Cap. 4, vers. 5 a 7.)

†

Julgamos oportuno principiar esta narrativa falando sobre o exercício da liberdade, tão caro ao homem e que, segundo certas doutrinas filosóficas, lhe foi outorgado para deliberar sobre seus atos — acerca dos quais não possa dizer “coube a outrem decidir por mim”. Assim, por exercício da liberdade, em outras palavras, por livre-arbítrio, pretendemos nos referir não apenas às decisões mais ou menos graves que cabe ao ser humano tomar durante sua existência, mas sobretudo a certas ações procedentes de um momento muito especial e singular do qual diremos **o momento de despertar**, em que despertar significa “abrir os olhos” não para o mundo mas para dentro de si mesmo, dar-se conta de que “é chegado o tempo”, sendo esta a liberdade a que em particular nos referimos: a de seguir um caminho, o *seu* caminho — não forçosamente *ao meio da jornada da vida*, mas se dele dissermos escuso, não duvidamos de que em suas encruzilhadas acabe por *embrenhar-se em selva tenebrosa*¹ da qual não há de vislumbrar saída; e se formos buscar em sua cronologia esse instante de decisão, não o encontraremos nem ao meio de sua jornada, nem em nenhum exato e único momento, que não houve; pelo contrário: tal deliberação terá sido tomada em etapas diversas de seu percurso, talvez mesmo desde a infância, passo a passo no rumo da inexorável danação. Não é possível afirmar que ocorra sempre desta maneira o nefando comércio com as Trevas, nem que a moeda de troca seja — como a velha lenda de Fausto — a própria alma, pareça-nos embora que a alma sempre termina também por perder-se, mas a vida e a felicidade (e em alguns casos também a alma) daqueles que dele se acercam; o máximo que se pode dizer com algum grau de certeza é que terá sido este o caso cujo relato ora iniciamos.

É, pois, nossa intenção dar a conhecer através da presente narrativa a vida do pintor Camilo Duarte, que a partir dos anos 60 deste último século, abandonando os modismos que passaram a contaminar a arte de seu tempo, trilhou com tranqüilidade — e de todo indiferente ao que de si pudessem pensar seus nem sempre amistosos pares — um caminho de sua escolha, não sem causar inquietação no meio artístico e entre a crítica especializada, sobretudo por certos episódios trágicos que lhe marcaram a trajetória, mas que veio a desaparecer em pleno auge no começo da década de 1980 e cuja obra, apesar de sua inquestionável qualidade, permanece quase desconhecida do grande público.

Sem pretender antecipar os fatos, e apenas para entremostrear um pou-

¹ Conforme versos iniciais da Divina Comédia, de Dante.

co dessa estranha personalidade antes de iniciarmos o relato desde a infância do artista, diremos que a trajetória de Camilo Duarte foi marcada por alguns escândalos; e também que se ele em algum momento se deixou afetar por tais ocorrências, disso não deu mostras devido à peculiaridade de seu temperamento tranqüilo, que somente em umas raras ocasiões chamou sobre si a atenção geral através de manifestações públicas. Pois Camilo não era dado ao exibicionismo, viveu recolhido em seu ateliê trabalhando quase sem descanso e privando da companhia de alguns amigos que iam visitá-lo, e até nas exposições que fazia não era, por assim dizer, muito visível, chegando de hábito com atraso e retirando-se após o transcurso de uma hora ou pouco mais. Era então que falava à imprensa, mas sempre de maneira concisa, recebia com um sorriso distante os cumprimentos do público e se mantinha insensível às notificações de aquisição das peças expostas, conquanto estabelecesse preços altíssimos e, não sendo abastado, tais vendas se revestissem de uma particular importância, já que lhe permitiriam continuar produzindo sem ver-se achacado por aperturas financeiras. Diga-se de passagem que provindo de uma família pouco numerosa de classe média, saiu de casa bastante jovem e sem uma colocação, como veremos no decorrer da narrativa, retirando-se para a pequena propriedade dos pais no interior decidido a firmar-se como artista, onde estabeleceu seu ateliê; e tão logo viu consolidada sua posição nesse meio nunca expôs sem vender, e vender bem, ficando portanto sob o aspecto econômico bastante à vontade, embora conservasse hábitos simples e cujos gastos pessoais — não passando pela avareza — seriam modestos.

À sua originalidade de caráter correspondia, e de outra forma não poderia ser, uma obra igualmente *sui generis*, na qual combinava a técnica superior de um virtuose com certas aventuras que transcendiam a concepção do moderno, mas da mesma maneira esquivando-se do conceitual e de outros modismos com determinação, e para mais não dizer, ou melhor, para dizê-lo de forma direta e que dê uma compreensão de seu pensamento acerca da arte de seu tempo, costumava responder a observações similares que o mal daquela época não podia contaminar sua obra pois ambas eram de natureza inteiramente diversa; conforme suas próprias palavras, “a minha obra existe com um força sublime, enquanto execráveis experimentos como esses nem ao menos têm existência real como Arte”.

Vale acrescentar mais um de seus célebres comentários, sempre pertinentes, quando se referia aos modismos que tanto desprezava; dizia ele que na música, não importando que tipo de sonoridades brotassem da mente do compositor, este conhecia muito bem sua ferramenta de trabalho, e que só na pintura se admitia que “pessoas que nem ao menos sabem empunhar um pincel e misturar um pouco de tinta se digam artistas e exponham sua tolices como autênticas obras-primas”. Pusemos esta frase

entre aspas pois a mesma foi textualmente anotada pela imprensa numa de suas poucas manifestações públicas, tendo portanto sido pronunciada pelo artista e testemunhada por muitas pessoas.

Frases assim finas — como a que proferiu em público a propósito de uma artista muito em voga, e que teve (como a seu tempo veremos) consequências desastrosas — podem sugerir que Camilo fosse exaltado e mesmo dado a grosserias, mas não estaríamos mais distante da verdade se chegássemos a tal conclusão. Camilo Duarte, ao expressar-se dessa maneira, jamais se exaltava elevando a voz, demonstrando indignação, fazendo gestos grandiloqüentes, não: exprimia-se com grande segurança, o tom de voz apenas audível, suas feições não denotando nenhum sentimento especial. Cremos tal atitude responsável pela grande força de suas opiniões, a ela aliado o suporte de um inequívoco sucesso entre colecionadores, que disputavam seus quadros “como famintos um prato de sopa” (tal expressão jocosa proveio da pena de um jornalista brincalhão, que irritou boa parte daqueles que se empenhavam, ainda que com cautela, em diminuir a importância de sua obra), não hesitando em pagar os preços altos que ele estabelecia e contribuindo com isso para consolidar sua posição no meio artístico. Decorre daí, sem sombra de dúvida, que Camilo não deveu seu sucesso à assessoria dessa crítica que ele insistia em desprezar e a qual tinha na conta de parva, mas de umas poucas circunstâncias felizes e do “assédio”, se podemos mesmo entre aspas adotar tal palavra, daqueles que se dispunham a pagar as exorbitâncias exigidas por seus quadros mesmo desde os tempos em que era apenas um nome obscuro.

Foi dito que o artista viveu recolhido em seu ateliê, e podemos acrescentar que se tornara quase um ermitão. Verdade é que lhe convinha isolar-se para assim entregar-se de todo ao trabalho, e que trabalhava de maneira disciplinada e metódica, sem dar-se dias de folga como se tivesse de cumprir um horário: costumava iniciar sua jornada bem cedo, antes das oito, permanecendo diante do cavalete até anoitecer — e às vezes até as oito ou nove da noite sem dar mostras de cansaço.

No entanto — e sobre isso voltaremos a falar com detalhes —, desde que se retirou para a propriedade da família no interior, Camilo viu-se cercar por um grupo de freqüentadores que não o desagradaram, mormente porque, tendo percebido muito cedo que o artista mantinha grande regularidade em seu trabalho, compareciam no mais das vezes à noite — e mesmo assim não mais que uma vez por semana, de preferência aos sábados — para conversar, beber em sua companhia — indo colher em sua despensa uma boa garrafa de vinho —, fazer música, declamar versos, e até mesmo divertir-se com um inocente jogo de cartas.

Acerca desse grupo, a que se convencionou chamar uma “sociedade”, falaremos em momento oportuno, pois constitui elemento essencial na

história; porém antecipando um pouco diremos que essas pessoas haviam se aproximado do artista em razão de suas afinidades intelectuais. É desse círculo de amizades que conheceremos algumas personagens que, passando por sua vida, não se pode dizer que o fizeram indiferentemente e que, se puderam exercer sobre ele alguma influência — pouca que tenha sido —, dessa convivência não saíram ilesas; em outras palavras: como se numa aposta tivessem “pagado para ver”, pagaram de fato, e talvez o preço tenha sido alto demais.

Com isso damo-nos conta de termos antecipado, embora de forma muito ligeira, alguns acontecimentos da vida do pintor, mas refletindo sobre o que foi lançado até agora no papel concluímos que em vez de desfazer expectativas, derramamos pelo contrário uma luz prévia sobre o que será narrado a fim de preparar o leitor para o que está por vir.

Esta não é, decerto, uma biografia no sentido ordinário da palavra; talvez neste século de luzes — no qual o conhecimento exato tem avançado de maneira tão exacerbada que muitos de nós acabaram por perder o contato com os velhos mitos e tradições — não caiba mais falar em acordos com o Mal, como aludimos no começo; o que, contudo, podemos oferecer ao leitor é uma espécie de reflexão: como poderá alguém alcançar culminâncias, passar pela vida quase incólume, e depois, ao fim, submergir no anonimato e, por que não dizer, na loucura — como se isso não decorresse, com efeito, de um pacto ao qual se procura, na última hora, escapar?

Perguntas diversas serão suscitadas, mas uma mais que todas: pode-se fugir a um compromisso assinado com o Reino das Sombras?

Dito isto, entremos na história.



Não se dirá que a infância de Camilo tenha transcorrido de forma diferente da de outros meninos de sua época e condição social, excetuando-se pelo fato de ser uma criança e, mais tarde, um adolescente quieto, retraído e um tanto arredio.

Tendo nascido na segunda metade do ano de 1940 em L..., um bairro tranqüilo do Rio de Janeiro, filho de pais protestantes (o pai era pastor de uma igreja pentecostal em L..., denominação que achamos por bem omitir), não chegou a destacar-se de outras crianças com quem manteve até tornar-se adulto relações cordiais de amizade, ainda que no mais das vezes um pouco distantes. Não foi particularmente brilhante na escola, tirando até mesmo algumas notas vermelhas em matemática, disciplina que nunca chegou a entender bem, conquanto tenha obtido o suficiente para ser a-

provado — se não entre os primeiros lugares, pelo menos tampouco entre os últimos.

Atingindo a idade de cumprir o serviço militar, submeteu-se às normas da caserna, mas então já se havia transformado num jovem reservado que, embora se comportando de forma não anti-social, dir-se-ia dele um misantropo e de certa forma um crítico, conquanto nenhuma palavra de crítica contra o meio lhe saísse dos lábios: manteve durante todo aquele ano sua natural reserva; quando em convívio e palestra com os companheiros de corporação falava pouco e tinha o hábito de ouvir com atenção o que era dito, às vezes com um sorriso fugidio nos lábios, sorriso que se desvanecia à medida que, desligando-se do ambiente à sua volta, entregava-se aos seus próprios pensamentos. Podemos dizer de tal atitude que essa convivência, não mais que necessária, bem como tudo que dela decorria não tinha para ele qualquer interesse, submetendo-se tão só para não parecer descortês com os companheiros, e ainda porque as obrigações do serviço militar possui suas injunções, encarando porém tudo aquilo com um sentido crítico e, pode-se mesmo acrescentar, ácido. Da segunda razão acima aduzida não podia esquivar-se, porém a primeira, uma vez tendo ganho as ruas novamente como civil e retornado para a casa paterna ainda sem saber o que faria da vida, já não o preocuparia: tornou-se cada vez mais arredio, quieto, respondendo — quando lhe falavam — sempre após um momento de reflexão, de maneira breve e direta (exceto se o assunto fosse de seu interesse, quando então se mostrava capaz de discorrer um bom tempo sem dar sinais de enfado) e, diga-se, causando com isso não poucas preocupações aos pais.

Antes de avançarmos tanto e tão rápido na vida de Camilo Duarte, e para que possamos compor um quadro (não havendo aqui a intenção de um trocadilho) mais nítido de seus primeiros anos, convém não passar por alto o período compreendido entre estes, nos quais começa a tomar consciência de si mesmo, e sua adolescência e, depois, entre a adolescência e os vinte anos — quando então tornaremos a referir aqueles doze meses que passou na caserna. Como veremos, vamos conhecer fatos essenciais para compreender melhor sua personalidade e também alguns episódios que sobrevieram mais tarde.

Para começar, lembremo-nos dos pais de Camilo.

O pai, Arthur da Costa Duarte, era um homem de aparência enérgica: não sendo alto, tinha compleição física robusta, mãos grandes e fortes de dedos curtos; os cabelos, negros ainda no tempo da infância de Camilo, eram cortados rente, ficando ocultos por um chapeuzinho preto que usava ao sair à rua; bigodes imensos quase lhe escondiam a boca, da qual permanecia visível no entanto o lábio inferior; a testa ampla conferia a esse rosto cheio, de pele clara, um certo ar de seriedade que mais se acentuava por

seu olhar incisivo que, nas fotografias que dele se conhecem, parece fitar o infinito. Vestia, de ordinário, um terno escuro — ou preto ou azul-marinho — de casimira, uma camisa de seda branca cujos punhos apareciam sob as mangas ligeiramente mais curtas, e uma gravata larga da mesma cor do terno na qual podia ver-se um fino prendedor de ouro, mesmo quando raro em raro se apresentava detrás do balcão de seu comércio de secos & molhados — um armazém vasto e sortido que ocupava quase todo o térreo do prédio de dois andares onde residia com sua pequena família. Arthur herdara de seu pai a metade que lhe competia naquela casa, tendo adquirido de sua meia-irmã Ordália, filha do primeiro casamento de seu pai, a outra metade. De Ordália, a quem nos referiremos apenas por alto, já que aparecerá raras vezes no curso da narrativa, diremos apenas que era casada e sem filhos, moradora de um bairro distante e que mantinha uma relação cordial mas não muito íntima com o irmão, a quem visitava uma ou duas vezes no ano, raramente mais que isso, divergindo também na fé, já que ao protestantismo austero de Arthur sua meia-irmã opunha — mas não com antagonismo, já que nunca falavam de religião nas raras visitas que se faziam — um catolicismo morno, para não dizer frio, que se resumia em assistir apenas duas missas ao mês e rezar o terço de quando em quando. Casara-se com um homem bem mais velho que, mesmo não sendo abonado, propiciara-lhe uma vida com razoável conforto, e como não se ocupasse dos afazeres domésticos, deixando-os a cargo de uma empregada fixa e de uma diarista que aparecia duas vezes por semana, entretinha-se em administrar — coisa curiosa — uma pequena biblioteca comunitária que ela mesma iniciara com a doação de alguns livros, isto a fim de estimular o interesse pela leitura em sua comunidade. Com isso pode-se dizer que Ordália vivia quase de todo apartada do irmão.

O comércio, por sinal próspero, Arthur o administrava com rigor mas não com tirania (mantinha, p. ex., uma escrituração minuciosa e rica em detalhes desnecessários para o fim a que se destinava), e conquanto não fosse ele próprio a despachar, vez por outra descia de seu gabinete no andar superior até o armazém, sendo nessas ocasiões cumprimentado com atenção e respeito pelos fregueses, a quem respondia com um breve curvar do cachão, mantendo contudo uma seriedade que não lhe permitia sequer um sorriso. O atendimento aos fregueses e, por conseguinte, o caixa, deixara a cargo de um empregado antigo, Lucas, já idoso e de cabelos grisalhos que desde sempre trabalhando na casa tornara-se um quase membro da família, sendo portanto de confiança para desincumbir-se de tal função. Herdando a propriedade por ocasião do falecimento de seu pai, Arthur manteve a administração nos mesmos termos e Lucas em seu lugar de costume, pois, ainda que despido de qualquer preconceito com relação a desempenhar ao mesmo tempo as funções de pastor e de negociante, não

lhe parecia adequado ser visto ora no púlpito empunhando a Bíblia, ora em mangas de camisa detrás de um balcão pesando meio quilo de banha a um freguês, ou quilo e meio de cebolas a outro; esse empregado de ar respeitável e cãs vinha-lhe portanto bem a calhar, e não só o manteve na função que já conhecia bem como o proveu de uma melhoria de vencimentos a fim de não lhe dar qualquer motivo de desgosto: com tal atitude, ao mesmo tempo mostrou-se generoso e satisfez o orgulho de Lucas, que ciente de sua preeminência sobre os outros dois caixeiros transitava nas áreas interna e externa do comércio vistoriando tudo com olho perspicaz, porém sem acidez, procurando corrigir toda e qualquer irregularidade a fim de cada vez mais mostrar-se merecedor. Com isso, podia Arthur ocupar-se apenas da escrituração dos livros, inteirar-se do que entrava, do que saía, dos lucros e prejuízos, dos fregueses que pagavam com pontualidade, daqueles que atrasavam vez ou outra e dos devedores contumazes, enfim, de todas as ninharias que possam interessar na gerência de uma casa comercial, em seu meio e em seu tempo, de certa expressão. Assim consolidou-se entre o novo patrão e o antigo empregado essa relação também já antiga de sóbria e grave camaradagem, sendo comum ao fim do dia, ao fechar a casa suas portas, subir Lucas até o gabinetezinho onde Arthur escriturava seus livros e ali ambos conversarem sobre quaisquer assuntos, não havendo nada a tratar com referência aos negócios, conversa em que se entretinham até a hora do jantar, quando então, uma ou duas vezes por semana acompanharia a pequena família à mesa (nas demais ocasiões retirava-se para o quarto-e-sala onde — viúvo — vivia só, à distância de dois quartos).

A atitude austera de Arthur devia-se não apenas a seu temperamento ou a uma educação rigorosa, conquanto ambos os fatores contribuissem para tanto: pois sério de temperamento e tendo tido, sim, uma educação rigorosa a tal ponto que, estando à mesa com a família, só teria liberdade para manifestar-se autorizado pelo pai, Arthur (como já foi dito por alto) desempenhava ainda uma função de destaque em sua comunidade: o pastorado — vitalício e também herdado de seu pai — de sua igreja em L..., a cujo púlpito subia duas vezes aos domingos envergando o terno escuro, a camisa de seda, a gravata com prendedor de ouro, levando na mão — em que se via brilhar a larga aliança do casamento — sua Bíblia, que ali abria num gesto tranqüilo passando as páginas com vagar até a passagem procurada, isto não sem antes deter-se por um momento e passear as vistas sobre a congregação silenciosa que aguardava por sua palavra; encontrando a página, marcava-a com o dedo correndo uma vez ainda as vistas pela congregação e, numa atitude de estátua, o busto ereto, sem mover-se, baixava os olhos para a página e lia um trecho, os versículos que serviriam de tema para a pregação daquela manhã (ou noite); lia com voz pausada,

profunda, o eco não apenas nas paredes da nave mas também no coração dos fiéis, lia com cuidado para não errar pois, conforme sua opinião, não ficaria bem errar durante a leitura da Palavra de Deus, que deveria ser pronunciada com clareza para que todos ouvissem, e com segurança como demonstração de apreço pelas coisas divinas. Uma vez terminada a leitura, curvava ligeiramente a fronte como para uma breve oração, mas sem orar: fazia-o apenas para concentrar-se, dir-se-ia buscar inspiração no Alto, e, mais uma vez contemplando os congregados, principiava a preleção. Não tinha por hábito elevar a voz, por si só clara e audível (com relação a isso fazia, embora raramente, uma breve crítica a outras igrejas nas quais predominava uma — a seu ver — “desnecessária gritaria”, pois “Deus não é surdo” dizia, complementando “e entre os irmãos, se houver algum que o seja, que venha sentar-se mais perto”), e havendo necessidade de enfatizar uma passagem erguia o dedo indicador direito à altura do rosto e proferia as palavras devagar e de forma incisiva, após o que baixava a mão, pou-sando-a sobre a página; seguia-se uma pausa mais ou menos prolongada a fim de dar tempo aos fiéis para assimilar o conteúdo da mensagem. Só então reassumia a palavra, prosseguindo sempre da mesma maneira até o fim.

Findo o culto, deixava a igreja conduzindo com ar solene a esposa pelo braço; cumprimentava os fiéis — ora um, ora outro, e se dirigia para casa caminhando num ritmo que se manteve invariável ao longo dos anos, pois sem apressar-se tampouco retardava-se pelas ruas, sendo o regresso para o lar um ritual que servia de complemento ao que fora ensinado no púlpito: não ficava bem a um servo do Senhor após meditar na Palavra entregar-se a devaneios e desviar-se do caminho de casa, que deveria ser seu fim natural após a prédica, pois fazê-lo semelhava-se a desviar-se dos caminhos de Deus cujo fim é o reino celestial e perder-se no sem-rumo da escuridão; assim como tampouco devia retardar ou acelerar o passo ao encaminhar-se para a igreja, pois o atraso implicaria em desdém pelas coisas sagradas como o apressar-se poderia dar a impressão de uma consciência culpada. Enfim, conquanto tais considerações não fossem expressas de forma tão clara como acabamos de referir, não incorreremos em erro se afirmarmos que seria guiando-se por elas que perfazia, sempre na companhia da esposa, os quatro ou cinco quarteirões que separavam seu domicílio do templo onde congregava.

Cumprê esclarecer que Arthur casara-se ainda jovem, aos vinte e cinco anos, por enamorar-se de uma jovem um ano mais nova, amor no qual fora apenas mais ou menos correspondido, pois a jovem Lídia, que possuía algumas poucas graças físicas, suficientes no entanto para cativar aquele moço sério e religioso, não teria por seu noivo um grande entusiasmo, conquanto o respeitasse e até mesmo tivesse se afeiçoado a ele durante

esses prolegômenos de vida matrimonial; casou-se, pois, Arthur e sentiu-se abençoado com essa união; dez anos mais tarde, falecendo o pai, foi com grande alegria (sentindo embora sinceramente a perda desse homem austero que lhe norteara a vida) que assumiu ele o cargo de pastor — não que tal cargo fosse hereditário: qualquer outro membro qualificado poderia tê-lo assumido, porém tão grande fora a influência do velho pastor no seio de seu rebanho, e tão bem-visto por todos era Arthur que de um concílio entre os presbíteros e diáconos da congregação decidiu-se por voto unânime que o filho desse continuidade ao ministério do pai, e uma vez mais sentiu-se Arthur abençoado, refletindo mui piamente que o Senhor fora de fato fiel ao seu servo e o engrandecera perante o mundo.

Para dar continuidade a essas breves notas acerca dos pais de Camilo, seguiremos falando de sua mãe.

Reiteremos, portanto, que as graças físicas de Lídia não seriam suficientes para atrair sobre si uma especial atenção: tratava-se de uma moça de pele clara, estatura média para baixa que, um tanto gordinha ainda na juventude, tornar-se-ia na maturidade — e na velhice — uma mulher franzina e magra; tinha um rosto fresco aos vinte e quatro anos, quando se casou, um sorriso não muito freqüente mas mesmo assim alegre e um tanto tímido, os lábios eram finos e descorados, os olhos castanhos algo inexpressivos e o nariz pequeno; os cabelos mantinha-os em geral curtos, eram negros e não muito cheios, e assim toda sua pessoa passaria por nula, exceto aos olhos de Arthur, que se agradou de sua simplicidade. Devemos reiterar ainda que Lídia tampouco seria muito amorosa: aceitou ser cortejada, não que a atraísse o namorado mas porque consciente de que deveria casar-se mais cedo ou mais tarde, e intuía que já estivesse talvez tardando muito em resolver essa situação. Aceitaria Arthur mesmo não o amando, tanto por não se perguntar o que fosse o amor como por uma natural inclinação para as simplificações: não seria necessário que seu noivo se destacasse grandemente em alguma coisa, bastava-lhe que fosse sério e bem intencionado, e mesmo sabendo que ele em algum momento assumiria o ministério do pai, isso já lhe pareceria excessivo fosse o caso de alentar ambições relativas à posição social do marido; como Arthur tivesse aquelas qualidades e, além delas e da possibilidade de vir a assumir o pastorado e crescer socialmente com isso, dispusesse ainda de um bom cabedal, pareceu-lhe de bom alvitre aceitá-lo, não tardando a afeiçoar-se a ele, o que aconteceu também sem transbordamentos nem exageros.

O primeiro filho do casal, diremos melhor, filha, a quem deram o nome de Diva, completara oito anos quando Arthur assumiu o pastorado daquele templo; Camilo, o segundo, contava três anos de idade, e o terceiro rebento, também uma filha e que recebeu o nome da mãe, veio a nascer cerca de dois anos mais tarde, encerrando-se com ela a contribuição de Lídia

para a determinação divina de “crescei-vos e multiplicai-vos” — e com isso vemos que Lúdia seria mesmo moderada em tudo, até mesmo em procriar. Poderíamos especular se esse largo espaço entre o nascimento de um filho e outro devia-se a que poucas vezes se deitasse Arthur com sua esposa, talvez “morna” também nas atividades nupciais a que se entregaria apenas para cumprir uma função, mais não sendo exigido de seu cônjuge; é possível que o enlace físico parecesse a ambos uma obrigação ilusoriamente prazerosa que, ao fim, revelaria seu lado repugnante e mesmo sórdido, restando na consciência a prática de um ato impróprio e a convicção de que o casamento não existia para homem e mulher espolinar-se na cama, mas sim para formar uma família, ter filhos e viver santamente conforme os preceitos de Deus; nada no entanto podemos afirmar acerca dessas considerações, pois para tanto teríamos de nos aproximar de seu leito conjugal, atitude que nos parece além de inconveniente, indecorosa, tanto mais que se pode atribuir a outros fatores prole tão limitada: pois muitos casais têm poucos filhos, tanto há mulheres com dificuldades para conceber e que, mesmo recorrendo à medicina, não se tornam prolíficas, como também homens incapazes de gerar — caso que talvez não fosse o de Arthur, ainda que o pudesse ser, de certa forma. cremos tais reflexões até mesmo desnecessárias e só as introduzimos a fim de propiciar ao leitor um quadro o mais completo possível da família de onde sairia um artista incomum, que causaria escândalos conquanto não os procurasse nem tivesse tal intenção, que criaria uma obra extraordinária e ímpar em seu tempo, que seria amado por uns e odiado por outros, de uma personalidade singular e de quem se poderia dizer, sem com isso incorrerem em superstições, que aqueles que dele se aproximassem estariam talvez correndo riscos (compreenderemos bem esta última afirmação no transcurso da narrativa).

Vamos porém nos deparar com Camilo, em nosso primeiro encontro com ele, aos sete, oito e nove anos.

Diva, a irmã mais velha terá então doze, treze e catorze, e a mais nova, a pequena Lúdia, dois, três e quatro. Vemos que há um intervalo de cinco anos entre Camilo e ambas as irmãs, de maneira que uma é já bem mais velha que o menino e a outra muito mais nova: no meio desse intervalo de dez anos Camilo teve uma infância não podemos afirmar solitária, mas — palavra que nos parece mais adequada — deslocada. Decerto a irmã mais velha punha-o ao colo sendo ele ainda bem pequeno, auxiliava a mãe a dar-lhe banho e trocar-lhe as fraldas quando ainda bebê, e mesmo mais tarde brincara com ele, embora não com muita frequência; porém de que podem brincar dois irmãos, tendo o mais velho doze anos e sendo menina e o mais novo sete, sendo menino? Pode-se responder que muitos dos folguedos infantis podem ser compartilhados entre irmãos de idades assim díspares e sexos diferentes, mas não terá sido este o presente caso, de

maneira que no mais das vezes, sobretudo quando Camilo atingia os oito, nove e dez anos, pois Diva se fazia adolescente e se reunia ao seu grupo de meninas da mesma idade, todas filhas de membros da congregação, uma espécie de “clube fechado” no qual meninos por motivos naturais e óbvios não teriam lugar. Considerando o outro extremo desse intervalo de dez anos, também procede perguntarmos o que pode haver em comum entre um menino de sete, oito e nove anos e uma menina de dois, três e quatro, pois nem mesmo auxiliar a mãe nos cuidados com a menorzinha seria conveniente (digamos que pais severos em questões de moral como os de Camilo não considerariam adequado que um menino, mesmo de apenas sete anos — idade que, conforme a doutrina, deixa o homem de ser inocente —, visse a irmãzinha nua, ainda que esta não contasse mais que dois), auxílio esse que provinha mais uma vez da irmã mais velha, já crescida o suficiente para compreender melhor as funções de uma mulher (“Um dia você terá seus próprios filhos” dizia-lhe a mãe vendo Diva pôr-se mocinha, “e é bom que compreenda a importância de cuidar deles e educá-los de forma conveniente”, nunca deixando muito claro o que entendia por “forma conveniente” de cuidados, sendo certo porém que o recato constituiria um elemento essencial nessa formação, a ponto de não convir que um menino de sete anos visse nua a irmã de dois e comesasse a perguntar-se o porquê de certas diferenças anatômicas — pois, acrescentemos em tempo que o inverso também ocorria, donde que muito cedo obistou essa mãe cuidadosa a que a filha mais velha visse nu o irmãozinho).

A menina Diva teria, no seio da congregação, suas funções de adolescente: fazia parte do coro infantil, composto de garotos e garotas e do qual também participava Camilo, mas logo vemos mais uma vez a irmã desligar-se dele, pois atingindo a idade de treze anos e devido à sua voz vigorosa passou a integrar o coro da mocidade, onde poderia destacar-se melhor e enriquecer o grupo, ficando o coro infantil composto apenas por crianças de até doze anos. Além dessa rápida mudança aos treze anos, Diva também destacou-se na escola dominical, pois, viva e inteligente, e assimilando os ensinamentos com mais rapidez, passou a dirigir uma das classes, a destinada aos jovens de sua idade, organizando as leituras bíblicas, programando os dias de estudo em conjunto e cobrando assiduidade e seriedade de seus alunos, que a respeitavam levando-a tão a sério como se se tratasse de uma pessoa bem mais velha e não uma garota de sua mesma faixa etária. Assim Diva desde cedo sobressaiu-se nos trabalhos da igreja como uma líder, alcançando também uma posição respeitável em família, principalmente em sua própria casa, com quem a mãe — e a menina não completara ainda quinze anos — conversava com a seriedade usual de tratar-se com um adulto, e o pai, orgulhoso sem o demonstrar abertamente mas também sem procurar disfarçá-lo, com freqüência e atenção exa-

minava em sua companhia as Escrituras, discutindo com ela a doutrina, não só ensinando como também aprendendo.

Camilo, dono de uma voz muito aguda e afinada, aos oito anos começou a cantar no coro infantil, do qual participou até quase os treze, mas não devemos omitir que em nenhum momento afeiçoou-se às coisas da religião como aconteceu com a irmã mais velha. Em casa, não lhe agradando brincar com a irmãzinha Lídia, muito nova, e estando o mais das vezes sozinho, punha-se a rabiscar papéis — até que a mãe passou a comprar-lhe cadernos de desenho que ele ia enchendo de garatujas com uma constância que chegou a preocupar os pais: como às vezes negligenciasse os deveres da escola para tão só desenhar, o pai viu-se obrigado a impor-lhe a dura condição de só ocupar-se desse tolo divertimento, próprio de crianças, depois de ter estudado a lição e feito o dever de casa. Em casa era também comum vê-lo descer ao térreo e ir para o armazém, pondo-se a observar como os empregados caminhavam de um lado para outro a fim de atender aos fregueses com suas longas listas de compras, cujos pedidos iam sendo postos sobre o largo e comprido balcão de madeira, e depois transferidos para bolsas, sacos e sacolas. Era então que o velho Lucas, aproximando-se dele, punha um joelho no chão e o puxava para si, entregando-lhe um doce que Camilo mordia tão só esboçando um sorriso de agradecimento; vez por outra principiava com o menino uma conversa, de forma um tanto canhestra já que, não tendo sido pai não se habituara ao trato com crianças, e então perguntava-lhe pela “pequenita, muito arteira, hã?” ou se “a mamãe já estava aprontado o almoço e se teria uns bons petiscos à mesa” — mas já um dos caixeiros vinha entregar-lhe uma lista com os preços anotados à margem e, deixando-o entretido com o doce, retornava ao seu posto, somando os números, recebendo, conferindo, restituindo o troco... Camilo errava assim por ali durante algum tempo, às vezes saía à rua num breve passeio pelo quarteirão e depois retornava para casa, para seus cadernos de desenho e, tendo já cumprido com suas obrigações escolares, esquecia-se das horas, parando de desenhar apenas quando a escuridão não mais lhe permitia enxergar o traçado do lápis no papel. Era então hora de tomar banho, jantar, ouvir o breve serão acerca da Palavra com que o pai julgava conveniente encerrar o dia — serão ao qual comparecia às vezes o velho Lucas que, no entanto, nunca chegou a converter-se, tampouco sendo-lhe instado que o fizesse —, e depois recolher-se à cama, pois “crianças devem dormir cedo” advertia-lhe a mãe, que na manhã seguinte também cedo o poria de pé para ir à escola.

Temos, no entanto, que o menino — e se nos adiantarmos um pouco vamos encontrá-lo com dez e depois com onze anos — nem sempre dormia, e diremos com mais exatidão que ele nem sempre dormia toda a noite como seria de esperar numa criança, tendo em vista que crianças de um

modo geral dormem “a sono solto”. Assim Camilo permanecia adormecido apenas durante as primeiras horas da noite, para despertar mais tarde, plena madrugada, e ver-se sozinho em seu quarto: desde que completara sete anos (e convém lembrarmos uma vez mais ser esta a idade, segundo as Escrituras, em que o homem deixa de ser criança, ou, em outras palavras, perde a inocência) acharam por bem seus pais que passasse a dormir só, pois até então ocupara o mesmo quarto das irmãs, e para isso desocuparam um cômodo utilizado para guardar uma infinidade de trastes domésticos que não tinham mais utilidade mas de que relutavam em desfazer-se, limpavam bem o assoalho, deram-lhe uma demão de pintura planejando uma decoração agradável para transmitir uma impressão de asseio e conforto mas sem excessos, que não se tornasse inconveniente à permanência em seu interior de um jovem homenzinho, e para ali transferiram suas coisas, isto é, a cama e a cômoda com suas roupas, uma pequena escrivaninha na qual guardasse seus livros e cadernos escolares e que ele utilizaria nos anos seguintes não apenas para os deveres, mas também para as longas horas que passaria desenhando, uma mesinha de cabeceira sobre a qual tornar-se-ia costume ter sempre à mão um copo d’água, e por fim um pequeno tapete felpudo que de costume permanecia ao lado da cama, sobre o qual adquirira o hábito de pousar os pés ao levantar-se. O cômodo, ou melhor, seu novo quarto era relativamente espaçoso, confortável e bastante arejado, com uma janela aberta para os fundos da casa, onde havia um amplo quintal cheio de árvores e delimitado por uma cerca alta de madeira além da qual passava uma rua de escasso movimento.

Sabemos, contudo, que o sono do menino não se interrompia assim no meio da noite com tanta freqüência como se poderia supor do que foi dito acima, pois noites havia em que ele de fato dormia “a sono solto” até as seis da manhã, quando a mãe vinha chamá-lo, já o encontrando não só acordado como sentado na beira da cama a calçar os chinelos. Sabemos ainda que essas “insônias”, se assim podemos chamar tais vigílias, não tiveram início tão logo fora transferido para o novo quarto: na primeira noite que passou ali, sabendo-se só, depois que a mãe foi depositar em sua testa o beijo de boa-noite e sua bênção, não se sentiu sequer incomodado; talvez tenha estranhado um pouco a mudança de ambiente, mas a cama era a mesma, assim como eram os mesmos os móveis de uso, portanto já familiares a cômoda, a escrivaninha, a mesinha de cabeceira e também o pequeno tapete felpudo; de diferente apenas uns resquícios do cheiro de tinta fresca que breve desapareceriam e a janela defronte, pois no quarto que ocupara com as irmãs não só sua cama ficava numa posição diferente em relação à janela, como também sua irmã Diva trancava-a todas as noites alegando que qualquer claridade tinha o poder de prejudicar-lhe o sono; e não estaremos errados se afirmarmos que nessa primeira noite em

seu novo quarto o menino experimentou um sentimento próximo ao da emancipação, como se, uma vez sozinho e fechada a porta, ele se visse “em seus domínios, onde podia deliberar como senhor absoluto”, entre suas deliberações a de deixar as folhas da janela aberta, baixada porém a vidraça de guilhotina para evitar — pelo menos nos meses de inverno — a aragem fria da madrugada, de forma que o quarto se inundava da luminosidade sutil proveniente da rua. E dormiu como até então, exceto por aqueles minutos iniciais em que, sozinho, examinou o cômodo sob essa luminosidade (ou essa penumbra, conforme se queira), experimentou sua “emancipação” e a posse de “seus domínios” e procurou escutar os ruídos distantes da noite, detendo-se por algum tempo defronte à janela e espiando para fora, depois do que voltou para a cama.

Dito isto, percebe-se que não seria de estranhar que aos onze anos, despertando em plena madrugada após várias horas de profundo sono, Camilo — à lembrança, noutros tempos, da presença das irmãs, quando então podia ouvir-lhes a respiração pausada e suave, vez por outra um ressonar mais intenso — se sentisse só em seu quarto, o que porém não seria suficiente para inquietá-lo.

No entanto, em que altura tiveram início essas insônias?

Sabemos que lhe ocorria já aos oito, nove e dez anos — como aliás é bastante comum — despertar ou, melhor dizendo, semi-despertar em algum momento e permanecer por alguns instantes num estado intermediário entre o sono e a vigília, voltando a dormir em seguida. Esses breves despertares ocasionais não podiam ainda ser chamados de “insônia” no sentido que pretendemos dar a esta palavra: tampouco o que veio a seguir poderá assim ser chamado se não tivermos em mente este sentido, pois não era com efeito uma insônia mas um completo despertar após várias horas de sono profundo, um despertar que duraria um tempo indefinido, mais ou menos longo, durante o qual deixar-se-ia conduzir por seus pensamentos e, às vezes, distrair-se com as formas entrevistas através da vidraça. Convém esclarecer que a cama fora disposta de modo que, abrindo os olhos, Camilo teria a vidraça bem à sua frente, através da qual — já que as folhas da janela de ordinário permaneciam abertas —, devido à vaga claridade que provinha da rua, podia ver, ainda que não muito distintamente, o movimento compassado dos galhos das árvores fora, à brisa noturna, cujas formas desenhando-se contra o vidro vinham projetar suas sombras no assoalho. Essa vista o distraía o mais das vezes, e como a imaginação cria suas fantasias, não era incomum que o menino vendo a variada conformação dos galhos além da vidraça descobrisse nela figuras estranhas à semelhança de criaturas de fauces tremendas e garras retorcidas, o que desde o início — e esse início, a fim de responder a pergunta do parágrafo anterior, vamos estabelecê-lo entre os nove e os dez anos, di-

gamos, quando tinha ainda nove mas já bem próximo de completar dez — lhe chamou a atenção: tais figuras, ou por outra, tais formas mutantes se apresentavam conforme o tempo que fazia: no comum das noites via os galhos através da vidraça quase imóveis, a menos que um vento brando os movimentasse; então surgia a imagem mental de uma fera que se move e se acerca de sua presa, numa espreita cautelosa e infalível; nas noites de vento forte e tempestade essa fera, ou então digamos essa *criatura* parecia furiosa: a claridade da rua seria insuficiente, porém se fazia relâmpagos era capaz de vê-la arremessar-se contra a vidraça sem, contudo, alcançá-la, já não espreitando a presa mas a ela atirando-se num bote que no último instante falhava, fazendo com que retrocedesse para investir mais uma vez e uma vez mais falhar em sua investida; talvez não sentisse medo então, porém o menino pressentia nessas ocasiões um poder desembestado que talvez não conhecesse barreiras e com o qual não deveria brincar, recolhendo-se sob os cobertores com respeito perante essa força que lhe era de todo desconhecida (mesmo que nos ensinamentos da doutrina o pai já lhe houvesse explicado de onde ela provinha), embora não se furtasse ainda a espiar na direção da vidraça diante da qual vez por outra, ao clarão dos relâmpagos, a *criatura* persistia em suas investidas; tal imagem se desfazia nas noites calmosas de luar, pois então as árvores eram vistas com clareza: com mais frequência nessas noites (conquanto às vezes agisse de forma similar também nas outras), levantando-se da cama ia colocar-se à janela, de onde se entretinha a olhar para o quintal amplo e para a rua ao longe, que lhe aparecia numa vista apenas parcial, e conquanto as copas fossem bem visíveis devido à noite clara, o espaço entre os troncos adquiria um aspecto misterioso que não raro atraía sua atenção, pois com as diversas massas de sombra tanto mais profundas quanto mais distantes na extensão do terreno, podia também engendrar suas histórias, sendo mesmo capaz de “ver” uma delas destacar-se das demais e assumir talvez uma forma humana, talvez uma forma animal ou ainda, quem sabe, uma forma mista de ambas que parecia olhar para ele lá de baixo, conquanto impossível distinguir-lhe os olhos no escuro. Camilo, está visto, não se inquietava com nada disso pois tinha consciência de que todas essas construções mais não eram que apenas seu pensamento elaborando figuras, e como o sono se reaproximasse devagar, ele retornava para a cama e pouco depois adormecia.

Nada do que foi dito neste último parágrafo acerca da imaginação infantil a elaborar imagens seria de particular interesse, pois, como sabemos, este é um fenômeno comum às crianças — e até mesmo aos adultos —, possamos contudo conceber residir aí um gérmen da imaginação futura do artista a elaborar seus quadros. Houve porém uma noite, a qual pouco diferiu das demais, que merece uma referência especial em decorrência

de um pormenor que a tornou singular, um pormenor do qual se diria “um quase nada”, sendo certo que um “quase nada” pode ter às vezes o poder de converter-se num “quase tudo”.

Antes, porém, de falarmos dessa noite, parece-nos necessário aduzir uma outra questão, por assim dizer correlata, questão essa afim com a necessidade de definir em que fase de sua vida a criança passa a ser adulta, vale dizer — e com mais propriedade —, em que momento o menino passa a ser homem, e assim, a partir de que idade esse ser que já não é menino, mas que ainda não é homem formado — do qual podemos dizer menino-homem, ou homem-menino, ou mesmo homem mas ainda menino e, por último, menino porém já homem —; em que momento, portanto, estará indefeso diante das forças obscuras, aquelas oriundas das solidões sub-térreas, das profundezas.

A questão de que tratamos é a da inocência.

Sendo protestante a família de Camilo, e principalmente por pertencer a essa corrente de rígidos costumes denominada pentecostalismo, é conveniente buscarmos a resposta a esta questão na Bíblia, o livro doutrinário por excelência, a base e fundamento de sua crença, a suma sabedoria. Um certo versículo do Livro de Gênesis nos chama atenção para esse tema, conquanto vamos pinchá-lo, e assim mesmo apenas um pequeno trecho, extraindo-o de seu contexto original e inserindo-o num outro que mais nos convém: falamos do oitavo capítulo, versículo 21, cujo trecho especial que apanharemos nos diz que “*a imaginação do homem é má desde a sua meninice*”.

O versículo original fala da decisão de Deus de não mais impingir à sua criatura uma destruição como a que se dera no dilúvio, pois reconhecia Ele que, sendo a imaginação do homem má desde a infância, não seria tão culpado que merecesse a morte (o que fica implícito), devendo por certo ser-lhe dada a oportunidade de emendar-se de seus erros, donde que o Senhor decide por fim fazer com sua criatura uma aliança, e põe no céu o seu sinal.

Essa frase, adequando-a ao sentido que buscamos, nos diz não só que desde a infância será o homem indefeso em face do Mal, mas também, e transcendendo — por assim dizer — uma interpretação puramente semântica, que desde a sua meninice já se converteu o menino em homem, não sendo portanto mais uma criança, e tampouco inocente.

Ficamos, no entanto, com o problema da idade, pois a infância se estende por vários anos até a adolescência; mas um outro versículo irá nos livrar dessa dificuldade, embora apenas em parte, o que, contudo, parece-nos suficiente: falamos do Segundo Livro dos Reis, capítulo 11, versículo 21, que diz textualmente “*Era Joás da idade de sete anos quando o fizeram rei*”. Ora, tal versículo não nos parece particularmente inspirado, tão curto

que quase desejamos que mais algumas palavras figurassem nele, quando menos para — como fizemos acima — podermos escolher melhor aquelas que mais se adequassem às nossas intenções. Porém é este mesmo o versículo que queremos, e que ainda introduz um personagem até então raramente mencionado nesse livro, Joás, o qual, não obstante, ficamos sabendo da leitura do capítulo subsequente, reinou por 40 anos em Jerusalém e fez “o que era reto aos olhos do Senhor”. E uma vez mais transcendendo a pura e simples interpretação semântica de frase tão breve — que só se correlaciona com a anterior se a enfeixamos no mesmo conjunto de implicações — compreenderemos que os sete anos, idade em que o menino se torna rei, capaz portanto de assumir os encargos de um reino, são a idade em que deixa de ser simplesmente “menino” para tornar-se homem: já não será, portanto, inocente, e estará sujeito às obscuras influências.

Na noite de que falamos, Camilo já havia passado de três anos essa idade capital.

Nessa noite, como em tantas outras, Camilo dormira “a sono solto” durante várias horas após deitar-se e, a certa altura, abriu os olhos e observou através da vidraça a forma instável das árvores ao vento noturno, que fazia a *criatura* nascida de sua imaginação mover-se sem cessar como que a espreitá-lo, a rodeá-lo, a cercá-lo com seus ardis: lá estava ela, ora galhos, ora garras, ora volumes de folhagens a agitar-se, ora torso recurvo e hirsuto voltando-se em sua direção, a sombra — a projetar-se através da vidraça — desenhando-se no chão do quarto. “Eu serei sua presa” pensou ele nessa noite em que de maneira mais clara se deu conta dessas semelhanças que sua mente ia engendrando, e tal frase, não apenas pensada — pela primeira vez — mas proferida num quase inaudível sussurro, conquanto emergisse das elucubrações de uma criança que havia pouco completara dez anos, terá talvez um significado particular e profundas consequências dentro do relato a que nos propusemos, e não só pelas simples palavras proferidas mas por tudo mais a elas associado, ou seja, a ausência de medo diante da suposta *criatura* da qual se converteria em presa e, também, o próprio ato de tornar-se presa dessa *criatura*, a espontaneidade e a convicção com que o disse, convicção de que além do puramente imaginado subsistia uma outra realidade cujos limites se encontravam fora do alcance de sua inocência, ou não mais inocência, conforme se queira, e a integral submersão naquilo que para si mesmo engendrara: terá, assim, o significado de uma concessão, de uma absoluta entrega.

É, porém, momento de falarmos da pequena Lídia, que na altura dos acontecimentos acima referidos chegara aos cinco anos.

Diferente de sua irmã, Lídia apegara-se de maneira quase obsessiva a Camilo, o qual, como sabemos, deslocado no centro de uma extensão de

tempo de dez anos em cujas extremidades estavam a irmã mais nova e a mais velha, de forma que em decorrência da idade ambas estivessem fora de seu alcance, vivia um certo isolamento, e se não partilharia mais o mundo de Diva, que aos quinze para dezesseis já contava mesmo com um tímido pretendente; tampouco partilharia o de Lídia com suas casinhas, seu ursinho de pelúcia, suas bonequinhas de pano, pequena demais para com ele dividir interesses.

Lídia ressentia-se de ser ignorada pelo irmão, que assim procedia não de forma intencional, nem pretendendo magoá-la, e até mesmo vez por outra esforçando-se para estar com ela, fazer-lhe companhia e ouvi-la em sua peroração infantil sem, contudo, sentir-se apto a responder-lhe de maneira que ela pudesse entender e, por conseguinte, deixar de enfadar-se ele de sua presença; a pequena Lídia experimentava grande contentamento quando, aproximando-se de Camilo — o mais das vezes recolhido em seu quarto, à escrivaninha, ocupado em encher páginas e páginas de desenhos minuciosos —, não era deixada de lado; nessas poucas ocasiões Camilo acariciava-lhe os cabelos com um ar distante, chegando mesmo a aconchegá-la contra seu corpo, nesse gesto, porém, abstraindo-se de tal forma que a pequena falava e falava de suas coisas sem que ele compreendesse uma só palavra; parece-nos que se Lídia, devido à idade — cinco, seis anos —, não percebia suas ausências, não se dando conta de que o irmão pouca ou nenhuma atenção dispensava ao que ela dizia, mesmo feliz por não ter sido rechaçada em sua tentativa de aproximação mais feliz ficaria se ele também falasse com ela, contasse coisas de sua vida que, ainda que em comum na mesma casa (uma casa nem tão grande a ponto de distanciá-los, pelo contrário, espaçosa mas de forma alguma grande no sentido em que se entende por grande uma casa), lhe parecia cheia de mistérios; feliz ficaria a criança se esse irmão tão amado lhe falasse de seus desenhos, por exemplo, essas paisagens que ele ia compondo nas folhas brancas, essas figuras nem sempre humanas, nem sempre animais, nem sempre árvores ou flores, muitas das vezes abstratas e incompreensíveis que ela olhava como quem olha com supersticioso respeito uma escritura sagrada que, no entanto, não consegue ler; porém ao lhe perguntar o significado dessas imagens rabiscadas com perícia e riqueza de detalhes Camilo ouvia-lhe a indagação, voltava-se para o papel e de novo abstraía-se, respondendo com um monossílabo que em nada esclarecia: “Não, irmãzinha...” dizia às vezes, mas “não o quê?” ela queria perguntar, desistindo em seguida porque ouvira-lhe uma palavra mágica: ele a tratara por irmãzinha, uma expressão plena de carinho, ainda que um carinho distanciado pelo alheamento.

Ocasões havia em que Lídia, aproveitando-se da ausência do irmão e burlando a vigilância da mãe, entrava em seu quarto para bisbilhotar.

Convém, contudo, esclarecer o que entendemos por burlar e por bisbilhotar: que burlar a vigilância da mãe (ou da irmã) não significa aqui que a menina estivesse proibida de lá entrar e por isso vivesse sob constante controle; o que queremos dizer é que estar ali, no recinto sacralizado, só teria importância sem a intromissão de estranhos, pois é certo que quaisquer pessoas, mesmo sua mãe ou sua irmã, seriam estranhos naquele lugar quando ela ali estivesse; assim, esquivar-se de sua vigilância seria tão só entrar ali sem ser percebida para da mesma forma não sofrer nenhuma interferência, fosse por um chamado da mãe a fim de saber onde estava e o que fazia, fosse pela irmã convidando-a a acompanhá-la até a rua. Bisbilhotar também adquire aqui uma conotação diversa, pois não teria com isso o intuito de surpreender segredos e particularidades de seu irmão, mas apenas de fruir da proximidade de suas coisas como se com isso fruísse também de sua presença e de uma proximidade maior do que estando ele junto de si. Era então que abria as gavetas da pequena cômoda onde se guardavam suas roupas e tocava as camisas, as calças curtas, os pares de meia com um carinho que não compreendia mas que sentia em plenitude: aquelas peças entravam em contato com o corpo do irmão, pertenciam-lhe, conservando portanto em si mesmas um pouco de seu ser, fosse um cheiro que persistisse mesmo depois de lavadas e passadas, fosse o calor de seu corpo que ela podia pressentir conquanto não houvesse calor algum, fosse a suavidade de sua pele que se transferisse para a maciez do tecido. Às vezes, tomando entre as mãos uma de suas camisas, levava-a ao rosto para senti-la melhor e depois, um pouco tonta, devolvia-a um tanto amarfanhada à gaveta, que fechava com cuidado para não fazer barulho — pois lhe parecia que um barulho na quietude do quarto teria o poder de quebrar o encantamento de que se revestia. Vez por outra ia sentar-se na cama, corria os dedos pelo lençol, desfazia uma dobra, tocava o travesseiro imaginando que ali Camilo repousara a cabeça, para então reclinar-se pousando por sua vez a face na fronha que mais que qualquer coisa retinha em si a essência de seu ser, algo que seria para ela a própria presença do irmão, sendo capaz nesses momentos de senti-lo junto a si. Súbito, abria os olhos endireitando-se e olhando em volta. Em seguida aproximava-se da escrivaninha pisando leve o assoalho de madeira e punha-se, por alguns minutos, a contemplar seus instrumentos de desenho: os lápis, a borracha, as penas e o tinteiro (de quando o irmão começara a fazer desenhos a bico-de-pena), os cadernos de páginas brancas... Era nessas ocasiões, mais até do que estando ele presente, que a menina entretinha-se em examinar-lhe os desenhos — sem compreendê-los, pois como já foi dito não os compreendia, mesmo sem deixar de encantar-se por eles, dos quais sobrevinha a suspeita de inalcançáveis arcanos que a envolviam feito uma música distante que só ela escutasse. Por fim a pequena Lídia fechava o caderno que

estivera examinando e se afastava, deixando o quarto sempre com passos silenciosos, com a reverência de quem abandona um templo — quando então dirigia-se para o seu próprio quarto e, deitando-se em sua cama, perdia-se de si mesma, os olhos abertos voltados para o teto, o espírito longe, longe...

O alheamento de Camilo seria sem dúvida um motivo de mágoa a espinhar o tão jovem coraçãozinho de Lídia, porém a criança de forma alguma padecia da mesma solidão que ele: por ser a caçula, os pais a atendiam prontamente em seus desejos (desde que tais desejos não contrariassem a doutrina nem estivessem fora de seu alcance) e não lhe regateavam afagos, como é comum nos pais em relação aos filhos mais novos. Também Diva, então com quinze ou dezesseis anos, concedia-lhe especial atenção: dividindo o mesmo quarto, as irmãs haviam-se acostumado a conversar antes de dormir, a diferença de idades não impedindo à mais velha de manter um animado e rico diálogo com a mais nova; também ao sair, fosse para um simples passeio nas imediações, fosse atendendo a algum mandado dos pais ou a algum compromisso da igreja, levava-a consigo sem nunca mostrar-se aborrecida de sua companhia.

O que dissemos desse caloroso relacionamento entre Diva, já quase adulta, e Lídia ainda pequena nos faz perceber que o extenso período de dez anos que separava Camilo das duas irmãs, uma em cada extremo e no meio do qual via-se o garoto só em sua infância, não seria tão extenso nem bastaria para tal solidão não fosse sua própria natureza arredia, seu jeito soturno de ser, sua propensão ao isolamento.

Acerca dessa propensão para o isolamento, é oportuno neste ponto da narrativa referir um episódio que se deu entre seus dez e onze anos e produziu decisiva influência não apenas em sua infância mas também em sua vida adulta, com conseqüências não diríamos menos que traumatizantes, pois foi nessa idade que esse menino misantropo foi abalado por um súbito e inesperado conhecimento...

Certa manhã descera ele até o armazém e ali esteve durante algum tempo distraído com o burburinho, e como no dizer de Lucas já fosse “um homenzinho” entretinha-se também em auxiliá-los — a ele e aos demais caixeiros — levando até o balcão as mercadorias que o velho ia ditando a fim de atender aos fregueses, quando entrou no recinto uma jovem senhora (teria pouco mais de trinta anos) levando pela mão a filha pequena.

Camilo acabara de depositar sobre o balcão uma caixa de biscoitos quando avistou a menina, e no mesmo instante imobilizou-se, restou pôde-se dizer boquiaberto, de olhar parado na contemplação da criança que também acabava de descobri-lo atrás do balcão.

— Bom dia, seu Lucas — disse a jovem senhora.

— Bom dia, dona Iolanda. Como tem passado?

— Vamos indo, seu Lucas, como Deus quer. Pode pesar-me, por gentileza, meio quilo de banha?

— Num instantinho, dona Iolanda — e fazendo correr uma das folhas do balcão: — O que estão achando da nova casa? E da vizinhança?

— A vizinhança é boa, seu Lucas, a casa é pequena mas agradável. Fica um tanto fora de mão, pois tenho de levantar-me muito mais cedo para chegar a tempo no serviço, mas no mais...

Iolanda era uma jovem viúva que se mudara havia pouco para o bairro com sua filhinha de dez anos, Karen, essa criança de exuberante beleza que deixara Camilo “sem respiração” — pois o menino, encontrando-se com o seu o olhar azul e cintilante da pequena Karen, cujos cabelos dourados caíam em leves ondulações pelos ombros e pelas costas até quase a cintura e cuja pele branca como o leite adquiria a luminosidade radiosa da manhã; o menino, portanto, deparando-se com essa espécie de anjo — não sendo muito admitirmos que nesse momento ele se lembrou dos anjos de que falava o pai em seus sermões, e não teve qualquer dúvida de que os querubins e serafins das hostes celestiais poderiam comparar-se àquela criança, seriam mesmo iguais a ela, e ainda mais, ela seria um deles que dos Céus descera à Terra —, não teve outra reação a não ser admirá-la, imóvel e emudecido. Esse momento fugaz chegou ao fim quando a menina sorriu para ele e fez um pequeno gesto com a mão, um delicado cumprimento que ele, canhestramente, retribuiu ensaiando um sorriso tímido e apagado, pois nesse instante a mãe se despedia de Lucas e saía do armazém carregando a filha consigo. Karen ainda se voltou uma vez para olhar Camilo e acenar-lhe, mas a mãe, apressada, não se dando conta do que acabava de se passar entre as duas crianças, avançou para a calçada, atravessou a rua, desapareceu.

A ligação entre Camilo e a pequena Karen foi breve: dois dias mais tarde voltaram a ver-se, dessa vez à tardinha, numa pequena praça que ficava a pouco mais de um quarteirão do armazém. Durante aqueles dois dias a imagem da menina não abandonou a lembrança de Camilo, que pensou nela todo o tempo, e foi pensando nela e na possibilidade de reencontrá-la que saía à tarde para dar uma volta pela rua, ir até a praça, ir mais além se necessário fosse... Sentados em um dos bancos de madeira conversaram como se fossem adultos, de forma um tanto cerimoniosa e pouco comum entre crianças daquela idade, e embora Karen fosse extrovertida e disposta às brincadeiras próprias da infância, a atitude contida, até mesma austera, do menino a tolhia deixando-a embaraçada e de certa forma forçando-a a ser como ele. Camilo soube que Karen perdera o pai no ano anterior, que a mãe tivera de mudar-se pois não pudera continuar pagando o aluguel da casa onde haviam vivido até então, e ali estavam há pouco

menos de duas semanas; soube também, para sua consternação, que a mãe da menina estava à procura de uma casa mais perto de seu emprego e tão logo encontrasse mudar-se-iam novamente. De si o menino pouco falou, preferiu ouvir a nova amiguinha e, enquanto a ouvia, admirar-lhe a formosura que o comovia até o fundo da alma e se constituía numa novidade além de qualquer expectativa em sua vida de criança casmurra, de ordinário muito simples, cinzenta, sem alterações.

Iolanda chegou chamando pela filha, reconheceu o garoto do armazém e sorriu-lhe, Karen acompanhou a mãe mas voltou-se a meio caminho para acenar ao amigo, que retribuiu o aceno e permaneceu sentado ainda por um longo tempo, mesmo depois de já não mais avistá-la.

Passaram a encontrar-se com regularidade pelo resto daquela semana, sempre no mesmo lugar e à mesma hora. Pareceria curioso a quem acaso se dedicasse a observar diariamente as duas crianças o comportamento sempre formal com que se tratavam: entretinham-se em caminhar pela praça lado a lado, sentar-se num dos bancos e conversar como adultos, às vezes faziam breves passeios pelas imediações olhando vitrines para depois regressarem à praça e ficarem sentados ou num banco, ou na relva sob uma árvore, até que a mãe da pequena aparecia para levá-la.

Um dia Karen não apareceu e Camilo voltou para casa decepcionado. Tampouco no dia seguinte a menina foi ao encontro tacitamente combinado e mantido durante a semana anterior, e no terceiro dia sem vê-la o menino sentiu um peso no coração, uma espécie de medo, um sentimento que lhe era de todo desconhecido.

Em vão passeou Camilo pelas ruas do bairro nos dias que se seguiram à procura de Karen. Persistiria ainda em seu intento de reencontrá-la quando veio a saber — por um freguês em conversa no armazém com o velho Lucas — que “a nova vizinha, dona Iolanda, já deixou o bairro, seu Lucas”, esclarecendo que a pobre senhora tivera de mudar-se para mais perto de seu emprego, ainda que fossem viver em condições bastante desfavoráveis...

Assim Karen desaparecia da vida de Camilo que, com essa decepção a amargurar-lhe o coraçãozinho inocente e virgem de amores — como se espera que seja numa criança que ainda não completou onze anos — trançou-se mais hermeticamente em si mesmo, em seu mundo de signos obscuros que ele procurava insanamente transpor para as folhas de desenho que a mãe lhe comprava, e pode-se dizer que pelo menos durante algum tempo esteve completamente ausente, nada contudo deixando transparecer do que se passava em seu íntimo de tal forma que nem os pais nem as irmãs chegaram a perceber qualquer alteração em sua rotina.

Cabe neste ponto perguntar se Camilo experimentara de fato um amor intenso, uma paixão verdadeira — ainda que pueril — pela pequena Ka-

ren, ou se tudo não passara de encantamento diante da Beleza, por assim dizer uma antecipação da atitude do futuro artista em face da Arte. Fosse como fosse, a marca que lhe ficara dessa experiência seria duradoura, uma ferida nunca cicatrizada que ocasionalmente lhe doeria durante sua árida adolescência. Lídia nunca soube do que se passou com o irmão, nem então, ambos ainda crianças, nem mais tarde. Talvez nas semanas seguintes ao desaparecimento de Karen Camilo tenha-se mantido mais afastado dela, esteve mais quieto, mais macambúzio e decerto não lhe correspondeu às tentativas de conversarem, afastando-se enfiado da irmãzinha e com o coração pesaroso, mas era necessário que, por assim dizer, “as coisas se acomodassem”, e conformando-se com o inevitável o garoto voltou ao que era e a vida retomou seu curso.

Pode-se portanto afirmar, e com certeza, que a infância da pequena Lídia transcorreu sem traumas, sendo seu único motivo de queixa — o que, contudo, jamais referiu a quem quer que fosse — a distância mantida por Camilo, que ela a muito custo lograva vencer.

Pergunte-nos, entretanto, o leitor o motivo dessa predileção de Lídia pelo irmão e não saberemos de início o que dizer. Seria por percebê-lo sempre distante, como que vagando num mundo de sonhos e signos cujo enigma vislumbrado em seus desenhos escapavam à sua compreensão? Seria simplesmente por ser um menino (embora mantivesse contato com outros meninos da vizinhança, da escola e da igreja, não sendo a nenhum deles apegada da mesma maneira)? Não ensaiaremos por ora nenhuma resposta para essa questão: achamos melhor deixá-la no ar para não incorrerem em equívocos. Veremos no transcurso da história a natureza desse excessivo apego, bem como suas conseqüências.

Encontramo-nos agora num momento muito especial para essa família cujo cotidiano temos mais ou menos seguido, pois a filha mais velha — e o pai pensando nisto não evitaria reconhecer o tanto que o Senhor engrandecia sua casa —, que completara dezoito anos há pouco, noivara, estando o casamento marcado para daí a cinco meses (casar-se-ia em fins de maio), e também formara-se com louvor no curso normal: foi numa noite auspiciosa, naquele mês de dezembro, que Arthur conduziu a família para o salão de festas do Colégio P... onde teria lugar a festa de colação de grau, para o mesmo lugar afluindo uma grande quantidade de pais igualmente venturosos por verem seus filhos encaminhando-se em suas jovens vidas (nenhum, porém, dizia-se consigo Arthur com uma ponta de desculpável orgulho, com tantos motivos quanto ele). Diva fora escolhida a oradora da turma e passara aquela semana ensaiando para a ocasião e compondo o discurso que haveria de proferir: discurso que deveria orientar-se, conforme entendimento da escola, por objetividade e concisão.

Não custa, porém, dedicarmos um parágrafo para referir a imensa alegria da pequena Lídia nessa noite: aos oito anos, vestida com a elegância de uma jovem senhorita (conquanto não passasse de uma criança), prece- deu os pais no salão de festas conduzida por Camilo, o bem-amado irmão, que lhe dera o braço momentos antes, fora, e, voltando-lhe o rosto, sorri- ra-lhe. Lídia não se sentia orgulhosa apenas porque se vestira com elegân- cia, ou por ser a irmã da oradora da turma, ou mesmo porque tinha como par o irmão, mas sobretudo porque era a irmã desse irmão a quem vene- rava e era com ele que entraria no salão todo ornamentado de flores e fitas, e ainda porque ele nessa noite não se distanciara como das outras vezes, porém olhara para ela com um sorriso até mesmo cúmplice, piscan- do-lhe um olho. Seria possível ser mais feliz? ter-se-ia Lídia perguntado enquanto, abafada mas contendo-se para não deitar tudo a perder (temia tropeçar, por isso caminhava com cuidado; temia atrasar-se, por isso rit- mava seus passos pelos de Camilo; temia desfalecer, por isso apoiara-se em seu braço como uma noiva anelante e tímida...), seguia ao lado do irmão até a mesa que lhes fora reservada. Camilo portou-se como um ca- valheiro, como aliás lhe fora ensinado: ao chegar à mesa deveria puxar uma cadeira para a irmãzinha e só depois sentar-se, pois assim também o pai procederia em relação à sua mãe — e desta maneira, sentando-se ao lado do irmão (tão lindo em seu traje de homenzinho!) e vigiando-o de esguelha desejosa de colher outro de seus olhares tão raros, admirava-o do fundo de seu ser, não sendo exagero se dissermos que mais nada lhe importaria nessa noite, nenhuma outra feliz ocorrência poderia sobrepor- se a esses momentos que vivera desde que, fora do salão, Camilo tomara- lhe o braço.

Porém a festa teria início. Uma pequena orquestra fez soar alguns a- cordes, no palco apareceu a figura rotunda e grisalha do diretor, de fraque feito um pingüim, que trazia um discurso escrito, e alguém procedeu a uns últimos arranjos no microfone.

Não é necessário entrar em minudências acerca da cerimônia que então teve início, tampouco dos comes e bebes que se seguiram, bastando saber que tudo correu dentro da normalidade. Acrescente-se que o discurso do diretor entediou a todos, o qual procedeu de forma contrária ao que fora determinado para os oradores de turma, isto é, concisão. Estes — o repre- sentante do curso ginásial e Diva, do curso normal —, como alunos, se- guiram a regra e elaboraram verdadeiras alocações, e podemos garantir que coube a Diva falar por mais tempo, talvez cinco ou seis minutos du- rante os quais repetiu sem grande ênfase mas não mecanicamente as pou- cas páginas que lograra escrever naquela semana, porém sem demonstrar também nenhuma originalidade: em seu breve discurso, resumiu o que fora sua experiência como aluna daquele educandário, fez o elogio dos

mestres, dos colegas de sala, da importância do saber e das perspectivas que ora se abriam perante os formandos, e finalizou com uma homenagem aos pais presentes, destacando o nome dos seus próprios.

Em sua mesa, Arthur e a esposa, impados de orgulho, não tiraram um só instante os olhos do palco durante a pronúncia da filha, enquanto a pequena Lídia procurava a mão de Camilo, segurando-a e apertando-a com carinho, gesto que o irmão parecia não perceber, deixando-a inerte, pois ele também contemplava a irmã mais velha em seu traje de gala — ao contrário, porém, dos pais, com um olhar crítico e de todo inesperado num menino de treze anos para quem uma ocasião como essa deveria proporcionar pelo menos um motivo de divertimento.

Antes, contudo, de prosseguir acerca do olhar crítico de Camilo, cumpre acrescentar que com eles se encontrava também o moço Horácio, noivo de Diva, um tanto bisonho e decerto tímido perante aquela jovem bonita (não especialmente bela, mas sem dúvida bonita) que se encaminhara com desenvoltura para o microfone e com quem deveria casar-se em poucos meses. Horácio, de quem não falamos ainda, pode ser descrito em meia dúzia de palavras se tanto: branco, baixo, gordote, expressão um tanto alvar se bem que não fosse o que se entende por um tolo; cinco anos mais velho que a noiva, era presbítero em sua igreja e fora aí que conhecera essa jovem ainda menina e a vira crescer, de certa forma podendo-se dizer que cresceram juntos. Diva, destacando-se em suas atividades na igreja como já foi dito, chamou sobre si a atenção de diversos rapazes mas não chegou a interessar-se por nenhum deles, e quando — três meses antes — aceitou namorar Horácio que, muito trêmulo e pálido, acercou-se dela certo domingo no fim do culto, fê-lo mais por pena do rapaz, por vê-lo tão embaraçado, do que por qualquer atração que sentisse por ele. Conhecia-o desde sempre, tinha-o apenas como amigo e irmão de fé, em diversas ocasiões haviam trabalhado juntos em atividades da própria igreja e nunca suspeitara de seu interesse por ela. Vê-lo desarmado diante de si, sem saber o que fazer com as mãos, o cabelo repartido de um lado e untado de brilhantina, a testa ampla e muito alva exposta de maneira um tanto engraçada, a gaguejar uma proposta de namoro fez que ela se enternecesse e lhe dissesse um “sim” sem qualquer convicção íntima, mas também sem hesitação, pois naquele momento o que lhe pareceu melhor seria tranquilizá-lo, e para tanto somente aceitando-o como namorado. Dois meses e meio transcorridos, outra vez o viu atarantado diante de si, e da embrulhada de palavras que ele, de cabeça baixa, proferia surdamente cruzando e descruzando os dedos úmidos de nervosismo, compreendeu que aquilo era um pedido de casamento e mais uma vez se deu conta de que para livrá-lo do embaraço cumpria dizer “sim” (sendo certo que um “não” também surtiria o mesmo efeito, porém causaria no jovem tal desordem emo-

cional pelo muito que a queria, que se compadeceu dele). Horácio, assim como o futuro sogro, era comerciante e despachava — ele mesmo — detrás de um balcão de secos e molhados, porém junto com o pai, de quem se tornara sócio nos negócios. Vendo-o em atividade na igreja previa-se o eterno presbítero, não mais; no comércio, conquanto não deixasse de ter seu tino para não ser logrado, não seria bastante hábil para crescer, e mesmo que introduzisse uma e outra novidades para melhorar o aspecto da casa, não dispunha de ousadia para “atirar-se”, entendendo-se por isso o arrojo, o tirocínio e mesmo a impiedade necessários para tornar-se grande (o que, diga-se de passagem, também faltara a Arthur, ainda que este se houvesse destacado mais por sua casa ser maior, por seu pastorado — que lhe conferia uma posição de certo destaque em seu meio social — e em geral por seu próprio temperamento e atitude). O futuro parecia então firmemente estabelecido: com a aliança iminente, dentro de vinte ou trinta anos Horácio estaria dirigindo seu comércio e também o do sogro, teria engordado e andaria de tamancos pela casa com as fraldas da camisa meio fora das calças, exibindo a rotundidade indecente da barriga. Diva, por certo, seguir-lhe-ia os passos: gorda e cheia de varizes, teria posto no mundo alguns pirralhos que, tanto anos passados, já estariam por aí, cuidando de sua vida e seguindo os passos dos pais — tudo numa mediocridade de estarrecer.

Ter-se-ia Diva dado conta disso nas duas ou três ocasiões em que visitara o noivo e sua família, e lhe conhecera a casa, o trabalho, vendo-o na intimidade doméstica? Parece-nos que tais pensamentos raramente passam pela cabeça das jovens casadouras, que costumam vislumbrar o futuro como um reino encantado onde tudo que lhes está reservado é da mesma forma cheio de mistério e encantamento. Podemos argumentar que Diva, em face do que foi dito acima, não seria bem o que se entende por uma jovem casadura, mas o fato é que se afeiçoara a Horácio e o via com simpatia, e se não se sentia apaixonada pelo menos tinha por ele um carinho que lhe parecia suficiente para garantir a felicidade no casamento; por outro lado sentira-se envolvida pela receptividade que encontrara em sua casa, receptividade devida não apenas ao fato de ser sua namorada — ou noiva —, mas também por conviver com a família de Horácio desde criança como membro da mesma comunidade religiosa e ainda pelo muito que se destacara nessa comunidade. Enfim, Diva fora recebida e festejada pela família do namorado — e, depois, noivo — por suas qualidades, ambas as famílias integrando-se em completa harmonia, de tal forma que não lhe pareceu difícil (principalmente porque apenas de forma superficial e pouco freqüente refletia sobre isso) imaginar-se feliz como esposa de Horácio.

O que permanecia velado aos olhos de todos, e justamente velado se tivermos em conta que é muito pouco comum que as pessoas se entrete-

nham com tais pensamentos, não escapou à percepção desse menino silencioso de treze anos que raro sorria: adentrou a casa de seu futuro cunhado, sentou-se numa poltrona na sala com ambas as famílias reunidas e a entreter uma palestra que logo se tornou grave, pois passaram a debater certos pontos da doutrina; pôs-se com todos à mesa e, como de hábito, comeu pouco, ouvindo sem nada proferir a continuidade do debate acerca da doutrina; acompanhou o pai até o armazém, quando o pai de Horácio se dispôs a lhes mostrar seu negócio, tendo Arthur elogiado comedidamente o que via e fazendo algumas sugestões, bem acolhidas pelo outro, que o ouviu com atenção; e não deixou de vigiar Horácio de esguelha no momento de partirem.

Poderia um menino abarcar de uma só olhada esse vasto e esconso mas inevitável futuro? Não pretendemos que Camilo tivesse a essa altura plena compreensão das pequenas misérias que, na vida, e em particular na vida conjugal, dia a dia se somam para converter a existência num desastre; mesmo pessoas adultas e vividas nem sempre as compreendem ou delas se apercebem, e se o fazem é de uma forma muito vaga, tudo aceitando e a tudo se submetendo como coisa sem remédio com que é necessário conformar-se porque “afinal, a vida é assim mesmo”. Porém Camilo primeiro olhou para seus pais, em seguida para os pais de Horácio e não encontrou grande diferença (talvez, na qualidade de pastor, Arthur se distinguisse um pouco pois assumia com o cargo uma certa dignidade que ele fazia questão de enfatizar, como já dissemos, trajando-se sempre adequadamente à sua posição e apenas vez por outra aparecendo atrás do balcão de seu comércio, e quando isso acontecia, vestindo um de seus ternos de cor escura e exibindo sempre um ar grave e respeitável); depois examinou a irmã, jovem e de cores frescas que, à mesa, com sua natural desenvoltura, ora passava a travessa de carne, ora servia Horácio alcançando-lhe a salada, sempre sorrindo e sem atrapalhar-se participando da conversa; por fim detendo seu olhar — não com insistência para não ser percebido, mas com suficiente acuidade — em Horácio. Foi o bastante para dar-se conta de não haver nada em comum entre ele e a irmã.

O olhar crítico de Camilo (e neste ponto podemos voltar a ele e compreender seus motivos, conquanto não sua precocidade) durante o breve discurso da irmã no dia de sua formatura tinha uma razão sobre a qual o garoto, consigo mesmo e nos últimos tempos, vinha cogitando em silêncio, e assim não se espantou quando, momentos mais tarde, durante o jantar, Horácio deixou cair o talher com um tinido que chamou a atenção da mesa mais próxima, pondo-se vermelho e permanecendo cabisbaixo e mudo ao lado da noiva o resto da noite. O incidente, indigno de nota, tanto que Diva um instante mais tarde já nem se lembrava dele, teve um significado especial para o rapaz, não só pelo embaraço causado e que sua timidez tornou

ainda maior como também pelo olhar que por acaso surpreendeu no menino, um olhar ao mesmo tempo de recriminação e desdém.

Para a pequena Lídia, porém, nada poderia desfazer a ventura daquela noite: o irmão bem-amado lhe dera o braço ao entrar no salão; não retirara a mão quando à mesa ela a tomara com carinho (ainda que a tivesse conservado inerte), e, em dado momento chegara a sorrir-lhe servindo-a de mais refrigerante. Quanto ao resto, tinha apenas oito anos, e do que pudesse pensar acerca dos assuntos discutidos nos últimos parágrafos essa idade diz tudo.

“*O*s anjos ofereceram aos homens de sua taça,
mas só um deus poderia beber dela”.²

Pode-se dizer que estes dois versos nortearam a existência de Camilo Duarte, conquanto isto no sentido em que se aplica não se tenha dado de forma consciente, ou seja, Camilo não os assumiu como uma diretriz para sua vida, senão que numa etapa crucial de seu caminho apercebeu-se de que o significado mais profundo de tais palavras repercutia em sua existência. Foi naquele ano de 1953, quando completou treze anos, que tomou conhecimento deles numa obra profana do poeta inglês Theodore Anderson, morto em 1929 aos trinta e cinco anos. Referimo-nos à primeira — porém cuidadosa e fiel — tradução para o português (publicada nove anos antes) de um livro do falecido poeta, numa edição bilíngüe encadernada em percalina marrom e com o título em letras douradas. Encontrara-a na biblioteca do colégio, que costumava visitar e de onde vez por outra levava, por empréstimo, um livro para ler em casa. Talvez tenha sido o título — *Apelo do Submundo*³ —, enigmático e sugestivo, a chamar-lhe a atenção, dando-se desta maneira sua primeira experiência com a poesia. *Apelo do Submundo* não chega a ser uma obra volumosa com suas cento e cinquenta páginas (mais ainda por se tratar de uma edição bilíngüe), conquanto a capa dura e o papel especial de elevada gramatura em que foi impresso dêem uma certa aparência de “volume”: devido à importância do autor para as letras inglesas, empenhou-se o editor numa edição de destaque dessa primeira obra dele a ser traduzida para o português, recorrendo a um tradutor competente, que soube manter-se fiel ao seu pensamento. Essas cento e cinquenta páginas — e melhor o diríamos, pela razão já exposta, referindo-nos apenas a um pouco menos da metade, setenta páginas portanto — recheavam-se de uma poesia densa, de conotações filosó-

² Estes versos são uma paráfrase de: “*Os deuses nos oferecem a todos sua própria natureza, mas só um deus sabe como aceitá-la*”, do romance *Sparkenbroke*, de Charles Morgan.

³ No original, *Call of the Underworld*, tendo em conta a tradução do verbete “call”, chamada, por *apelo*.

ficas porém essencialmente lírica, a maioria em versos brancos e irregulares, num total de trinta e cinco poemas (sem avançarmos nenhuma conjectura, um para cada ano de vida do poeta que, não obstante, publicou outros livros). De que falavam esses poemas? Pode-se dizer de tudo: do mistério da vida e do segredo da morte, da natureza humana e da natureza divina, da relação entre o homem mortal e os deuses imortais — pois, segundo o poeta, que era ateu, os deuses seriam imortais por existirem (e tão somente por isso) apenas como mitos, renascendo com nomes e aspectos diferentes em diferentes épocas e no seio de povos os mais diversos, sempre contudo os mesmos deuses, e sobretudo as mesmas fraquezas humanas a eles atribuídas. Essa poesia encontrou eco no espírito de Camilo: pois afinal não seriam essas coisas que o preocupavam desde sempre, mesmo desde bem pequeno, conquanto então — e mesmo agora — não as pudesse, fosse por sua imaturidade de adolescente, fosse pela natural dificuldade que tais investigações opõem ao espírito, expressar com clareza? Ocorre que Camilo, em seu primeiro contato com a morte, entre os cinco e os seis anos de idade, tardou a compreender o fenômeno, sendo provável que nem mesmo o tenha compreendido direito: morrera-lhe um cãozinho de estimação que vivia no quintal, nos fundos da casa, e já era velho, mas ao qual muito se afeiçoara. Vendo-o inerte quis saber do pai por que o animal não se mexia, e Arthur puxando-o para si explicou-lhe que, ainda que isso fosse triste — e que portanto ele poderia chorar sem nenhum pejo —, todos os seres vivos morriam após terem vivido sua vida, o que constituía uma lei natural determinada pelo Senhor. Mas o que era morrer? O que acontecia depois da morte? Pessoas também morriam? E naquele dia Arthur discorreu longamente com o filho sobre tal assunto, pois cumpria também orientá-lo melhor acerca das Escrituras, instruindo-o na doutrina, pelo menos de maneira que ele pudesse compreender; assim lhe disse que, sim, as pessoas também morriam e na outra vida, “aquela que sucede à morte, a vida espiritual, a que não podemos ter acesso antes da hora”, cada um era premiado segundo seu merecimento “sendo por isso essencial que obedecemos aos mandamentos do Senhor, pois é conforme nossas obras que receberemos prêmio ou punição”, sendo por isso bom que estas estivessem de acordo com Sua vontade; mas que não, os animais não tinham como as pessoas uma alma e portanto, morrendo, não teriam prêmio nem punição a receber e por isso apagavam-se. “Apagam-se?” perguntou Camilo olhando o cãozinho morto. Sim, apagavam-se, como a chama de uma vela, como o filamento da lâmpada elétrica, e, devolvidos à terra, desapareciam, “menos de nossa lembrança” acrescentou o pai para suavizar a explanação, que lhe pareceu acerba demais para uma criança daquela idade, “menos de nossa lembrança, pois se nós amamos nosso cãozinho, sempre nos lembraremos dele com carinho” — e com isso Cami-

lo foi, com suas próprias mãos, abrir uma cova entre as árvores do quintal e ali depositou o animal morto, cobrindo-o de terra. Sentiu sua falta nos dias seguintes, e mesmo muito tempo depois lembrando-se dele era com saudade que o revia de memória correndo pela casa, latindo para os pássaros, saltando-lhe em cima quando queria brincar; porém ocupou-se mais em refletir sobre o estranho fenômeno da morte e tudo que lhe explicara o pai acerca dele. Tantos anos depois (não nos esqueçamos de que Camilo agora tem treze anos) ainda se lembrava de seu cãozinho e do que o pai lhe explicara naquele dia; nesse tempo vira outras mortes: estivera em alguns funerais, examinara com atenção o rosto do defunto, imaginando o que o espírito daquela pessoa estaria fazendo àquela hora “do outro lado” (conforme expressão colhida dos mais velhos a meia-voz). “Mas o Sr. M... não era convertido, papai” disse Camilo certo dia, depois de terem ido ao sepultamento de um conhecido; “então ele está condenado para sempre?”. Arthur porém obtemperou: que não, pois não podíamos fazer uma afirmação como essa já que somente a Deus cabia decidir a quem condenar e a quem absolver, “a nós compete pregar e seguir a Palavra, nunca julgar”. Assim, das questões de vida e morte passou Camilo a outras, acerca da natureza divina em oposição à humana, pois então havia deuses e homens, embora a Palavra falasse de um Deus Trino e de seus anjos, assim como de um *anjo* decaído que se opunha Àquele procurando seduzir e corromper os puros a fim de levá-los para seus domínios escuros, conhecidos como Inferno. E era nessas noites, ao despertar pela madrugada e pôr-se à janela a contemplar as estrelas, que imaginava essa grande batalha travada entre o Bem e o Mal pela posse da alma dos homens. Nessas noites, e de maneira mais efetiva quando já maiorzinho, aos doze anos por exemplo, fixava o céu cravejado de estrelas — e o fundo azul-escuro contra o qual elas se destacavam aos milhares — na tentativa de compreender essa vastidão e procurando imaginar em que ponto se localizaria a morada de Deus (e onde a do Seu *adversário*). *Apelo do Submundo* não foi devolvido à biblioteca do colégio: Camilo o guardou consigo e consigo o preservaria por toda a vida, mas a leitura de tal livro naquele ano fez-lhe nascer uma idéia que, não sendo de todo nova para ele, acabou por firmar-se em seu entendimento como definitiva: diga-se, antes, que o submundo a que se referia o título outro não seria que aquele que fica “do outro lado”, embora mítico de acordo com a opinião do autor; e o apelo, o chamamento dele oriundo, essa “voz” que de tão longe chegava vinha ecoar no “eu profundo” do homem; pois o poeta ao mesmo tempo que fazia em seus versos apelos à divindade, negava-a, e assim aquela frase que fizemos figurar num parágrafo à parte antes deste assumia um sentido muito próprio no contexto da obra: a natureza divina jaz no fundo de cada um, mas somente uns poucos, dos quais se poderia dizer incomuns, seriam capazes de des-

cobri-la em si mesmos e fazê-la aflorar. Decerto Camilo não concluiu dessa maneira acerca do significado de tão complexa poesia, era um menino ainda, porém vigiando de sua janela o céu estrelado certa madrugada de “insônia” perguntou-se se de fato existia um Deus — pois súbito lhe parecia estranha e até mesmo absurda a idéia de um ser imenso e poderoso que pudesse criar tantas e tão grandiosas coisas, conquanto essas coisas estivessem, pelo menos em parte, diante dos seus olhos com uma pergunta — caso ele se dispusesse a ouvi-la — opondo-se (e também acrescentando-se) às suas dúvidas: “Estão lá e à sua volta. Quem, então, se não Deus, as criou?”. Camilo olhava as estrelas desviando às vezes o olhar para o fundo escuro do céu entre elas, quando então intuía as profundezas insondáveis dessa escuridão. Repetia para si mesmo a pergunta (“Quem, se não Deus, as criou?”), ou, em outras palavras, não a repetia, senão que a ouvia dentro de si mesmo, a contragosto, fixando-se ainda mais naquela escuridão, mais e mais parecendo-lhe contrária à razão a idéia de um Criador. Foi quando se fez surdo à incômoda pergunta e a partir de então, deste que pode ser considerado seu “ato de renúncia”, não viu mais no céu a marca divina; foi quando também, desde o púlpito, os sermões do pai acerca do Criador e da Criação lhe pareceram vazios.

Ocorreu nesse momento um fato singular: o menino Camilo baixou os olhos para as árvores do jardim e viu-lhes o bracejamento tranqüilo à brisa fresca da madrugada, lembrando-se de alguns anos antes quando, deitado em sua cama, engendrava criaturas na conformação dos galhos; baixou mais os olhos, agora para a obscuridade entre os troncos, dentre a qual, numa ilusão de ótica, era possível perceber o movimento de massas e volumes como se eles se individuassem e, ora avançando, ora recuando, parecessem destacar-se do fundo mais denso feito vultos dotados de uma concreta realidade; sim, pensou: quando pequeno, debruçado às vezes no peitoril da janela, punha-se a contemplar o quintal chegando a crer que a *criatura* que vislumbrara no movimento dos galhos descera com seu cortejo até o chão e dali acenava para ele, chamando-o; ele porém nunca se decidira a ir até lá a tais horas para vê-las — a todas — de perto, conquanto soubesse que não as veria propriamente, pelo menos não da maneira como as enxergava dali, de sua janela, mas sim deixar-se envolver, unir-se a elas como num suavíssimo abraço... No entanto, se antes não havia pensado nisso, por que não atender agora ao “chamado”, por que não descer até o quintal? E assim pensando, decidiu-se: abriu com cuidado a porta do quarto, atravessou em silêncio o corredor, passou pela sala às escuras e saindo pela porta dos fundos desceu, avançou na meia-obscuridade que uma lâmpada solitária e distante intensificava, e ali, para nos valermos de uma expressão poética, *iniciou-se* naquele concílio de sombras...

Claro está que, longe de revelar ao pai ou à mãe, ou a quem quer que fosse, o que sucedia em seu íntimo, Camilo calou-se e sem rebelar-se continuou acompanhando a família aos cultos e à escola dominical, enfro-
nhando-se cada vez mais na doutrina, mesmo não encontrando nela nada que lhe falasse ao ser. No mais, acompanhava com certa consternação o insosso noivado da irmã: Horácio aparecia três vezes por semana, conforme estipulado pelo futuro sogro; chegando por volta das sete horas, sentavam-se os namorados no sofá da sala após o jantar e entretinham-se em conversas sobre assuntos vários, às vezes discutiam algum tema bíblico ou apenas permaneciam juntos, de mãos dadas em silêncio; vez por outra o pai ou a mãe aparecia na sala a qualquer pretexto mas, na verdade, para mostrar sua presença (“Podem ser bons cristãos, mas são jovens, e os jovens às vezes não são muito previdentes.”), inda que a pequena Lúcia o mais das vezes também zanzasse por ali — fechando porém os olhos a algum raro e furtivo beijo que o casal trocasse. Quanto a Camilo, este raramente passava pela sala estando lá Horácio: no mais das vezes recolhia-se ao seu quarto e antes de dormir entretinha-se em desenhar um pouco; uma vez ou outra ia espreitar pelo corredor às escuras, de onde tinha uma boa visão do interior do cômodo; fazia-o não com a intenção de surpreender qualquer inconveniência da irmã com o noivo, não por bisbilhotice, mas apenas para confirmar, com seu olho crítico, o despropósito de tal noivado. Dissemos desse noivado, insosso. O contrário não se poderia dizer: Horácio, conquanto seguro de seu sentimento por Diva, mostrava-se de uma assombrosa apatia, em nenhum momento ousando nada além do estipulado: devia chegar às sete três vezes por semana, e nunca chegou mais cedo nem em algum dia diferente do combinado; devia retirar-se às nove e meia, e seguia tal regra como se seguisse um ditame de sua fé, e se podia aproveitar o momento da despedida à porta, quando os futuros sogros discretamente se ausentavam a fim de conceder aos namorados uns poucos instantes de maior liberdade, para atrair a noiva até o vestíbulo e ali beijá-la à vontade e arriscar uma carícia mais atrevida, não o fazia, pelo contrário, ali mesmo, sob a ombreira, tomava-lhe as mãos beijando-lhe casta e superficialmente os lábios e se retirando em seguida feito uma sombra. Não obstante, a data do casamento aproximava-se, e conquanto tal expectativa não fosse suficiente para tornar Diva mais excitada ou o inábil Horácio mais atirado, dir-se-ia que tudo corria pelo melhor e que aquele era um casal sobre o qual repousara a graça divina: na igreja Diva era felicitada pelas senhoras casadas não só por seu comportamento mas por sua escolha, e sorria com algum constrangimento diante das piscadelas das moças — decerto mais irreverentes — que lhe diziam ter “agarrado um partidão”; quanto a Horácio, este era festejado por ter sabido conquistar e manter consigo uma moça como aquela, “sim senhor”

disse-lhe um dos diáconos certa vez, “o irmão Horácio está de parabéns: trata-se de uma jovem de muitas qualidades, e de muitas graças” significando por meio de um olhar expressivo (e por que não dizer, inconveniente) que lhe tinha até uma certa inveja.

O desenlace natural de tal noivado seria o matrimônio, não só pela simpatia com que fora desde sempre assimilado por ambas as famílias, não só ainda pelos votos e expectativas dos amigos e conhecidos e ainda do corpo de membros da igreja, tampouco só pelo costume, pois nas famílias de bem — e especialmente nas mais religiosas — um noivado não se desfazia a não ser por motivo de indiscutível gravidade; mas sobretudo pela mais absoluta inércia da noiva, pois se Horácio com toda sua leseira tinha um sentimento verdadeiro por Diva, esta em nenhum momento até aqueles últimos dias de maio se reconhecera apaixonada: por pena do rechonchudo pretendente lhe dissera duas vezes um “sim”, que mantinha não por falta de coragem de desdizer-se mas apenas por ter-se habituado ao noivo, cuja presença não conseguia reconhecer como insípida, e à idéia do casamento, que em nenhum momento lhe parecia um beco sem saída; enfim, repetindo o que foi dito há pouco, por indiferença, por pura inércia.

Porém um fato mudou o curso dos acontecimentos menos de uma semana antes das bodas, fato de origem inesperada e que a todos — dentro e fora de ambas as casas — estarreceu: deu-se numa segunda-feira à noite quando, após o jantar e conforme o costume, os noivos se acomodaram no sofá da sala para enganarem o tempo até as nove e meia, entretendo-se em passar as páginas de uma revista de moda que Diva comprara naquela manhã e trocar breves comentários. Súbito apareceu na sala, em pijama e com uma expressão sonolenta, o menino Camilo, que avançou até o sofá e se deteve defronte o par. Diva e Horácio, desviando a atenção da revista, o observaram com curiosidade e uma certa surpresa. A pequena Lídia retirara-se há pouco do recinto e Arthur, em seu gabinete, fazia contas e lançamentos no livro-razão; porém, nesse exato instante, a mãe vindo da cozinha surgiu à porta com uma bandeja na qual trazia para os noivos café e biscoitos, quando então presenciou o estranho episódio...

Verdade é que passados os acontecimentos a atitude de Camilo foi, não propriamente recriminada, mas muito discutida, já que cada qual supunha uma explicação para seu gesto, e neste ponto devemos referir que alguém — conhecendo, como todos conheciam, os detalhes do fato, que não se puderam omitir mesmo porque havia a necessidade de um cabal esclarecimento da situação —; alguém, pois, baixando a voz teria sugerido que o menino não estaria na verdade sonolento como parecera à mãe, mas “em transe”. Tal lembrança foi acolhida com constrangimento e mesmo com um certo arrepio pelos que a ouviram, pois — perguntaram-se então, te-

mendo embora a resposta que em seu íntimo cada qual ensaiava sem contudo pronunciá-la em voz alta — que estranhas forças estariam agindo por intermédio do garoto para produzir-lhe tal estado? Não se ousou ir mais longe nessas especulações, afinal tratava-se não apenas de uma família de pessoas de bem e de religião, mas da casa do próprio pastor Arthur da Costa Duarte, homem cujos princípios e retidão de conduta podiam ser postos à prova, não se lhe diferenciando nesse aspecto a esposa e tampouco, do muito que a conheciam, a filha mais velha (ainda que segundo a opinião de alguns a moça devesse ter reconsiderado acerca do rompimento). Sim, evitou-se avançar por esse caminho em tais especulações, mas aqueles que por acaso chegaram a ouvir tal alusão, muitos adotando-a como uma explicação não apenas plausível mas a única aceitável, sentiam sempre um desconforto ao lembrar-se do fato e imaginar, visualizando-o, o menino “em transe”.

Acrescente-se também que tais rumores acabaram por chegar aos ouvidos dos pais de Camilo, e mesmo de Diva (não diremos da pequena Lídia, que ainda não estaria apta para compreender sua gravidade); mas se Diva não fez caso, e se a mãe apenas pensou um pouco sobre o assunto julgando-o por fim sem fundamento, o pai, ao contrário, longamente meditou sobre as conclusões que se impunham e, desta vez, compreendeu que o Senhor não engrandecia sua casa, mas a punha à prova.

Afinal, o que se deu naquela noite quando Camilo se deteve em frente dos noivos que, esquecendo-se por um momento da revista com que se distraíam, levantaram para ele os olhos? “Você será infeliz” disse ele encarando Horácio com firmeza e apontando-lhe o dedo, “e fará a desgraça de minha irmã. Portanto vá embora desta casa e deixe-nos em paz.” Lídia, ouvindo o que o filho acabara de dizer e, mais, diante da estranha expressão de seu rosto e da fixidez de seu olhar, soltou um grito ao mesmo tempo que, decorrente de um ligeiro desfalecimento, a bandeja escapulia de suas mãos e caía com estardalhaço no chão. Atraído pelo barulho Arthur acorreu e, ao mesmo tempo, a pequena Lídia também assustada apareceu à porta do corredor. A essa altura já a mãe socorria o filho, que mesmo tendo recuado um ou dois passos e apesar de seu ar sonolento continuava a encarar o rapaz, que se levantou tomado de tal embaraço que nenhuma palavra lhe acudia à boca enquanto Diva, num choro convulsivo, evadia-se descontrolada do recinto. Lídia abraçou-se ao filho inquirindo dele repetidas vezes o que acontecera e por que havia dito aquilo, ao mesmo tempo em que Arthur, perplexo mas ainda ignorando as palavras do menino, tentava dividir-se entre Camilo, que a mãe comprimia contra seu peito e de quem se esforçava sem sucesso em arrancar uma explicação, e Horácio, que ainda aparvalhado retorcia os dedos olhando ora o sogro, ora a sogra abraçada ao filho, ora a porta por onde vira desaparecer a noiva aos pran-

tos e da qual a pequena Lídia contemplava a cena com ar de espanto e sem nada compreender.

Porém Camilo desvencilhava-se com brandura dos braços da mãe e voltou para o quarto. “Mas o que foi que ele disse?” perguntou Arthur vendo o filho desaparecer no corredor, ao que a esposa tocou-lhe o braço de forma significativa e, voltando-se para Horácio, desculpou-se e pediu que por aquela noite se retirasse, “porém não leve nada disso em conta” ajuntou, “pelo menos não nos queira mal. Amanhã tudo se acerta. Tenha fé!”. Horácio anuiu sorrindo com nervosismo, retorceu os dedos e, de olhos baixos por um momento, franzindo a testa como que numa tentativa para concentrar-se e dizer alguma coisa, limitou-se contudo a olhar para os sogros, sorrir mais uma vez e retirar-se acabrunhado.

Arthur enfim inteirou-se do acontecido. Na manhã seguinte, durante o café e a fim de antecipar-se ao noivo, Diva referiu aos pais a decisão que tomara: romper o noivado, “pois, ainda que não se possa explicar a atitude de meu irmão, o fato é que ele está certo e fez-me acordar antes que fosse tarde”; em seguida saiu levando a pequena Lídia consigo, rumou para a casa do noivo. Horácio ouviu-a sem levantar os olhos, tentou argumentar acerca da conveniência de tal decisão “assim tão de afogadilho e a poucos dias do enlace”, mas a voz ficou-lhe presa na garganta e só o que conseguiu foi balbuciar algumas palavras que nem ele mesmo escutou direito, e quando cinco minutos depois de ter entrado Diva saiu, o rapaz compreendeu que seu casamento era uma história que chegara ao fim antes mesmo de começar.

Dissemos acima dos rumores suscitados por alguns, que acabaram por chegar ao conhecimento da família de Camilo, e de como Arthur tomado de grave preocupação meditou sobre o caso. Pois, sem fantasiar os fatos nem nos valer de figuras de retórica, não incorremos em erro se dissermos que Arthur pressentiu a presença de umas asas negras a agitar-se entre as paredes de sua casa e certa noite, já recolhidos, conversou a sério com a mulher, chamando-lhe a atenção para a gravidade do assunto. “Nosso filho pode ter sofrido a influência do Mal” concluiu, e aguardou em silêncio pelo que Lídia teria a dizer. A mulher esteve quieta no escuro, receosa de contradizer o marido por temer que ele tivesse razão, mas sentindo ao mesmo tempo a necessidade de fazê-lo, pois ele talvez estivesse errado. “Antes de chegarmos a uma conclusão tão séria” ela disse depois de algum tempo, “devemos considerar que, se foi para o bem de nossa filha, ele pode ter sofrido a influência, sim, mas do Bem”, o que não deixou de impressionar Arthur, pois antes ocorrera-lhe o Mal quando deveria ocorrer-lhe primeiro o Bem, e, sem responder, disse consigo mesmo: “Terá sido o Senhor mais uma vez, e por caminhos que desconhecemos, a engrandecer minha casa?”.

Arthur, contudo, não chegou a uma conclusão sobre o assunto, e com a espera de que lhe sobreviesse do Alto, segundo sua fé, uma luz a esclarecê-lo, o tempo passou e, como a vida na casa tivesse voltado à normalidade, acabou concordando com a esposa, o que lhe referiu tempos depois numa conversa reservada à hora de dormir, e não se falou mais de tal episódio. No entanto, a impressão de asas negras a agitar-se sob seu teto naqueles dias não se desvaneceu, senão que perdurou por muito tempo em sua lembrança.

Os anos transcorreram sem outros sobressaltos.

Horácio andou acabrunhado durante semanas, chegou mesmo a emagrecer um pouco, mas por ser o casamento seu maior projeto de vida realizou-o um ano e meio mais tarde tendo como consorte outra jovem da congregação — que o aceitou sem ressalvas —, do noivado rompido não restando ressentimentos — nem dele em relação à ex-noiva, com a qual porém manteve a partir de então uma certa reserva acanhada; nem de sua família em relação à dela, pois como bons cristãos não só deveriam saber perdoar (fosse esse o caso) mas também aceitar os acontecimentos como decisões da Providência, as quais não caberia discutir.

Diva, no ano seguinte, ingressou na universidade e se formou em medicina veterinária aos vinte e quatro, profissão que jamais exerceria enquanto tivesse alguma propensão para cuidar de animais. Dela voltaremos ainda a nos ocupar: fiquemos por ora apenas com essas breves referências.

A pequena Lídia crescera, tornara-se uma adolescente graciosa, pode-se mesmo dizer muito bonita: alta e espigada de corpo, cabelos claros, lisos e longos, olhos vivazes e lábios bem feitos, tinha treze anos quando Camilo ingressou no serviço militar. Seu apego ao irmão não diminuía com a puberdade, sendo certo que até mesmo se acentuara, e foi com um sentimento de perda que o viu sair de casa com sua mala para tornar-se soldado, sabendo que a partir de então já não o teria sob o mesmo teto, que o quarto que fora seu continuaria, sim, a guardar parte de suas coisas, mas que à noite o irmão não estaria ali — e não raro, nessas noites para ela de solidão, Lídia entrava naquele quarto e ia sentar-se à escrivaninha, quando então se entretinha em folhear seus desenhos (hábito de que Camilo tinha conhecimento, mesmo de quando Lídia era bem pequena), como se com isso compensasse a ausência, na verdade sentindo-a mais intensa e pungente.

Quando nos propusemos a relatar a vida de Camilo até os vinte anos, idade como veremos decisiva para ele, procuramos estabelecer etapas desde sua infância até a adolescência e, em seguida, desta em diante. Mantendo-nos fiéis a nossa intenção, diremos que enquanto Lídia crescia, tornando-se adolescente, o menino fazia-se homem: não ocorreu nessa fase uma

aproximação expressiva entre irmão e irmã, pois ainda que Camilo tivesse por ela um especial carinho, persistia em seu temperamento arredio, atitude que a bem da verdade lhe era natural em relação também aos demais membros da família; talvez, sim, tenham se aproximado um pouco, pois a menina já se tornara madura a ponto de manter uma conversa de algum interesse (falavam às vezes não propriamente de Arte, mas dos desenhos dele, quando então Lídia exprimia sua percepção em face daqueles grafismos obscuros, ouvindo-lhe explicações que muitas das vezes nada tinham em comum com seu próprio entendimento, conversas durante as quais predominava um certo ar de formalidade mas em que Camilo fazia questão de deixar claro que as opiniões dela, mesmo que não fizessem eco ao seu pensamento, não apenas tinham plena independência e validade como também eram para ele muito importantes, e essa noção de importância que ele fazia ressaltar propiciava a Lídia uma alegria que ela mal conseguia reter em seu peito, limitando-se a um sorriso e a um tímido baixar de olhos quando sua vontade era pular no pescoço do irmão, abraçá-lo muito e gritar a todos sua felicidade), mas essa aproximação limitou-se a não mais que isso: uns diálogos ocasionais, umas trocas de olhares e sorrisos, e só. Fora da família a atitude de Camilo não diferia: mantinha uma vida social restrita, suas relações — poucas e superficiais — limitavam-se a encontros ocasionais com colegas de escola em grupos de estudo, no mais das vezes em períodos de prova, mas jamais um colega frequentou-lhe a casa ou ele a de um deles.

Até os dezessete anos não demonstrou Camilo qualquer interesse pelo sexo oposto, embora fosse comum que rapazes mesmo mais moços já chegassem à escola de mãos dadas com alguma jovem estudante, namoricos no mais das vezes inconseqüentes e naturais nessa idade. Camilo atravessou toda a adolescência e esse princípio da vida adulta sem olhar mais atentamente qualquer das alunas com quem privava diariamente em classe, mas alguns meses antes de fazer-se soldado um novo acontecimento veio abalar sua tranqüila rotina: foi num começo de tarde que, seguindo pela Rua de Santana, no Centro, avistou uma encantadora mocinha que caminhava em sentido contrário pela mesma calçada, e ao observá-la com mais atenção sentiu em si um tal impacto que outra coisa não fez a não ser parar, pálido de espanto: acabava de reconhecer nessa encantadora mocinha sua — por assim dizer — paixão de infância, Karen.

Karen o reconheceu de imediato como se não o visse não desde quase sete anos antes mas sim apenas desde a véspera, e com um sorriso espontâneo acercou-se, deteve-se, estendeu-lhe a mão.

O namoro entre ambos foi breve, intenso e tempestuoso.

Camilo não fez segredo em família de seu envolvimento com Karen, conquanto também não tenha feito alarde nem tampouco referido porme-

nores, de forma que o desastre que veio a enfrentar, enfrentou-o sozinho. A mãe inicialmente preocupou-se, falou a Arthur de suas apreensões, mas como este achasse natural que seu filho varão tivesse uma namorada quando já contava quase dezoito anos tranquilizou-se, evitou comentários ao se dar conta de que o filho também os evitava. A pequena Lídia, porém, então com doze para treze anos, foi tomada por uma crise de ciúmes de tal maneira violenta que caiu em prostração e permaneceu dias e semanas amuada, quase sem comer, chegando a emagrecer, pôr-se pálida e umas olheiras negras acentuar-lhe no semblante um ar de enfermidade, o que causou não pouca preocupação aos pais, pois verdade é que ninguém lograria suspeitar a origem de tais sintomas. A menina foi levada ao médico, entrevistada, examinada, aviou-se uma receita, porém não apresentou melhora: deixou de ir à escola alegando indisposição e uma fadiga que a deixava sem forças, e os pais acharam melhor por ora não contrariá-la; no mais, mantinha-se sempre quieta pelos cantos, calada e imóvel, se alguém lhe falasse voltava para seu interlocutor os olhos grandes e fundos sem responder, e se insistissem em saber o que sentia ou se queria alguma coisa baixava a cabeça e parecia esquecer-se de si mesma e do que se passava à sua volta sem nada esclarecer, fosse aos pais, fosse ao doutor, acerca dos motivos de sua “doença”, como se não soubesse o que acontecia consigo. Assim, permaneceram todos na ignorância dos fatos e crescentemente preocupados.

Quanto a Camilo, este experimentaria pela primeira — e talvez também pela derradeira — vez na vida as delícias e os horrores de um amor insano. Mas como foi esse romance, o que podemos falar dele, como descrevê-lo para propiciar ao leitor pelo menos uma idéia, ainda que inexata, daqueles poucos meses durante os quais o nosso rapaz esteve ligado ao amor de sua infância?

Camilo sentiu-se desde o começo tomado por uma paixão intensa que o fez relembrar dos dias que se seguiram ao desaparecimento de Karen nos quais, menino de dez para onze anos, percorria as ruas do bairro à sua procura e de como submergira na solidão de seu pequeno mundo estreito e escuro quando lhe faltaram as esperanças de reencontrá-la, e se entregou a esse amor como se fosse não o primeiro, não o último, mas o único a que teria direito. Ainda que plácido de espírito e não dado a expansões de sentimento, à sua maneira deixou entrever à jovem o quanto fora tocado por seu reencontro e como ia pouco a pouco se tornando dependente de sua presença. Em suma, apaixonara-se — e se não o exprimia claramente através de palavras em arrebatamentos típicos, tampouco preocupava-se em disfarçar o que se passava em seu íntimo.

Karen por sua vez, espontânea, extrovertida, bem humorada, e assim essencialmente diferente de Camilo, aceitou com agrado — pelo menos no

início — essa espécie de devoção que lhe era dedicada, e tudo correu pelo melhor entre eles durante as três ou quatro semanas iniciais, quando se encontravam quase todos os dias. Em seus encontros entretinham-se ora em passeios pelo centro da cidade a visitar as lojas, ou pela praia a espiar os banhistas, e em algumas ocasiões vestindo eles mesmos roupas de banho entravam na água, quando então Karen mostrava-se uma excelente nadadora, cortando as ondas com graça e agilidade e deixando para trás Camilo que, receoso de segui-la até mar aberto, retornava à areia e punha-se a esperá-la; ocasionalmente aproveitavam alguma sessão de cinema ou iam ao teatro, mas ocorria também sentarem-se por longo tempo — e não mais que isso — num banco de praça à sombra de uma amendoeira, fosse para conversarem sobre banalidades, fosse para estarem simplesmente quietos tão só fruindo um a cara presença do outro.

Transcorridas, contudo, essas primeiras e suaves semanas de namoro, não tardou que “algumas nuvens escuras se erguessem no horizonte”. Eram os prenúncios da borrasca em que Camilo fora pouco a pouco perdendo a confiança em sua noiva de tal forma que, no breve período de dois para três meses havia transitado da confiança plena para a desconfiança total, e à medida que mais inseguro se tornava em relação a Karen, sentia intensificar-se seu amor por ela, e conquanto fosse por sua própria natureza equilibrado e comedido em suas ações e reações, a instabilidade nervosa que gradualmente o dominava passou a revelar-se em seu exterior, chegando a um ponto em que também seus pais, percebendo que alguma coisa não ia bem, tiveram redobrados seus motivos de apreensão — pois se Lídia a todos continuava a preocupar com seu inexplicável abatimento, por outro ele próprio emagrecia, prostrava-se e cada vez mais se recolhia em si mesmo sem conseguir disfarçar a tremura das mãos e as olheiras marcadas no rosto escaveirado. Diríamos, mesmo correndo o risco de abusarmos uma vez ainda de uma expressão poética, que o anjo das brumas esculpira seu sinal na porta daquela casa.

Que motivos teria Camilo, porém, para não mais confiar em Karen, e como se portava ela em relação ao jovem noivo?

Transcorridas as primeiras semanas, não tardou que a menina alegre e expansiva também se revelasse fútil e volúvel, e também às vezes impaciente e intratável a ponto de dar origem a um confronto entre ambos por motivos às vezes mínimos: desde que se sentisse contrariada, Karen era capaz de explodir transformando-se subitamente numa Fúria. Esse comportamento assim desequilibrado, a revelar uma instabilidade nervosa que se foi acentuando com o passar dos dias até chegar a extremos insustentáveis, seria prenúncio de que o namoro — mesmo ainda tão recente — começava por desgostá-la? A princípio pode-se acreditar em tal explicação, mas franca e direta como era, segura e crua em suas palavras e deci-

sões, se assim fosse por que simplesmente não rompia com Camilo? Karen, porém, não só não rompia como insistia em manter o romance mesmo quando não seria mais possível nem racional fazê-lo, pois já não havia dúvidas de que a partir de certa altura ela não só perdera o interesse pelo amiguinho de infância como também não fazia questão de esconder que sua companhia agora a entediava — um contra-senso, uma vez que exigia sua presença permanente junto a si, cobrando dele com maus modos e uma irritação grosseira até mesmo os mínimos atrasos. Isso se explica se tivermos em conta que Karen não preservara daquela passada e já distante infância a mesma lembrança que se mantivera indene como algo sagrado no coração de Camilo: para ele, a criança que vira entrar com a mãe certa manhã no armazém e com quem privara por tão poucos dias viveria em seus sonhos como um amor muito raro, pois perene, e fossem outras as circunstâncias acompanhá-lo-ia pela vida inteira mas ao qual talvez não tivesse direito por já lhe estar interdita sua ação purificadora; para ela o menino fora tão só um companheiro para pouco tempo, um amiguinho de ocasião de quem, ao se separar, não levaria saudades, o reencontro após vários anos não mais que uma casualidade agradável; o romance se seguiria apenas como uma consequência dessas afinidades antigas, mas não para ser levado a sério, e as impertinências, as exigências absurdas, as demonstrações de desprezo, as injúrias que lhe lançava em rosto persistiriam incompreensivelmente.

O moço apaixonado a tudo suportaria sem alterar-se, ou pelo menos sem alterar-se desmedidamente e até um certo limite.

As dissensões entre ambos começaram por motivos irrisórios, em geral desacordos sobre miudezas do dia-a-dia nos quais a moça fazia questão de impor sua vontade a qualquer custo, e não tardou para que essas dissensões se convertessem em contendas que chegariam a consequências perigosas não fosse Camilo recuar, calar-se, conter sua irritação; nessas ocasiões era sempre ela quem, invariavelmente, persistia em “puxar todos os fios do emaranhado que se formava”, para tanto intrincando numa mesma “rede” os motivos do momento com os de ocasiões anteriores, acaso deturpados e muitas das vezes deliberadamente inventados apenas para atormentá-lo.

Um desagradável episódio que poderia ser tomado como característico do procedimento de Karen ocorreu quando certo dia combinaram encontrar-se em casa de uma amiga sua que, para comemorar o aniversário, ofereceria uma recepção típica, com docinhos, bolo, música e danças. A princípio seria uma festa para poucos convidados, apenas os mais íntimos da aniversariante, mas à última hora compareceu uma quantidade maior de pessoas. Ao chegar, Camilo avistou Karen num grupo de amigos, em sua maioria desconhecidos; parecia muito animada e conversava falando

alto com todos e rindo muito, porém à sua aproximação mal se voltou para falar-lhe, quase o ignorou por completo e não fez questão de apresentá-lo ao resto do grupo; durante a festa, a todo momento deixava-o sozinho para reunir-se a uns e outros que chegavam, afastando-se às vezes pela mão de rapazes que a cortejavam abertamente sem ligar qualquer importância à sua presença. Camilo não se exaltou nem insistiu em permanecer, senão que a certa altura deixou a festa sem ser percebido e voltou para casa, fato que desencadeou uma inesperada reação por parte da jovem, que, ao procurá-lo em casa ela mesma na tarde seguinte, não apenas se dizia gravemente ofendida “por ter sido deixada de lado como um trapo, sem receber qualquer satisfação, eu que sempre tive com você todas as considerações”, como também o ameaçava com retaliações à altura, “espere e verá!”, com o que não tardou a mostrar um outro aspecto, e agora mais sombrio, de sua personalidade: a jovem revelava-se rancorosa e vingativa, não hesitando se não em trair francamente o noivo pelo menos em sugeri-lo, deixando-o na dúvida quanto à sua fidelidade.

Foi a essa altura de seu romance que Camilo — mostrando os sinais do abalo emocional que sofria — deixara absolutamente de confiar em Karen: fazia pouco mais de três meses que se haviam reencontrado, mas os momentos de paz, ternura e delícia haviam passado e seus encontros eram agora marcados da parte dele por amargura e ressentimento, e da parte dela por incompreensão e rancor, e não exageramos se dissermos que havia em suas atitudes uma inequívoca intenção de feri-lo, e o mais fundo possível.

Um romance assim não poderia durar, e chegou ao fim pouco depois de completar quatro meses quando certa noite, indo encontrá-la em casa, Camilo a surpreendeu junto ao portão beijando outro homem.

Tê-lo-ia Karen feito de propósito para enciumá-lo?

Tal pergunta não deixa de fazer sentido se levarmos em consideração o que se seguiu: Camilo nada disse, encarou a ambos por alguns momentos demonstrando total tranquilidade, quase mesmo indiferença — embora essa indiferença não estivesse presente no olhar silencioso que lançou sobre a moça —, virou-lhes as costas e foi embora. Karen como que caiu em si e nessa mesma noite o procurou em sua casa: apareceu diante dele hesitante e apreensiva, e pela primeira vez mostrou-se insegura. Nada valeram, porém, rogos, lágrimas, ameaças de suicídio: inflexível e sem exaltar-se, Camilo ouviu-lhe as escusas e as lamentações para, por fim, dizer-lhe de forma categórica: “Tudo se acabou, Karen, e é definitivo. Não cometa a indelicadeza e a vergonha de insistir”. Não saberíamos explicar o que havia em sua expressão e em sua voz nesse momento, que poder de convencimento em suas palavras e na entonação com que as pronunciou que em nenhum outro momento se manifestara: Karen escutou-o quase

estarecida, retirou-se de cabeça baixa e uma vez mais desapareceu de seu caminho.

Da mesma forma Camilo não fez segredo em casa do fim de seu namoro: a notícia do rompimento foi dada à mesa de forma simples e direta sem, contudo, fazer qualquer menção às causas de sua decisão. Essa notícia caiu feito um bálsamo no coraçãozinho da pequena Lídia, que logo voltou a alimentar-se bem, desaparecendo-lhe as olheiras e recuperando o rosado natural da boa saúde. Claro está que não houve uma explicação para o fato, mas depois de tantos sustos e transtornos ninguém se importou em compreender o que teria acontecido, e como não se associara o romance entre Camilo e Karen como causa da doença de Lídia, motivo de resto implausível a ponto de nem ao menos cogitarem nele, tampouco fora feita qualquer associação entre o rompimento e o fim da enfermidade que a prostrara todos aqueles meses: bastava aos pais olharem para sua filha vendo-a saudável outra vez.

Camilo não tardou também em mostrar melhor aparência, não parecia insatisfeito com coisa alguma e os meses seguintes transcorreram sem que se alterasse sua rotina. Em princípios de 1959, para sermos mais exatos, no início de fevereiro, apresentou-se na caserna, estando sua baixa fixada para o mês de fevereiro seguinte, condições nas quais permaneceria soldado por um ano. Durante esse período teria licença para visitar a família de dois em dois meses, quando então poderia passar um final de semana em casa: deixaria o batalhão na sexta-feira ao fim do dia devendo retornar no domingo à noite para que na segunda-feira bem cedo estivesse pronto e em forma para o início das atividades.

Apesar de arredo e calado, não teve grande dificuldade em afazer-se aos rigores da vida militar e às relações sociais com os colegas de companhia. Todavia não pretendemos dizer que aquilo lhe agradasse, pois não lhe agradava, e como já dissemos mantinha uma atitude crítica e até mesmo ácida em relação à hierarquia e aos costumes militares, bem como diante de certas atitudes de colegas de turma e de superiores. Considerava, por exemplo, a hierarquia militar rigorosa e estúpida, perguntando-se intimamente por que alguém seria tido como “superior” se a única distinção era uma divisa a mais na manga ou no ombro, e a obrigação da continência à vista de um oficial ou mesmo de um praça graduado parecia-lhe uma subserviência verdadeiramente tola; a ordem unida, as vozes de comando, o treino com o armamento, as paradas militares, nada disso fazia para ele qualquer sentido, submetendo-se apenas por ser “a regra a ser seguida” e nada mais. Para não dizer-se que nada lhe foi proveitoso na caserna, podemos fazer uma exceção aos exercícios físicos: Camilo, não habituado, no início ressentiu-se da ginástica, que iniciava diariamente às seis da manhã depois de um leve desjejum e terminava às sete e meia, após

o que os soldados iam para o banho frio de chuveiro e, em seguida, de novo para o “rancho” a fim de fazerem uma refeição reforçada; pode-se mesmo afirmar que o primeiro mês de treinamentos foi o mais duro, e precisou valer-se de todo o seu orgulho a fim de não sucumbir diante dos demais, mas a partir de então habituou-se e com pouco tempo passou a sentir-se fisicamente melhor e mais bem disposto. Quanto às suas relações, consta não ter-se afeiçoado a ninguém em especial: procurava mantê-las cordiais com todos, ouvir e acatar as decisões superiores porque aprendera que um superior, por mais estúpido que seja, quer sempre parecer hábil e sagaz e que o melhor seria satisfazer-lhe a vaidade. Camilo decerto pareceu um pouco estranho aos mais próximos, fossem os colegas de companhia, fossem os mais graduados com quem teria de tratar mais de perto, impressão essa causada por seu comportamento arredio, pelo jeito de olhar o interlocutor com um olhar distante, conquanto atento, por ter um ar pensativo demais quando a vida militar por suas próprias características exige mais ação e menos reflexão, enfim, por um conjunto de sinais que lhe caracterizavam a personalidade e faziam dele alguém, com efeito, diferente. Verdade é que essa “diferença” só seria notada ao prestar-se mais atenção a sua pessoa, sendo provável que no conjunto da tropa não se destacasse. Nada, portanto, teríamos de especial a referir sobre Camilo dos seus tempos de soldado, não fosse um episódio, um singular episódio, ocorrido quando já cumprira de seis para sete meses de serviço, o qual bastou para lançar sobre si uma aura de temerosa dúvida, pois, como veremos, ainda que as coisas tenham se encaminhado a seu favor, o que restou daquela história foi para alguns uma lembrança incômoda, desagradável, e, sobrevivendo a certa hora da noite, capaz até mesmo de causar um arrepio.

Iniciemos um novo parágrafo para referir esse fato que, por sua singularidade, não se confunda com o resto do texto, facilitando ao leitor voltar a ele quando lhe aprouver. Relembremos então o que foi dito acerca de acatar as decisões superiores: Camilo aprendera que aquele que possui algumas divisas a mais tem sempre razão, e mesmo que não passe de um parvo deseja parecer espirituoso, cumprindo ao soldado — e de um modo geral àquele que as possui de menos — atender às suas determinações sem discutir. Não duvidamos de que Camilo pautar-se-ia sempre por esse procedimento, a não ser sob circunstâncias excepcionais, e foi, pois, devido a circunstâncias assim que ele procedeu de forma diversa. Vimos que ele, conquanto mantivesse relações cordiais com os colegas de corporação, não se afeiçoara a nenhum em particular; acrescentemos que, não obstante, sabia distinguir os caracteres e compreender-lhes as peculiaridades: havia os mais arrojadados e, diga-se, tipicamente mais “militares”, de pronta ação e atitude despachada como convém a quem aspira progredir na caserna;

havia aqueles que, a exemplo do próprio Camilo e ainda que nas particularidades de temperamento divergissem, não se sentiam afinados com as exigências de um ritmo similar de conduta, e dentre esses, de resto a maioria, poucos seriam a seguir carreira; grosso modo falando, notava-se a existência de um terceiro tipo, o qual se podia qualificar de “inibido” e que constituía exceção. Ao qualificativo “inibido” deve-se ajuntar os demais traços de caráter, que nem sempre apareciam em conjunto, como timidez em presença de seus superiores, falta de habilidade no desempenho das tarefas, incapacidade de falar com clareza em situações de tensão, etc. Essa divisão, parece-nos óbvio, nada diz acerca da probidade de cada um mas apenas de sua capacidade de adaptar-se às exigências do dia-a-dia numa corporação militar, e foi por essa razão que no mencionado episódio uma culpa recaiu sobre um desses soldados a que chamamos “inibidos”. O fato em si foi irrisório e não mereceria nem a nossa atenção, nem a dos que nele se envolveram, e tudo poderia ter-se resolvido pelo melhor. Não foi no entanto assim que aconteceu, e as conseqüências, quase trágicas para o inocente, resultaram numa situação no mínimo perturbadora para alguns dentre os envolvidos. Pois bem: fazia parte do batalhão um soldado conhecido como Freitas, que se destacava dos demais por ser mulato, franzino de corpo, pouco inteligente, excessivamente acanhado e que nunca se envolvia com os colegas de corporação. Neste pormenor — somente — teria alguma afinidade com Camilo, pois ainda que este tampouco se envolvesse com os companheiros, não seria acanhado, e quanto à sua inteligência, sabemos-la superior, de uma argúcia penetrante que raro deixaria-se enganar. Freitas e Camilo não haviam estreitado nenhum laço afetivo, conversando o tanto que poderiam conversar dadas as circunstâncias, diálogos nos quais limitavam-se a falar das atividades usuais que lhes competiam. Camilo, porém, não tardou a compreender que o soldado Freitas era o que chamaríamos de um “inibido”, o que se confirmou em diversas ocasiões, entre as quais quando em conversa Freitas dizia não sentir qualquer vocação para a carreira militar “conquanto fosse esse o sonho de minha mãe”, e lamentando ter de decepcionar a pobre senhora concluía não ver a hora “de dar baixa”. Sobre o Freitas recaiu a culpa pelo sumiço de um peso de papéis da seção para onde fora destacado a fim de auxiliar na escrituração dos registros de entrada e saída de material. Não se sabe que importância teria esse peso de papéis, talvez se tratasse — apesar de seu uso ordinário — de um objeto de algum valor; porém o Freitas foi intimado a dar conta do objeto, e caso não o fizesse responderia por furto. Seria de esperar que alguém do temperamento desse soldado fizesse logo aparecer o objeto desaparecido, mas não foi o que se deu: Freitas afirmou solenemente que não era o responsável pelo sumiço do peso de papéis e que não tinha nenhuma idéia de onde poderia estar. O caso acabou esca-

pando do círculo mais reservado da companhia onde servia, indo parar no gabinete do comandante do regimento.

O Coronel Rebelo, um homem de cinqüenta anos, atarracado mas não gordo, de compleição física vigorosa e não menor rigor no trato das questões de sua competência, era o que se poderia dizer um militar “até os ossos”: ingressara cedo no Exército e por suas aptidões fizera carreira rapidamente, vangloriando-se sempre que houvesse oportunidade de ter, segundo suas próprias palavras, “dado mais que sua carne e seu sangue, seu espírito àquela casa”; exigia o cumprimento de uma disciplina severa e tinha pelos procedimentos militares uma devoção de religioso; tinha na autoridade a única linguagem que sabia articular com precisão, seguindo à risca a máxima das casernas segundo a qual “o superior hierárquico nunca erra”, em vista do que não admitia que lhe contestassem as decisões, sempre certas, as únicas cabíveis — ou quando menos as melhores; aos subordinados não impunha respeito mas temor, e aos culpados não temor mas terror, e isso não por uma sagacidade que lhe permitisse conhecer o erro do outro e tratá-lo com justiça, sagacidade essa que em absoluto não possuía, mas por seu hábito de pousar os frios olhos cor de mel sobre sua “vítima” e puni-la com dureza mesmo que fosse inocente — e acerca deste pormenor vale acrescentar que inocência era algo de que não cogitava, uma vez que o caso fosse levado até ele, pois, conforme seu entendimento “se o trouxeram até mim foi por não o poderem resolver lá embaixo, e assim sendo trata-se de coisa grave na qual não se pode conceber o envolvimento de inocentes”. Essa frase, eivada de um juízo equivocado e falacioso, não lhe fora levemente atribuída: expressara-se de maneira similar — se nem sempre com as mesmas palavras, pelo menos com o mesmo sentido — várias vezes, e quando via à sua frente o acusado de qualquer falta tentando justificar-se e, trêmulo de pavor, protestando inocência, cravava nele um olhar duro murmurando com lentidão “então o que temos aqui é apenas um bom soldado que nenhum ato praticou que ferisse as normas de disciplina do regimento. Trataremos bem desse bom soldado, cuidaremos com zelo de seu caso”, palavras essas proferidas num tom capaz de desconcertar mesmo o mais arrojado dos réus.

Levado ao comando do regimento, Freitas tremeu ao ver-se em presença daquele homem temível que sobre ele detinha, como em seu pavor lhe parecia, “poder de vida e morte”; e conquanto haja um tanto de exagero na frase, veremos que pelo menos no presente caso esteve por pouco para concretizar-se. Interrogado sobre o peso de papéis, Freitas mais uma vez — e então quase sem voz devido ao medo — afirmou que não fora ele a subtrair tal objeto, se é que de fato fora subtraído. Essa dúvida lançada pelo soldado ao fim de sua negativa, mais que a própria negativa, irou sobremaneira o comandante que, antes de abalar a mesa com um murro

pousou sobre ele o olhar cor de mel e o encarou por um longo minuto. O que se seguiu ao murro foi a fúria do militar que, levantando-se, contornou a mesa e arremessou a mão contra a face do soldado, prostrando-o por terra. “Recolha-o à solitária por trinta dias” ordenou, já recomposto e outra vez acomodado detrás de sua mesa, “e providencie o relatório. De posse do relatório, encaminharei o processo de expulsão do soldado”. A prisão e expulsão de um soldado, mesmo tratando-se de uma condenação sem provas e acompanhada do destempero de uma agressão física humilhante como no caso do Freitas, levantaria entre a tropa — devido ao pavor imposto pelo Coronel Rebelo — apenas um comentário a meia-voz que logo se aquietaria. Porém o caso em questão agravou-se com a tentativa de suicídio do Freitas tão logo se viu encarcerado e sabedor de sua expulsão, o que no seu entender repercutiria por sua vida afora como indelével mácula: não fosse o imediato e providencial retorno do carcereiro à cela a fim de apanhar a marmita do preso para levar-lhe a janta, não haveria tempo de retirá-lo da trave onde se dependurara pelo pescoço por meio do lençol. Essa tentativa de suicídio alarmou a tropa, e mesmo aqueles que depunham suspeitas contra o soldado se sentiram impressionados e, pensando melhor, concordaram em que simples suspeitas, e mais ainda por uma coisa tão reles quanto um peso de papel, não constituem prova de culpa. Podemos adiantar, neste ponto, que o peso de papéis jamais foi encontrado e que o Freitas foi sumariamente expulso e dele não se soube mais; durante os poucos dias que ainda permaneceu em prisão militar esteve sob constante vigilância a fim de evitar nova — e, quem sabe, bem-sucedida — tentativa de suicídio. Porém, enquanto ainda se comentava na tropa a desventura do Freitas e sua possível inocência (que, embora não pudesse ser confirmada, todos tinham agora como fato), alguém teria comentado o quanto era lamentável uma pessoa apanhar na cara sendo inocente, ao que outro acrescentou que trágico mesmo seria “se um homem morresse devido a uma condenação injusta”. Foi então que Camilo, com voz tranqüila e grave, expressou através de uma única frase tudo aquilo que seu espírito crítico concebia dos costumes militares: “E tudo isso por culpa de um comandante estúpido e inconseqüente”. Tal comentário não saíria do círculo dos soldados como tantos outros não saíam, quando de algum acontecimento extraordinário entre os muros do quartel (embora tais acontecimentos não chegassem a ser freqüentes). No entanto, e devido a causas que desconhecemos (algum intruso teria, sem ser notado, ouvido atrás da porta? Haveria um delator entre os praças?), chegou aos ouvidos de Rebelo que um soldado tachara-o de estúpido e inconseqüente, e o grave militar não coube em si de fúria. Continha-se, porém, e aparentava calma quando naquele fim de tarde, podendo ver-se através da vidraça de seu gabinete os últimos clarões do crepúsculo, mergulhando-se já o

ambiente em penumbra sem que ele se lembrasse de acender a luz, Camilo foi conduzido à sua presença, já na qualidade de preso e ladeado por um primeiro-sargento e por um cabo, na retaguarda mais dois soldados para compor a escolta. Camilo foi deixado em posição de sentido a um passo de distância defronte à mesa, o primeiro-sargento e o cabo avançaram um passo, posicionando-se cada um do lado da mesa, de frente para o acusado, e os dois soldados, também no interior do gabinete, permaneceram um de cada lado da porta. O coronel assestou-lhe o olhar que todos temiam, porém Camilo sustentou-o e, quando lhe foi perguntado se tais e tais palavras a ele atribuídas eram verdadeiras, confirmou-o com voz tranqüila e sempre encarando sem intenção de afronta porém sem medo o comandante do regimento. “Então o comandante do regimento é um estúpido e um inconseqüente” disse o coronel em voz baixa, sempre olhando de frente o soldado e ainda sentado detrás de sua mesa. “Pelo menos assim o comandante do regimento se conduziu no caso do soldado Freitas” Camilo respondeu, “ao prontificar-se em punir e expulsar da corporação alguém contra quem não havia quaisquer provas”; e enquanto o primeiro-sargento, o cabo e os dois soldados que o haviam conduzido estremeciam à ousadia de tal resposta, o coronel primeiro recostou-se na cadeira sem desviar os olhos do soldado à sua frente, mas um instante depois levantou-se num salto repentino e contornando a mesa com agilidade e rapidez prontificou-se para esbofetear Camilo, chegando a levantar a mão...

Porém, o que sucedeu então? Por que o golpe não foi desferido? Por que teria o coronel baixado a mão lentamente, sempre fixando Camilo de frente porém já não se notando em sua face uma expressão de fúria, senão de um certo assombro e quase medo, depois do que regressou devagar e de cabeça baixa para sua cadeira? “O soldado já não faz parte desta corporação” disse com voz surda sem voltar a encará-lo, “arrume suas coisas, que amanhã mesmo será transferido. Podem todos sair.”

Camilo foi, com efeito, transferido no dia seguinte, e a história do que teria acontecido no gabinete do coronel alastrou-se. Os comentários acerca desse caso duraram bem mais tempo do que sobre o caso do soldado Freitas, logo convertendo-se numa espécie de lenda, mesmo muitos anos depois lembrado pelos remanescentes daquele ano e referido aos novos conscritos a título de divertimento, sim, mas não sem uma ponta de superstição. Os diretamente envolvidos, porém, teriam lembranças mais nítidas e permanentes, conquanto mesmo esses não pudessem afirmar com exatidão o que se passara no gabinete do comandante naquele fim de tarde. O primeiro-sargento e o cabo encontravam-se de frente para Camilo e muito próximos para notar-lhe na face a mínima contração à iminência do golpe que lhe seria desferido, mas afirmaram que ele nem ao menos piscou, limitando-se a encarar o coronel que, no entanto, como se retido por

uma força poderosa deixou descair o braço; o cabo garantia ter visto um certo pavor desenhar-se nas feições do comandante como se de súbito ele tivesse descortinado “algo medonho” que o fez empalidecer, dizia baixando a voz a um tom quase inaudível e benzendo-se, pois seria capaz de jurar que houve um relampejar de chama nos olhos de Camilo, mas o primeiro-sargento não vira coisa alguma, percebendo apenas a intensa perturbação de seu comandante. Os dois soldados que ladeavam a porta, estando portanto mais distantes e atrás de Camilo, não podiam ver-lhe o rosto, porém confirmaram que o coronel no momento de golpear mostrara no rosto uma contorção, se não de medo, pelo menos de um grande desconforto íntimo, como se de súbito se desse conta de que golpeando o subordinado estaria cometendo um erro do qual não teria como remediar-se, “e eu tive a nítida impressão” dizia um dos soldados, não porém deixando de mencionar, à guisa de uma possível explicação, a penumbra que havia na sala após o pôr-do-sol, “pois já anoitecia, é bem verdade, e a lâmpada não fora acesa”, “sim, mas que impressão teve você?” lhe perguntavam, e ele respondia em voz baixa “a impressão de que um vulto surgira ao lado do soldado Camilo naquele momento, um vulto como de um homem que, dele se acercando e como que a protegê-lo, passou-lhe um braço pelos ombros”.

Vamos então encontrar Camilo de volta a casa naquele começo do ano de 1960, e ainda com o cabelo cortado à escovinha. Regressava mais forte e corado: solidificara seus músculos com a obrigação da ginástica enquanto soldado; manteria esse hábito quase como uma obrigação, podendo ser visto todas as manhãs entre as seis e as sete horas exercitando-se nos fundos do quintal, quando então despia a camisa exibindo uma musculatura rija embora não avultada que sobressaía ao executar os mais variados movimentos; porém seu corpo jovem preservaria suas proporções de forma que, vestido, dir-se-ia dele um moço magro e até certo ponto delicado, e não sendo alto passaria despercebido na rua entre os demais transeuntes. Continuando, diremos também que Camilo, tornando-se adulto, já não lembraria o adolescente, tendo seus traços se tornado viris e até mesmo de uma certa dureza. Não seria bonito, mas tinha feições agradáveis e quando sorria destacava-se uma dentição perfeita. Com pouco adotou uma barba, como os cabelos de uns tons castanho-claros entremeados a um castanho mais escuro, sempre bem aparada mas que ele, ao longo da vida, não manteria permanentemente, já que em certas ocasiões apresentar-se-ia de faces bem escanhoadas, alternando dessa maneira períodos em que usaria com períodos em que não usaria barba. Também seus hábitos daquele ano em que regressara ao lar se manteriam: vestir-se com simplicidade, falar pouco conquanto não negligenciando nunca uma

conversa cujo tema fosse de seu interesse, permanecer quase todo o tempo — como veremos — em seu ateliê onde, quando não estivesse pintando, estaria lendo, e outros mais que referiremos no decorrer da narrativa.

Queremos contudo fazer uma pausa para mencionar o dia de sua volta — do qual avisara a família por meio de um telegrama enviado na véspera. Seu regresso, previsto para princípios de fevereiro, não seria uma novidade, porém a chegada do telegrama fez que todos se emocionassem e preparassem uma recepção. A primeira pessoa com quem esteve foi o velho Lucas, que o recebeu com um caloroso abraço, “sim, senhor!” exclamou o velho empregado, “forte como um touro!” e acrescentou, como se fizesse um ano que não o via, “fez-lhe bem a caserna, meu rapaz, fez-lhe muito bem!”. Em seguida subiu pela escada interna, indo sair nessa espécie de saguão a partir do qual entrava-se em casa. Ao chegar, tendo sido visto por Diva, que a toda hora ia espiar pela janela, foi recebido com vivas pela família reunida. Abraçou-o o pai sacudindo-lhe os ombros e exclamando “bem, bem...!” porém sem que outras palavras saíssem de sua boca devido à emoção; acercou-se dele em seguida a mãe, secando discretamente os olhos e depondo-lhe um beijo na testa com uma bênção apenas murmurada, e por fim Diva, que também o abraçou com sincera alegria. Porém entre eles não estava Lídia.

— A boba — comentou Diva compondo-lhe o colarinho —, correu a esconder-se.

— Cada qual com seu jeito — obtemperou o pai. — É tímida... e o aprecia muito, meu rapaz, sua irmã tem-lhe muito carinho.

— Mas se apresse, filho — disse a mãe —, que você chegou em boa hora: já íamos para a mesa. Tome um banho, refresque-se, que em meia-hora o almoço estará servido.

Camilo foi encontrar Lídia sentada em sua escrivaninha: debruçara-se ali à espera do irmão, mantendo-se de costas para a porta, e mesmo percebendo sua presença não se ergueu, porém conservou-se sentada e de cabeça baixa.

— Lídia — ele disse, aproximando-se um passo, porém Lídia nem assim se voltou para ele.

Camilo aproximou-se mais, avançou até ela e acariciou-lhe os cabelos. Só então a adolescente reagiu: pôs-se de pé e virou-se, revelando o rosto banhado em lágrimas, e abraçou-se a ele com muita força sem nada dizer. Camilo enterneceu-se e correspondeu a esse abraço, “vamos, irmãzinha” disse, “não há motivo para isso”, porém Lídia nada disse, senão que permaneceu abraçada ao irmão por muito tempo como se desejasse retê-lo não apenas em casa, para que não se evadisse outra vez, mas em si mesma.

Por fim encarou-o, tomando-lhe o rosto entre as mãos:

— Você não vai embora outra vez, não é?

— Bem, eu estou aqui agora, não estou?

— Mas você pode querer partir outra vez.

— Irmãzinha... — ele sorriu. — Estarei sempre com você — e beijou-lhe a face molhada de lágrimas.

Dir-se-ia então que a vida na casa se encaminharia para a normalidade, pois Arthur e Lídia tinham criado sua família: a filha mais velha concluiria o curso universitário ainda naquele ano, e conquanto não tivesse ainda um novo pretendente seria de esperar que mais cedo ou mais tarde se casasse; Camilo deveria seguir caminho similar, trabalhando, estudando e em algum momento constituindo sua própria família enquanto a caçula, Lídia, haveria de orientar-se por esses exemplos. Houvessem os fatos transcorrido dessa forma, não seria com a biografia do pintor Camilo Duarte que estaríamos nos ocupando.

Pois durante os primeiros dias Camilo entreteve-se em reorganizar suas coisas: não apenas retomar a vida de antes, porém redirecioná-la, para cuja finalidade elaborava planos acerca dos quais nada dizia a ninguém. Os diversos cadernos que desde a infância viera enchendo de garatujas permaneceram esquecidos durante o ano de serviço militar, e conquanto estivessem todos em ordem achou por bem lembrar o que fazia, não apenas por nada ter produzido durante aquele ano, mas, por assim dizer, para pôr suas idéias em dia, e dessa forma passou toda uma tarde folheando-os sozinho em seu quarto, cada vez mais certo de sua inclinação e da decisão que se lhe firmara no espírito: um dia pela manhã — um mês se tanto depois de sua baixa — saiu às compras e ao voltar trazia, para assombro da mãe e preocupação do pai, uma grande quantidade de telas, tintas e outros apetrechos de pintura, enchendo com tais tralhas o quarto. Seu ingresso na Arte, não contando os desenhos da infância e da adolescência, deu-se dessa forma — suficientemente prosaica para que alguém se arriscasse a predizer, a partir daqueles ensaios iniciais, que surgiria dali uma das expressões mais singulares e controvertidas do mundo artístico.

Esse começo foi marcado por um notável incidente: como guardasse as telas com tinta fresca no próprio quarto, logo nas primeiras semanas e a despeito de sua compleição física saudável sofreu uma grave intoxicação chegando a ser internado numa casa de saúde por dois ou três dias. Viu-se assim na necessidade de encontrar um outro local que lhe servisse de ateliê, e foi encontrá-lo no andar térreo do pequeno prédio, nos fundos do armazém, onde havia dois cômodos interligados que desde certo tempo eram utilizados tão somente para acumular trastes sem mais utilidade. Para esses cômodos, após desocupá-los e limpá-los, Camilo transferiu seus apetrechos de pintura, e isolado ali do resto da casa continuou a pintar.

Vendo que o filho parecia não ter qualquer interesse por outra atividade além daquela, que lhe parecia de todo inútil, certo dia Arthur desceu

até o armazém, atravessou o corredor para o qual abriam-se as portas do depósito e, passando uma portinha que havia no outro extremo, achou-se em seguida num pequeno compartimento quadrado onde, além de duas outras portas, havia uma escada que conduzia ao andar superior; certo é que Arthur poderia ter descido até ali direto por essa escada, mas preferiu o caminho mais longo, passando primeiro pelo armazém, talvez para protelar um pouco mais o encontro e a conversa que pretendia ter com o filho, e com esse fim, ainda estando no armazém entreteve-se por alguns minutos em conversa com alguns fregueses e, sendo um deles membro da congregação que pastoreava, chamado à parte não se furtou a explicar um tópico da Bíblia a fim de esclarecer-lhe dúvidas que ora manifestara; ouviu-lhe pacientemente os questionamentos, deixou descair a cabeça na direção do peito enquanto o escutava, depois retrucou, expôs a doutrina, mencionou uma passagem “que o irmão deverá ler e meditar sobre ela para compreender melhor” e o despediu com um breve aceno de cabeça e um franzir dos lábios; em seguida olhou para a rua, demorou-se um tanto mais, fez uma ou duas perguntas ao Lucas acerca do estoque e dos pedidos da véspera, ouviu com atenção as explicações do caixeiro e, assentindo gravemente com a cabeça como que a dizer “está tudo bem”, decidiu-se por fim; achava-se agora naquele compartimento quadrado no qual havia duas portas, uma que dava para os fundos da propriedade, para o quintal, e uma outra que ultimamente permanecia fechada, mas não trancada; abriu com cuidado essa outra porta e deteve-se no limiar com as mãos nos bolsos examinando com alguma curiosidade o interior daqueles cômodos, agora meticulosamente limpos e caiados mas que antes se encontravam repletos de sujeira e velharias. Da primeira vez que fora até o porão desde que o filho o ocupara, havia alguns meses, quase nenhum dos quadros estava concluído — pois tinha Camilo o hábito de trabalhar em vários ao mesmo tempo, iniciando uma nova pintura sem que tivesse terminado as anteriores, até retomá-las febrilmente até o fim —; não pôde nesse dia fazer uma idéia da produção do jovem artista, o que via era uma quantidade de telas incompletas, algumas apenas superficialmente delineadas, e a bem da verdade considerou aquilo apenas um capricho que logo seria abandonado e, sempre ocupado com a escrituração dos livros-razões ou com as questões da fé, os sermões a serem preparados, o estudo da Palavra, praticamente esqueceu-se dele. Mas os meses se passaram e Camilo continuava com seu capricho, que a Artur por fim pareceu prolongar-se demais: “Se ele pelo menos saísse em busca de uma colocação” ruminava, comentando vagamente com a esposa, que se calava sem demonstrar também ela sua preocupação, “se garatujasse suas telas apenas nos dias de folga, mas não...!”, e se encaminhando para o porão naquela manhã estava decidido a tocar no assunto que o afligia. Diante do cavalete Camilo pin-

tava, mas ouvindo abrirem a porta voltou-se e avistou o pai, que lhe fez um aceno para que não se incomodasse, que continuasse a pintar, ele estava ali apenas para dar uma olhada — e assim passou a examinar os quadros já concluídos que se iam acumulando ao longo das paredes, ou no chão, ou pendurados, passando de um para o seguinte após um exame se não demorado pelo menos atento, reconhecendo que nada entendia de arte mas, surpreso com o que via, admitindo quase contra a vontade que tudo aquilo lhe parecia muito bom, “bonitos, sem dúvida” ia dizendo consigo mesmo, embora os achasse um tanto sombrios, “talvez se fossem um pouco mais alegres, aquela paisagem ali, por exemplo, com uns tons menos carregados...”, e assim, após fazer toda a volta nos dois cômodos viu-se outra vez no ponto onde estivera minutos antes, ao entrar, examinando mais uma vez o primeiro quadro sobre o qual lançara os olhos. Camilo por fim deixou de lado os pincéis e a paleta e veio colocar-se ao lado do pai: pressentia que ele ali estava não apenas para ver e avaliar seu trabalho, mas também para tratar de algum assunto mais grave...

Foi quando Arthur o abordou, questionando-o acerca de suas intenções para o futuro. Não entrou diretamente no assunto, portou-se com cautela para não ferir a sensibilidade do filho, escusou-se de sua ignorância sobre aquilo que via para em seguida fazer alguns comentários muito breves, muito reticentes, mas não lhe parecendo inconveniente falar sobre as cores, “deveriam ser um pouco mais alegres, não? Talvez com cores mais amenas...” ouvindo do filho a promessa de que pintaria um quadro bem luminoso, “uma espécie de Paraíso” disse Camilo, especialmente para o pai decorar o quarto. Por fim, e escolhendo cuidadosamente as palavras, Arthur referiu-lhe a necessidade de uma ocupação decente com a qual pudessem manter-se, “não que nesta casa vá lhe faltar o pão de cada dia, está visto que não”, porém seria de esperar que mais cedo ou mais tarde ele decidisse ter sua própria família, “pois é a ordem natural das coisas: um homem casa-se, depois vêm os filhos, o tempo passa...”, e assim, enquanto ia examinando outra vez aquelas pinturas “sim, bonitas, muito bonitas” admitia, “mas inúteis” acrescentava em silêncio consigo mesmo, discorreu de forma nem tão sucinta que não se fizesse compreender plenamente, nem tão delongada que se tornasse enfadonho, sobre aquilo que lhe parecia o natural, o racional, o mais aconselhável para um rapaz de boa família e de religião “se bem que quanto à religião o senhor anda bastante negligente nos últimos tempos, mas enfim...”. Camilo ouviu-o sem ponderar, e quando julgou que ele teria dito tudo que pretendia, respondeu simplesmente que sua vida já estava encaminhada, seus planos consolidados e que ele não se preocupasse “pois em breve estarei tomando meu rumo, pai, e tudo há de correr pelo melhor” e lhe sorriu de forma tão singela e encantadora que Arthur se sentiu tocado e não disse mais nada.

(Observamos neste ponto que Camilo, até ingressar no Exército, freqüentara a igreja na companhia dos pais e das irmãs ainda que a religião já não lhe pudesse oferecer coisa alguma — nem compreensão do mundo, nem conforto, nem esperança —, mas por força de seus novos compromissos já não o poderia fazer, e nas poucas vezes em que esteve em casa de visita à família pareceu-lhe melhor aproveitar o curto período de folga para usufruir um pouco mais da paz doméstica, que lhe era tão cara. Porém, de volta à vida civil não se preocupou em retomar suas atividades na igreja, e quando durante um almoço foi convidado pelo pai para comparecer ao culto no domingo seguinte, escusou-se, “não me sinto inclinado, papai” teria dito, “peço-lhe que por ora não insista quanto a isso”. Está visto que todos à mesa (apenas os da família e o velho Lucas), mas especialmente os pais, se surpreenderam, porém Arthur sempre se mostrara muito cordato em tais questões, reconhecendo que praticar a religião sem um sincero desejo seria “enganar a Deus”, o que não só é impossível como um grave pecado tentá-lo. Respondeu-lhe portanto que ele estivesse à vontade e que “a Casa do Senhor sempre estará lá, de portas abertas a todos e especialmente ao meu filho”).

Algum tempo depois daquela entrevista com o pai, Camilo — como havia prometido — tomaria seu rumo. Antes disso, porém, um acontecimento surpreendente, além de deixá-lo tristemente impressionado, sobreveio-lhe como desfecho para uma história que de outra forma restaria suspensa em sua vida.

Já nos referimos em outros pontos da narrativa, ainda que de forma sucinta, ao quintal que havia nos fundos da casa: um quintal extenso e arborizado com uma cerca de tábuas em todo o seu perímetro e que delimitava com a rua de trás, uma ruazinha de pouco trânsito entre fileiras de residências modestas com seus respectivos quintais e pequenos pomares. Um dos lados dessa cerca dava para um terreno baldio e algo alagadiço na época das águas, ao longo do qual passava um trilho que servia de ligação entre as ambas as ruas. Não havia propriamente uma abertura na cerca, mas algumas tábuas estavam soltas e, em caso de necessidade, podiam ser afastadas propiciando dessa maneira uma passagem.

Certa noite Camilo permanecera pintando até mais tarde que de hábito. Passava das onze quando resolveu parar. Já se preparava para subir quando ouviu ruídos vindos de fora e, prestando atenção, percebeu com mais clareza que tais ruídos provinham da cerca, como se alguém estivesse tentando entrar por ali. Camilo, passando para o pequeno cômodo quadrado a que nos referimos, saiu para o quintal. Nesse momento uma das tábuas caiu sobre a relva com um ruído abafado e um vulto assomou a passagem recém-aberta.

— Quem está aí? — Camilo perguntou, imóvel no mesmo lugar.

O vulto havia atravessado a cerca e imobilizara-se.

— Por favor — ouviu ele uma voz enfraquecida —, preciso de ajuda.

Camilo deu dois ou três passos na direção do vulto que também avançou para ele, ainda irreconhecível devido à sombra das árvores.

— Por piedade, Camilo... — o vulto disse ainda e, saindo para a luz, uma mulher ainda jovem porém muito magra e pálida, de face emaciada e os olhos cercados de olheiras negras acercou-se do rapaz. Trazia nos braços um bebê, quase um recém-nascido, de mau aspecto e embrulhado nuns panos muito sujos.

Camilo estremeceu diante da miséria que se apresentava à sua frente, e abismou-se, tocado pelo horror, ao reconhecer a mulher.

— Karen!

— Ajude-me, Camilo... eu talvez não devesse ter vindo... sei que tem motivos para desprezar-me, mas... peço por Deus que não me expulse...

Camilo cobriu o rosto com ambas as mãos e, num suspiro, deslizou-as lentamente pelas faces, ainda assombrado e sem saber que atitude tomar, tomando no entanto a única que lhe pareceu natural em tais circunstâncias: fez Karen entrar em seu ateliê e sentar-se num canapé que ele mantinha ali para seu próprio uso, nos intervalos de descanso durante as longas sessões de pintura a que se entregava todos os dias.

Ajudou-a a acomodar-se, deixou-a só enquanto subia para providenciar-lhe uma refeição e retornou com uma bandeja contendo leite, pão, biscoitos e fatias de carne. Colocou a bandeja sobre um tamborete e levou-o para junto do canapé. Viu nos olhos febris da moça, no seu sorriso fugidio, o agradecimento que sua boca não conseguiu pronunciar. Karen começou a comer com uma fome de dias, ao mesmo tempo que punha na boca da criança um peito murcho, quase sem leite.

— Eu me desgracei, Camilo — disse numa tentativa de explicar-se sem que ele, no entanto, lhe fizesse qualquer pergunta.

Camilo a observava com atenção.

Karen, por sua magreza e palidez, parecia estar tísica, o que se confirmou pouco mais tarde quando, de um acesso de tosse em que ela levou à boca a ponta de um dos panos com que embrulhava a criança, o tecido manchou-se de sangue. Embaraçada, Karen baixou os olhos, fingiu ajeitar melhor os trapos em volta do bebê, mas em seguida levantou os olhos:

— Tenho pouco tempo, Camilo... e ainda contaminei o pobrezinho...

Camilo não respondeu. Como ela tivesse terminado de comer, ele apANHOU a bandeja e levou para o outro cômodo, depois foi sentar-se no tamborete junto dela e tomou-lhe as mãos.

— Não quero morrer sem o seu perdão — ela disse.

Camilo moveu a cabeça:

— Não há o que perdoar, Karen, não lhe tenho nenhum rancor. Afinal, o que lhe aconteceu?

Em poucas palavras, um tanto desencontradas, Karen referiu a morte da mãe cerca de um ano antes, seu posterior envolvimento com um tipo inescrupuloso que a obrigara a prostituir-se, como a vida de privações e o contato cotidiano com todo tipo de homens fizera-a adoecer e contrair a tuberculose, até aquele dia em que já não lhe restando forças saíra a esmo pelas ruas sem saber ao certo o que fazer e aonde ir, até que “me lembrei de você... perdoe-me se vim incomodá-lo, mas não tenho mais ninguém... e estou tão necessitada...”.

Enquanto a escutava, atento para sua figura destruída que nada preservara da linda criança que certo dia vira entrar no armazém levada pela mãe ou da encantadora adolescente por quem se apaixonara há tão poucos anos, Camilo teve uma idéia, brilhante e terrível, e essa idéia foi gradualmente se desenvolvendo, tomando forma em sua imaginação.

— Sinto-me tão cansada, Camilo — ela disse por fim.

Ele lhe trouxe um lençol, fê-la acomodar-se o melhor possível no canapé, pôs-lhe uma almofada sob a cabeça, “descanse” disse, “durma, amanhã veremos o que fazer”, e enquanto Karen fechava os olhos, aconchegando a si a criança doente, apanhou uma grande tela em branco e pôs no cavalete.

Enquanto Karen dormia Camilo trabalhou.

Trabalhou toda a noite, e já amanhecia quando deu por findo o estudo inicial para aquela que seria uma de suas mais estranhas e assombrosas pinturas: *A Virgem com o Menino*.

Camilo, contudo, retratando Karen e a criança, não a pintaria reclinada no canapé, de olhos fechados, dormindo, mas numa alusão à *Madona da Cadeira*, de Rafael, retratou-a sentada numa cadeira tendo ao colo e conchegando-a próximo ao rosto a criança meio despida. Mas que *Virgem* seria aquela, assim tão esfarrapada e doente, visíveis a palidez das faces e a febre a cintilar-lhe nos olhos fundos como ainda há pouco os vira e trazia de memória, a magreza do rosto e das mãos, os vestígios de um mal incurável corroendo-lhe o corpo, os sinais da prostituição e do vício estampados na face escaveirada? E que *Menino* faminto, esquelético, à beira da morte, filho não de Deus mas do Mal, gerado não pelo Espírito Santo mas quem sabe por um criminoso bêbado e doente de sífilis!

Camilo teve cuidado para que esse esboço, já rico em pormenores, não fosse visto por Karen, temia magoá-la — que reação poderia ter a jovem se visse de que maneira tão crua ele a enxergara, como fora tão fundo em sua miséria, despindo-a de toda a dignidade humana? Por isso cobriu-o com uma toalha e o guardou num canto do cômodo ao lado.

Por volta das oito horas a mãe se surpreendeu ao vê-lo entrar na cozi-

nha e preparar uma bandeja com café, leite, pão, queijo e fatias de carne. “Para uma pessoa que tem fome” limitou-se a dizer enquanto saía, e Lúdia não ligou grande importância à novidade imaginando que algum pedinte batera embaixo por comida ou algum dinheiro, aprovando consigo mesma que o filho tenha optado por levar-lhe alimento, “sabe-se lá se não iria embriagar-se com o dinheiro que lhe fosse dado?” e não pensou mais no caso.

Karen abriu os olhos no momento em que Camilo entrava com a bandeja. A princípio estranhou, olhou em volta com curiosidade e assombro; não tardou porém a lembrar-se de onde estava, moveu-se com alguma dificuldade, sentou-se pousando os pés no chão. Lembrou-se de dar de mamar ao filho, expôs o peito quase seco, mas de repente se deu conta de que a criança estava gelada...

Camilo depôs a bandeja sobre o tamborete.

Baixou a cabeça em respeito à dor, enquanto lágrimas rolavam abundantes e silenciosas pelas faces da jovem doente. Aproximou-se e fez-lhe uma carícia nos cabelos.

Curvou-se para ela após alguns instantes:

— Coma um pouco agora, você já não pode fazer nada por seu filho. Esteja tranqüila que eu vou tratar do que for necessário — e chegou-lhe o tamborete com a bandeja.

Achando por bem não comunicar por enquanto aos pais o sucedido, Camilo saiu pelos fundos para providenciar o sepultamento da criança. Retornou uma hora mais tarde, mas verificou, consternado, que Karen já não estava ali. Dera-se aquilo que pretendia evitar e cuja conseqüência acertadamente previra: de alguma forma Karen descobrira o quadro, a toalha com que o embrulhara fora removida e o terrível desenho lhe aparecera diante dos olhos...

“Deus do céu!... Ver-se exposta a si mesma foi mais doloroso para ela do que viver a vida que teve!”

“...ou isso terá sido apenas a gota d’água...”

Aquela foi uma das raras ocasiões em que Camilo se sentiu desequilibrado e sem ação. Saiu do ateliê, atravessou a passagem aberta na cerca e caminhou horas e horas pelas ruas tentando encontrá-la, inquiria de uns e outros se não haviam visto por ali uma jovem muito magra com um bebê nos braços, “está fraca e doente” dizia, mas debalde: voltou para casa ao entardecer e, não se agüentando mais de pé devido ao cansaço, deitou-se e dormiu de um sono só até a manhã seguinte. Acordou pouco antes das sete e ao pôr os pés fora do quarto percebeu um certo alvoroço na casa: ouviu vozes na sala entre as quais a do pai, a do velho Lucas e a de alguém que não reconhecia, todos pareciam falar ao mesmo tempo; nesse momento Diva entrou no corredor e avançou em sua direção:

— Que horror, meu irmão, aconteceu uma coisa horrível!

— Diva! O que se passa?

— Uma mulher morta com uma criança... um bebê... no terreno baldio aí do lado...

Camilo sentiu o golpe, baixou a cabeça e passou pela irmã sem nada dizer. Não seria necessário ir até lá para saber quem era a morta: fora ouvia-se o alarido dos curiosos que se acercavam, o pai, a mãe e os outros já não estavam na casa, Diva ainda disse alguma coisa às suas costas mas ele mal ouviu, sem compreender, e sem responder desceu para o ateliê. Levou o esboço para o cavalete e começou a trabalhar em sua *Virgem com o Menino*.

— É ela não é?

Camilo virou-se e deparou com Lúdia de pé à entrada do cômodo.

— A moça morta — a menina apontava para o quadro.

Passaram-se três meses desde os últimos acontecimentos. Durante esse tempo Camilo trabalhou intensamente num único quadro: *A Virgem com o Menino*, que apenas a pequena Lúdia tinha permissão para ver e com quem ele compartilhara seu segredo — um segredo, porém, que não lhe revelou por inteiro: não lhe diria, por exemplo, quem era a mulher que lhe servira de modelo, admitindo apenas que se tratava, sim, da moça encontrada morta no terreno baldio, e quando Lúdia quis saber como pudera retratá-la se nem ao menos fora vê-la, mentiu dizendo que a havia encontrado duas ou três vezes pela rua naquela última semana e que seu aspecto miserável lhe chamara a atenção, sugerindo-lhe aquela singular inspiração para uma pintura sacra.

Numa noite durante o jantar, presente também o velho Lucas, Camilo dirigiu à mãe uma inesperada pergunta:

— Mãe, a senhora ainda dispõe daquele sítio em Pinheiros, não?

Tratava-se de uma pequena propriedade rural nas proximidades de Pinheiros, nome pelo qual nos referiremos a uma discreta cidade de interior distante algumas horas em viagem de automóvel, propriedade que pertencera à família de Lúdia e lhe coubera como herança havia alguns anos. Tal propriedade não era desconhecida de Camilo, que lá estivera algumas vezes quando ainda residiam nela uns tios idosos de sua mãe.

— Sim — respondeu Lúdia —, ainda não foi vendida. Encontra-se desabitada agora. Da última vez que estivemos lá, já faz alguns anos isso, tudo parecia em ordem, mas... — e uma ruga vincou-lhe a testa: — Por que quer saber?

— Bem, eu gostaria de informá-los de que viajo para Pinheiros amanhã. Pretendo instalar-me naquela cidade, e pensei que talvez a casa me fosse cedida.

A revelação espantou a todos: muito pálida, a pequena Lúdia encarou o

irmão e deixou cair o garfo no prato, não se recompondo de imediato, e até o velho Lucas levantou a cabeça branca para o rapaz, com surpresa.

— Mas, filho — disse a mãe após o choque inicial —, por que isso assim tão de repente...?

— Não me sinto mais afeito à vida numa cidade grande como o Rio de Janeiro, mamãe. São razões minhas, entenda. Creio que a senhora não se importará se eu ocupar a casa...

— Está visto que não — concedeu Lúdia —, é da família, é sua... não está, contudo, em muito boas condições... quero dizer, precisa de alguma demão de cal nas paredes, pois no mais...

— Não faz mal — retorquiu o rapaz —, eu mesmo me incumbirei de uma pequena reforma. De resto, não sou de luxos, como a senhora sabe.

— Mas filho — disse então Arthur pela primeira vez, mal refeito do susto —, está certo... não se sente mais afeito à vida na cidade... mas uma decisão assim, intempestiva...

— Não tem nada de intempestiva, papai — e Camilo sorriu para o pai —, afinal eu lhe disse naquele dia... o senhor decerto se lembra, no dia em que estive no porão examinando os meus quadros — o pai fez que sim com um breve movimento de cabeça sem desviar os olhos do filho. — Naquele dia eu lhe disse que eu não tardaria a tomar meu rumo.

— Oh, sim... e isso me deixa feliz... você já tem idade, mas...

— Vinte anos completos, pois não? — comentou o velho Lucas olhando em volta. — E até um pouco mais, hã? Seu Arthur, o menino Camilo já não é mais um menino!

— ...mas a verdade é que me parece uma decisão... enfim... você vai precisar de dinheiro para ajeitar-se... e além disso terá de manter-se! No que pretende trabalhar lá?

— Também com isso lhes peço que não se preocupem: hoje eu vendi os meus quadros, não todos, preservei um que me é muito especial e um outro como lhe havia prometido, papai, que representa uma paisagem luminosa e cheia de alegria, está lá embaixo, embrulhado para não sujar-se, e gostaria que o senhor o pusesse em seu quarto, ou mesmo na sala... o que apurei com a venda não é muito, apenas o suficiente para os primeiros tempos... de resto meus hábitos são bastante simples... e quanto ao que fazer, está visto: eu sou artista, vou viver da minha arte.

Façamos neste ponto uma breve pausa para considerarmos certa questão da qual, no começo desta narrativa, fizemos uma referência: o livre-arbítrio. Ali dissemos que esse dom, ou dádiva — chamemo-lo assim, conquanto também pudéssemos dizer dele uma graça e quiçá, em alguns casos, maldição —, ao homem foi outorgado para que deliberasse sobre seus atos e dos quais não pudesse dizer “coube a outrem decidir por mim”,

tendo sido com essas mesmas palavras que a ele nos referimos. Retornando a esse tema não o fazemos com a intenção de aprofundá-lo, dado que muitas páginas já foram escritas, muitos debates travados, e nenhuma efetiva conclusão que nos diga “é isto” ou “é aquilo” alcançada. Mas quando afirmamos que esse dom, ou dádiva, coíbe ao ser humano escusar-se alegando “coube a outrem decidir por mim” queremos entre outras coisas dizer que há um momento definitivo na vida do homem: o momento em que ele aceita as conseqüências de suas escolhas. Pois até então, até um brevíssimo momento antes, cabe-lhe o direito de recuar, desfazer o caminho até então trilhado, como alguém que à beira de um penhasco, e resolvido a saltar, retrocede de seu propósito e conserva a vida; mas a partir daí a decisão tomada — o salto no abismo — implica nessa já forçosa, inevitável aceitação.

Camilo também passou por esse momento crucial, o que se deu na última noite em que dormiu sob o teto paterno.

Naquela noite a pequena Lídia agarrou-se ao irmão e chorou em seu ombro, sozinhos no quarto que fora dele, “então você nos abandona” disse em lágrimas, “irmãzinha” respondeu-lhe Camilo numa tentativa de consolá-lo, “você poderá ver-me quando quiser, eu estarei lá, e nem é tão longe assim. Além do mais, virei visitá-los”. Porém Lídia não se deixava convencer com facilidade e presumia, com acerto, que o irmão não os visitaria com freqüência, senão raramente, e se quisesse vê-lo — ela, uma menina de quinze anos — teria de ir a Pinheiros, já se afligindo por antecipação, pois sabia que enquanto fosse menor não teria consentimento dos pais para viajar sozinha, sendo certo que a mãe (ou o pai) só visitaria o filho em seu novo domicílio de raro em raro. O que Lídia, contudo, não podia imaginar era que pelos próximos três anos não veria o irmão, e foi ainda esperançosa de revê-lo em breve que voltou a abraçá-lo ao se despedirem pela manhã.

Porém ainda na véspera, à saída da irmã e ao se ver só em seu quarto, Camilo apagou a lâmpada e, recostando-se na cama, olhou através da vidraça e meditou. Impossível é seguir-lhe os pensamentos então, já que no dia seguinte sua vida tomaria um novo rumo passando — como não lhe seria difícil prever — por grandes transformações. Podemos dizer que esse novo rumo Camilo já o trilhava, mas enquanto se mantivesse sob o teto paterno, por injunção de seus deveres de filho, não o faria com ampla liberdade: digamos que por enquanto não era dono de si mesmo. “É, no entanto, chegado o tempo...” Distraído pelas idas e vindas de suas reflexões notou que havia luar, vez por outra encoberto por nuvens, e era possível ver no quintal o bracejamento das árvores sob a brisa noturna: sorriu-se ao lembrar as figuras que em sua infância compunha, recordando-se em particular daquela *criatura* que ele imaginara acercar-se da sua presa

aguardando numa espreita cautelosa o momento do salto, no qual seria infalível: ei-la de volta defronte a sua janela, a *criatura* — árvores, simples árvores velhas, os troncos enrugados marcados pelo tempo e os galhos cheios de líquens —, e se movia, ora mais perto, ora mais distante, negaceando, esperando... Camilo balançou a cabeça lembrando-se de sua imaginação fecunda e até certo ponto ingênua, vindo-lhe à mente também seus desenhos de menino no mais das vezes sem sentido e um tanto obscuros, talvez cheios de símbolos mas que ele próprio não discernia, e em seguida pensou na irmã e em como ela havia chorado em seu ombro na expectativa da separação; sentiu por ela então um imenso carinho, reconhecendo o grande afeto que a pequena sempre lhe demonstrara, e lamentou ter de magoá-la. “Porém às vezes é preciso que alguém sofra...” ocorreu-lhe, e então pensou que aquilo seria natural: sempre que se toma uma decisão, “quando precisamos avançar”, corre-se o risco de ferir alguém — e agora já não pensava especificamente na irmã —, “alguém sempre fica para trás e se perde de nós...” Mas isto seria necessário, perguntou-se, seria irremediável?

“Se for... se tiver de ser assim...”

(fora, a *criatura* movia-se cheia de ardis: sorrindo à lembrança da infância e de como com sua imaginação fecunda elaborava quimeras espreitando através da vidraça enquanto o sono não vinha, podia ele uma vez mais avistá-la sob a luz da Lua, o bracejamento das árvores ao vento da noite...)

“Se tiver de ser assim...” Camilo repetiu consigo mesmo enquanto, ainda com um arrepio pelo corpo, confundindo-se em seu pensamento — e sem que para isso encontrasse uma explicação — o rosto de sua irmãzinha Lídia e o de Karen, seu único amor, pensava na infeliz menina e em seu trágico destino.

“...que seja!”

Na manhã seguinte Camilo despediu-se de sua casa para sempre e ganhou o mundo.



Vamos agora dar um salto no tempo, e o faremos de maneira a reencontrar nosso herói não apenas instalado na propriedade da família nos arredores da pequena cidade de Pinheiros, mas com sua posição consolidada no cenário artístico nacional — posição essa tanto invejada e combatida quanto admirada, mas sobretudo definitiva —, em face do que verificamos que se transcorreram cerca de dezessete anos e estamos no ano de 1978: com mais exatidão vamos encontrá-lo em sua casa numa

noite tranqüila em meados de abril, aí pelas oito horas, na companhia de um pequeno grupo de amigos.

Camilo está com trinta e sete anos, fará trinta e oito daí a dois ou três meses, e embora não tenha sofrido grandes alterações físicas nota-se agora no seu rosto uma gravidade mais acentuada, tendo-se tornado freqüentes certas ausências nas quais abstrai-se do que se passa em sua volta e os olhos parecem contemplar coisas que ao comum dos homens não são concedidas; preservou nesses últimos anos a barba, que mantém sempre bem aparada; sua tez é agora mais morena, com marcas de expressão, e aproveitando-se da paisagem agreste há dias em que substitui os exercícios físicos matinais por longas caminhadas.

Reuniu à sua volta, durante esse tempo, alguns amigos com interesses mais ou menos próximos. Não que se tenha tornado mais sociável ou comunicativo, e o seu hábito de falar pouco não se alterou. O que aconteceu foi uma aproximação natural de pessoas que possuíam um interesse comum pela arte, pessoas essas que, residindo em Pinheiros ou ali aparecendo com certa freqüência para veraneio, consideraram muito oportuna a formação de uma pequena “sociedade” em redor de uma figura como Camilo Duarte, não se negando o artista a abrir-lhes a porta de sua casa. Assim, com o passar do tempo tornou-se costumeiro que uma noite por semana ali comparecessem pessoas diversas a fim de se entreterem, saraus nos quais ouvia-se música, recitavam-se versos, divertia-se com algum jogo de cartas ou de xadrez, tudo isso acompanhado de um vinho ou de algumas prosaicas cervejas que Camilo, conquanto jamais tocasse em álcool, incluía em sua lista de compras para atender ao gosto de seus visitantes. Ele não se aborrecia dessa “invasão” semanal à sua casa, mesmo porque não se poderiam chamar propriamente de invasão visitas que, não obstante a freqüência, ocorriam sempre em horário conveniente: os visitantes compareciam rotineiramente nos sábados à noite, quando sabiam que o artista encerrara suas atividades e que, portanto, não iriam incomodá-lo em seu trabalho. Além do mais, esse pequeno círculo de amigos, ou — como já nos referimos — essa “sociedade”, distraía-o de preocupar-se apenas com sua produção, preocupação que preferia reservar para o momento em que estivesse trabalhando, e por isso palestrava com os presentes da maneira mais afável, expondo suas idéias e, às vezes, seus projetos de forma concisa e compreensível. Sabia também ouvir com atenção quando alguém aduzia argumentos contrários ou se propunha a falar de suas próprias idéias, ou este se dispunha a ler o último poema que escrevera e aquele resolvia comentar algum dos quadros à mostra nas paredes...

Nessas reuniões Camilo cedia sua cozinha para que se preparassem alguns acepipes, alguém punha um disco na vitrola, uns iam sentar-se na pequena varanda para gozar a frescura da noite, outros ficavam ali mesmo

pela sala ou, com o consentimento do anfitrião, iam espiar em seu ateliê o que havia de novo — exceto aquilo que o pintor não pretendia mostrar antes de pronto, ou que ele preferia que permanecesse desconhecido do público (mesmo de um pequeno público como aquele), tendo nesses casos o cuidado de manter as peças veladas por um véu grosso e opaco ou guardadas numa repartição reservada de seu ateliê, que de ordinário mantinha trancada a chave.

Nessa noite de abril vemos ali alguns de seus *habitués*, que se espalhavam à vontade pelos cômodos com a intimidade de velhos amigos. Mas no momento em que entramos na casa — usemos desta figura, e nos imaginemos entrando na casa de Camilo — vamos encontrá-lo não na sala com os demais, porém no ateliê, sentado numa poltrona funda de espaldar alto e com os pés apoiados numa banquetta à sua frente, onde também está um rapaz de quando muito vinte anos que pedira para falar-lhe em particular. O rapaz, tendo-lhe exposto sua dificuldade, em outras palavras aquilo que o desassossegava, conclui enfatizando a influência que o artista pode exercer de forma que o “seu caso” tenha um desfecho favorável.

Camilo, antes de responder, parece meditar encarando o jovem com atenção, assumindo porém um ar meditativo. Por fim move a cabeça sem deixar de encará-lo:

— Talvez ele julgue que eu esteja me aproveitando justamente da consideração que me tem.

O rapaz morde os lábios, esfrega o rosto enquanto parece refletir.

— É possível — admite, mas retruca: — Por outro lado ele sabe que você não intercederia por alguém que não tivesse merecimento.

Camilo concorda por fim com um movimento de cabeça, baixando os olhos para as mãos cruzadas no colo. Em seguida põe-se de pé:

— Verei o que fazer no decorrer dos dias, mas não espere o impossível. Entenda que eu não posso fazer promessas num caso como esse.

Este breve diálogo vai nos servir de introdução a essa pequena “sociedade”, e começaremos falando desse moço de feições agradáveis, diremos mesmo bastante juvenis, que no momento em que nos aproximamos parecia pedir a Camilo que intercedesse em seu favor junto a alguém: trata-se do jovem Alencar, de uma família de comerciantes da cidade (o pai tinha um negócio, um misto de armarinho e papelaria, no centro de Pinheiros), que passara a freqüentar a casa de Camilo menos por interesse em artes e mais por trazer de olho já há algum tempo a menina Aurélia Prates, de quinze anos, que neste mesmo momento encontra-se na sala com o pai, Aureliano Prates, ambos muito atentos a uns versos que ali se declamavam. Em suma diremos que o jovem Alencar acabara de requerer a interseção de Camilo junto a Aureliano, na esperança de que este lhe permitisse aproximar-se da filha. Talvez nos pareça estranho que o rapaz não se

dirigisse direto à moça de seu interesse, e mais ainda que tal pedido fosse feito a Camilo, o que requer algumas explicações.

A família Prates era uma dessas decadentes famílias de província que, no estreito círculo de suas relações, se sobressaem mais por um nome de certa tradição e alguns vernizes de bom-gosto ou de cultura do que por uma situação econômica superior, sendo certo que nenhuma dessas características encontrava-se de todo ausente neste caso: a família Prates possuía, em outros tempos, grande fortuna tanto em terras vastas e férteis, quanto em dinheiro vivo e sonante, fortuna essa que, no entanto, com o passar das gerações acabou dilapidada ou por negligência, ou por incompetência em geri-la, ou mesmo por dissipação, de forma que, ao chegar nas mãos de seu último herdeiro, dela não restaria senão o tradicional casarão no centro de Pinheiros e umas rendas com as quais Aureliano e a filha viviam se não de todo apertados pelo menos muito distante das larguezas de gasto de seus antepassados; referimo-nos a Aureliano como “seu último herdeiro”, e de fato o era: dos três irmãos, um — o mais novo — estava morto (morrera de uma pneumonia, ainda jovem e poucas semanas antes de casar-se), e o outro — o do meio — partira (dera-se repentinamente: estavam à mesa quando o rapaz, que já completara vinte e cinco anos, disse que não teria futuro se continuasse em Pinheiros, por isso resolvera partir; o pai o olhou com gravidade mas nada respondeu, e uma semana depois viu o filho despedir-se da casa e não dar mais notícias).

Quanto a Aureliano Prates, o mais velho, casou-se aos trinta e dois anos com uma prima enfermeira que residia num município vizinho, filha de um outro ramo da família Prates, casamento esse que não se podia dizer nem de amor, pois Aureliano jamais amara a jovem; nem de interesse (a menos que tenha sido apenas de interesse familiar), pois esse outro ramo da família encontrava-se igualmente pobre. Essa prima — sempre pálida, sempre resumida pelos cantos com sua tossezinha rouca —, não resistiu ao primeiro parto, do qual nasceu Aurélia, e foi sepultada numa tarde de inverno gelada e branca de serração, enquanto na casa procurava-se por uma ama-de-leite para amamentar a criança. Se não havia mais dinheiro e quase nem mais membros, o que restaria aos Prates a não ser a lembrança de suas tradições? Pois decerto a seu nome não faltaria um certo brilho, já que constavam entre os antepassados um conde e dois ou três barões, um dos quais muito influente junto ao imperador Pedro II — dizia-se mesmo ter partilhado de suas ceias —, e conquanto muito tempo já se tivesse passado desde então, Aureliano Prates referia esses antepassados ilustres para não deixar cair no esquecimento a importância de sua linhagem. Acrescentemos por fim que, embora Aureliano não fosse um homem de cultura, orgulhava-se de apreciar as artes mostrando-se (ou pelo menos

fingindo-se) sensível diante de um quadro e muito atento ao ouvir um concerto, tendo mesmo viajado uma única vez, ainda solteiro, à Europa, quando então visitou os grandes museus. Quanto à jovem Aurélia, parecia urdir para ela planos de envergadura: a menina terminara no ano anterior o curso ginasial e agora, tendo ingressado no científico, mostrava-se estudiosa e disciplinada, e sem esconder sua pretensão de fazê-la “doutora”, teria em seus planos também um casamento que salvasse da ruína casa tão digna de suas tradições. Pai e filha, exceto pela companhia de duas negras que ali passavam o dia nas lides domésticas, retirando-se cada qual para sua casa à noite, viviam agora sós no casarão, pois com o outro ramo da família — aquele no qual Aureliano fora buscar esposa —, reduzido também a uma outra prima casada e bem mais velha (a qual segundo parece parira um filho e criara outro, adotivo, estando ambos já adultos e vivendo fora) e a um tio-avô idoso, com mais de oitenta anos; com esse outro ramo da família, portanto, o contato era apenas ocasional, visitando-se quando muito uma ou duas vezes ao ano.

Fazia algum tempo que Aureliano freqüentava a casa de Camilo, e para sermos mais exatos diremos que Aurélia era ainda uma garotinha de nove para dez anos quando, de uma exposição do artista no salão nobre da Câmara Municipal de Pinheiros, travaram relações: com um ar de entendido e tendo a filha pela mão, Aureliano Prates percorria os quadros apontando-os à garota e comentando, sem perder a oportunidade de, em momento propício, aproximar-se do artista e dar-lhe os parabéns. Com certa prudência para não cometer nenhuma gafe fez algumas observações elogiosas, de antemão reconhecendo-se pouco entendido porém grande apreciador de pintura, referiu por alto — para conceder-se alguma importância — sua ida ao Louvre e ao Prado, e com pouco mais visitou-lhe o ateliê, elogiou a propriedade “pequena mas cuidada com muito bom gosto”, e assim passou a integrar, juntamente com a filha, a já existente “sociedade” a que nos referimos. As relações entre Aureliano Prates e Camilo, mesmo mantendo-se sempre numa certa ordem de reserva — não só devido ao que já conhecemos acerca do temperamento deste, mas também à personalidade austera daquele —, acabaram por alcançar uma familiaridade que levou o artista, certa ocasião em que se encontravam apenas os três a palestrar na sala (ausente, nesse dia, o resto da “sociedade”), a levantar-se e, aproximando-se de Aurélia, que contava então treze anos, erguer-lhe o queixo com a ponta dos dedos e, após examinar-lhe o rosto por alguns segundos, propor fazer-lhe o retrato. Aurélia sorriu com encabulamento enquanto o pai fez um bico, respirou fundo e, com gravidade, passando a mão pelos lábios, “seria uma honra” disse, “sim senhor, porém... perdoe-me, Sr. Camilo, mas...”, fez uma pausa, hesitou um pouco e concluiu, “...ocorre que no momento não me encontro em condições de arcar com um custo desse

porte...”, ao que Camilo retrucou tratar-se de um oferecimento seu, portanto não iria cobrar pelo quadro.

— É um presente para a menina — disse. — Basta que o senhor consinta.

Aureliano limpou a garganta, “bem, neste caso...” disse, fungou com algum embaraço, “neste caso, seu Camilo, será uma honra! Está visto que consinto”. Se até então Aureliano Prates tinha Camilo apenas na conta de um grande artista e comparecia a alguns saraus em sua casa por uma questão de *status*, isto é, para que se soubesse fora dali que o antigo senhor, ainda que decaído em sua fortuna, preservara na finura dos gostos e das relações a tradição da família; a partir dessa data passou a considerá-lo íntimo e a dedicar-lhe verdadeira afeição. Se antes o visitara para estar com ele e entreter-se com alguma conversa interessante, fosse entre ambos apenas, fosse em grupo quando os demais estavam presentes; agora fazia questão também de recebê-lo, e para comemorar o retrato — que ainda nem fora iniciado — resolveu oferecer um jantar para o qual não convidaria apenas o artista, mas a todos os demais. Por fim Camilo iniciou o retrato de Aurélia: a menina passou a posar três vezes por semana, sempre pela manhã, no ateliê, presente o pai que, curioso, acompanhava o progresso do trabalho (tendo tido antes a polidez de perguntar se sua presença não seria incômoda, se de alguma forma não atrapalharia, ao que Camilo respondeu que ele estivesse à vontade). O retrato de Aurélia, um busto três quartos de frente em tamanho natural no qual a menina, com um vestido branco e leve, de mangas curtas, próprio para o verão, semivoltando o rosto olhava diretamente para o espectador, fora feito sobre um fundo neutro numa mistura de terras e um verde quase negro, em suavíssimos tons pastéis, a fim de sobressair e valorizar o belo rosto da adolescente. Os cabelos, lisos e de um castanho claro, apareciam um pouco em desalinho, o que lhe aumentava a graça, caindo em mechas sobre o peitilho rendado do vestido. A luz, entrando pela esquerda ia projetar sobre o fundo neutro a sombra da jovem, destacando-se os volumes de forma a parecer quase em relevo na tela, técnica de que Camilo se valia com grande perícia. Terminado o retrato, esteve exposto no ateliê durante uma das reuniões da “sociedade” em que todos os presentes se congratularam ora com o pintor, ora com a jovem modelo, saindo dali para ocupar lugar de honra numa parede principal do velho solar dos Prates, onde os visitantes se detinham para admirá-lo, espantados com o realismo da pintura, “que Aurélia parece até viva na tela, seu Aureliano!” exclamavam todos.

Voltemo-nos, contudo, uma vez mais para Alencar, pouco mais velho que Aurélia, cujo verdadeiro interesse, já havia algum tempo, era pela menina: aos dezesseis anos, idade com que interrompeu os estudos, já

atirava uns olhares cobiçosos para a garotinha de onze que via passar para o colégio todos os dias pela manhã, às vezes com a negra da casa, às vezes com o pai, vendo-a crescer e fazer-se adolescente e, depois, a mocinha de quinze anos que lhe enredara de vez o coração. Aurélia não lhe prestara atenção a não ser quando ele se atvera a declarar-se, pouco mais de um ano antes, apanhando-a sozinha certo dia à saída da escola, e conquanto a menina não lhe tenha dado qualquer esperança, também não se mostrou adversa à idéia de um namoro: se de momento o recusara foi por considerar-se muito nova e ainda não estar segura de seus sentimentos, o que lhe dissera sem rebuços, porém de forma tão amena que Alencar não se melindrou — a não ser pelo fato de não ter desde já o objeto de seus amores. Nasceu entre ambos não propriamente uma amizade, mas um “entendimento” que apesar das reservas tornara-se dia a dia mais cordial e próximo: cumprimentavam-se na rua, sorriam-se, e ela às vezes ia à papelaria comprar material escolar, fazendo questão de ser atendida pelo rapaz, momentos que aproveitavam para conversar um pouco. Quando Aurélia deu-se conta de ter por Alencar um interesse além da simples amizade? Diremos antes que a menina de catorze para quinze anos era só isso, uma jovem ainda na adolescência, e decerto não poderia saber com certeza o que queria, pelo menos se considerarmos a perspectiva de um longo futuro, mas ela se afeiçoara a Alencar, uma afeição delicada que faria com que por fim o aceitasse; tenha-se em mente que, aceitando-o, não se pode inferir que tal namoro tivesse caráter duradouro, o que desde logo ela faria questão de deixar claro para que ele não se iludisse; e também que, uma vez contrariada essa afeição — na hipótese de que o pai se opusesse —, não seria isso suficiente para fazê-la desesperar-se, sendo certo que se submeteria à vontade paterna com tranqüilidade e deixaria, como se diz, “as águas rolares”. Foi pouco tempo depois de ter-se-lhe declarado que Alencar, sabendo da freqüência dos Prates às reuniões no ateliê de Camilo, fez por onde ser admitido também naquela “sociedade” que até então mal conhecia e pouco lhe interessara, e para isso valeu-se de suas boas relações com um outro freqüentador, o poeta Afonso Ribeiro, de quem ainda falaremos: sem meias palavras pediu a Afonso que o levasse até lá, enfim que o “introduzisse”, desculpando-se com um sorriso embaraçado: “É que eu aprecio a arte, porém envergonho-me de ir só... afinal ele nem me conhece”.

Desde então o jovem freqüentou-lhe a casa, mostrando vivo interesse nas discussões acerca de pintura conquanto nada percebesse do assunto, e aproveitava esses encontros para aproximar-se de Aurélia e trocar com ela algumas palavras. Dissemos que a jovem já se sabia alvo das pretensões de Alencar, dissemos também que a certa altura ela passara a interessar-se — ainda que apenas ligeiramente — pelo rapaz; falta, no entanto, acrescentar que certa noite Aurélia, aproveitando-se de momentânea au-

sência do pai, que acompanhara Camilo até o ateliê, disse ao pretendente que o pai já começara a mostrar-se desconfiado de seu interesse e lhe havia proibido entrevistar-se com ele, “por eu ser muito nova” ela disse a título de explicação, “acho que ele teme por minha segurança”, embora não se pudesse atinar por que sua segurança estaria ameaçada com um simples namoro de adolescente.

— Porém, se ele consentisse, você...?

A menina deu de ombros.

— Não sei... pode ser que sim — disse, sorriu —, mas eu de fato sou muito nova. Vamos esperar... quem sabe no futuro...?

Por essa razão vimos Alencar solicitando a Camilo que intercedesse por si junto ao pai de Aurélia. Tinha ele confiança no êxito do amigo, uma vez que Aureliano nutria por Camilo um grande respeito e teria também, além da natural admiração pelo artista, uma espécie de dívida de amizade pelo retrato que lhe fizera da filha. Mesmo que Camilo não obtivesse de imediato o esperado consentimento, Alencar refletia, faria pelo menos que Aureliano Prates pensasse melhor e, com isso, quem sabe não chegaria a ter-lhe alguma simpatia?

Desse singelo namoro ainda diremos alguma coisa, mas por enquanto vamos deixar o ateliê e nos transportar para a sala onde, como o leitor deve estar lembrado, se declamavam uns versos.

Nessa noite, como de costume uma noite de sábado, a “sociedade” em peso se reunira para um animado sarau, estando ali os Prates pai e filha, o poeta Afonso Ribeiro, o músico Silvério Costa — devido a quem Camilo mandara trazer do Rio de Janeiro um piano de meia cauda —, além de duas amigas solteironas, já passadas dos quarenta e sobre as quais corriam “certas histórias”; uma dessas amigas (Antônia) era professora num colégio público em Pinheiros, onde lecionava Geografia; a outra (Otávia), dileitante em pintura, dizia contudo envergonhar-se de seus “quadrinhos” (assim se referia às suas produções), “principalmente na presença de um Camilo Duarte” acrescentava cheia de reservas. Estava ali também o jovem casal Cunha, Ernesto e Irene, casados havia pouco mais de um ano e residentes no Rio de Janeiro — de onde conheciam o pintor —; Ernesto e Irene tinham por hábito passar um ou, mais raramente, dois finais de semana por mês na propriedade da família em Pinheiros e, aí estando, não deixavam de visitar o ateliê. Além destes havia ainda uma senhora bastante jovem e viúva, de nome Júlia com seu filho de nove anos, Ângelo, um lindo menino de cabelos finos e negros, um pouco longos, dos quais a mãe cultivava com orgulho os cachos. De todos eles teremos qualquer coisa a dizer, ainda que não por ora; achamos, entretanto, por bem adiantar algumas informações sobre o poeta Afonso Ribeiro e o músico Silvério Costa, os dois membros mais antigos da “sociedade”.

Afonso Ribeiro, que nessa ocasião dizia versos seus, esforçava-se por disfarçar com seus sorrisos despreocupados uma grande frustração: que apesar da qualidade de sua poesia sempre fora rejeitado pelas editoras, e como sua idade de ouro — conforme sua definição, aquela que vai dos vinte e cinco aos quarenta e cinco anos — já tivesse passado, pois via com um secreto assombro a aproximação dos sessenta, que faria em breve, não tinha mais esperanças de sucesso. Depois de uma récita como a daquela noite, em que apresentara seus últimos poemas para o público seletivo da “sociedade”, sentia-se feliz com os elogios, com as críticas (a quarentona Otávia, por exemplo, dizia sem reboços que os versos não lhe haviam agradado por seu pessimismo e suas imagens aterrorizantes, “como essa de árvores com frutos amargos crescendo dos corpos enlaçados e raízes entrançando-se na caveira dos amantes”) e por ver-se cercado de atenções; mas ao se recolher ao seu quarto, no pequeno e humilde apartamento alugado nos fundos de um armazém no centro de Pinheiros, ao remexer seus papéis nas gavetas e deparar ali sua poesia esquecida do mundo, desconhecida do grande público, sentia como se sua vida se tivesse perdido: se a única coisa de real importância que havia feito não alcançasse a luz, ele teria passado em vão pela face da Terra — pois poderia ter esperanças de ser descoberto no futuro? Ainda que isso acontecesse (pois acontecia, “há casos na História” dizia consigo mesmo), que chances teria? Porque — dizia-se — se havia casos na História de artistas que meio século ou mais depois de mortos tinham sua obra descoberta e reconhecida, primeiro essa seria uma realização muito pouco satisfatória, já que não estaria mais ali para desfrutar de seu sucesso; e depois, para os poucos casos registrados, quantos não se haviam perdido de todo e para sempre?

Afonso por último resolvera pôr em ordem sua papelada e, dia a dia, findo o expediente no obscuro depósito de gêneros diversos da Prefeitura, onde passava oito horas diárias de segunda a sexta-feira catalogando e registrando a entrada e a saída bem como a origem e o destino de toda sorte de materiais que em seguida eram redistribuídos pelas inúmeras seções do serviço público, vinha retomando seus papéis, carcomidos, amarratados, diversos deles manchados e quase destruídos por uma goteira que ele não havia percebido em tempo de evitar que lhe encharcasse os rascunhos, e, munido de uma velha máquina de escrever e de duas ou três resmas de papel ofício, começou a datilografar tudo que havia escrito e fora registrado ou em cadernos de espiral ou em folhas avulsas, mas sempre a mão, e que incluía centenas de poemas e numerosos contos curtos.

Esse trabalho o distraía e ao mesmo tempo o alegrava, pois uma vez que tivesse tudo datilografado mandaria fazer cópias, preservando dessa forma os originais para o caso de que alguém — algum dia, depois que ele estivesse morto (pois, afinal não faria sessenta em breve?) —, remexendo

seus papéis (apesar do pessimismo, ocorria-lhe com certa freqüência esta romântica imagem), se desse conta de ter descoberto um tesouro e resolvesse publicá-lo.

Afonso fora o primeiro a aproximar-se de Camilo e a visitar-lhe o ateliê, há bem dizer uma dezena de anos, quando o pintor — ainda muito jovem — já se tornara um artista conceituado, embora — como já foi dito — não propriamente famoso, isto é, conhecido do grande público. Afonso vira os quadros de Camilo saírem de seu ateliê para exposições onde poderiam ser amados ou odiados, receber elogios ou críticas destrutivas, mas nunca ou quase nunca retornarem: pois fato era que Camilo “fazia barulho”, e sempre vendia o que expunha, sendo que nas últimas mostras seus preços haviam alcançado um nível muito acima da média do mercado nacional de arte. Afonso vira tudo isso e consigo mesmo (e nos empenhamos em enfatizar esse “consigo mesmo”, pois não era com inveja que o fazia e nunca de forma pública, além do que tinha pelo pintor uma sincera amizade) dizia que “alguns têm sorte, enquanto outros...”, entre esses outros incluindo-se não sem uma ponta de amargura. Também com a palavra “sorte” não pretendia desmerecer a obra do artista, de cujo valor nunca duvidara, e citava-se como exemplo de alguém sem sorte alguma: pois sua obra também tinha qualidades, mas nunca fora aceita por nenhum editor.

Nessa noite de sábado, todavia, com aquele pequeno público ouvindo-o com atenção, sentiu-se satisfeito pois tendo terminado sua récita foi aplaudido. Deixou-se cair numa poltrona e fez um gesto como a dizer “não foi nada”, enquanto os comentários se multiplicavam, os presentes interpellando-o acerca de suas idéias e pedindo “mais alguma coisinha, poeta, dos seus trabalhos mais antigos”. Foi nesse momento que a quarentona Otávia fez a devida ressalva, dizendo que apesar de tudo aquelas imagens sombrias a haviam incomodado, e justificava sua opinião: “Eu sou uma mulher comum, tenho um temperamento romântico e ao mesmo tempo tão singelo...” não deixando de olhar de forma significativa para a amiga Antônia (olhar que, percebido por alguns dos presentes — por exemplo, pelo conservador Aureliano, que apesar de integrar uma “sociedade” que por sua própria natureza deveria despir-se de certos preconceitos, mantinha-se conservador, justificando sua postura como exemplo a ser seguido pela filha adolescente —, ensinaria ainda mais os rumores que corriam acerca das duas mulheres). Tal opinião, porém, longe de desagradar a Afonso, envaidecia-o: pois se sua poesia tinha o poder de incomodar, pelo menos não se poderia dizer dela inócua.

O debate prolongou-se por alguns momentos em que vieram à baila Cruz e Souza e Baudelaire, pois embora Afonso Ribeiro escrevesse em versos brancos, seria inegável, segundo alguns, a influência desses dois clássicos. “Antes a de Fernando Pessoa” exclamou a quarentona Antônia

sem muita convicção, no que foi terminantemente contestada por Ernesto Cunha, que se dizia conhecedor de Pessoa (pelo menos garantia ter lido e relido toda sua poesia), não vendo portanto entre a poética deste e a de Afonso nenhum ponto em comum. Afonso tentou contrapor que não se sentia influenciado por ninguém, conquanto fosse um assíduo leitor de poesia, mas não lhe deram atenção já que todos estavam determinados a atribuir-lhe alguma influência, não chegando a nenhum consenso conquanto uma certa maioria firmasse pé em Baudelaire, afirmando tipicamente baudelairiana a imagem referida como aterradora pela quarentona Otávia (a árvore brotando dos corpos dos amantes e as raízes entrançando-se com suas caveiras), e prosseguiriam a discussão até sabe-se lá que horas (sem perceber que Camilo retornara do ateliê para a sala havia algum tempo, sentando-se num canto pouco iluminado e daí pondo-se a observar a cena com ar divertido) se alguém, batendo palmas, não pedisse música: as atenções então se voltaram para Silvério Costa, que de imediato se encaminhou para o piano, e todos se aquietaram.

Silvério, que fora apresentado por Afonso a Camilo algum tempo depois de sua primeira visita ao ateliê do pintor, tinha um grande domínio tanto dos clássicos quanto dos populares, mas não era capaz de compor “nem mesmo um único compasso”, como ele mesmo dizia em tom divertido quando lhe pediam que tocasse alguma coisa sua. Não era bem assim: verdade é que o pianista aventurava-se, sim, vez ou outra a compor um chorinho, às vezes uma valsa, raro em raro um rondó, mas somente peças ligeiras e sem maiores pretensões — como ele próprio parecia não tê-las: pois Silvério Costa, que tocava todos os dias “para não deixar que os dedos enferrujassem”, apesar de sua perícia nunca se preocupara a sério com uma carreira na música; aprendera a tocar “de ouvido” ainda na infância, vindo a aperfeiçoar-se pouco mais tarde, já na adolescência e por empenho dos pais, com aulas regulares de música com um maestro que, aposentando-se de sua carreira no Rio de Janeiro, mudara-se para o interior, onde passaria seus últimos anos; esse maestro percebeu no jovem um talento natural e dedicou-se a ensinar-lhe pensando que aquela seria uma excelente maneira de coroar sua carreira na música: descobrir e apresentar ao mundo um novo virtuose, mas quando anos mais tarde e já idoso veio a falecer, via por um lado com satisfação que o aluno soubera aproveitar tecnicamente seus ensinamentos, mas por outro com uma sensação de perda que ele não era suficientemente apaixonado para fazer-se grande: em outras palavras, tendo-se esforçado sempre por dar o melhor de si ao tocar, esforço nenhum despendeu a fim de lançar-se, e assim previu para ele horizontes que não iam muito além daquela pequena cidade interiorana. Podemos portanto afirmar que a música era para Silvério um divertimento, ainda que um divertimento sério, e se seu nome jamais ultrapas-

sasse as fronteiras de Pinheiros, isso não seria nenhum motivo de desgosto como era para Afonso que sua literatura não fosse publicada e reconhecida.

Em sua vida familiar, o músico tampouco teria qualquer coisa digna de registro: aos quarenta anos de idade era casado com uma mulher seis anos mais jovem de nome Dalva, com quem tivera há pouco seu primeiro filho. Dalva, dona de casa por excelência, não o acompanhava em seus passeios e por isso não fazia parte da “sociedade”, sabendo apenas tratar-se de um grupo de pessoas que tinham por hábito reunir-se vez por outra na casa “desse pintor famoso”, como dizia às vezes; além de não demonstrar grande interesse por arte, agora que lhe nascera o primeiro filho mais caseira se fizera. Ainda que nada percebesse de música, nunca deixava de espanar o pó do piano, tendo o cuidado de limpar as teclas com frequência para que tivessem sempre a aparência de novas, não escondendo o orgulho de ver o marido ensaiar todas as manhãs — pois Silvério fazia questão de manter-se em forma: tendo herdado do pai uma renda vitalícia, não percebia no entanto vencimentos expressivos e via-se na necessidade de complementá-los com apresentações em solenidades e casas noturnas, de forma que em Pinheiros e arredores era sempre convidado para tocar. Dalva não se opunha a que o marido freqüentasse o ateliê, pois, mulher de temperamento tranqüilo, não era afeita a ciúmadadas, sobretudo porque Silvério tampouco procederia de forma a justificar-lhe desconfianças: mesmo em solteiro não fora dado a pândegas, mas depois de casar-se tornou-se nesse sentido ainda mais reservado, de forma que suas saídas noturnas seriam apenas para visitar o ateliê de Camilo ou para atender aos compromissos musicais, raro em raro permanecendo na rua até mais tarde sem uma boa razão, e nunca embriagando-se.

Assim, o homem que se sentou ao piano, naquela noite de sábado em casa do pintor Camilo Duarte, para contribuir com a animação do sarau dir-se-ia um homem satisfeito com a própria vida — e o seria sem dúvida, não fosse um “incidente” do qual, no entanto, por ora não trataremos. Silvério tocou: durante quase uma hora exibiu-se mostrando de Chiquinha Gonzaga a Ernesto Nazaré e, ao fim, fez uma brincadeira: propôs que os presentes adivinhassem de quem seria a música que escolhera para finalizar seu breve recital, mas como ninguém acertasse revelou com uma risada alegre tratar-se de uma peça — uma despretentiosa valsinha — que compusera na véspera e apresentara ali em primeira mão, submetendo-a ao juízo de todos.

Mas davam horas... Sim, fazia-se tarde, disse alguém espiando o relógio de parede, pois logo seria meia-noite. Lembrando-se de que por ser sábado a cidade devia estar animada, propuseram um giro pelo centro, coisa que aliás não fugia ao costume: nas noites de sábado, a menos que o

tempo estivesse ruim ou não houvesse mesmo nada que levasse as pessoas à rua, após o sarau no ateliê de Camilo a “sociedade” dissolvia-se: todos se retiravam, alguns sós, alguns em grupo, à procura de algum divertimento pelo centro. Diga-se então que Pinheiros, apesar de ser uma cidade pequena, costumava animar-se nas noites de sexta-feira e sábado, mormente por ocasião das datas municipais, quando se promoviam festas que faziam encher a praça, festas essas animadas por banda de música, algum leilão de aves e outras miudezas a fim de angariar fundos para obras beneficentes da Igreja, etc. Não havendo nenhuma data especial, ainda assim os bares do centro forneciam atrativo suficiente para os menos exigentes; o largo, iluminado, enchia-se até tarde de crianças acompanhadas por seus pais, e mesmo às duas ou três da manhã ainda se podiam ver pessoas transitando por ali, algumas a caminho de casa, outras ainda “esticando” um pouco mais.

Dessa forma o ateliê esvaziou-se: o próprio Camilo, acompanhando Afonso e Júlia, que conduzia pela mão o pequeno Ângelo, saiu à rua para espairer.

Não foi, por certo, em vão que para nos reencontrarmos com Camilo após sua saída de casa tenhamos avançado tantos anos, porém para isso tivemos de omitir momentos importantes de sua vida até então. Neste salto através do tempo deparamos Camilo próximo dos trinta e oito anos, um homem já maduro e não mais o quase garoto de vinte que vimos deixar a casa paterna decidido a estabelecer-se no interior e firmar-se como artista. Acrescentemos que o reencontramos numa fase de sua carreira da qual não podemos ainda dizer culminante, pois o que seria culminante coincidiria com a realização de sua obra máxima, da qual ainda falaremos, coincidindo também com sua derrocada; digamos, porém, que ele passava por um momento não só de grande expressividade e intensa criação, tendo produzido até recentemente quadros que, como de costume, despertaram a ira da crítica e a alegria de seus admiradores; mas também crucial, pois a partir daquele ano de 1978 sua vida, e assim sua carreira, tomaria rumos decisivos. Também falaremos da pintura produzida por Camilo Duarte até esse ano e referiremos alguns poucos episódios que atraíram sobre si as “maldições dos invejosos”, como dizia com certa pilhéria o pianista Silvério Costa, que acompanhava com curiosidade o sucesso do amigo, procurando ler tudo que se escrevia a seu respeito nas publicações especializadas que tinha por hábito colecionar (Silvério teve até o cuidado de montar um volumoso álbum no qual ia recortando e colando tudo que se publicava sobre Camilo, prevendo que o amigo não só não se importaria com tal cuidado, como também que esse álbum acabaria por representar um importante instrumento de auxílio na pesquisa futura acerca do pintor).

Porém tudo isso deverá ficar para mais tarde, não nos parecendo conveniente protelar por mais tempo as referências acerca de sua mudança para a propriedade da família em Pinheiros e de seu conseqüente começo de carreira.

Temos, portanto, que Camilo instalou-se a seu gosto na propriedade de sua mãe. Tal propriedade era um pequeno sítio muito arborizado nas cercanias da cidade, distando do centro pouco mais de um quilômetro, onde se chegava por uma estrada não pavimentada e de pouco movimento. Saindo-se dessa estrada cruzava-se uma velha porteira, já bastante empenada pelas intempéries e não mais encaixando-se com precisão no batente; percorria-se um caminho largo, sinuoso, ladeado por árvores, que após uns trezentos metros abria-se numa esplanada: nesse ponto, num pequeno elevado, fora construída a casa e em volta um bastante espaçoso jardim.

A propriedade não era extensa, não mais de oito alqueires quase completamente recobertos de mata, onde viviam apenas os caseiros — marido e mulher — já de meia-idade, situando-se sua moradia num recôncavo, embora não muito distante, mas assim mesmo bastante isolada. Esses colonos, que aí haviam vivido desde a juventude, tinham como incumbência apenas circular pelo terreno mostrando-se presentes a algum casual intruso que pretendesse subtrair madeira das matas (o corte de árvores fora expressamente proibido pelos proprietários), manter as proximidades da casa principal, bem como o caminho de acesso, limpos e em ordem. Para sua manutenção, cultivavam modestas plantações e uma horta, criavam algumas galinhas para terem sempre ovos frescos e mantinham meia dúzia de cabras que forneciam crias e leite, sendo parte dessa produção negociada na feira de Pinheiros.

A casa principal era simples mas dela não tinha Camilo uma lembrança muito nítida, pois fazia seis ou sete anos desde a última vez que ali estivera, quando os tios de sua mãe ainda eram vivos: compunha-se de uma sala espaçosa, três quartos pequenos, uma cozinha de tamanho razoável, uma copa e um banheiro, além de um anexo bastante amplo nos fundos, dividido em duas repartições, repleto de trastes. Camilo não a encontrou muito bem conservada, pois podiam-se ver no forro de madeira do teto numerosas manchas de umidade que indicavam goteiras e infiltrações, além do que as paredes estavam descascadas por fora e, por dentro, sobre a pintura gasta viam-se manchas de sujeira. O terreno em volta parecia ter sido limpo há pouco, bem como o gramado, cuidados esses que atribuiu aos colonos, porém uma reforma no prédio a fim de torná-lo habitável requeria mão de obra especializada, que tratou de contratar logo no dia seguinte ao de sua chegada. Acrescente-se que tal reforma não implicou nem em gastos excessivos nem em muita demora, já que para eliminar as goteiras bastou trocarem-se algumas telhas quebradas, e a restauração da

pintura tanto das paredes quanto do teto ficou pronta em pouco mais de três semanas. Uma limpeza em regra também se fazia necessária, tarefa de que se ocupou o próprio Camilo tendo como ajudante a caseira Gertrudes, mulher vigorosa de seus cinquenta e seis anos, que se encantou ante a perspectiva de ver a casa de seus antigos patrões novamente habitada — conquanto não se recordasse bem do novo morador por tê-lo visto poucas vezes quando criança e uma única vez adolescente. Como os móveis, de madeira nobre, antigos e pesados, se encontrassem em bom estado, bastou esfregá-los com querosene e em seguida lustrá-los para readquirirem sua boa aparência. Lembrando-nos do anexo repleto de trastes que havia nos fundos, diremos que Camilo resolveu fazer dele seu ateliê, esvaziando-o desde logo e mandando para o lixo tudo que não tinha mais serventia, após o que transferiu para ali todo o material de trabalho que havia levado consigo.

Passado esse período de confusão que compreendeu as primeiras quatro ou cinco semanas, Camilo respirou fundo ao se ver sozinho e satisfatoriamente instalado numa casa confortável, limpa e com cheiro de tinta fresca. Não havia, então, por que protelar mais, e como todo o material de que tinha necessidade estivesse à mão, começou a trabalhar.

Parece-nos bastante claro, e nem seria necessário que fizéssemos tais observações, que a produção do artista nesses primeiros meses, conquanto já denotasse qualidade, caracterizava o pintor ainda em início de carreira: não que lhe faltasse personalidade, pois a pincelada firme, o cuidado com a composição, o desenho bem feito, a harmonia das cores — Camilo preferia os tons pastéis e a oposição entre cores vibrantes e tonalidades frias em que umas realçavam as outras —, a atenção com a riqueza de detalhes, tudo isso permaneceria constante — e tendendo tão só a acentuar-se — ao longo de sua carreira; carecia contudo, como é natural, de uma certa maturidade.

O leitor poderá estranhar tal observação acerca da produção dessa época, pois decerto terá em mente o quadro *A Virgem com o Menino*, pintura poderosa que, por si mesma, revelaria um artista maduro e no pleno domínio de sua arte. Há que se considerar, no entanto, que *A Virgem com o Menino* resultou de um momento único em sua vida, um conjunto de circunstâncias que por si sós foram suficientes para a criação de um trabalho brilhante e perturbador que requeria para sua realização apenas domínio técnico — o qual Camilo já possuía. No entanto, um conjunto de circunstâncias assim tão favoráveis nem sempre se apresenta, de forma que aquela primeira leva de pinturas — paisagens urbanas, casarios, tipos humanos colhidos nas ruas, interiores e exteriores noturnos, e ainda algumas naturezas mortas —, conquanto tenha agradado a alguns negociantes de quadros do Centro, que se decidiram a ficar com elas por um preço pouco

expressivo, compunha-se apenas dos ensaios de um artista sem dúvida promissor, mas que teria ainda um caminho extenso a percorrer.

Por essa razão foi dito que os trabalhos com que se ocupou naqueles primeiros meses em sua nova residência ainda careciam de maturidade, constituindo por assim dizer uma continuação da sua produção inicial. Verdade é que a vida em uma pequena cidade de interior despertou em Camilo a atenção para a paisagem rural em suas diversas nuances, levando para seus quadros os espaços amplos e claros que não haviam ainda sido explorados, e os temas rurais foram abordados com muita perícia e sensibilidade: crianças nas colheitas, o menino que conduzia o burrinho com os latões de leite para vender de porta em porta, o domesticador de cavalos, o lenhador, a lavadeira, a tapera abandonada invadida pelo matagal, e outros tantos, dos quais porém se podia dizer que preservavam a “intenção” de seus primeiros ensaios.

Quanto à *Virgem com o Menino*, único quadro de sua produção inicial (além daquele com que presenteara os pais) de que não se desfizera, uma vez instalado o artista no sítio da família a bela pintura não ficou exposta: foi cuidadosamente embrulhada e praticamente escondida em uma espécie de “compartimento secreto” que havia em seu ateliê, e assim permaneceria preservada dos olhares de todos pelos anos que se seguiram, aguardando o momento de “ressurgir”.

Não obstante, já para março do ano seguinte Camilo conseguira lugar numa coletiva importante — por envolver nomes consagrados — no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, onde apresentou doze telas, desde logo chamando atenção tanto dos colecionadores de arte quanto da crítica.

Aos colecionadores interessou a composição por si mesma, livre da idéia de “escolas”, e viram em Camilo mais do que apenas um jovem pintor talentoso; mas a crítica ateve-se às tendências da época, ressaltando que embora o novo artista já revelasse talento estaria, talvez, ingressando por um caminho não muito propício, pois parecia contrariar as correntes em voga. Foi por essa ocasião que fez a primeira de uma série de declarações contundentes que lhe marcariam a carreira: teria dito a um jornalista especializado no tema que pouco lhe importavam as “correntes em voga” e que sua pintura “não era roupa para acompanhar a moda”. Tudo se passou sem muito barulho; a declaração, que correu de boca em boca entre artistas, críticos e curadores, nem chegou a ser publicada, porém desagradou a alguns que a consideraram demasiado topete do novato, que com tal jactância corria o risco “de desaparecer para sempre” do universo das galerias. Podemos garantir que tal alusão não chegou aos ouvidos de Camilo, se bem que, chegando, talvez não arrancasse dele mais que um franzir de cenho e um sorriso.

Convém no entanto esclarecer que tal resposta decorria de um traço

característico de sua personalidade: lembremo-nos do seu comentário intempestivo, durante o serviço militar, acerca da punição impingida a um colega de farda, comentário que surpreendera não apenas por sua ousadia, mas principalmente por partir de alguém no mais das vezes reservado e pouco dado a discussões. Também no presente caso sua inesperada resposta nada tinha de jactancioso ou de mal intencionado: refletia tão só seu caráter, sua necessidade de expor com franqueza uma opinião, e ainda que nem sempre procedesse assim, fazendo-o seria dessa forma súbita e no mais das vezes acerba — porém, como foi dito, despida de arrogância ou de má intenção.

Um fato que pode parecer estranho é que para essa primeira mostra Camilo não convidou os seus. Diremos mesmo que nem sequer se lembrou de fazê-lo, tão absorvido se encontrava em seu trabalho, além de parecer divorciado de vez dos interesses familiares. Veremos no decorrer da narrativa que embora isso não fosse verdade — pelo menos Camilo não teria plena consciência das conseqüências de sua atitude, ou, em outras palavras, sua atitude não partia de uma premeditação —, seus contatos com a família a partir de então seriam raros e nem sempre agradáveis.

Nesse período Camilo teve de ausentar-se de casa várias vezes, uma das quais tendo coincidido com uma visita de sua mãe e de sua irmã Lídia, que apenas foram informadas pelos caseiros de que “o moço viajou, disse que ficaria fora o final de semana, talvez só volte lá pelo meio da semana que vem”. Lídia, que havia quase dois meses não via o irmão, sentiu-se decepcionada e triste, e de nada adiantaram as palavras da mãe para consolá-la, “filha, seu irmão é homem, e um homem é assim mesmo, tem seus compromissos, vai daqui prali, viaja sem dar satisfações a ninguém. Inda mais agora que vive sozinho”; ao retornar para casa tinha o coração apertado e lamentava ser mulher, ter menos de dezoito anos e pertencer a uma família de rígidos costumes, que não lhe permitiria viajar só enquanto fosse menor. “Se pelo menos houvesse um telefone na casa” lastimou-se reclinando-se no ombro da mãe enquanto o ônibus rodava na estrada poeirenta — pois era fato: na casa não havia telefone, e Camilo não fizera questão de mandar instalar um; misantropo, não chegara nem mesmo a cogitar nisso.

Uma segunda viagem de Lídia a Pinheiros, um mês depois e então na companhia de Diva, resultou da mesma forma frustrante, mas desta vez o caso foi mais sério, pois novamente não encontrando Camilo soube dos caseiros que “o moço não está, e parece que desta vez se demora”. Com efeito, Camilo demorar-se-ia dois anos: viajara para a Europa onde pretendia fixar-se por algum tempo e ver tudo que havia para ser visto nos grandes museus. “Chega de livros” teria dito consigo mesmo certo dia, atirando o volume sobre a Renascença que tinha nas mãos para cima de

um móvel, “é preciso ver essas coisas de perto”, e assim pensando partiu poucos dias depois recomendando à Gertrudes e ao marido que tomassem conta de tudo, abrissem a casa vez por outra para arejar e a mantivessem limpa, dizendo que ficaria fora um bom tempo, sem contudo dizer quanto nem para onde estava indo.

Uma viagem como essa, decidida de forma tão repentina, leva-nos a pensar que nada se opunha às deliberações de Camilo: necessitando de recursos para viajar, esses recursos lhe chegariam às mãos sem que fosse preciso procurá-los, pelo contrário, seria procurado por eles, ou, em outras palavras, foi procurado por um apreciador que adquirira três dos doze quadros expostos naquela primeira mostra. “Estou de partida para a Europa por dois anos” disse, “mas podemos assinar um contrato sobre a produção desse período. Desde, claro, que eu receba um adiantamento, digamos, a título de patrocínio”; obteve o patrocínio, cabia-lhe apenas querer partir, e ele quis. O mundo parecia um caminho aberto à sua frente — e conhecendo, como conhecemos, que Camilo não estava só em sua jornada, sabemos que esse caminho ele percorreria até o fim.

Camilo esteve, portanto, ausente por dois anos, e regressou não apenas com uma nova concepção a respeito da Arte e com uma idéia concreta acerca de sua própria criação, idéia adquirida por meio do contato com o Velho Mundo e que lhe consolidaria o processo de amadurecimento, mas trazendo também tudo aquilo que produzira nesse tempo, uma parte do que — como vimos — já comprometida. Desse regresso temos a relatar dois acontecimentos de naturezas distintas: um, a exposição individual que fez, para surpresa de todos, no começo daquele mesmo ano (março de 1964) na Galeria Vitória, uma das mais importantes de São Paulo, quando se deu, por assim dizer, o primeiro escândalo de sua carreira. O outro acontecimento foi seu reencontro com a família.

A exposição fora decidida tão só com três semanas de antecedência, estando o artista ainda em Paris e com os ajustes para a estréia sendo feitos por telefone, durante os quais a princípio Camilo não tratou com a direção da casa, sendo intermediado pelo patrocinador de sua viagem. Conquanto tal decisão pareça intempestiva, sua origem — por assim dizer — seria um pouco mais antiga, pelo menos de dez meses antes, quando Camilo remeteu um lote de quinze quadros para o Brasil aos cuidados de seu patrono, que os apresentou à direção da galeria, tendo sido recebidos, examinados e aprovados sem dificuldade. A direção, contudo, para inserir Camilo em data propícia e tão de inopino, viu-se obrigada a cancelar uma outra mostra com a qual já se comprometera desde o fim do ano anterior: a do pintor e escultor Afrânio Rocha Monteiro; esse cancelamento deu o que falar, não apenas por se tratar de uma evidente grosseria mas ainda mais por ser Rocha Monteiro um artista célebre, já idoso e de saúde bas-

tante frágil: aos oitenta e quatro anos e sofrendo de uma deficiência renal crônica, contava com a mostra de seus últimos trabalhos para despedir-se da arte e talvez da vida. O presidente da Galeria Vitória fora sempre um homem determinado, e como fosse também o dono do prédio onde funcionava a galeria, conquanto por questões de ética qualquer proposta devesse passar pelo exame e conseqüente aprovação dos demais membros da diretoria, tinha ele força de decisão, e ao decidir-se por Camilo Duarte não deu satisfações a ninguém: por meio de um telegrama lacônico, informou Rocha Monteiro de que sua exposição ficaria para o começo do ano seguinte, não se dispondo a maiores explicações nem interna nem externamente, e na data prevista quarenta telas desconcertantes enchiam, para deleite de alguns e irritação de outros mas não menor assombro de todos, as paredes da galeria superlotada de curiosos, entre os quais diversos nomes importantes da crítica nacional.

O que havia nessas telas de tão incômodo que, diante delas, parecia impossível permanecer indiferente?

Pode-se a princípio aludir a que Camilo fugia de maneira contumaz dos modismos da época, demonstrando um completo domínio do óleo: o trabalho minucioso com os pincéis, o traço seguro, a técnica apurada de um virtuose, tudo isso tornaria sua obra singular no contexto daquilo que se produzia então, quando as correntes modernas haviam conduzido as artes plásticas por outros caminhos cuja convergência tendia para a — como ficou conhecida — arte conceitual. Em Camilo Duarte nada havia de conceitual, pois o que o artista trazia a público naquela exposição eram pinturas feitas com o tradicional óleo sobre tela, valendo-se para tanto de uma técnica que uma olhada menos atenta poderia tachar de acadêmica. Tornase necessário, contudo, ressaltar que Camilo não seria o único a dominar o óleo daquela forma, outros artistas havendo que talvez atingissem requinte técnico similar; o que o distinguia, no entanto, dos demais era o sentido, por assim dizer, o cerne da pintura, um elemento indeterminado (e dizemos indeterminado porque se o fôssemos buscar não o encontraríamos, pelo menos não o poderíamos expressar de maneira clara e específica, para percebê-lo — e aqui cabe um certo jogo de retórica — devendo o espectador abstrair-se do mundo ao seu redor e submergir no “pântano traiçoeiro” que se abria aos seus sentidos); um elemento, portanto, indeterminado que fazia de um quadro de Camilo Duarte uma transcendência, enquanto as pinturas clássicas de outros artistas — os quais, conforme se sabe, sofriam severa discriminação por parte das novas correntes — não iam além da simples realidade de uma pintura realizada por um *expert*! Era essa, portanto, a diferença, e foi valendo-se dessa diferença inerente ao seu próprio espírito, ou seja, de sua compreensão particular do sentido da Arte, que Camilo apresentou naquela noite a um público pasmado quadros que

exprimiam tão só a corrupção da existência: figuras exuberantes de crianças que em sua infância já se vislumbrava a ruga da velhice e a cal da sepultura; homens e mulheres na pujança de sua juventude e beleza que, não obstante, não conseguiam disfarçar o mal que os corroía de dentro para fora, mal este que parecia aflorar a pele viva e sangüínea das faces rosadas, o brilho dos olhos esperançosos, o sorriso cuja cárie podia-se pressentir; nus femininos plenos de sensualidade e iluminados pela luz da tarde, ou por um candelabro noturno, ou pela claridade baça da manhã, corpos contudo apodrecidos pela sífilis, dos quais no olhar talvez se vislumbrasse o desvario e a demência, de forma que aquela peça sobre a cama ou no espaldar de uma cadeira não seria uma camisa, um xale ou um *peignoir*, mas tão só a representação de uma mortalha; paisagens ferais que lembrariam Ruisdael, ou bucólicas como algumas de Lorrain, que no entanto mais que todas traziam em si o gérmen da destruição: a fruta que apodrece, as folhas secas que inesperadamente ocupam o primeiro plano e entre as quais passeiam os insetos que sobrevivem do apodrecimento das coisas, o animal morto e devorado pelos vermes meio oculto pela folhagem, pois, se é possível ou cabível afirmar que havia alguma coisa que Camilo não saberia retratar com seus pincéis, essa coisa seriam a vida e a esperança, transcendendo-as sempre para o fim de uma (a morte) e a conseqüência da outra (a desilusão). Mas estariam pelo menos implícitas nas pinturas essas impressões ditadas não tanto pelo olhar mas principalmente pelo sentimento?, há de perguntar o leitor, por certo até com alguma justificável incredulidade. E então ver-nos-emos inclinados a uma resposta dúbia, digamos, um “sim e não”: *não*, porque não seria possível ater-se a um detalhe ou a um conjunto de detalhes em particular do qual se pudesse dizer “é isso que nos propicia essa sensação”, e *sim* porque, não obstante tal indefinição, a impressão estava ali, e então melhor nos expressaríamos — ainda que de uma forma até certo ponto alegórica — se disséssemos que ela nos sobrevinha como um grito, um grito impreciso e longínquo de pavor, a brotar não da tela mas do fundo de cada um de nós.

Não pretendemos aqui aventar uma hipótese acerca da origem de tal criação, embora nos ocorra que sua verdadeira natureza não provinha apenas do temperamento e das preferências estéticas do artista, mas seria ditada em seu subconsciente por alguma inteligência obscura e nefasta — pensamento a que não obstante somos forçosamente conduzidos em decorrência do que já sabemos desde o começo desta narrativa —; no entanto parece-nos fora de dúvida que nessa mostra já se vislumbraria em gérmen o conteúdo de sua obra máxima, aquela com a qual o veremos finalizar sua carreira.

Se o intempestivo cancelamento de um artista importante em favor de um novato que trazia em seu currículo apenas uma participação em coleti-

va três anos antes no Rio de Janeiro e uma temporada na Europa levantou o clamor de alguns, um outro fato fez esquentar esses murmúrios: na mesma noite da estréia, Camilo, à exceção daqueles que comprometera com seu patrono de dois anos atrás, vendeu todos os quadros expostos e a preços bastante salgados. Tal feito despertou a atenção dos presentes, sobretudo porque os preços pedidos e pagos só eram alcançados, e mesmo assim muito raramente, por pintores cujo nome no meio artístico não permitia qualquer dúvida: seja dito, enfim, que naquela estréia Camilo vendeu, no Brasil, a preços compatíveis com os círculos de arte europeus. A alguns tal fato apenas pareceu surpreendente, mas a outros causou indignação, havendo mesmo quem houvesse considerado absurdo que “num país de ignorantes e famintos a miséria do povo fosse enxovalhada com a aquisição, pela burguesia e por preços tão absurdos, de simples pedaços de pano com um pouco de tinta espalhada em sua superfície”. Sabemos que um argumento dessa natureza resulta da indignação e do despeito, e ainda que não se possa dizer que seja de todo desprovido de fundamento, temos que não é dessa maneira que se discute o valor de uma obra de arte. Veremos a seguir que conseqüências resultaram da indignação que gerou tais comentários.

Nesse ano completava-se uma década desde o famoso Salão Branco e Preto, como ficou conhecido, quando diversos artistas, liderados por nomes de expressão como Iberê Camargo, Oswaldo Goeldi (falecido havia três anos), o próprio Rocha Monteiro e outros, em decorrência da má qualidade da tinta produzida no Brasil e dos altos preços das tintas estrangeiras, expuseram apenas pinturas em preto-e-branco.

Ao entrevistar Camilo naquela noite, o editor da conhecida revista Vid&Artes — impressionado não apenas com os quadros mas também com o fato de um pintor ainda novo e pouco conhecido alcançar tal sucesso — referiu esse famoso salão, intencionalmente, diga-se de passagem, por ser conhecido de todos que o preterido Rocha Monteiro tivera nele destacada participação; e quis saber como “o jovem artista avaliava as conseqüências do protesto de dez anos atrás”, perguntando ainda sua opinião sobre a tinta nacional. Camilo respondeu primeiro que ouvira falar no Salão Branco e Preto apenas por alto, já que em 54 não passava de um garoto que apenas fazia desenhos a lápis e a bico-de-pena; que no entanto tal movimento, conquanto relevante como atitude de protesto, para ele pessoalmente não tivera qualquer repercussão já que nunca lhe haviam faltado recursos para obter tintas estrangeiras de primeira qualidade, de modo que em nada lhe afetava o fato de a tinta nacional ser boa ou má, “coisa de que, aliás, eu não faço a menor idéia” e arrematou com uma pergunta ingênua, “mas e mesmo ruim a tinta nacional?”. Embora seu tom de voz e a expressão de seu rosto, ao proferir tais declarações, não denotas-

sem qualquer empáfia, essas frases foram ouvidas por todos os presentes, atentos ao que dizia, e conquanto alguns o aplaudissem (“Isso é que é” exclamaram alguns, “pode até ter topete, mas é brilhante e pode dar-se ares” justificaram-no outros) houve aqueles que se ressentiram e passaram, tacitamente, a formar uma “linha de frente” contra ele.

Na manhã seguinte dois ou três jornais traziam de forma discreta algumas notas a respeito da exposição, um deles publicou uma fotografia de Camilo ao lado de uma de suas telas; alguns críticos — ainda que azedos com as impertinências e com o sucesso de vendas do pintor — portaram-se com equilíbrio, e se não houve “rasgados elogios”, tampouco pensaram em crucificá-lo; em suma: conseguiram aliar a desaprovação de alguns pontos à aprovação de outros de forma que se o resultado final não enalteceu a mostra, também não a desmereceu.

...Exceto por um caso: o crítico Maximiliano Ferraz, não na manhã seguinte, mas dois dias depois, no Caderno de Domingo do Diário de São Paulo, escreveu tudo que pensava acerca da obra de Camilo Duarte, de suas declarações e tudo mais num longo e cáustico — se não ofensivo — artigo, com chamada na primeira página, artigo que mais virulento pareceu por ser o Diário de São Paulo um dos mais lidos do país, com larga circulação entre a intelectualidade de diversos estados.

Voltaremos a falar desse artigo e de suas conseqüências, e transcreveremos mesmo alguns trechos mais relevantes. Porém agora convém que acompanhemos Camilo em seu reencontro com a família — pois é certo que na manhã que se seguiu à sua estréia viajou cedo para o Rio de Janeiro, e perto das duas da tarde foi bater à porta de seus pais.

Vale referir neste ponto que Camilo, ao viajar e deixar a casa de Pinheiros sob os cuidados da Gertrudes e do marido, partia como que “em segredo”, isto é, sem dizer seu destino e seu tempo de demora — o que, aliás, já foi mencionado; porém, cerca de oito meses mais tarde achou conveniente informar a família de seu paradeiro, e numa carta pouco minuciosa falou de sua viagem, de como se havia instalado em Paris, de suas visitas a diversas escolas de arte, bem como de seu “périplo” por alguns dos principais museus da Europa. Falou de sua produção no período, “estou trabalhando intensamente” disse em um trecho da carta, “quase não tenho tempo para comer” acrescentou, referindo ainda — mas sem entrar em maiores detalhes — seu compromisso com o patrocinador de sua viagem. Concluiu dizendo que não tinha previsão de seu regresso ao Brasil, “talvez no ano que vem” escreveu, mas sem mencionar uma data. Essa carta foi única, subseguindo-se um silêncio que chegou a alarmar sua casa, especialmente porque duas ou três missivas enviadas pelos seus nos meses seguintes para o endereço fornecido permaneceram sem resposta. Até aquela tarde, no dia seguinte ao seu regresso.

Bateu, pois, à porta, e veio atender a pequena Lúdia — e se ainda a tratamos de “pequena” é tão só por ser a caçula, pois se convertera numa linda jovem magra e alta de dezoito anos —; veio portanto atender à porta Lúdia que, ao vê-lo, abriu muito os olhos, a princípio não acreditando ser verdade que tinha diante de si o irmão bem-amado a quem não via há três anos; em seguida seus olhos se encheram de lágrimas e a menina foi tomada de uma fraqueza que fez suas pernas afrouxarem. Para não cair apoiou-se em Camilo sem nada dizer, que a reteve junto de si, apertou-a contra seu corpo enquanto a irmã pousando a cabeça em seu ombro, em silêncio e por uns breves momentos, chorou.

Mas no instante seguinte veio de dentro a mãe...

— Filha, quem era?

...e da mesma forma abriu os olhos e a boca numa exclamação muda, para, no instante seguinte, voltar-se para dentro...

— Arthur! Arthur! É Camilo! Nosso filho está aqui!

...e em seguida correr também a abraçá-lo. O pai, que nesse momento em seu gabinete fazia alguns lançamentos em livro referentes ao movimento diário do armazém, ouviu o nome do filho e soergueu a cabeça...

Agora estavam todos à mesa. Não houve recriminações por sua longa e inexplicada ausência: Arthur apenas referiu, por alto, as preocupações decorrentes de não terem notícias durante tanto tempo; a mãe serviu ao filho café com leite “como nos bons tempos”, disse, enquanto Lúdia mal conseguia comer uma brevidade, o tempo todo ocupada em olhar o irmão, admirar-lhe os traços, procurar neles as modificações que o tempo teria imposto — conquanto lhe parecesse que daqueles três anos bem poucas modificações se poderiam perceber em suas feições.

Súbito entrou na sala o velho Lucas, que deixara o armazém com o segundo caixeiro apenas por um momento: sabendo da chegada “do menino Camilo eu não poderia deixar de vir cumprimentá-lo”. Camilo ergueu-se e apertou a mão do velho demonstrando viva satisfação em revê-lo, chegando mesmo a comentar que lhe parecia até mais jovem, ao que Lucas franziu o rosto e baixou a cabeça por um momento, “é bondade do menino” disse, “que eu estou velho, ah!, isso estou... porém é o tempo, e é para todos”. Arthur ofereceu-lhe uma xícara de café, que Lucas recusou dizendo contudo que viria para jantar, se não fosse muito intrometimento “justo hoje, que o menino está de volta”, e antes de retirar-se ficou garantido seu lugar à mesa.

Porém o café chegava ao fim.

— Então — disse o pai afastando a xícara —, Europa, hein? — e limpou a garganta. — Sim senhor! — acrescentou a título de comentário.

— Estive tão preocupada, filho — disse a mãe, demonstrando por fim suas apreensões. — Não lhe tem faltado nada?

Diva, acompanhada pelo noivo, chegou quando todos se levantavam da mesa. Lídia retirou-se e foi gozar sua ventura no quarto do irmão, onde resolveu esperar por ele para terem ali, em recolhimento, alguns momentos a sós, enquanto Camilo era apresentado ao pretendente da irmã mais velha, apertando-lhe a mão com alguma indiferença que, no entanto, procurou disfarçar por meio de um sorriso fugidio. Diva, que após o rompimento de seu primeiro noivado, tardara algum tempo até comprometer-se outra vez, passara por alguns desencontros ao se interessar sucessivamente por três rapazes, um dos quais não pertencente ao quadro de membros da igreja, sendo contudo rejeitada pelos três. Tais decepções tornaram-na mais cautelosa, mas há um ano conhecera Haroldo, cristão protestante de outra denominação, homem já passado dos quarenta e com alguns grisalhos no cabelo, bigodes encorpados e negros (talvez tingidos), de poucos sorrisos e temperamento bastante seco que, no entanto, parecia ter por ela uma sincera afeição. Casar-se-iam dentro de duas semanas, “e você chegou em tempo, maninho” disse a noiva, “se demorasse um pouco mais, ao voltar já me encontraria casada”. Em seguida sentaram-se na sala para um dedo de conversa, Diva quis saber das novidades, que Camilo referiu em poucas palavras, ressaltando apenas que estivera fora para estudar e trabalhar, mas que agora voltaria a instalar-se em Pinheiros onde se dedicaria a pintar em tempo integral. Haroldo declarou não entender de pintura, e referiu que seu ramo de negócio era a farmácia: formara-se farmacêutico mas preferira negociar a passar os dias trancado em um laboratório, e dessa forma despachava no balcão de seu estabelecimento. Fez tais revelações com o mínimo de palavras possível enquanto a noiva, efusiva, voltando-se ora para ele, ora para o irmão, fazia o elogio deste mesmo sem conhecer sua produção atual — e perguntou a Camilo se poderiam, ela e o noivo, visitar o ateliê “qualquer dia desses”, ao que Camilo anuiu com certa indiferença e um vago movimento de mãos.

Porém não poderiam demorar-se mais: Diva lembrou-se de que passara em casa apenas para mudar de roupa, pois deveria acompanhar o noivo numas visitas ainda naquele final de tarde, e Camilo apertou outra vez a mão de seu futuro cunhado, mas agora tão só com uma breve inclinação de cabeça, retirando-se de imediato para seu quarto, onde foi encontrar Lídia, que o esperava sentada em sua antiga escrivaninha. Ao entrar, ela se levantou e caminhou para ele:

— Estava me lembrando daqueles tempos — disse —, sabe?, lembrava-me de quando era só uma garotinha... e quando você saía para a escola eu vinha para cá... para me sentir perto de você... — sorriu. — Estar perto de suas coisas era como estar perto de você.

Camilo tomou o rosto da irmã entre suas mãos e olhou-a dentro dos olhos. Sorriu-lhe, beijou-lhe a testa e foi sentar-se em sua cama.

— As coisas continuam como antes — comentou.

— Você fica hoje conosco, não fica?

Camilo tomou-lhe a mão e puxou-a para sentar-se ao seu lado. Moveu a cabeça, “fico, só viajo amanhã”.

E foi só na manhã seguinte, momentos antes de partir, que Camilo procurou o pai em seu gabinete. Arthur fazia anotações nos livros do armazém, mas levantou-se para receber o filho.

— Então! Volta hoje para Pinheiros?

— Sim, pai, daqui a pouco. Porém...

— Alguma dificuldade? — o pai perguntou.

— Não... não comigo. Porém, Diva...

— Diva? — e Arthur franziu o cenho. — O que tem Diva?

— Diva não deve casar-se, meu pai, não com esse homem.

Arthur, surpreso, permaneceu sem resposta por alguns momentos, encarando o filho. Por fim, disse:

— Por que, Camilo? O que é que há, afinal?... Por acaso você conhece esse rapaz, o Haroldo?

Camilo fez que não com a cabeça.

— Então eu não entendo...

— Eu tampouco... só o que sei é que ela será infeliz.

— Infeliz...

— Desgraçada... na verdade.

Arthur teve um estremecimento. Baixou os olhos para o livro no qual fazia os registros de seu comércio e considerou por alguns instantes o que acabara de ouvir.

— Camilo — disse em seguida, levantando os olhos para o filho —, afinal, o que há? O que é que você sabe?

— Eu não sei de nada, meu pai.

— E por que diz isso?...

Camilo não respondeu. Continuou olhando diretamente para o pai sem nada acrescentar.

— Filho — disse Arthur —, ouça... Uma vez isso já aconteceu... por sua causa... Você por certo se lembra... Sua irmã... Diva... ela gostava daquele rapaz, mas depois do que você disse ela não conseguiu mais nem mesmo olhar para ele... e deu no que deu... o rompimento e tudo mais... você esteve fora, ausente por três anos e não sabe como tem sido... aquele rapaz se casou com outra moça e formam uma excelente família... mas ela... sua irmã... passou por decepções... sofreu... sua mãe a surpreendeu chorando pelos cantos... Mas agora está feliz outra vez... muito feliz, afeiçoou-se a Haroldo, ama-o... Não sei o que o leva a ter tais idéias... com certeza são apenas intuições, mas por favor não lhe diga nada... não contribua para que ela sofra outra decepção...

— Mas e se ela sofrer assim mesmo?

— Não, não sofrerá... com a graça de Deus, não sofrerá!... Por favor, filho, não lhe diga nada.

Camilo baixou os olhos, moveu vagarosamente a cabeça. “Não direi” murmurou, “desculpe, papai”, e, levantando-se, deixou o gabinete.

De volta a Pinheiros, a vida de Camilo retomou seu curso natural.

Duas semanas mais tarde, porém, assistiu a contragosto ao casamento da irmã, celebrado — apesar de Haroldo pertencer a outra congregação — na mesma igreja pentecostal de L... pelo primeiro presbítero, o mais antigo da comunidade, já que ao pai da noiva cabia nessa ocasião um papel especial: o de conduzir a filha até o altar e entregá-la àquele a quem de ora em diante pertenceria. Assistiu, portanto, Camilo à cerimônia, e ao deixar a igreja pelo braço da irmã mais nova levava a certeza de que tal casamento seria um desastre, porém nada comentou. Dando preferência à companhia de Lídia, com quem permaneceu a maior parte do tempo, não pensou mais no assunto e participou sem grande entusiasmo dos festejos, conservando-se o mais das vezes alheio à multidão.

Uns poucos fatos de ordem familiar restam ainda com que nos ocupar: por exemplo a primeira visita de Lídia ao irmão, agora que ela, sendo maior de idade, recebera licença dos pais para viajar sozinha; e depois, voltando nossa atenção para o casamento de Diva, confirmar se Camilo tinha razão em seu pessimismo. Tudo isso, porém, será relatado mais tarde, seguindo o desenrolar natural da história: por ora diremos que nos anos seguintes a seu regresso do estrangeiro Camilo permaneceria recolhido em seu ateliê, saindo apenas para fazer caminhadas pelos arredores ou para pequenos passeios pelo centro de Pinheiros. Em apenas duas ocasiões ausentou-se: a primeira delas — como vimos — para assistir ao casamento da irmã, quando então esteve fora por apenas um final de semana; a segunda, uma viagem de uns poucos dias ligada às conseqüências do já aludido artigo de Maximiliano Ferraz no Diário de São Paulo.

Vamos, portanto, aos fatos.

Maximiliano atingira, aos cinqüenta e sete anos de idade, um *status* alcançado por poucos: profundo conhecedor de arte, não limitara suas investigações, na juventude, apenas ao ensino acadêmico, mas dispondo de recursos — já que provinha de família abastada — passou parte de sua vida viajando; não se contentou na juventude em conhecer apenas museus, pois tinha para si que nesses “templos da Arte” encontraria — como de resto encontrou — somente aquilo que se consagrara, e guiando-se por tal orientação avançou além: quis ver *in loco* o que produziam os artistas desconhecidos, e conheceu a miséria dos tugúrios de onde pintores famintos jamais saíam para a luz e o *glamour* das galerias; procurou a loucura, e

foi encontrar nos manicômios aqueles que, excluídos do mundo, ainda assim encontravam no caminho das cores uma espécie de libertação; também a arte dos povos aborígenes de várias partes do mundo despertou-lhe interesse, e de todas essas aventuras acabou reunindo um vasto acervo que, com orgulho, exhibia aos visitantes detalhando as circunstâncias de aquisição de cada peça. Cedo começou a fazer crítica para uma revista de generalidades que pretendia incluir uma página sobre pintura, mas a argúcia de suas observações e a precisão de suas abordagens, bem como sua tendência natural para celeumas e controvérsias, chamaram sobre si a atenção de outras publicações e fez com que seu nome se tornasse conhecido e respeitado: sua visão certa para aquilo que se poderia considerar promissor propiciou, por assim dizer por meio “de suas mãos”, a uma plêiade de novos artistas despontar com sucesso nesse meio tido como hermético e reservado a uns poucos privilegiados, e assim, em qualquer exposição sua presença era esperada com ansiedade e ao mesmo tempo, no caso de artistas em início de carreira, com viva apreensão pois Maximiliano entrava no recinto e o percorria em silêncio, limitando-se a deter-se alguns momentos diante de cada quadro, inútil aproximar-se dele então para arrancar-lhe um parecer: tudo que tivesse a dizer di-lo-ia em sua coluna no Caderno de Domingo; tampouco deixaria transparecer suas impressões por meio de algum gesto ou expressão facial, e assim sendo era necessário aguardar pelo domingo seguinte: uma crítica favorável tinha força para alçar o artista no caminho da consagração; o silêncio não seria suficiente para aniquilá-lo, porém se Maximiliano se mostrasse desfavorável e o dissesse sem meias palavras, mesmo de forma desapassionada — como tinha por hábito manifestar-se —, restaria assinada a sentença de morte para o noviço, que não encontraria mais portas abertas, provavelmente ninguém compraria seus quadros e tudo que lhe restaria — a esse pobre artista rejeitado pela sumidade da crítica — seria tão somente o ostracismo e as calçadas do centro da cidade, onde enfileiraria seus quadros ao longo das paredes à espera de que algum transeunte parasse, olhasse e perguntasse o preço.

Havia contudo um outro traço muito peculiar de sua personalidade: o de “provocar barulho” através de alguma opinião extravagante. Para compreender isso temos de ter em mente que o festejado crítico tornara-se não *uma* autoridade mas *a* autoridade em seu mister, e em seu meio aqueles poucos com suficiente competência para discordar dele — dos quais se poderia dizer rivais (não propriamente inimigos conquanto inimizados houvesse, mas rivais, palavra que melhor se aplica ao caso) sempre prontos a divergir e combater — não tinham a mesma força, isto é, não seriam levados tão em conta, de maneira que no somatório final das opiniões e contra-opiniões prevaleceria, por assim dizer, a de Maximiliano.

Este traço peculiar em sua trajetória de crítico de arte, Maximiliano veio a adquiri-lo com o tempo através de uma estratégia não intencional ou planejada mas da qual lançou mão quando se apercebeu desse recurso: um pequeno mas expressivo grupo de “acólitos” formou-se ao seu redor, mostrando-se sempre dispostos a subscrever suas afirmações, apoiando-o ainda que pelo menos em parte, e na parte de principal interesse. Assim, nas confusões provocadas ele restaria no centro das atenções, mas no mais inflamado das discussões eclipsar-se-ia deixando a todos pasmos pelo fato de que o provocador de toda a controvérsia afastava-se do “campo de batalha” recusando-se a partir daí a qualquer nova manifestação. Mas a que tipo de “barulho”, ou, em outras palavras, de celeuma estamos nos referindo? Digamos que esse homem notável vez por outra parecia enganar-se, conquanto “enganar-se” talvez fosse apenas um ardil para provocar uma sacudidela e, de carona, chamar atenção sobre si mesmo, pois verdade é que a vaidade seria uma outra característica de sua controversa personalidade. Assim, por “enganar-se” queremos dizer que Maximiliano Ferraz mostrava-se às vezes favorável a algum troca-tintas, sendo também capaz de tachar de ruim uma boa estréia, em ambos os casos fazendo inflamar-se os ânimos. Essas provocações, não freqüentes para que ele próprio não caísse em descrédito, conquanto as tenha iniciado em uma época na qual sua celebridade já estaria firmada, tinham o poder de torná-lo alvo de algumas críticas ferrenhas e mesmo de alguns ódios que, não obstante, permaneceriam calados.

Decorrente disto, estaria ainda bastante fresca na lembrança dos mais próximos um fato ocorrido seis ou sete anos antes, quando debutara no Rio de Janeiro um certo Cleto de Souza com suas esculturas em barro, que obtivera de Maximiliano uma nota elogiosa para uma revista daquela cidade, é certo que uma nota bastante breve e no estilo moderado de costume, a qual contudo tinha força por si mesma. Ninguém compreendeu muito bem o sucedido apesar dos antecedentes de Maximiliano, e se o público não especializado poderia considerar-se equivocado em seu julgamento — muitos já prontos para rever sua opinião —, entre os peritos não houve dúvida: aquele seria um caso em que a mediocridade daria o que falar, pois de que maneira alguém como Maximiliano Ferraz poderia mostrar-se complacente diante “daquele barro amassado”, conforme a enfática expressão de alguns? O que não ficou imediatamente claro é que tal expressão enfática partira de um ou outro integrante do grupo de “acólitos” do famoso crítico, fazendo-lhes eco algumas das vozes de fato opostas.

Maximiliano, tendo escrito seu elogio, com o qual tão logo “fez barulho”, calou-se e no meio da confusão viajou; por alguns meses ninguém soube dele: é certo que vagueou pela Europa, esticou até o velho Oriente,

esteve na Nova Zelândia, e aonde fosse prosseguia com seu costume de colecionar *souvenirs*. Se, como dissemos, sua aprovação seria suficiente para alçar um artista, no presente caso seu silêncio em face do escândalo provocado teve o efeito contrário: ao fim de algum tempo “acólitos” e opositores, e mesmo aqueles que se mantinham neutros, teriam concluído que tal opinião seria “apenas uma questão de gosto”, e assim depois de muito falatório o caso acabou esquecido juntamente com o “barro amassado” do tal escultor, pois o certo é que Cleto de Souza, ao final dos trinta dias previstos para a duração de sua mostra, recolheu suas peças e desapareceu. Podemos adiantar sobre esse episódio, sem entrar em considerações acerca da qualidade da obra, que tudo não passou de uma armadilha muito bem urdida por Maximiliano, que, a dizer a verdade, simplesmente considerara o dito “barro amassado” não mais que isso, um “barro amassado e muito mal amassado”. Maximiliano tinha um gosto perverso por similares *imbróglis*, e dessa vez agiu com bastante requinte: a estratégia desse aventureiro era mesmo aquela, ou seja, através de uma nota elogiosa, se bem que breve, provocar alguma discordância — acirrada por alguns de seus “acólitos” que lançariam clamores indignados, com força suficiente para desancar o novato que se veria em total desamparo pois ele, o grande crítico, tendo viajado para alguma parte distante do mundo, não estaria ali para sustentar a batalha em seu favor. Foi o que se deu com Cleto de Souza, que tentou reaparecer tempos depois com uma produção — conforme nota publicada em uma revista sobre arte — tão medíocre quanto a anterior, zanzou de um lado para outro com seu “barro”, foi visto com uma banca numa feira de artesanato tentando negociar suas esculturas junto com vasos de cerâmica e vassouras artesanais, até que por fim voltou a sumir, e dessa vez para sempre.

O prestígio do crítico consolidou-se ao longo do tempo e não conheceu abalo: sua opinião ainda era *a* opinião, e sua presença nas estréias seria sempre aguardada com ansiedade e receio; o homem, contudo, passara por mudanças nos últimos anos. Diremos que Maximiliano Ferraz, e para tanto valer-nos-emos de uma expressão popular, já não era o mesmo: o homem sóbrio e seguro de si cedera lugar a um quase velho devastado pelo álcool, a cujo vício sucumbira a partir dos cinquenta anos; o rosto vermelhusco e emaciado, os olhos lacrimejantes, os cabelos brancos desguedelhados, as mãos trêmulas, o próprio odor de bebida em suas roupas, tudo nele denotava o alcoólatra já por certo irrecuperável, e enquanto o homem austero de outros tempos escrevia de forma contundente mas, ao mesmo tempo, com uma necessária continência, fosse para elogiar ou para criticar, a fim de preservar sua impessoalidade; o ébrio de hoje portava-se no mínimo como um passional. E assim sendo temos que naquela noite Maximiliano, bastante irritado e aquecido por diversas doses de uísque,

seguiu direto para casa e redigiu seu artigo de uma só vez, não poupando Camilo de um ataque cerrado. Escolhendo um título sugestivo, HISTÓRIA DE UMA GROSSERIA, começou a crônica falando de ética e moral: *“O que vos trago nesta edição, caros leitores, é a história — lamentável — não de uma injustiça, mas de uma grosseria, pois menos que o relato de um agravo contra uma grande figura nacional, o que tenho para hoje é a celebração da imoralidade, a derrocada da ética no mundo das artes”*. Não pretendemos transcrever na íntegra o artigo para não enfadar o leitor e também porque, tendo em vista que o agora irascível crítico se conduziu estimulado não só pela irritação mas também pelo álcool, o texto não é dos mais louváveis em termos de estilo. Seguiu-se uma referência, a título de esclarecimento, à exposição em curso na Galeria Vitória, algumas palavras sobre o artista e sobre os quadros expostos, para em seguida deter-se demoradamente acerca dos méritos de Rocha Monteiro, seu percurso pelos mais variados meios de expressão, tais como a pintura, em que transitou tanto pelo óleo quanto pela aquarela com a mesma facilidade e riqueza; a gravura em suas diversas modalidades, com contribuições importantes para sua divulgação e desenvolvimento; a escultura, com larga produção tanto em mármore e pedra-sabão quanto em ferro e bronze... *“enfim, poderíamos, se esta fosse a finalidade, percorrer por páginas inteiras acerca da obra desse artista que chega agora aos oitenta e quatro anos de idade coberto de glórias e dono de um merecido reconhecimento não apenas nacional, mas também internacional”*, porém esta não era a intenção, acrescentou Maximiliano que, no momento em que escrevia, principiara a planejar — ensejado pelas circunstâncias — uma biografia daquele notável artista; pois a intenção era uma denúncia: *“Foi contra esse homem que tantas glórias tem proporcionado a nossa arte que se cometeu, nesta última sexta-feira, a aludida grosseria”* e seguiu-se a descrição de como fora cancelada à última hora a mostra do pintor, escultor e gravador Afrânio Rocha Monteiro, com quem a galeria tinha um compromisso estabelecido desde o final do ano anterior, para apresentar ao público... quem?, e Maximiliano fazia destacar esta incisiva indagação, *“quem?”*, seguindo-a de um espaço em branco após o qual se via um solitário ponto de exclamação (!). Depois dos louvores a um, as maldições ao outro: a Camilo coube os adjetivos mistificador, charlatão e oportunista, e à sua obra os de mistifório, bagunça, pura enganação *“cuja vacuidade procura disfarçar, não com muito êxito, por meio de um virtuosismo técnico enfadonho e démodé”*. Para culminar, o artigo foi ilustrado com uma charge, de autoria do próprio Maximiliano, em que um cachorro muito magro corria com um osso na boca, no qual se via a inscrição “Galeria Vitória”, tendo ao fundo um velho, que lembrava Rocha Monteiro, a olhar aparvalhado para a própria perna, da qual fora arrancada a tibia e espirravam algumas gotas de

sangue — associando-se assim, ao estilo de gosto duvidoso, o ainda pior da ilustração que, não obstante, foi aceito e publicado não apenas pelo prestígio de que ainda gozava o autor como pelo fato de ter-se começado a formar contra Camilo, como estamos lembrados, uma “linha de frente”.

Camilo teve notícia desse artigo apenas uma semana depois de publicado, quando um exemplar do jornal lhe chegou às mãos pelo correio, enviado por certo pelo próprio crítico ou por alguém a seu pedido. O artigo não teve o poder de impressioná-lo: leu-o por alto e largou o jornal para um canto com indiferença, logo mergulhando em seu trabalho. Seguiu-se, como sabemos, o casamento da irmã, a que compareceu apesar de sua insatisfação, e durante a semana seguinte uma vez mais alheou-se do mundo para pintar: dava início a uma nova série, além de trabalhar em algumas encomendas, por isso quase não saía, exceto bem cedo, antes de nascer o Sol, para seus exercícios matinais, ou mais raramente à tardinha, antes que escurecesse por completo, para espairer. Passava os dias no ateliê, e não fosse a Gertrudes preparar seu almoço e levar-lhe o prato, não comeria porque, entretido com a pintura, não sentia falta de alimento. Gertrudes entrava e punha o prato fumegante sobre uma mesinha que havia no canto, ao lado o talher embrulhado num guardanapo, passando às vezes a percorrer os quadros pendurados ao comprido das paredes ou, então, detendo-se diante do cavalete a fim de ver “a novidade, de onde é que o menino tira todas essas idéias?” e Camilo divertia-se com o espanto da mulher. “Não lhe agrada, dona Gertrudes?”, e a mulher abria os olhos, pois sim, era do seu agrado, e muito, mas se espantava de ver “quanta idéia sai dessa sua cabecinha, menino!”.

Durante a quarta semana (desde seu regresso do estrangeiro) Camilo recebeu uma volumosa correspondência que constava de diversos impressos, publicações de arte oriundas de várias partes do país, inclusive de algumas capitais importantes, onde o caso da Galeria Vitória parecia ter repercutido muito mau, em todas porém evidente o dedo ferino de Maximiliano Ferraz: duas dessas publicações reproduziam o artigo original do crítico, incluindo a charge, três outras traziam, do próprio Maximiliano, um artigo menor mas igualmente incisivo em que não se mediam as acusações contra a direção da galeria e “esse artistazinho renquém que melhor teria feito se lá para a Europa permanecesse, onde suas empulhações decerto não surtiriam qualquer efeito”; numa outra, do Rio de Janeiro, um outro crítico renomado, fazendo coro a Maximiliano, atacava duramente a obra de Camilo, sobre a qual se detivera “uma tarde inteira na vã tentativa de absorver-lhe o que houvesse de interessante e proveitoso mas nada conseguindo”, bem como a atitude da galeria em cancelar “um Rocha Monteiro para atender aos interesses escusos das potências estrangeiras”, não deixando claro porém o que pretendia com declaração tão descabida;

as demais, cerca de uma dezena, traziam apenas uma nota acerca dos fatos, todas no entanto deixando patente seu descontentamento. Apenas uma delas afirmava ter procurado Rocha Monteiro a fim de saber como reagira à grosseria de que fora vítima, porém o velho mestre recusara-se a dar qualquer declaração.

Em meio a toda essa papelada havia um telegrama enviado pela direção da Galeria Vitória no qual se referia em poucas palavras à má repercussão do caso e pedia que Camilo comparecesse sem demora para retirar os quadros, pois tinham necessidade de encerrar desde já o período de permanência de uma mostra tão desastrosa.

Camilo viajou na manhã seguinte. No fim da tarde foi recebido por um encarregado da galeria com ordens de auxiliá-lo a desmontar a exposição e embalar os quadros a fim de encaminhar cada qual ao seu destino (de resto, a entrega aos proprietários), sendo-lhe dito porém que o diretor da casa encontrava-se ausente. Camilo não se deixou afetar por tais acontecimentos: foi com indiferença e pouquíssimas palavras que supervisionou, na manhã seguinte (ainda ausente o Sr. Diretor), a embalagem e posterior encaminhamento dos quadros aos seus donos. Brindou com um sorriso o atencioso encarregado que o assistiu e retirou-se sem fazer nem ouvir mais qualquer comentário acerca dos fatos.

O encarregado, desincumbindo-se a contento de sua tarefa, dirigiu-se sem mais demora à sala da direção.

— E então? — exclamou, saltando detrás de sua mesa ao vê-lo entrar, um homem corpulento e de traços rústicos, de maneiras contudo bastante delicadas. Parecia aflito, percebendo-se em suas feições o quanto o haviam abalado as conseqüências do caso em que se envolvera.

— Já foi, senhor — respondeu o encarregado.

O homem reclinou-se para trás em sua cadeira com um suspiro de alívio, secando a testa com um lenço, enquanto de um anexo emergia a figura nervosa e devastada de Maximiliano Ferraz.

— Está feito o que devia ser feito — disse o crítico, que recendia levemente a álcool, indo sentar-se em uma poltrona ao lado da porta. — Não tinha nenhum cabimento manter esses quadros horrorosos numa casa como esta por mais um mês e meio.

O outro levantou as mãos, deixou-as cair sobre a mesa.

— Era necessário — reforçou ainda Maximiliano. — Quanto ao renome da galeria, não se preocupe: reabilita-se, afinal eu estou aqui para ajudá-lo nisso — e se levantou para sair.

Este foi um *acontecimento* para Maximiliano Ferraz, e vale a pena determo-nos um pouco ao seu lado, acompanhá-lo em sua andança por todo o dia, vê-lo gozar sua vitória, e assim vamos estar junto dele no instante em que, dando exatas onze horas da manhã, sai da Galeria Vitória decidi-

do ao ir almoçar no T..., onde, ao entrar e retirar o chapéu, foi recebido com deferência pelo chefe dos garçons, seu velho conhecido, que de costume circulava pelo ambiente sorrindo para os fregueses e verificando se tudo corria pelo melhor. Maximiliano sentou-se em sua mesa cativa no fundo do salão e pediu que lhe trouxesse um *Scotch* doze anos, “não, não no copo, a garrafa se me faz o favor”. Veio o *Scotch*, veio o almoço e ele preferiu anchovas, mas, ah! não tinha fome, disse, queria apenas comer alguma coisa de sal, “forrar o estômago”, e no fim chamando o chefe dos garçons perguntou-lhe pelo turfe, se sabia das últimas corridas — pois Maximiliano Ferraz, à parte sua vida dedicada à crítica de arte, interessava-se também por corridas de cavalos, conquanto não fosse um apostador contumaz. Em seguida estirou as pernas, bebericou seu uísque, fixou os olhos lacrimosos na larga porta de vidro por onde o sol entrava em jorros naquele meio-dia ardente. Ao sair, com cautela para não tropicar, deixou uma expressiva gorjeta sob a garrafa — que restara pelo meio — e avançou resolutamente, pelo menos o tanto resolutamente que lhe permitia seu estado alcoólico, para a calçada. Aí parou, ajeitou o chapéu de feltro sobre as guelhas brancas, esfregou o rosto com as mãos e lembrou-se do *Barts*, um antro bastante sórdido para os lados da ***, onde se reunia a nata da intelectualidade marginal de São Paulo, da qual participava como membro de honra pois, como já foi dito, Maximiliano transitava nos dois mundos sendo recebido igualmente bem em ambos. Ao entrar no *Barts* foi saudado primeiro por um tipo com ares de tuberculoso que se achava junto ao balcão e veio abraçá-lo com a exclamação de “chegou o carrasco dos miseráveis” e o arrastou para o anexo onde um grupo bastante heterogêneo se reunia à volta de uma grande mesa. “Ei-lo, pessoal, como prevíamos” disse o tuberculoso, depois de tossir e escarrar descaradamente no chão, passando o pé em cima do escarro e puxando uma cadeira na qual Maximiliano acomodou-se não sem antes quase cair devido à embriaguez.

A grande mesa a que nos referimos não passava, na verdade, de várias mesas pequenas justapostas e cobertas por uma toalha de tecido grosseiro e muito encardido, conquanto parecesse ter sido lavada na véspera. Em volta da mesa, sobre a qual havia garrafas de cerveja e de uísque ordinário, além de cinzeiros repletos de guimbas, pequenas travessas com salgadinhos e copos com restos de bebida, encontravam-se alguns tipos cuja presença permite-nos ter uma idéia da espécie de antro aonde fora parar Maximiliano Ferraz. “Nós não prevíamos nada” corrigiu o tuberculoso um tipo alto, vermelho, de nariz aquilino e cabelo cortado à escovinha, com cerca de sessenta anos, que falava com voz pausada e mantinha encostado à perna um velho violão, “ele prometeu que viria hoje, não se lembra?”, “e você não passa de um chato com sua mania de detalhes e precisão” retorquiu o tuberculoso, mas o tipo vermelho respondeu apenas com um

muxoxo, sem ligar importância à observação do outro; “conte-nos como foi” disse alvoroçadamente uma mulher de idade indefinível, aspecto despenhado e gasto, que fazia maus versos e sabia disso; “sim, conte-nos” berrou outro, um gordo de dentes podres e hálito pestilento que falava lançando perdigotos e ria a bom rir apagando uma ponta de cigarro dentro de um copo com restos de cerveja, “trucidou o tipo?” — pois ao que parecia todos ali sabiam do que estivera para acontecer, e aqui não podemos omitir que esse homem impiedoso quando se tratava de arte, e cujo artigo demolidor corra durante aquele mês todos os recantos da cidade onde podia encontrar-se um leitor interessado no assunto, fizera circular dias antes que havia finalmente conseguido “expulsar o intruso”, valendo-se mesmo desta expressão, e que sua exposição seria retirada um mês e meio antes do previsto. “Qual de nós irá ocupar seu lugar, Maximiliano?” quis saber um sujeito magrelo já bastante tocado pelo álcool, de olhos esbugalhados, rosto ossudo e anguloso, pintor, mas cujos quadros não atraíam do crítico nem mesmo uma segunda olhada e que sabia impossível para ele expor numa casa como a Galeria Vitória, de onde aquele homem terrível conseguira desalojar Camilo Duarte. “Não será certamente você” respondeu Maximiliano com maus modos, “e por que não?” retrucou o outro num tom de falsa ironia, “porque a droga que você pinta me causa diarreia” disse Maximiliano com uma careta, no que foi aplaudido pelos presentes, que gritaram e assoviaram enquanto o tipo vermelhão empunhava o violão e tirava uns acordes bárbaros. No entanto Maximiliano levantou-se, amparando-se na borda da mesa, e fez um gesto com as mãos espalmadas. Todos silenciaram e o violão também se aquietou. Um negro magérrimo, de olhos sifilíticos, nariz hediondo e beiçola, que passava por fotógrafo mas raramente publicava alguma coisa e por isso vivia como vendedor ambulante, ergueu a câmera, “nosso herói tem de ser imortalizado” disse, e o *flash* espocou. “Meus caros” Maximiliano começou, oscilou um pouco para frente, aprumou-se outra vez enquanto todos esperavam, “o intruso está fora!” concluiu com um amplo gesto de braços que o fez desequilibrar-se e cair novamente sentado em sua cadeira. Os presentes fizeram alarido e mandaram vir “cerveja, salgadinhos, ô do balcão, manda a borbulhante”. “Max” disse o negro de nariz hediondo, “eu estou trabalhando numa série nova, coisa de tirar o fôlego, só você vendo!”, e pediu sem meias palavras: “Escuta... dá um jeitinho de expor na Vitória”. Maximiliano encarou o fotógrafo, balançou a cabeça num sinal de desânimo, “tirar de lá um intruso” tartamudeou, piscando muito os olhos, “e botar outro” completou depois de um instante em que tudo parecia rodar à sua volta, “série de tirar o fôlego?” berrou o gordo de hálito pestilento com seus perdigotos, sempre disposto a gritar e cuspir, “só se for embaixo d’água, macaco” e todos caíram na gargalhada. “Intruso ou não” disse, no

meio da confusão geral de vozes, tilintar de copos e talheres e arrastar de cadeiras, um sujeito desconhecido que se achava numa mesa próxima à entrada do anexo e resolvera meter-se na conversa, “intruso ou não” repetiu, “o cara era *muito* bom, coisa que por aqui não se vê com frequência”, frase que teve o condão de provocar um tremendo silêncio, ao mesmo tempo que todos olhavam ora o desconhecido, ora Maximiliano que, passando a mão pelos olhos lacrimejantes, ajeitou-se na cadeira e pôs-se sério. Apanhou em seguida um copo de sobre a mesa sem importar-lhe a quem pertencia e sorveu um prolongado gole, descendo o líquido por sua garganta com um ruído gorgolejante. Depois, avançando o rosto na direção do outro, arrotou — em resposta ao disparate proferido — com um formidável estrondo, o que arrancou aplausos e fez com que um tipinho efeminado, que acabara de entrar e sentar, se levantasse aos pulinhos e, com gritinhos histéricos, fosse abraçar Maximiliano, que o afastou com um repelão, “como se já não bastasse um crioulo, ainda me aparece um veado” resmungou, voltando a beber. A mulher dos maus versos mostrou a língua saburrosa ao sujeito desconhecido; o tuberculoso agora não parava de tossir e escarrar, pondo-se vermelho como um pimentão; o negro do nariz hediondo aproveitou para fotografar o sujeito “para o álbum das bestas quadradas” berrou, concluindo com uma risada grotesca, enquanto o gordo de dentes podres soltava um formidável grito “baaaaaah!” em sua direção; enquanto a vítima do arroto saía do reservado balançando a cabeça, o pintor esbugalhado ficou para um canto digerindo — apesar de tudo — seu despeito e sua tontura, e o efeminado foi sentar-se em seu colo numa tentativa de consolo, “meu queridinho, por que essa carinha triste?” disse com trejeitos de ombros e dedos e produzindo um biquinho repulsivo com os lábios, mas acabou novamente repelido, desta vez com um empurrão a que se seguiu um falso chute no traseiro. Não se dando por achado, colheu das mãos de Maximiliano o copo de uísque e virou-o até o fim, afastando-se com um rebolado para o balcão a fim de pedir outra garrafa, pois “o nosso Max hoje está pagando!”. Nesse momento entrou uma mulher imensa, a cara larga e espinhenta feito uma jaca e uma papada medonha em contraste com um coque mínimo no alto da cabeça, formado pelos cabelos ralos repuxados para cima e untados com uma substância oleosa, que saudou a todos com um “olá, putada”, rindo-se ela mesma do que havia dito. A mulher imensa foi beijar Maximiliano na testa, porém o crítico não se fez de rogado e virando o rosto beijou-a na boca demoradamente, beijo ao fim do qual a mulher exclamou “só os privilegiados beijam as divindades” e novamente caiu na gargalhada sacudindo as rotundidades excessivas. “Minha cadeira” berrou na direção do balcão, e o *barman* trouxe “a cadeira da Flor-de-Lis” disse com ar debochado, “e saiba que minha mãe foi muito sábia quando me deu esse nome” disse a mulher imensa dando-lhe um

tapinha no rosto — e aboletou-se em *sua cadeira*, ou seja, uma prancha larga de madeira reforçada com espaldar e apoios para os braços, feita a jeito de lhe suportar o peso. “Não é uma flor-de-lis” tentou o dos dentes podres e hálito pestilento fazer graça, “mas uma flor de abóbora, ou quem sabe a própria abóbora”, mas a mulher dos maus versos levantou-se antes que alguém pudesse rir e ameaçou: “Vou declamar”, e de novo todos se calaram — não que alguém pretendesse ouvi-la, mas na expectativa do que diria o impiedoso Maximiliano, que apesar de bêbado não perdera seu tanto de lucidez: “Faça-o” disse ele, “e eu mesmo lhe arrebento a cabeça com esta garrafa”. Houve então nova grita geral: o gordo dos dentes podres soltou um guincho e berrou, cuspidando nos que estavam mais próximos: “ninguém passa por sua poesia, minha querida, sem logo cair fulminado”; o afeminado desferiu tapinhas no balcão e depois cobriu os ouvidos, aos pulinhos, gritando “não, não, pelo amor de Deus, não!”; o tipo vermelhaço apanhou o violão produzindo um acorde romântico, “eu ia acompanhá-la, minha cara” disse, “mas...”; o tuberculoso escarrou mais uma vez com uma careta e o pintor magrelo berrou para que ela se calasse pois ele tinha uma importante declaração a fazer: e mais uma vez todos se aquietaram. “Então eu farei o fundo musical” disse o tipo vermelhaço retomando o violão, porém Flor-de-Lis se antecipou falando com um muxoxo de zanga fingida, “gente, isso é uma injustiça! Max, assim eu fico zangada com você” e acrescentou que poesia, mesmo ruim — percebeu-se então que debochava —, sempre era poesia e não merecia... porém todos começaram novamente a falar ao mesmo tempo, quando o pintor magrelo outra vez gesticulou insistindo que tinha uma declaração a fazer enquanto a mulher dos maus versos abraçou por trás a imensa Flor-de-Lis massageando-lhe a papada, “ainda bem que tenho quem me defenda” disse em tom escarninho, “alguém que reconhece meu valor, pois saibam que eu...” mas o efeminado esganiçou: “Gente, torresmos! Torresmos!” e rebolando trouxe do balcão um prato de torresmos, depositando-o no meio da mesa. “Senhores” disse por fim o magrelo, aproveitando-se da pausa feita diante do prato de torresmos para pôr-se de pé, “eu sou o artista indicado para... para... para...”, “lá vem merda!” estrepitou o sujeito gordo do hálito pestilento, “ora, cale-se” disse o magrelo, cale-se que eu...” e oscilou, levantou a mão, prosseguiu: “Eu sou artista, todos aqui sabem disso”, “e daí?” rousnou em seu canto o tuberculoso, “e daí?” respondeu o magrelo com indignação, “como e daí?”; “eu sou fotógrafo” disse o negro do nariz hediondo, “e eu poeta” disse a mulher dos maus versos sacudindo os ombros, como a reforçar a pergunta do tuberculoso, “ora, você...” e o magrelo oscilou outra vez, “poeta?... ora... sua poesia... sua poesia é uma bosta, se quer saber...”, “diz logo o que você tem a dizer” cuspiu o gordo de hálito pestilento, “vou dizer” respondeu o magrelo, “a minha declaração é que eu gos-

taria de ser magra” bramiu Flor-de-Lis batendo violentamente com ambas as mãos na mesa com uma risada obscena a que todos fizeram coro enquanto o magrelo gesticulava com fúria, “me escutem... me escutem... só um minuto”, “deixem o cara falar” disse a mulher dos maus versos, “sim, fiquem todos quietos” o efeminado dando pulinhos e agitando os braços até que outra vez todos foram se aquietando, “fala logo, meu caro, se não hoje você não sai daqui” disse Flor-de-Lis com expressão sarcástica, “sim... prestem bem atenção... minha cara, obrigado... fico-lhe eternamente...” mas antes de prosseguir curvou-se na direção da mesa “...grato” e apanhou um copo qualquer, virando o que restava dum só gole e arrotando em seguida, “como todos sabem... eu sou... pintor... e aqui estou para lhes dizer que... que...”, “fala logo!” explodiu cheio de tremeliques o afeminado, “...que eu elaborei uma nova teoria das cores...”. Seguiu-se então uma vaia tremenda, o afeminado berrava qualquer coisa para o tuberculoso, que escarrou; a mulher dos maus versos riu debochadamente, o gordo do hálito pestilento escarneceu “é muito atrevimento, um troca-tintas desses” e balançando a cabeça encheu outra vez o copo enquanto o negro do nariz hediondo dizia um palavrão que ninguém escutou. Maximiliano, no entanto, fez um gesto veemente, e todos olharam para ele: “Cale-se” ordenou com voz pastosa e, após um instante durante o qual olhou em volta com os olhos esgazeados pelo efeito do álcool, “seu idiota!” completou, e o ar encheu-se outra vez de vozes e ruídos, veio para a mesa uma garrafa de uísque ordinário que Maximiliano não reprovou, continuando a embebedar-se enquanto todos falavam ao mesmo tempo, ou adulando-o de forma descarada ou brigando entre si por qualquer ninharia numa balbúrdia em que ninguém mais se entendia. Passava das cinco horas quando foi ao banheiro vomitar e, um pouco menos tonto, retornou ao anexo, fez um gesto a todos e retirou-se com a dignidade de um grande homem ajeitando mais uma vez sobre os cabelos em desordem o chapeuzinho de feltro. Encaminhou-se para um posto telefônico e tentou uma ligação para Rocha Monteiro — de quem se havia esquecido naqueles dias, tão empenhado estava em pôr um fim à mostra em curso na Galeria Vitória —; afinal não fora pelo velho Rocha que ele se empenhara naquela cruzada?, conquanto intimamente soubesse que não, não fora apenas pelo velho e preterido artista, mas por algo que considerava uma questão de brios. “De qualquer maneira” rosou consigo mesmo tentando discar o número, “de qualquer maneira...”, mas vendo que não conseguia pediu auxílio à moça do balcão. Ao atenderem, porém, disseram que “o Sr. Afrânio viajou, não sabemos quando volta” e a Maximiliano restou apenas dependurar o fone no gancho e sair.

Anoitecia agora e o poderoso Maximiliano Ferraz, em plena Praça da Sé, olhava em volta maravilhado com o acender das luzes que nas cidades

sempre faz essa mágica transição entre o dia e a noite, vendo naquilo qualquer coisa de simbólico, conquanto — e sentindo a brisa morna meteu as mãos trêmulas nos bolsos e caminhou sem rumo certo — aquilo não passasse de um acontecimento trivial, pois escurecia e era natural que a cidade se iluminasse. O que teria para fazer até a hora de voltar para casa? Bem, e coçou o rosto no qual a barba de vários dias ia despontando muito esparsa e branca, naquela noite não havia nada de especial. Pensou em retornar ao *Barts* mas não achou conveniente, pois não fazia duas horas que saíra de lá, e para esquivar-se de um mendigo que lhe estendia a mão e de uma prostituta que acabara de lhe propor um programa atravessou a rua e acenou para um táxi.

Eram nove horas, portanto ainda bastante cedo, quando, após perambular por diversos lugares, falar a vários conhecidos e receber suas merecidas congratulações, Maximiliano Ferraz entrou em casa, um belo apartamento que ocupava todo um oitavo andar luxuoso da Avenida Paulista.

Maximiliano obedeceu ao hábito de acender apenas o abajur da sala ao entrar em casa, e o vasto aposento encheu-se dessa luz mortíça que deixava mergulhados na escuridão os recantos e fazia sobressair os móveis em estilo colonial sobre os quais se via ora o perfil em mármore de algum deus grego, ora um bronze florentino representando Dante com uma águia sobre a cabeça... Acendeu, portanto, com um toque no interruptor a luz do abajur, demorou-se um pouco para trancar a porta e avançou um ou dois passos inseguros pela sala.

— Sempre embriagado, Maximiliano Ferraz.

A voz, pausada e num suave tom de reprovação, proveio do escuro de um recanto pegando-o de surpresa.

— Quem está aí? — respondeu prontamente Maximiliano, fixando o olhar naquela direção sem, contudo, ver quem falara. Mas do canto não veio qualquer resposta, ouvindo-se apenas o movimento de alguém que ajeita o corpo aboletado na maciez de uma poltrona confortável e um sutil rangido de molas. No instante seguinte, mesmo ainda um tanto “tocado” pelo álcool, Maximiliano deu-se conta do perigo que corria, suspeitou a presença de um ladrão e tocou outra vez o interruptor, acendendo a lâmpada central do teto, que proveu o ambiente de uma luz brilhante.

Então viu quem estava ali.

— Você tem me perseguido, Maximiliano. Por quê? Eu, por acaso, lhe fiz algum mal?

Maximiliano Ferraz olhou seu visitante com espanto, o corpo mal seguro sobre as pernas afetadas pela embriaguez que, contudo, começava a dissipar-se. Passou uma das mãos pelos olhos como se com isso pudesse desfazer a visão, porém verificou que não se tratava de uma visão mas que, com efeito, ele fora visitado por *alguém* naquela noite.

— De que maneira entrou em minha casa? — disse, avançando um passo e apoiando-se num móvel para firmar-se.

— O síndico foi muito gentil quando lhe disse que era um amigo que viera de visita. Então indicou-me sua casa e a abriu para mim, com a chave mestra.

— O síndico?... Mas... não... — Maximiliano recostou-se no móvel para não cair, pois uma súbita tontura fê-lo titubear. — Ele não... isto é, ele tem ordens para não... mas como conseguiu que ele...?!

— Da mesma forma como me descartei do velho Rocha Monteiro, deixando livre a Galeria Vitória para os meus intentos. Mas não adianta explicar-lhe essas coisas, que você não entenderia.

— Deus do céu! — Maximiliano levou ambas as mãos ao rosto, esfregando-o com vigor. — Que veio fazer aqui!

— Fui vítima de sua perseguição, Maximiliano. Por que não me deixa em paz?

— Sabe muito bem que...! — reagiu Maximiliano Ferraz, mas não concluiu a frase.

— Não se justifique com mentiras, Maximiliano. Nós dois sabemos que esse joguinho sórdido que você jogou não tem nada a ver com Rocha Monteiro, mas antes com seu orgulho e com suas frustrações.

— Que sabe você...?

O visitante levantou-se da poltrona lançando uma olhada ao redor. Deu alguns passos pela sala, ampla e repleta de quinquilharias valiosas.

— Eu o conheço muito bem, Maximiliano Ferraz — sorriu brevemente encarando o outro. — Pederasta, sei que vida tem levado alçando com o poder de seu prestígio aqueles que aceitam seu assédio e destruindo aqueles que não se submetem. Sei também que a frustração que amargou toda a vida e que por fim o levou para o vício foi, digamos, “ter asas mas não poder voar”, não é isso? Em outras palavras, ser um tão profundo conhecedor de Arte e ao mesmo tempo não ser capaz de um único rabisco. — O visitante falava sem exaltar-se, preservando a expressão tranqüila e inalterada ao avançar na direção do outro, parando à distância de três passos.

— Onde você esconde suas tentativas frustradas de tornar-se artista?... Ah, já sei! Você simplesmente as destrói, não é isso?, uma a uma, suas telinhas medíocres que seriam sua vergonha se alguém as descobrisse...

— Você é louco — gaguejou Maximiliano recuando um passo com uma contorção de assombro no rosto.

— Como é essa gaiola para você, afinal?... Que obsceno prazer obteve com a destruição do escultor Cleto de Souza, que o repeliu com nojo?... De que medonhas articulações foi capaz até fazê-lo desaparecer?... Afinal, eu e você sabemos que a produção do pobre rapaz não era apenas “barro amassado”, mas quem mais sabe disso?

Maximiliano, aparvalhado, não respondeu. Sentiu o corpo agitado por uma tremura e não soube com certeza se a embriaguez passava ou se era vítima de algum tipo de *delirium tremens* em face daquele visitante inesperado que parecia saber coisas demais de sua vida.

— Você está morto, Maximiliano.

O velho crítico cobriu mais uma vez o rosto com as mãos como que para esquivar-se ao olhar que pousara no seu, diante do qual parecia-lhe abeirar-se de um abismo, e quando olhou outra vez, viu que estava sozinho em casa.

Na manhã seguinte noticiou-se, para assombro geral, a morte do “notável crítico de arte Maximiliano Ferraz, que nesta noite caiu de uma das janelas de seu luxuoso apartamento na Avenida Paulista. A polícia descartou a hipótese de crime, pois não havia no apartamento sinal de violação nem da presença de outras pessoas, restando a presunção de acidente ou a de suicídio. Conforme informações do chefe de polícia, porém, apurou-se que Maximiliano Ferraz, segundo o testemunho de várias pessoas com quem estivera na véspera, mostrara-se bem humorado, tendo ingerido como de costume, por ser dependente, muita bebida alcoólica”.

As investigações concluíram por fim tratar-se de acidente e não se falou mais no caso. Nesse mesmo ano a tradicional Galeria Vitória, sob acusações de sonegação fiscal e lavagem de dinheiro, fechou suas portas para sempre.

A “linha de frente” que, em decorrência de sua estréia turbulenta, começara a se formar contra Camilo Duarte cedo se desfez: o nome de Camilo apagou-se das publicações especializadas pelos seis anos seguintes, tempo durante o qual começou a formar-se ao redor de seu ateliê a “sociedade” da qual já falamos, que se compunha de pessoas atraídas pelo convívio com um artista que pouco a pouco se tornava conhecido, ainda que num círculo muito restrito. Nesse tempo Camilo viveu exclusivamente de encomendas, pelas quais exigia somas elevadas, devendo-se ressaltar que os clientes, para quem tais preços não seriam proibitivos, pagavam sem questionar se o nome do autor tornara-se conhecido no mercado de arte e se suas obras encontravam-se bem cotadas; sobre isso há duas palavras a serem ditas: primeiro, tais clientes adquiriam quadros de Camilo Duarte ou por apreciá-los, ou por verem neles objeto de especulação e investimento, em todo caso em nenhum momento duvidando da alta qualidade de suas aquisições; segundo, suas obras não se encontravam cotadas no mercado de arte por uma razão muito simples: tudo que pintara até então encontrava-se na posse desses mesmos clientes, que não teriam nenhuma razão para desfazer-se delas, além do que não havia um grande número de quadros assinados pelo artista, o que também contribuía para que seu nome permanecesse ausente dos catálogos.

Uma parte de sua produção, no entanto, Camilo mantinha ignorada até mesmo dos primeiros membros da “sociedade”; eram quadros, conforme opinião do próprio artista, especiais, já que não visavam atender a um gosto específico: as encomendas, em sua maioria retratos, eram encaradas como uma modalidade mais formal que deveria em primeiro lugar agradar ao cliente, conquanto Camilo trabalhasse sempre com total liberdade; às vezes pediam-lhe uma tela de tais e tais dimensões para a sala de jantar, ou para um salão de jogos, ou para um gabinete de trabalho, etc. Camilo perguntava se o cliente teria algum tema de sua preferência, e trabalharia conforme essa preferência; se não houvesse, então ficaria à vontade para escolher o que melhor lhe aprouvesse; embora o artista não desprezasse esses quadros, via neles apenas obras menores, tendo verdadeiro apreço por aqueles nos quais não teria de atender a nenhum gosto ou preferência que não os seus, quando então se sentia inteiramente à vontade com sua pintura.

Assim temos que durante aqueles seis anos Camilo permaneceu em seu ateliê, “escondido” do mundo mas preparando sua reaparição. Foi nesse período também que sobreveio a definitiva ruptura com sua família, e é sobre essa ruptura e as circunstâncias em que se deu que falaremos agora, deixando para tratar, a seguir, de sua reaparição, marcada — como veremos — por um novo escândalo.

Vimos que em seu regresso do estrangeiro Camilo encontrou a pequena Lúdia já uma bonita mocinha de dezoito anos, a quem não poderia mais referir-se com propriedade como “a pequena Lúdia”, a não ser a título de um tratamento carinhoso, nesse caso podendo até mesmo dirigir-se a ela como “minha pequena irmãzinha”, ou simplesmente “minha pequena”. Camilo não dispensava tal adjetivo à irmã a todo momento: o mais comum era tratá-la com a intimidade de uma expressão como “maninha”, ou, com mais formalidade, chamando-a pelo nome sem diminutivos, deixando a-quele tratamento mais carinhoso, e que sugeria uma proximidade maior entre ambos, para momentos especiais.

Esse modo de convivência — sumariamente descrito no parágrafo anterior — não se desenvolveu no espaço de um único final de semana, aquele de seu reencontro, ou quando voltaram a encontrar-se daí a duas semanas, por ocasião do casamento de Diva: Lúdia completara dezoito anos, como já sabemos, podendo agora viajar só — ainda que acompanhada de reiteradas recomendações paternas — e visitar Camilo em Pinheiros sempre que quisesse, e a primeira visita se deu na semana seguinte ao casamento da irmã. Lúdia, que havia completado o curso normal e estivera afastada dos estudos no ano anterior, preparava-se então para ingressar na universidade e tinha toda a semana cheia: aulas particulares, curso preparatório, reuniões em grupos de estudo e assim por diante, de forma

que lhe restavam livres apenas os finais de semana. Ao visitar o irmão viajava na manhã de sábado bem cedo, logo no primeiro ônibus, regressando na noite de domingo.

Foi com grande alegria que Camilo, num sábado pela manhã, ouvindo baterem palmas à frente de casa, deixou o ateliê e foi atender, deparando com Lídia, que lhe sorriu e correu a abraçá-lo com euforia. Naquele dia, quando Gertrudes chegou para preparar o almoço surpreendeu-se com a presença da moça, “Gertrudes, esta é minha irmã mais nova” Camilo a apresentou, ainda que a caseira se lembrasse da jovem que ali estivera havia dois anos, sendo-lhe dito também que por aqueles dias seus serviços estariam dispensados, pois “eu terei muito prazer em cozinhar para meu irmãozinho” disse Lídia, abraçando-o. Gertrudes retirou-se e Lídia meteu mãos à obra, preparando o almoço e pondo a mesa, tendo feito alguns pratos simples mas saborosos que obrigaram Camilo a repetir, “seria bom que estivesse mais tempo por aqui” ele disse, “embora com isso eu por certo acabasse engordando”, deixando-a feliz com o elogio, e ao fim do almoço, como não houvesse sobremesa, tomaram um café forte e doce, ao gosto de ambos.

Lídia percebeu que Camilo trabalhava no momento de sua chegada, e após a efusão inicial do encontro ela se prontificou a fazer uma rápida arrumação na sala, um pouco em desordem; porém agora, embora a irmã afirmasse que ficaria bem sozinha e que ele poderia voltar ao trabalho, Camilo resolveu folgar durante a tarde, “verdade é que tenho trabalhado toda a semana” explicou, “é bom que eu faça uma pausa” e assim, com o pretexto de “descansar o almoço”, foi reclinar-se no sofá; Lídia sentou-se e Camilo, deitado, apoiou a cabeça em seu colo, fechando os olhos. Puseram-se a conversar, e a jovem tagarelou algum tempo falando de seus projetos para aquele ano; referiu uma visita à irmã, que residia num bairro afastado e parecia feliz, “tem uma linda casa” disse, “embora pequena. Não duvido de que serão muito felizes”. Depois foi a vez de Camilo, que não tinha muito o que relatar: resumiu suas encomendas, as pinturas avulsas, a satisfação que encontrava no recolhimento daquele sítio. Por fim calaram-se, estiveram quietos por algum tempo, e Lídia percebeu que o irmão adormecera com a cabeça apoiada em seu colo. Pôs-se então a contemplar-lhe o rosto; afastou uma mecha de cabelos que lhe caía sobre os olhos e deslizou mui levemente os dedos pelo contorno de suas faces; em seguida, com cuidado para não despertá-lo, levantou-lhe a cabeça apoiando-a numa almofada e sentou-se ao lado, no chão, para poder olhá-lo melhor. Sentiu-se invadida por uma onda de ternura e lembrou-se da infância, de quando ainda bem pequena o vigiava de longe desejando aproximar-se e ele mantendo-se sempre distante, tão raros os momentos em que lhe fazia um carinho nos cabelos e após os quais Camilo voltava a distanciar-se e ab-

sorver-se em seu próprio mundo; lembrou-se das ocasiões em que, aproveitando-se de sua ausência, remexia em suas coisas — evitando deixá-las em desordem — e passava página por página os cadernos que ele enchia de estranhos desenhos, primeiro na infância, depois na adolescência... Mas o tempo passara e agora, após alguns contratempos, ei-los juntos outra vez, quando então ela podia fruir de sua companhia, de sua intimidade, certa de que o irmão lhe tinha uma afeição real e sincera, certeza que não só a deixava tranqüila como também a envaidecia. Lídia reclinou-se: apoiou a cabeça no corpo do irmão adormecido e, por sua vez, dormiu.

A tarde avançara até a metade quando despertaram e viram o Sol entrando em jorros pela vidraça; estremunhados, espreguiçaram-se, puseram-se de pé. Camilo propôs um passeio pelas redondezas, “uma boa caminhada” disse, que Lídia aceitou mas não antes de tomarem um café, pois “são três horas!” exclamou a garota. Depois saíram para a estrada, seguindo em direção oposta ao centro da cidade. A paisagem era quase sempre a mesma: uma estrada ora reta, ora em sucessivas curvas, de um lado e de outro montanhas — ou cobertas de matas, ou com pastagens onde se viam reses que a espaços soltavam mugidos tristonhos e prolongados; raro em raro passava-se por uma casinha de estuque com cobertura de sapê, recuada do caminho duas ou três dezenas de metros, de onde eram observados por umas carinhas curiosas que se detinham em suas correrias pelo quintal, e um balido descobria uma cabra a pastar por ali e a olhar os passantes, enquanto mastigava e batia as orelhas em movimentos ligeiros para livrar-se das moscas; aqui o caminho bifurcava-se, ali abria-se num largo ou cruzava um rio, mais adiante havia uma subida durante a qual Camilo mantinha o ritmo em passadas largas por lhe agradar o exercício mais intenso, mas numa daquelas subidas Lídia cansou-se e foi apoiar-se em seu braço. A certa altura tomaram um trilho que, atravessando um riacho, costeava entre árvores uma colina e conduzia ao alto, onde se sentaram recostando-se a um tronco e descansaram, contemplando o horizonte. “Penso que não me queixaria de viver neste lugar” Lídia pensou enquanto o sol se punha, sem no entanto dizê-lo ao irmão, “desde que ele estivesse comigo”. Porém estiveram ali um bom tempo e agora as sombras avançavam sobre ambos, “não tarda anoitecer” disse Camilo então, “é melhor voltarmos”. “Você vem sempre aqui?” ela perguntou, e ele lhe explicou que às vezes seguia outras direções, mas estando só fazia questão de caminhar sem interrupção para cansar-se. Regressaram. Ao chegar já escurecera por completo e fizeram o percurso entre a porteira e a casa quase sem enxergar onde pisavam.

Após o banho morno e o jantar, Camilo pôs a rodar na vitrola alguns clássicos e uma vez mais acomodados no sofá ouviram música e conversaram por muito tempo, até que o sono começou a dominá-los. “Escolha sua

cama” disse Camilo à irmã, e beijando-a na testa retirou-se para seu quarto, onde não tardou a adormecer.

O domingo amanheceu ensolarado, e conquanto pudessem dar um passeio pelo centro de Pinheiros Lúcia instou com o irmão para que trabalhasse, “quero me sentir à vontade para vir vê-lo” ela disse, “e para isso preciso estar certa de que não o incomodo nem interfiro na sua pintura”, e acrescentou que aproveitaria a manhã para deitar-se um pouco ao sol e, mais tarde, prepararia o almoço. Camilo, porém, garantiu que não trabalhava aos domingos e preferia aproveitar mais a companhia da irmã, que deveria viajar de volta à tardinha. Assim deitaram-se ao sol até perto das onze horas, depois almoçaram e em seguida fizeram um passeio pelo próprio sítio, do qual Lúcia conhecia apenas a casa e as imediações. Passearam pelas trilhas que percorriam a mata. Camilo, seguindo o curso do rio que cruzava a propriedade, levou a irmã até uma bonita cachoeira onde tomaram banho e mais uma vez se deitaram ao sol; na volta estiveram na casa da Gertrudes, cujo marido havia saído, “foi a Pinheiros” ela disse, “gosta de dar um passeio pelo centro aos domingos” e concluiu: “Coisa de velho, já que nada tem a fazer por lá”.

E agora estavam de volta, e já passava das três.

— O ônibus sai às quatro e quinze — disse Lúcia, apressando-se —, tenho tempo apenas de vestir-me e arrumar minhas coisas.

Na rodoviária, ao se despedirem, abraçaram-se muito e Camilo garantiu que já sentia saudades. “Virei sempre que puder” Lúcia prometeu, ainda abraçada ao irmão e olhando-o nos olhos para reter sua imagem e com isso, mesmo na distância, senti-lo próximo de si. Acrescentou que lhe escreveria e pediu que ele também lhe enviasse cartas, “nunca nos escrevemos, já percebeu?” e Camilo, que não tinha o costume de corresponder-se com ninguém, não estranhou, mas prometeu responder as cartas que ela lhe enviasse. Lúcia pousou a cabeça no peito do irmão e, conchegando-se a ele naqueles últimos minutos antes da partida, suspirou, “queria muito poder ficar” disse, “queria não ter mais de ir embora”.

— Mas você poderá vir sempre que quiser, irmãzinha — ele falou, correndo-lhe os dedos entre os cabelos.

— Tem certeza de que não vou incomodá-lo?

Camilo sorriu, levantando o queixo da irmã e olhando-a nos olhos:

— Está visto que não — disse. — Quero muito que você venha.

— Eu virei, eu virei — e outra vez aconchegou-se a ele.

Mas o condutor já havia ligado o motor, os passageiros entravam, e os irmãos tiveram de despedir-se.

Com a partida da irmã Camilo sentiu-se um pouco só em casa naquele final de domingo, porém no dia seguinte retomaria o trabalho e assim, absorvido pela pintura, esqueceu-se pouco a pouco de Lúcia. Nessa mesma

semana deram-se os sucessos já relatados de sua viagem para retirar — antes do tempo — os quadros da Galeria Vitória. No seu regresso encontrou uma carta de Lídia dizendo que não pudera aparecer naquele sábado, e também no seguinte não poderia devido à proximidade das provas, o que exigiria muito dela a fim de que fosse aprovada com boas notas e garantisse de imediato uma vaga na universidade. Pedia no entanto ao irmão que lhe escrevesse em resposta, “já que não posso vê-lo, pelo menos terei suas palavras junto de mim, o que é mais ou menos como ouvir sua voz”. Porém Camilo não respondeu: não que não tivesse intenção de fazê-lo, chegou à separar a carta e deixar à vista em cima da mesinha da sala para lembrar-se de ir ao correio, mas a pintura voltou a absorvê-lo de tal maneira que, mal amanhecia, já se encontrava de pincéis em punho, continuando a pintar até mesmo depois de ter escurecido, e ao contrário do que havia dito, mesmo aos sábados e domingos não descansou, mantendo-se nessa rotina durante as semanas seguintes — até ser outra vez interrompido, num sábado pela manhã, com a súbita entrada de Lídia em seu ateliê, que lhe saltou ao pescoço entre eufórica e chorosa, feliz em revê-lo mas reclamando por ele não lhe ter respondido a carta.

Fazia um mês desde sua primeira visita ao irmão.

As viagens de Lídia a Pinheiros tornaram-se regulares: em finais de semana alternados visitava o irmão, passando com ele o sábado e o domingo. Não havia grandes variações nesses dois dias: ora faziam caminhadas pelos arredores como da primeira vez, ora permaneciam no sítio, e então aproveitavam as manhãs e tardes de sol na cachoeira, dentro da mata, para deitar nas pedras; às vezes, depois de almoçarem, preferiam visitar lojas e espiar vitrines no vilarejo (Pinheiros nessa época podia ser considerado pouco mais que um vilarejo, seu centro comercial bem pequeno, ainda que de uma aparência agradável e com vitrines bem iluminadas onde se oferecia aos colecionadores de *souvenirs* a produção do artesanato local), ou apenas tomar sorvete enquanto observavam o ir e vir das pessoas; à noite, aproveitando o movimento noturno, mais intenso pois então moradores e visitantes saíam às ruas para divertir-se, irmão e irmã iam ao cinema, que apresentava seções únicas às vinte e uma horas e apenas nos finais de semana, indo sentar-se depois nalgum barzinho onde se entretinham ouvindo música e bebericando, só retornando para casa já bem tarde.

Nos últimos tempos Lídia trouxera notícias não satisfatórias e até mesmo alarmantes acerca do casamento da irmã: haviam surgido rugas entre o casal, e isso antes de o casamento completar nove meses; Diva engravidara mas perdera a criança no terceiro mês de gestação; encontrava-se novamente grávida, porém os exames haviam revelado que nem tudo ia bem e ela deveria ter muitos cuidados se desejasse que a gravidez

fosse adiante; aos pais garantira não haver nada de errado entre ela e o marido, porém Lídia, ouvindo-a e percebendo uma contradição entre suas palavras e a expressão de seu rosto, imaginou que Haroldo a maltratasse, referindo-lhe sem meias palavras sua suspeita; Diva porém protestara com veemência, que não, Haroldo jamais a maltratara, ela se sentia triste, sim, em razão do aborto, mas no mais tudo corria bem. No entanto, uma ocorrência entre os dois, presenciada pela família certo dia em que Diva fora visitá-los, fez que até mesmo Arthur, de natureza grave e calma, intervisse com rigor: Diva chegara pela manhã, por volta das dez horas, com a intenção de almoçar com os pais e passar o dia em sua companhia, mas no meio da tarde Haroldo apareceu à sua procura. Já na ante-sala, entrando sem bater, gritou por ela, e quando atenderam o que viram foi um homem alterado, diga-se mesmo quase fora de si, sem contudo dar mostras de embriaguez (do que se podia ter certeza, já que Haroldo — devido à religião — abstinha-se de álcool). Diva apareceu logo em seguida, e vendo-a Haroldo dirigiu-se a ela com grande exaltação, usando de palavras agressivas e mesmo ofensivas, dando a entender suas desconfianças em relação à fidelidade da mulher, quando então Arthur interveio, repreendendo-o com severidade, “pois então o senhor não conhece a casa onde buscou sua mulher? E a ela não conhece bem para que possa alimentar uma desconfiança infamante como essa?”, o que fez Haroldo recuar, baixar o tom de voz sem, contudo, desculpar-se, e no instante seguinte era o oposto do que entrara ali: trêmulo e choroso, declarou que “vocês serão responsáveis por qualquer desgraça que venha a acontecer”, sem explicar-se nem dar a entender a que se referia, retirando-se em seguida. Diva então contou que Haroldo ultimamente passara a mostrar-se desconfiado a seu respeito e presa de uma instabilidade nervosa que não tinha explicação: não sabia como começara, mas já havia alguns meses que vinha se portando de maneira desconfiada, inquirindo repetidas vezes aonde ela tinha ido — conquanto soubesse que fora à casa dos pais, ou às compras, ou à igreja —; parecia dar-se por satisfeito com a resposta, porém, súbito, horas depois voltava a perguntar-lhe aonde fora e o que estivera fazendo, mas de uma forma incisiva, olhando-a com intensidade como se esperasse descobrir alguma coisa pela expressão de seu rosto ou por sua voz hesitante, pois nessas ocasiões, colhida de surpresa, seu rosto devia adquirir uma expressão de estranhamento e sua voz hesitar; um dia, ainda segundo Diva, Haroldo exaltara-se a ponto de proibi-la de sair de casa, “a senhora não me põe os pés na rua sem meu consentimento, ou a não ser que eu vá junto” teria dito aos brados dentro de casa, não se calando mesmo tendo ela agitado nervosamente as mãos indicando a vizinhança, que poderia ouvir tais despropósitos, tendo então respondido em voz baixa que “eu sairei, sim, sempre que quiser e tiver necessidade, e se tem desconfianças ponha al-

guém a seguir-me”; horas havia em que Diva, irritada, porém nunca elevando a voz, respondia à altura às insinuações maldosas do marido, mas em outras ocasiões submetia-se, ouvia calada para não deixá-lo mais exaltado; por último Haroldo não se contentava em hostilizar a mulher com suas suspeitas, diga-se de passagem descabidas, e passara a valer-se contra ela de palavras grosseiras e ofensivas, além de palavrões, para desafogar-se de sua ira, sendo que nesse meio tempo deixara de freqüentar a igreja. Somente nesse dia Diva referiu aos pais o que vinha acontecendo — conquanto estes já desde algum tempo desconfiassem cada vez mais de que nem tudo ia bem entre o casal, evitando porém tocar no assunto e esperar que ela mesma o fizesse —, mas garantiu que Haroldo nunca levantara a mão para agredi-la, e em seguida se dispôs a voltar para casa a fim de acalmá-lo. Diante dos fatos, concluiu Lídia, o que poderiam fazer a não ser esperar pelo que viria? Camilo, contudo, ouvindo tais novidades, debruçados ambos no peitoril da janela da sala a observar a chuva que caía dos beirais, respondeu — em voz baixa e sem encarar a irmã — que Diva não apenas era infeliz, como também “o será muito mais se não separar-se dele”.

Lídia, por sua vez, sentia-se cada vez mais ligada ao irmão, e conquanto não negligenciasse os estudos — pois havia ingressado na universidade no segundo semestre daquele ano de 1964 —, dedicando-se com afinco aos livros e ao programa do curso, era sempre com grande ansiedade que esperava o dia de viajar para Pinheiros. Essa ansiedade não interferia em seu progresso, seu nome aparecendo sempre entre os primeiros da classe; aos poucos, porém, começou a perceber que já não tinha um completo domínio sobre si mesma quando se referia a Camilo, sentindo tal falta de sua presença que já na véspera da viagem, naqueles já preestabelecidos finais de semana em que iria vê-lo, impacientava-se, olhando o relógio de pulso a todo momento como se com isso pudesse acelerar o tempo, e era com verdadeira angústia que via o arrastar-se dos ponteiros em sua habitual lentidão como se estivessem parados e não mais se movendo. A tarde parecia prolongar-se indefinidamente, as primeiras horas da noite durar o dobro do que de ordinário duravam, sobrevinha uma insônia a estender-se até uma ou duas da manhã para, no entanto, já muito cedo estar de pé e, com sua mala pronta, sair. Não uma ou duas vezes, tendo viajado para Pinheiros, pensara em permanecer por lá durante toda a semana, mesmo à custa de perder aulas, pelo muito mais que lhe custava separar-se de Camilo, só não o fazendo devido ao seu próprio senso de responsabilidade perante si e os pais, que mantinham sólidas esperanças em relação a sua caçula (diga-se que Artur e a mulher sentiam-se insatisfeitos com o fato de Diva não exercer a profissão pela qual tanto se empenhara, e com o casamento — que apesar de tudo aprovaram por imaginar que fosse fazê-la

feliz — ter-se tornado uma simples dona de casa submissa a um marido que não lhe proporcionara a esperada felicidade). Lídia tornara-se constante junto a Camilo, se não em presença devido aos impedimentos já referidos, pelo menos em pensamento; nos últimos tempos, melhor dizendo nos últimos meses daquele ano dera para viajar não na manhã de sábado mas na véspera à noite para estar mais tempo com ele, motivo pelo qual também passara a regressar na madrugada de segunda-feira, embora com isso tivesse de seguir direto para a escola pois não teria tempo de passar em casa para trocar-se; mas estando junto dele tornava-se uma sombra, empenhando-se em não incomodá-lo durante o tempo em que ele permanecia no ateliê, indo chamá-lo apenas à hora do almoço e deixando-o livre em seguida para não parecer importuna; era Camilo que, na maioria das vezes, interrompia o trabalho à tarde para dedicar-se um pouco à irmã, admitindo não apenas a importância que sua presença adquirira em sua vida mas também reconhecendo-lhe a entrega daqueles poucos dias — a cada quinquena — de permanência juntos, e então saíam para algum passeio pelas redondezas, uma daquelas longas caminhadas que tanto bem faziam a ambos, pois que então se sentiam felizes e livres de qualquer preocupação como se o mundo formasse um círculo ao seu redor, fora do qual nada mais importasse. Era Gertrudes quem cuidava da casa, como já dissemos, e das roupas de Camilo — exceto naqueles dias, quando então Lídia assumia para si essas tarefas: pois com visível satisfação punha a casa em ordem, preparava-lhe os pratos prediletos e ao tomar de suas roupas para lavá-las, ao sentir o cheiro do corpo do irmão em suas camisas, estremecia dum estranho prazer e sentia-se presa de uma momentânea vertigem. Camilo, excetuando os sábados, tinha o hábito de recolher-se por volta das dez, após terem ouvido música na vitrola e conversado por um bom tempo sobre os mais diversos assuntos, muitos dos quais simples banalidades do dia-a-dia, com que no entanto se entretinham como adolescentes — sendo que de Lídia se possa dizer com certa propriedade que talvez ainda permanecesse numa espécie de adolescência tardia; acostumara-se a preparar a cama do irmão e, em seguida, a sua; depois retornava para estarem juntos por mais algum tempo, quando então entretinham-se com a leitura de algum livro. Camilo por fim recolhia-se à cama e pegava no sono. Ao percebê-lo adormecido, ela, que até então estivera lendo à luz de um abajur, com muito cuidado para evitar acordá-lo ia sentar-se na beira da cama pondo-se a observar-lhe as feições, diríamos mesmo “submergir” em seus traços, de uma maneira que teria pejo em fazer quando ele pudesse corresponder ao seu olhar.

Qual a verdadeira natureza dos sentimentos de Lídia pelo irmão? Esta pergunta, que ora fazemos ao leitor de maneira um tanto súbita logo no início de um novo parágrafo, produziu na jovem um sobressalto quando

por fim abordou a questão não dessa forma direta que utilizamos, mas após transitar por todos os “desvios”, por assim dizer, do caminho que inevitavelmente a conduziria até ela. De tudo que já dissemos a respeito, o leitor decerto terá percebido que Lídia amava Camilo de uma forma diversa do amor natural que uma irmã tem pelo irmão, sentimento esse que provinha — sempre o mesmo, sempre intenso, visceral, apaixonado — desde os tempos de infância, ainda que então a criança de sete, oito anos não o compreendesse, e mesmo mais tarde, ao tornar-se adolescente e por fim adulta, tardasse a compreendê-lo. Foi no período de férias no começo do ano seguinte, quando se decidiu a passar dois meses em Pinheiros, que uma noite — enquanto Camilo se vestia para dormir — a jovem, olhando-se no espelho do banheiro, abriu-se por fim à inquietante indagação, e teve medo da resposta. “Eu tenho de respirar o mesmo ar que ele respira” disse baixinho consigo mesma, enquanto contemplava o próprio rosto e descobria em si uma beleza perturbadora “à qual ele não poderá se manter insensível” teria acrescentado, de maneira contudo sutil até mesmo para si, até mesmo para si custando admitir seus sentimentos. Demorara desde a infância, mas ela por fim admitiu — não descobriu, não se apercebeu de, mas simplesmente admitiu — que amava Camilo não como irmã, mas como mulher, e amava de uma forma arrebatada que chegava a desnor-teá-la.

Poderia, contudo, dizer-lhe isso? Naquela noite, muito perturbada, alegando sentir-se indisposta recolheu-se mais cedo, trancou a porta de seu quarto a chave — cuidado que nunca tivera antes e do que, mesmo então, é provável que não se tenha apercebido — e, deitando-se, permaneceu acordada por longo tempo no escuro. Nos dias que se seguiram Lídia começou a afastar-se de Camilo, evitando sempre que possível estar em sua presença: não podia esquivar-se ao café da manhã e ao almoço em sua companhia, mas já não ia como antes ao ateliê, como se acostumara a fazer, onde, enquanto Camilo trabalhava, ela lia algum livro sentada numa *bergère* que mandara transportar para lá; “vou dar uma volta” dizia-lhe da porta, e saía, passando a tarde fora. Também à noite passara a recolher-se mais cedo, ainda que lhe deixasse a cama feita. Quando, porém, não tinha como fugir, evitava olhá-lo diretamente nos olhos, parecia pouco à vontade, falava pouco e respondia-lhe por meio de monossílabos, mantendo a cabeça baixa.

Camilo, como não podia deixar de ser, notou a mudança de comportamento e um dia, durante o café da manhã, segurou-lhe o queixo com delicadeza e obrigou-a a encará-lo:

— Irmãzinha — disse —, que é que há de errado?

Lídia sentiu os olhos encherem-se de lágrimas. Encarou-o, não obstante, enquanto as lágrimas desciam pelas suas faces, mas não respondeu, apenas movendo a cabeça numa negativa.

— Não quer dizer?

Moveu a cabeça, por enquanto não tinha nada a dizer, e pediu-lhe que não insistisse naquilo.

Mas os dias transcorreram sem que se notasse qualquer mudança em sua disposição de ânimo, mantendo Lídia seu comportamento arredo e parecendo ao irmão um tanto perplexa quando ao pressentir-lhe a presença voltava os olhos em sua direção descobrindo que ela o vigiava às escondidas, ocasiões em que Lídia procurava dissimular, no mais das vezes afastando-se sem nada dizer (ocasiões também em que Camilo quase se decidia a interpelá-la para tirar a limpo aquele mistério, não o fazendo apenas para não contrariar-lhe a vontade), e assim cerca de duas semanas depois que ela admitira a verdade de seus sentimentos em relação a Camilo não tomara ainda uma decisão, posto que intimamente se questionasse sobre o que significaria essa “decisão”. Pois poderia decidir-se a alguma coisa e, em caso positivo, a quê? “Entregar-me a ele” ocorreu-lhe por fim, certa noite antes de deitar-se, contemplando-se no espelho do banheiro, quando diante da própria beleza — os cabelos soltos e em desalinho, os lábios de carmim, a blusa aberta expondo os seios morenos, a pele bronzeada por ter-se deitado ao sol com frequência naqueles dias — não acreditou que fosse recusada, e tal pensamento não chegou a fazê-la estremecer: pois então cogitava também no fato de serem irmãos, mas o incesto não lhe pareceu tenebroso nem assustador: talvez — concordou — não fosse comum; homens e mulheres sempre buscavam seus pares fora da casa paterna, e era certo que se um caso assim se tornasse público provocaria, por contrariar normas estabelecidas, o clamor do mundo. Mas a ela mesma, afora o fato de ser incomum, não lhe parecia nem anormal, nem monstruoso, nem mesmo errado: “É amor, é apenas amor. Por que não posso amar meu irmão? Não será ele um homem, e eu não serei acaso uma mulher?”.

Na véspera dera-se entre ambos um incidente singular: ela aparecera à porta do ateliê, à tarde, num momento em que Camilo a julgava fora, passeando pelas imediações. Ao contrário de até então, e com algum esforço, simulou tranqüilidade, mas sem nenhuma preparação perguntou-lhe se ele não tinha *alguém*, “uma namorada, quero dizer”. Depois de já estar em Pinheiros há quase dois meses, a indagação, assim direta e descabida, surpreendeu Camilo que, no entanto, voltou-se para ela respondendo-lhe que no momento não, “você sabe, afinal não me vê com ninguém”; “mas você gosta de alguém?” ela quis saber ainda, avançando um passo e já perdendo o controle de si mesma, pois suas feições se contorceram denunciando a angústia que a afligia; “não, por enquanto não me interesso por ninguém” ele disse, sorriu-lhe e voltou a pintar; “incomodo se conversarmos um pouco?” ela insistiu avançando mais um passo e torcendo as mãos com

nervosismo, e conquanto ele tivesse respondido que não, que até lhe seria agradável palestrar enquanto pintava, Lídia manteve-se quieta olhando-o de costas por algum tempo; como a irmã nada dissesse Camilo voltou-se um instante e, mesmo estranhando que ela continuasse no mesmo lugar a encará-lo sem nada dizer, sorriu-lhe com simplicidade e voltou-se para o quadro no qual trabalhava; Lídia então avançou até a janela, onde se debruçou sem coragem de voltar-se para o irmão nem de falar coisa alguma; “e então?” Camilo disse depois de alguns instantes, “sobre o que quer falar?”, mas Lídia não respondeu, conservando-se debruçada no peitoril da janela e de costas para ele; virou-se de repente num movimento rápido, esteve indecisa por alguns segundos mas logo avançou para o anexo onde, entre outros quadros que Camilo preferia não deixar à mostra, encontrava-se — coberto por um véu — *A Virgem com o Menino*. Lídia afastou o véu e ficou a olhar durante longo tempo para a pintura. Camilo pensou que seria um bom momento para solucionar aquele mistério, já que ela viera até ali — conforme lhe pareceu — disposta a falar-lhe algo; talvez não se sentisse encorajada, pensou, mas se ele insistisse, se ele mansamente tocasse no assunto... então, deixando a paleta e o pincel no cavalete entrou no anexo e se aproximou da irmã, tocando-a no ombro:

— Por que não diz o que a aflige, irmãzinha?

Lídia, porém, sentiu como que um choque elétrico sacudir-lhe todo o corpo e, afastando-se num repelão, apontou o quadro:

— Quem era ela, Camilo? — perguntou.

— Eu lhe falei sobre ela certa vez, Lídia — ele disse, porém sem conseguir disfarçar sua perturbação. — Faz tanto tempo...

— Uma mendiga que você encontrou algumas vezes na rua... e que depois apareceu morta junto com o bebê no terreno baldio ao lado de nossa casa...

— Então você se lembra — ele diz. — Por que pergunta?

— Você pintou um tema sagrado de forma blasfema, Camilo — ela diz, não porém como recriminação mas num tom de voz apreensivo como se repentinamente sentisse medo.

— Talvez não, Lídia... Talvez haja algo mais do que isso nesse quadro.

— Eu sei que há, Camilo...

— Sabe?

— ...eu sei que há...

— Como você pode saber?

— Eu sei... eu quase adivinho... você amou essa mulher...

Camilo se desconcertou.

— Sim, você a amou... ela devia ser bela... muito bela... pois mesmo arruinada como estava quando... como se vê na pintura... mesmo assim, ainda exhibe traços de beleza.

Lídia olhava fixa e obsessivamente para o quadro. Contraía o rosto numa expressão de perplexidade sem conseguir desviar os olhos.

— O rosto dela e o meu se confundem — disse, não diretamente para o irmão, mas como se falasse consigo mesma.

Camilo estremeceu.

— Por que diz isso, irmãzinha?

— Eu e ela somos uma só — olhou para o irmão: — Somos uma só, Camilo, somos uma só — e seu rosto se contorceu numa careta de sofrimento. — Não é isso? — perguntou francamente. — Ainda que não sejamos a mesma pessoa, o meu rosto e o dela são um só... Não é isso?

— Lídia... o que você está dizendo? — e Camilo tentou segurá-la pelos ombros, mas Lídia desviou-se com agilidade, saiu do anexo e cruzou todo o ateliê em passos rápidos e descontrolados rumo à porta, onde parou, voltando-lhe as costas: “Você me diria, se tivesse alguém?” perguntou, e ele, cada vez mais intrigado e mesmo de longe, examinou-a com atenção, “afinal, o que está acontecendo com você, Lídia? Por que isso lhe interessa tanto?”, “diria ou não?” tornou ela cabisbaixa e ainda sem se voltar para ele, mas Camilo deu de ombros; “não compreendo por que tanto interesse” ele diz, percebendo que não conseguiria arrancar dela uma explicação para suas palavras de há pouco no anexo, “mas é provável que eu diria, sim, o que seria natural, não acha?”; ela porém não respondeu e saiu, ainda de cabeça baixa e evitando encará-lo. Camilo voltou a pintar, mas um minuto depois Lídia reapareceu na porta e então parecia trans-tornada: apoiou-se no batente com a respiração acelerada e seus dedos crispados fecharam-se na maçaneta como se pretendesse trancar-se com o irmão dentro do ateliê.

— Eu tenho um namorado — disse com um sorriso nervoso. Olhava Camilo fixamente, à espera de sua reação.

— Verdade?... Bem... nem sei o que dizer, mas assim mesmo meus parabéns, fico feliz por você. Então está apaixonada?

Lídia pareceu decepcionada, baixou os olhos, esforçava-se agora por aparentar tranquilidade.

— Sim... muito — ergueu os olhos —, pretendo casar-me logo...

Camilo sorriu:

— É uma notícia e tanto — disse, embora sem levar muito a sério a revelação pelo que ela tinha de intempestiva —, admito que me pegou de surpresa. Mas talvez você devesse esperar um pouco, não acha?

— Por que esperar?... Não é bom que a gente se case quando se está apaixonada?

— Sim, mas você é tão jovem... Esperar não significa que você vai deixar de estar apaixonada, nem que vai desistir do casamento.

— Significa então o quê?

— Simplesmente que você pretende refletir para certificar-se de que esta é a decisão correta... e de que está segura dos seus sentimentos...

— Sim, eu sou jovem... e estou certa de minha decisão...

— ...e também de que conhece bem seu pretendente...

— Eu o conheço muito bem... ele é bonito, bondoso, carinhoso, inteligente...

— E gosta de você...

— Sim, gosta de mim.

— Por que não o traz para que eu o conheça? Vocês podiam passar um final de semana aqui comigo. Seria divertido.

— Você quer conhecê-lo?... Ainda não disse nada em casa...

— Nossos pais então ainda não sabem...

— Não... não direi nada por enquanto... talvez não devam saber... pelo menos por ora.

— É uma decisão sua, irmãzinha, não devo intrometer-me, mas há coisas que não é bom ocultarmos de nossa família. — Fez uma pausa, encarando-a com uma gravidade simples, à qual associou um sorriso: — Já que contou para mim, por que não também para eles?

Lídia baixa outra vez os olhos para o chão. Cobre o rosto com ambas as mãos e assim fica por alguns instantes. E então ri, um riso curto e nervoso, encarando outra vez o irmão:

— É mentira, sabe? — ela diz.

Camilo põe-se sério, cada vez compreendendo menos o estranho e inesperado comportamento da irmã. “O que está se passando com essa menina afinal?” — e suas feições se crispam, uma ruga de preocupação vinca-lhe a testa.

— Sim, é mentira... bobo... não há ninguém... não tenho namorado algum...

— Lídia, eu... — começa ele com indecisão.

— ... o que não significa que eu não esteja apaixonada — ela continua — ...que eu não ame... mas namorado eu não tenho... se eu tivesse...

— ...?

— ...eu ficaria tantos dias longe dele? Ficaria?... Como você pôde acreditar...?

— Lídia, irmãzinha... — ele tenta outra vez, mas ela o interrompe com uma pergunta direta e inesperada:

— Você me acha bonita, Camilo? — e seus olhos se cravaram no irmão com uma insistência de tal maneira desconcertante que ele não soube de início o que responder. Baixou os braços e assim esteve por alguns momentos, encarando-a com um certo espanto.

— Responde! Preciso saber que chances eu tenho... com a pessoa que amo. Você me acha bonita? — ela continuava a fitá-lo de forma intensa,

inquieta, um sorriso errante ora a acender-se ora a extinguir-se como em expectativa, uma mecha de sua longa franja resvalando-lhe transversalmente sobre o rosto e acentuando-lhe a beleza.

Camilo sorriu procurando manter sua natural serenidade, e por fim respondeu da mesma maneira carinhosa com que sempre lhe falava:

— Irmãzinha! É claro que você é bonita. Muito bonita, sim, eu acho... E creio que todos que a conhecem...

O rosto de Lúdia se iluminou por um momento, mas tomada por um nervosismo desesperado abriu a porta que havia puxado sobre si:

— Tanto quanto ela? — ainda perguntou, quase de costas agora para o irmão.

— Ela?

— Sim... a moça do retrato... aquela que você amou e...

— Lúdia...

— Você me acha tão bonita quanto ela foi?

Camilo, aturdido, não sabe o que responder.

— Eu sei que você amou aquela mulher, Camilo... é como se eu o soubesse, desde sempre... e imagino o quanto ela devia ser linda... aliás, eu sei o quanto ela foi linda...

— Sabe?

— Sei. Eu me lembro dela. Da menina que você amou aos dezessete anos e por quem você se consumiu e... — "...e eu também, de ciúmes" teria dito, porém conteve-se, calou-se a tempo. — Por favor, Camilo, não negue, porque eu sei de tudo. Como é que eu sei? — sacudiu os ombros. — Eu só sei, apenas isso. Então, diga-me... você me acha tão bonita quanto ela foi?

— Vocês eram diferentes, Lúdia, mas é claro que você também...

— Não minta para mim, Camilo...

— Mas eu não...

— Não... não minta... jamais minta para mim...

E finalmente, num repelão, a jovem saiu do ateliê batendo a porta.

Antes de prosseguirmos, e tendo chegado a um momento, pode-se dizer, crucial da vida do artista no que diz respeito — como veremos — às suas relações de família, façamos uma pausa para refletirmos sobre esse inusitado triângulo amoroso do qual Camilo estava bastante longe de suspeitar. Lembremos, inicialmente, de um outro momento assim, aquele em que o jovem, na véspera de deixar a casa paterna, sentiu confundirem-se em sua mente o rosto da bem amada irmãzinha e o de Karen, seu único amor. O próprio Camilo, decerto, se instado acerca de tal acontecimento, não saberia explicá-lo, pois não só não havia qualquer semelhança física entre ambas, como a natureza do sentimento que o ligava a cada uma das duas era inteiramente diversa. Camilo talvez não tenha se detido a pensar

no caso, ocupado que estava com sua mudança; talvez o tenha evitado deliberadamente, receando não saberia ao certo o quê; ou talvez mesmo aquela impressão tenha se manifestado de forma tão fugaz — um lampejo apenas — que já na manhã seguinte os pensamentos da véspera estariam por completo apagados de sua lembrança.

Lídia, no entanto, não só alimentara seu amor incestuoso pelo irmão todos aqueles anos, como também sabedora da existência de “alguém” em sua vida, “alguém” que ela sabia — sem atinar como — não ter sido apenas uma paixão de adolescente mas que o marcara para sempre — e ali estava a prova, aquele quadro medonho onde, mesmo definhando, percebia-se a força que dominara seu amado —, passava a identificar-se com Karen, não decerto com a moça desgraçada do retrato, mas com a jovem pujante de beleza que fizera a ambos, Camilo e ela, a irmã preterida, consumir-se. “O rosto dela e o meu se confundem” ela havia dito, “eu e ela somos uma só” completara. Por quê, se estava consciente da diferença física entre uma e outra? Podemos ensaiar alguma conjectura, embora a questão deva permanecer aberta à meditação daquele que nos lê: pois apesar da diferença física, não seria sem propriedade que falaríamos de uma semelhança anímica — Lídia, naquele momento, ansiava por transfigurar-se, assumir a identidade da outra, e sem ser propriamente a outra já não ser a irmã, mas tão somente a mulher.

Assim, diante de si mesma no espelho, repetiu “não será ele um homem e eu uma mulher?” e foi em decorrência dessa lógica simples, além da consciência de sua beleza, que se decidiu a pertencer-lhe naquela noite. Quando entrou no quarto de Camilo onde a lâmpada do abajur, acesa, provia o cômodo de uma claridade baça, vestia apenas uma fina camisola cujo tecido semitransparente chegava quase a descobrir-lhe a nudez. Lídia sentou-se na cama e tomando uma das mãos de Camilo, adormecido, pôs-a primeiro em seu seio, comprimindo-a levemente contra si, e em seguida sob a camisola em seu colo — porém Camilo despertou e num salto sentou-se, empurrando a irmã.

— Lídia! Que está fazendo? — e enrolando-se no lençol desceu da cama, procurando manter-se o mais longe possível dela.

Acendeu a lâmpada do teto.

— Camilo...!

— Que há com você? Afinal... que é que lhe passa pela cabeça?

Lídia pôs-se de pé e deixou cair a camisola aos pés, descobrindo ao irmão — ao amado — sua esplêndida nudez.

— Que é que você pretende? — disse Camilo quase com pavor, pondo-se de cócoras num canto e encolhendo-se, ao mesmo tempo em que arrepanhava o lençol para cobrir-se o máximo possível. — Quer tornar-se maldita?

— Camilo!...

— Saia daqui, Lília — ele disse sem encará-la. — Saia agora... e amanhã vá embora desta casa... bem cedo... o mais cedo possível... antes mesmo que raie o dia... vá embora e não volte...

— Camilo...

Mas Camilo, conquanto não alterasse seu tom de voz, pela maneira incisiva com que falou não deixou dúvida quanto à sua disposição de afastá-la de si:

— Saia, Lília!

— Eu sou sua, Camilo... ela será sua através de mim... lembre-se de que eu e ela somos uma só...

— De uma vez por todas, Lília — ele gritou em desespero —, **saia!** Não poderemos tornar a nos ver.

Lília não esperou amanhecer: pouco depois, levando consigo apenas um agasalho, seus documentos e o dinheiro de que dispunha, deixou a casa.

Quatro dias mais tarde, quinta-feira, Camilo recebeu pela manhã bem cedo um sucinto telegrama do pai:

“Venha com urgência. Coisas muito graves aconteceram. Sua irmã Lília muito mal.”

Entrou na casa do pai após as duas da tarde.

Ouvindo o barulho da porta, a mãe, que se encontrava sentada no sofá da sala lendo as Escrituras, levantou-se tomada de um pressentimento e se encaminhou para o vestibulo. Olhou-o com espanto, conquanto devesse esperar por ele, e o filho da mesma forma surpreendeu-se diante daquela senhora magrinha de cabelos ralos e grisalhos, olhos consumidos de quem houvesse chorado muito, com roupas denotando muito uso e de cores neutras, visíveis na face os sinais de um sofrimento que ele nunca vira:

— Mãe...

Mas Lília recuou um passo:

— Filho!... Oh, filho!...

— O que foi que aconteceu, mãe?

— Sobreveio a provação a esta casa, Camilo... E tudo de uma só vez... Pois ontem... — mas ouvindo passos dentro, Lília interrompeu-se: — Antes de tudo, seu pai quer falar-lhe.

À porta apareceu um homem de feições devastadas, em mangas de camisa e calçando tamancos, envelhecido de tal forma que custou a Camilo dar-se conta de estar diante do pai.

— O que foi que tu fizeste à tua irmã, Camilo!

Arthur talvez tenha tentado mostrar-se enérgico, porém sua voz soou

insegura, ligeiramente trêmula como a voz de quem se esforça para sustentar o pranto. Camilo não compreendeu tal interpelação, nem a aparência moribunda do pai, nem quando a mãe recuou para dentro da sala cobrindo o rosto com as mãos e desatando num choro abafado.

— Pai... não sei... deixe-me...

Mas o pai, afastando-se da porta, ordenou com um gesto que nada dissesse, mas que entrasse e se sentasse, sentando-se por sua vez defronte ao filho e ao lado da mulher, que ainda soluçava com as mãos no rosto. Então, com a mesma voz insegura e falando de forma atabalhoada como se quisesse dizer tudo em poucas frases, porém embarçando-se e tendo de retornar sobre o que já havia dito para explicar melhor, e assim perdendo o fio da meada, interpondo algumas pausas para lembrar-se do que dizia ou para conter o pranto, quando então levantava a mão espalmada num gesto de espera, logo recomeçando, mas de outra maneira e dizendo coisas sem muito nexo que pareciam não ter relação direta com os fatos que pretendia relatar (por exemplo, insistia naquilo de que “o Senhor lançou sobre nós a provação para testar nossa firmeza na fé” e de permeio, relembando a história de Jó, intercalou aí uma explanação sobre a paciência que Deus requer de seus filhos na hora do tormento, que Ele próprio provocava — ou permitia que *Inimigo* provocasse, “pois também ao *Inimigo* concede Ele licença para tentar Seus filhos e conhecer-lhes a perseverança”), de forma que Camilo quase nada pôde entender de início; assim, pois, falando, Arthur conseguiu referir — e com dificuldade fazer-se entender — tudo que acontecera na véspera: pela manhã viram com assombro Lídia, a quem ainda julgavam em Pinheiros, “em tua companhia, Camilo, em tua companhia”, chegar em casa num estado lastimável — as roupas rasgadas e sujas, com muitos ferimentos pelo corpo e parecendo ter perdido o juízo —; “corremos a acudi-la” interveio a mãe, “perguntamos-lhe o que havia acontecido, mas...”; conforme pôde depreender das palavras do pai, pareceu a Camilo que Lídia encontrava-se catatônica, e quando lhe perguntaram o que havia acontecido, a jovem conseguira apenas murmurar com voz muito fraca o nome do irmão.

— Meu nome! — Camilo exclamou, tomado de pavor.

— Houve mesmo um momento... — e então a voz de Arthur fraquejou de vez e, curvando-se para a esposa, apoiou a fronte em seu ombro como a buscar forças nessa mulher envelhecida e débil que, não obstante, segurou-lhe a mão que vagava no ar. Houve um momento, ele disse, mas o que acontecera nesse momento? Camilo mais uma vez teve dificuldade para entender o discurso entrecortado do velho, que lhe referiu um fato significativo, pois a certa altura, quando já haviam lavado e tratado os ferimentos da filha, esta, já deitada, pareceu ter um lampejo de lucidez, um instante brevíssimo no qual reconheceu o pai sentado na cama ao seu lado:

então segurou-lhe debilmente o braço, “pai” disse, “pai” repetiu, e em seguida, “Camilo... Camilo...”, e ele “sim, filha, o que tem Camilo?”, e ela com um desfalecimento “Camilo, pai... Camilo... destruiu... meus sonhos”, logo após recaindo naquele estado de desconhecimento do que se passava ao seu redor, no qual permanecia até então.

Arthur, muito vermelho, aprumou-se. Correu os dedos pelas falripas desgrenhadas.

— Tu abusaste de tua irmã, Camilo? Cometestes tal desgraça?

Recrudescceu o choro, agora quase histérico, da mãe, que não suportando mais a tensão levantou-se com um gemido prolongado golpeando o peito com os punhos ressequidos e saiu da sala, ante o que, alarmado, pois nunca vira a mulher assim, Arthur levantou-se seguindo-lhe os passos enquanto Camilo, atônito e ainda sem saber o que pensar e sem mesmo compreender o que se passara, viu-os sair reparando em suas costas magras, em suas figuras alquebradas, seu andar inseguro, suas roupas pobres a lhes acentuar a aparência de destruição. Alguns minutos depois regressaram, e Arthur reconduziu Lídia até o sofá.

— Oh, meu filho — disse Arthur sentando-se e voltando-se para o filho —, serias capaz de abusar de tua pobre irmã?... — Mas antes que Camilo fizesse sequer menção de responder, Arthur — que se esforçava por não desmoronar novamente e imprimir alguma segurança à voz — levantou a mão num sinal de espera, como se ainda houvesse mais a ser dito. “Tenho consultado as Escrituras desde ontem” interpôs sem manter um nexos com o que dizia, “e tenho pedido forças ao Senhor...” e ainda mantendo a mão erguida curvou a cabeça para o peito. Por volta das três da tarde — Arthur continuou seu relato da mesma maneira entrecortada com que falara até então —, tendo Lídia adormecido, ouviram bater à porta e quando foram abrir depararam com um homem de aspecto austero e vestindo um terno escuro que, levando a mão ao chapéu, pediu entrada por alguns momentos, pois tinha uma grave revelação a fazer. “Mandamos que entrasse... não compreendíamos, mas assim mesmo...”, então o homem identificou-se como investigador da polícia e, escolhendo as palavras mas com a firmeza que a profissão lhe exigia, informou que “o marido de sua filha Diva, pois não? O senhor tem uma filha com esse nome, correto?, cujo esposo se chama Haroldo”, pois bem!, Haroldo estava morto. Lídia, que se encontrava junto do marido, sentiu-se desfalecer e apoiou-se nele para não cair enquanto fixava o policial à espera do resto, sendo-lhes dito que pelo que presumiam das investigações preliminares Haroldo morrera havia poucas horas vítima de uma elevada dose de arsênico, tendo sido encontrado na mão crispada do defunto um papel, escrito de seu próprio punho “pois o papel foi recolhido como prova” acrescentou o policial, “e, conquanto ainda não tenha passado por uma rigorosa perícia, conse-

guiu-se comparar as letras a partir de uma caderneta de anotações pessoais encontrada em seu bolso, e parece fora de dúvida que foi mesmo escrito pelo morto”, com as seguintes palavras: “*Minha mulher é culpada de minha morte*”, palavras essas que implicavam Diva seriamente na súbita e inesperada morte do marido. Arthur mais uma vez levantou a mão, continuou: o policial informara ainda que a esposa do morto, “sua filha, que se encontra em estado interessante, pois não?”, fora hospitalizada em estado de choque, mas que assim que estivesse em condições seria intimada a depor. Era tudo. “Sua tia Ordália veio, coitada... numa hora assim é tão prestimosa...” gemeu Lúdia, miúda e apagada ao lado de Arthur que mais uma vez se interrompia, dessa vez para secar a testa encharcada de suor, “mas” acrescentou, “quando chegamos ao hospital soubemos que Diva havia mais uma vez perdido a criança e que não a poderíamos ver pois seu estado era grave... de forma que desde ontem...”.

Camilo pôs-se de pé e, exasperado, deu dois ou três passos pela sala. Foi espiar pela janela, aí esteve por um minuto, depois voltou.

— E Lúdia? — por fim quis saber. — Quero ver minha irmã!

Levantando-se, Arthur apontou para o corredor, para o quarto da filha, como a dizer “vá vê-la”.

Camilo avançou em silêncio, cruzou o corredor, entrou no quarto.

Lúdia encontrava-se deitada sob um lençol, muito pálida, com sinais de ferimentos no rosto e nos lábios. Não deu acordo de si, não demonstrou perceber que havia mais alguém no quarto.

— Lúdia — Camilo disse em voz quase sussurrante. — Lúdia, minha irmãzinha...

— Ela não responde, filho — disse a mãe às suas costas.

Camilo voltou-se. Seu pai também estava ali.

Lúdia, com efeito, não respondia, e mesmo quando Camilo chamou por ela outra vez, tocando-lhe de leve o ombro, não lhe passou pelas feições nenhum sinal de consciência.

— O que tu fizeste a ela, Camilo?

— Arthur...!

— O que tu fizeste a ela, Camilo? — impôs-se com autoridade a voz de Arthur.

— O que eu fiz! — exclamou baixinho. — Eu nada fiz! — e sorriu um sorriso abismado enquanto balançava a cabeça com incredulidade — Ora essa... Como podem acreditar que...?

E um terrível silêncio se fez entre os três, enquanto Camilo continuava a olhar ora um, ora outro, pasmado.

Arthur caminhou até a janela, curvou um pouco a cabeça como se preparasse um discurso, mas manteve-se calado por algum tempo.

— Queremos crer que você está dizendo a verdade, filho — a mãe pa-

recia mais calma agora —, sim, cremos que... No entanto ela chegou em casa ontem pela manhã, e neste estado, veja — aproximando-se da cama levantou o lençol. A moça vestia uma camisa fina que lhe deixava os braços nus, nos quais — bem como no pescoço — se viam numerosas manchas roxas. — Tem manchas assim por todo o corpo.

— Mas o que lhe aconteceu? — Camilo perguntou, cada vez mais perplexo. — E como pode ter chegado só ontem se...?

— Quando ela chegou — disse a mãe, sem prestar atenção à pergunta de Camilo — mal conseguia falar, já se encontrava meio catatônica... dizia apenas... apenas...

— O que ela dizia?

Mas Lídia cobriu novamente o rosto.

— Você já sabe — ouviu-se então a voz de Arthur. — Dizia seu nome. “Camilo, Camilo” era só o que dizia. No mais, houve aquele momento em que proferiu essa frase terrível... acusando-o de ter-lhe destruído os sonhos.

Camilo afastou-se da cama e foi sentar-se numa cadeira que havia num canto, onde permaneceu de cabeça baixa. Sentia como se estivesse num quarto onde velassem um morto, mas era sua irmã, “a sua irmãzinha” como dizia às vezes de forma carinhosa, que se encontrava sobre a cama com o corpo coberto de machucaduras. Como explicar ao pai — que parecia inculpá-lo e, diante das aparências, com razão — o ocorrido entre ambos e como ele a havia repellido? Se lhe dissesse que fora Lídia a procurá-lo nua em seu quarto e ele a mandá-la embora não acreditariam nele, “e eu, no lugar de meu pai, acreditaria?”. Assim, ainda que persistindo em afirmar diante do olhar paterno nada ter feito contra a irmã, melhor lhe pareceu omitir a verdade.

-Meu pai parece crer de fato que eu, de alguma forma... — disse Camilo meia hora mais tarde, enquanto a mãe lhe servia, na cozinha, um café com broinhas de milho. Moveu a cabeça, olhou para a mãe: — Como eu poderia fazer algum mal a minha própria irmã?... À minha irmãzinha, mãe, à minha irmãzinha...

Lídia nada respondeu, tão somente passou a mão por seus cabelos e suspirou. Também ela duvidaria do filho? Naquele momento Camilo conheceu a solidão, e sentiu-lhe todo o horror.

Pouco depois, no gabinete de Arthur, ouviu dele se não uma reformulação de suas suspeitas, pelo menos uma sentença que lhe pareceu não apenas dura, mas injusta, à qual, contudo, curvou-se sem contestar:

— Tenho meditado mais na Palavra desde ontem — ele disse, agora com a voz pausada e segura. — Passei em claro a noite, meditando...

Calou-se. Manteve-se de cabeça baixa por alguns instantes, cruzando e

entrecruzando os dedos como a procurar um jeito de prosseguir. Depois acrescentou:

— Os motivos de Deus são insondáveis... Seus caminhos... como poderemos compreendê-los?... — mas não prosseguiu, conservou-se de cabeça baixa. Arthur deu-se conta enfim de que não havia muito a dizer e encarou o filho:

— O Mal se abateu de uma única vez sobre nossa casa e eu orei ao Senhor para que me desse uma resposta — fez uma pausa. E por fim: — Quero ***não crer*** que tocaste tua irmã de forma impura, meu filho, oh!, e o Senhor sabe o quanto eu tenho lutado para não acreditar nisto... — No entanto a já quase extinta lembrança das asas negras que outrora pressentiu agitando-se entre as paredes de sua casa recobrou alento, e Arthur convencido da presença do Mal não pôde evitar ser duro com o filho: — Pressinto que tu te desviaste dos caminhos do Senhor, Camilo, e tomaste o rumo da escuridão. Então, ainda que continues a ser meu filho e ainda que eu continue a amá-lo, e principalmente ainda que eu continue a dobrar por ti os joelhos todas as noites nas minhas mais fervorosas orações, eu te peço: não torne a esta casa.

IV

Desta maneira deu-se o rompimento de Camilo com a família, de sua parte não propriamente um rompimento, mas um afastamento, ainda que involuntário e definitivo: pois não lhe pareceu que devesse desobedecer à ordem paterna de não tornar à casa de sua infância, e “não tornar” teve para ele o significado de não procurá-los mais, fosse por seus próprios pés, fosse escrevendo-lhes ou lhes falando ao telefone, e assim por muito tempo não soube dos seus quaisquer notícias, a despeito de ressentir-se de tal decisão. Com isso Camilo não pretendia apenas obedecer à severa imposição do pai: fosse apenas isso e ele pelo menos não se manteria a tal ponto afastado, porém intuía que assim procedendo concorreria para que nenhuma influência perniciosa recaísse sobre aqueles a quem amava mas para cuja desgraça, mesmo sem o pretender, contribuía. Urgia, se não remediar o mal, evitar agravá-lo.

O leitor, entretanto, talvez estranhe a dura “punição”, por assim dizer, aplicada por Arthur ao filho, estranhando tanto mais que apontasse a Camilo os ínvios caminhos que este escolhera trilhar, pois afinal Arthur não podia, como nós, que vimos acompanhando-lhe a saga, seja da nossa cômoda posição de narrador, que presume conhecê-los bem, seja da de leitor, que deles toma conhecimento em primeira mão; não podia, portanto, como nós, conhecê-los a ponto de perceber que o filho trazia em seu ser o *estig-*

ma das Sombras. Não se espante, porém, e não busque, tampouco, uma explicação única para esse pormenor: podemos conceber que Arthur através de sua fé simples e ardorosa lograsse vislumbrar o incognoscível; mas se não quisermos aceitá-lo tão prontamente como uma *revelação*, fiquemos com que Arthur, apesar de tudo, não conseguira refutar inteiramente a idéia de ter Camilo desonrado a irmã valendo-se para isso da força, ato terrível, agravado ainda por ter ao filho ensinado desde a meninice os preceitos sagrados e tê-lo visto, depois, afastar-se tanto desses preceitos a ponto de tornar-se capaz de uma ação hedionda. Em suma, fato é que Arthur não chegara a crer, pelo menos de todo, na instante negativa do filho, persistindo contra a própria vontade numa trágica suspeita.

Os anos seguintes passou Camilo quase de todo sozinho em seu ateliê trabalhando sem parar, tanto em diversas encomendas — em alguns casos retratos de pessoas ilustres —, quanto em pinturas cujos temas se enquadravam em um critério pessoal e muito peculiar de trabalho, com as quais tinha em mente uma nova exposição que, no entanto, demoraria seis anos para realizar, pois seu retorno, por assim dizer — e é conveniente tal expressão, uma vez que o que se viu foi, de fato, um “retorno” — só ocorreria no ano de 1970.

Vivendo já havia vários anos em Pinheiros seria de esperar que Camilo tivesse feito relações, mas o que sabemos de seu temperamento nos diz o contrário: conquanto não fosse ignorado na pequena cidade, onde corraera que o novo morador era “um pintor famoso” que se mudara para o sítio da família (notícia que a própria Gertrudes e o marido se incumbiram de espalhar), Camilo nunca recebia visitas — a não ser de pessoas de fora, que já o conheciam e haviam adquirido quadros seus, ou de pessoas recomendadas por aquelas, que o procuravam pretendendo alguma encomenda —, raro saía de casa e como, pela disposição geográfica singular do sítio, não mantivesse contato com eventuais vizinhos, de resto distantes, não chegara a integrar-se com a gente do lugar.

A “sociedade” na qual já introduzimos o leitor só teve início por volta de 1968, quando o poeta Afonso Ribeiro e, logo em seguida, o músico Silvério Costa, que não o desconheciam de todo, se aproximaram. A despeito de seu caráter reservado, Camilo não os repeliu, pelo contrário, recebeu-os em sua casa, mostrou-lhes o ateliê, os quadros concluídos — excetuando-se aqueles que pretendia manter desconhecidos do público (qualquer público) antes de sua próxima exposição —, falou de arte, ouviu com gosto a poesia de Afonso, que se sentiu muito honrado em declamar para o artista, e chegou a mandar vir do Rio de Janeiro um piano de meiacauda (não muito grande, mas de excelente qualidade) para ter um pouco de música quando das visitas do pianista. No entanto, o grupo que vimos reunido naquela noite de sábado — noite na qual o moço Alencar pedira a

Camilo que intercedesse em seu favor junto a Aureliano Prates pela filha Aurélia — só se constituiu aos poucos; sabemos, por exemplo, que as duas amigas Antônia e Otávia somente passaram a freqüentar o ateliê quase quatro anos mais tarde, mais ou menos na mesma ocasião em que Aureliano e a filha, ou seja, por época de uma exposição de Camilo na Câmara Municipal de Pinheiros; acrescenta-se também que além daqueles que se tornaram assíduos, dos quais diremos “membros permanentes”, houve alguns de quem não se pode dizer que chegaram pertencer à “sociedade”: pessoas que visitaram o ateliê uma ou duas vezes por mera curiosidade e não voltaram, ou cujas visitas seriam tão raras que entre elas e o grupo de maior assiduidade não houve uma relação de interesses comuns muito próxima.

Porém o retorno de Camilo ao final daquela década tornara-se iminente, e se deu de fato — como dissemos — em meados do ano de 1970 num Rio de Janeiro efervescente, tão efervescente quanto o resto do país, que clamava por uma revolução (lembremos datar de dois anos antes o Ato Institucional Nº 5, que cerceou de vez as liberdades individuais naquele despótico período da Ditadura Militar que assolou o país, e que a revolução armada — reprimida não só com rigor mas também com selvageria — ocorria de qualquer maneira, na forma de guerrilhas urbanas com funestos resultados, nos subterrâneos da sociedade amedrontada). Estava, portanto, montado o cenário para uma outra revolução: a de um artista solitário que, mais uma vez, teve abertas para si as portas de uma galeria de primeira linha, que acolheu sua assombrosa coleção numa noite de gala à qual compareceu não apenas a intelectualidade e um grande número de curiosos, o público em geral e em particular os admiradores que uma vez mais não regatearam e pagaram as pequenas fortunas que o artista pedia por seus quadros; mas também os detratores de plantão na figura de um corpo de críticos impiedosos que ainda não se haviam esquecido dos sucessos de seis anos antes. Cumpre referir que o velho Rocha Monteiro, preterido naquela ocasião em favor de Camilo, dando origem a um escândalo em regra, falecera havia pouco mais de um ano, depois uma prolongada enfermidade, sem voltar a expor, o que muitos tinham na conta de uma mágoa que o afastara de vez dos “salões”. Ninguém poderia afirmar que fosse esse o motivo de sua ausência nos últimos anos de vida, mais ainda se nos lembrarmos de sua idade avançada e de seu declínio físico — porém os “inimigos” de Camilo não pretendiam explicações ou esclarecimentos a esse respeito: fora a mágoa que dera com o velho artista na cova, e isso tinha de vir à tona, urgia uma vingança contra esse usurpador (e as palavras vingança e usurpador chegaram, com efeito, a ser pronunciadas a meia voz).

No entanto, para que se compreenda melhor o furor que a reaparição de Camilo veio a causar, desta vez não apenas por seus quadros mas também por algumas de suas declarações, bombásticas e com conseqüências desastrosas, será necessário que façamos neste ponto uma breve digressão acerca da situação das artes plásticas à época, seja no mundo, seja quanto aos seus reflexos no próprio universo artístico nacional.

Ainda que no começo do século XX as artes plásticas tenham passado por um processo de mudança sem precedentes, pode-se assumir como o cerne dessa mudança a atitude tomada por Marcel Duchamp, no ano de 1914, ao apresentar como arte numa exposição alguns objetos que o comum dos mortais não veria como tal, entre os quais um mictório de louça, desses utilizados em banheiros públicos, ao qual deu o nome de **Fonte**. É possível que desde os impressionistas ninguém tenha se conduzido com tal ousadia, nem mesmo pintores como Van Gogh e Munch dentre a chusma de movimentos que, cada qual à sua maneira, pretendia apresentar inovações através de novas técnicas pictóricas que, de um modo geral, refletiam mais uma atitude pessoal em relação à arte do que propriamente uma novidade. Temos como certo que artistas como Van Gogh e Munch são, por si só, uma “escola”, mas muitos dos que naquele período apareceram com seu discurso pretensamente inovador teriam apresentado mais discursos do que resultados, e é nesse contexto que a ousadia de Duchamp tornou-se um caso à parte: mictórios de louça, rodas de bicicleta, cabides para copos, isto é, objetos de uso cotidiano foram transportados para as galerias como obras de arte, dando origem a um conceito que com o tempo converteu-se em nada menos que um chavão, adotado como argumento por muitos daqueles que pretendendo ser artistas não conseguiam mais que ser excêntricos e, em muitos casos, excentricidade nem um pouco original, já que sua atitude não passaria de meras repetições: segundo tal conceito, qualquer objeto deslocado de seu uso trivial para ocupar um espaço no universo artístico converte-se necessariamente numa obra de arte. Surgiu daí aquela que veio a tornar-se conhecida como **arte conceitual**, motivo de profundo descontentamento — e por que não dizer, de irritação — por parte de Camilo Duarte, que a tais manifestações referia-se como “o caminho dos medíocres”, tendo numa entrevista — por ocasião mesma de seu reaparecimento — chegado a declarar “o que seria desses pobres-diabos se não houvessem inventado a arte conceitual? Talvez se tivessem perdido em suas vidas vazias e sem sentido, sem nem ao menos compreender por que estavam vivos, da mesma maneira que não compreendem o que seja a Arte, conquanto se julguem artistas e pensem produzir grandes obras”. Em sua permanência no Velho Mundo, Camilo viu essas excentricidades serem produzidas sem limites e qualquer critério, mas procurou ignorá-las para “beber da fonte” dos velhos mestres; de volta ao

Brasil foi com o que também se deparou, em larga escala, sendo que então já não encontraria — a não ser em raras exceções — o lenitivo dos velhos mestres para atenuar seu aborrecimento. Quanto ao que ele tinha a mostrar, não era algo apenas pessoal ou que simplesmente fugisse a “tais perniciosas tendências” segundo suas próprias palavras, mas alguma coisa muito maior.

Em sua mostra atual Camilo seguiu, de certa forma, a anterior com respeito à técnica, revelando porém um inesperado refinamento que indicava extraordinária perícia no uso do pincel para obter detalhes às vezes mínimos mas que, uma vez ali, dir-se-ia — ainda que com um certo exagero de retórica, mas que permite uma melhor compreensão do que se pretende referir — que qualquer traço a mais seria excessivo, e a menos seria percebida sua falta.

Os temas variavam, não estando porém ausente aquela preocupação filosófica de seis anos atrás, e como então uma filosofia pessimista e mesmo destrutiva: desde a miséria das ruas às misérias da alma — neste caso, de grande intensidade psicológica —, de pinturas alegóricas até a representação de mitos da Grécia Clássica, via-se de tudo, porém retratado com uma profundidade e um vigor que não só atraía o olhar como arrebatava o expectador, colhia-o como uma rede colhe um pássaro em pleno vôo, prendendo-o em seus liames.

Se podemos dizer que o conjunto da mostra causou perplexidade pelo inesperado de uma obra assim num período em que as tendências da arte, como vimos acima, eram inteiramente diversas (sobretudo tendo-se em vista que em 64 Camilo já se apresentara de forma similar, sendo portanto de esperar que ao mudar de rumo ele houvesse aderido, pelo menos em parte, às correntes mais em voga, verificando-se pelo contrário que tal coisa não só não acontecera como parecia nem passar pelos planos do artista), um quadro em particular provocou celeuma...

Porque para aquela exposição Camilo fora buscar em seu ateliê, num certo compartimento que de ordinário se mantinha trancado, um quadro muito especial que nos últimos dez anos ali permanecera guardado: e ao desembulhar a tela não pôde ele mesmo evitar um estremecimento ao se deparar com os olhos fundos e as feições consumidas e às vésperas da morte da única mulher que, uma vez apenas em toda a sua vida, lhe despertaria o amor — para em seguida destruí-lo e, destruindo-o, destruir-se a si própria: Karen.

A Virgem com o Menino, depois de todos aqueles anos, ressurgia.

Que reação suscitaria uma interpretação não apenas singular mas profana e francamente herética de um tema sagrado? Basta dizer que o quadro causou assombro, e neste ponto achamos por bem abrir uns parêntesis, antes de falar da beleza da pintura, para nos perguntarmos o que é a

Beleza numa obra de arte. Não é certamente uma pergunta simples, que admita uma resposta direta e definitiva, mas nos parece fora de dúvida que o *Belo* tem muitas faces, dentre as quais algumas podem nos causar horror. A beleza de *A Virgem com o Menino*, incômoda — e podemos mesmo dizer abominável —, ao mesmo tempo que fascinava produzia uma espécie de “frio na espinha” que obrigava o espectador a franzir o cenho, contrair as faces, imobilizar-se numa contemplação abismada; afastar-se com um desconforto na alma e retorcendo o nariz numa careta de repulsa, mas depois voltar para diante da tela e mais uma vez encarar com aborrecimento a abjeção daquela imagem cujo olhar direto sobre o espectador parecia querer gravar-se permanentemente em sua memória como uma acusação. Entre os comentários a meia-voz, ouviu-se alguém murmurar que “uma pintura assim nos diz que é inútil ter esperanças”.

Conforme dissemos, Camilo tinha o hábito de chegar com atraso às estréias e retirar-se pouco tempo depois, e nessa noite não foi diferente: a abertura fora marcada para as oito da noite, mas ele apareceu somente por volta das nove, aí permanecendo pouco mais de uma hora, tempo durante o qual falou aos presentes, manteve-se alheio aos seus “inimigos” (que a bem da verdade ele próprio ignorava quem fosse ou mesmo se estavam ali), e respondeu à imprensa.

No entanto os incidentes daquela noite tiveram início quando alguém — uma pessoa desconhecida, não ligada nem à imprensa nem à Arte — tocou no nome de Rocha Monteiro, perguntando a Camilo se ele de alguma forma não se ressentia diante do mais ou menos recente falecimento do velho mestre, que desde a desfeita sofrida “por sua causa, Sr. Camilo, quando teve a exposição cancelada em favor da sua” não mais expusera. Essa lembrança, pela forma brusca como se deu, desagradou a todos não deixando, porém, de “eletrizar” os presentes, cujos olhares convergiram para o artista — que, contudo, não se perturbou: como se tivesse uma resposta preparada, respondeu que não, pois “Rocha Monteiro percorreu o seu caminho e, diga-se de passagem, muito bem, enquanto eu estou percorrendo o meu. Além do mais, a morte é para todos”.

Tal interpelação, desagradável mas oportuna, foi a deixa para que o assunto se encaminhasse por assim dizer na “direção certa”:

— O senhor fala na morte, Sr. Camilo. — disse um senhor de meia-idade, já bastante grisalho, que se destacando de um dos grupos formados avançou um passo na direção do artista. — O senhor a teme? — perguntou. — Pois muitos temem a morte mesmo que suas crenças lhes digam que existe uma outra vida após — e sem esperar resposta acrescentou: — O senhor crê nessa outra vida? O senhor crê... em Deus?

— Como eu disse, a morte é para todos, porém não me parece racional viver pensando nela ou em função dela, e eu me conduzo por esse modo de

ser. Portanto, só poderei dizer se a temo ou não quando minha hora estiver próxima. Quanto a Deus, conheci-O a partir daquilo que meu pai, que era pastor, me ensinou em minha infância, fosse nos serões de leitura da Bíblia em nossa própria casa, fosse a partir do púlpito de sua igreja, quando pregava para uma pequena multidão. Digo-lhe que aquilo que ele me ensinou em minha infância já não preserva um significado especial para mim, pelo menos não num sentido místico.

— O senhor nos trás hoje um quadro blasfemo — continuou o senhor grisalho —, essa sua... *Virgem com o Menino*.

— Por que blasfemo? — Camilo perguntou, a expressão do rosto inalterada.

— Não há dúvida, o senhor tomou como modelos decerto uma prostituta e uma criança claramente enferma. Além de blasfemo, não será também ofensivo...?

— Ofensivo? — e Camilo, ainda inalterada a expressão de seu rosto, sorriu.

— Sim, ofensivo à fé, e em última análise à própria Igreja.

Camilo se fez sério, crispando as feições:

— O senhor está correto quanto aos modelos utilizados — ele disse numa entonação serena e sem elevar a voz —, tratava-se com efeito de uma prostituta e de seu filho, enfermo e faminto pois a mãe já não tinha leite nos peitos murchos, a quem acolhi em meu ateliê certa noite e cujos esboços eu fiz enquanto a infeliz dormia, depois de ter-se alimentado como se não comesse desde a antevéspera. São detalhes somenos. Mas eu penso que vale a pena ser dito que a criança morreu naquela mesma noite. A mãe, que contraíra tuberculose, desapareceu de meu ateliê pela manhã e foi encontrada morta no dia seguinte no terreno baldio ao lado da casa de minha família, onde eu residia na ocasião.

Camilo fez uma pausa. O silêncio no recinto era tal que permitiria ouvir um inseto caminhando sobre o mármore, e todos os olhos se fixavam no artista, que prosseguiu sem mudar seu tom de voz:

— O senhor faz referência à Igreja. Por que deveria ela sentir-se ofendida? Onde estava a Igreja quando aquela menina de menos de vinte anos se prostituía em desamparo pelas ruas, adoecia, engravidava e trazia ao mundo uma criança que morreria de tísica e de fome, até ela própria, a mãe, também sucumbir pelas mesmas causas?... Que melhores modelos para *A Virgem com o Menino* que essas duas criaturas que resumiam em si toda a miséria da humanidade? — Camilo baixou a cabeça por um segundo, e voltou a encarar o senhor grisalho: — Onde está a blasfêmia? Na minha pintura ou na atitude da Igreja, e mesmo de todos nós, diante da miséria?

O senhor grisalho escutou com interesse tal discurso, que aliás gravou

com o pequeno gravador cassete que disfarçava no bolso de seu paletó, medida que lhe possibilitou reproduzi-lo na íntegra ao escrever sobre a exposição de Camilo Duarte. Este, por sua vez, falou um pouco mais à imprensa, apertou a mão de quem vinha cumprimentá-lo, recebeu reservadamente alguns cheques que guardou com indiferença no bolso do casaco sem nem mesmo dar-se o trabalho de verificar as quantias e em seguida retirou-se.

Se subsistissem quaisquer dúvidas até então, a partir dessa noite estariam todas dissipadas: o nome de Camilo Duarte consagrava-se por sua ousadia, pela excentricidade de sua pessoa mas, principalmente, pelo vigor e brilhantismo de sua obra.

Houve “barulho”, se é que se pode falar de “barulho” num universo restrito e por assim dizer distante do grande público; acenderam-se os ódios, proferiram-se maldições, Sua Excelência o arcebispo daquela diocese soube da novidade e esteve pessoalmente defronte do quadro blasfemo, estremeceu, benzeu-se murmurando intimamente uma excomunhão e retirou-se um tanto abalado. Tudo, porém, parecia não passar de manifestações inócuas contra Camilo Duarte, que atravessava a tempestade sem se dar conta dela, podemos mesmo dizer de forma figurada “sem que o vendaval lhe despenteasse os cabelos”.

Mas para sermos exatos e entrarmos de forma objetiva no relato das conseqüências devemos acrescentar, ainda fazendo uso da figura acima, que “os cabelos de Camilo foram, sim, brevemente agitados”, de tal forma, porém, que tudo não passou — pelo menos para o nosso herói — de um transtorno que lhe custou não mais que um dia afastado de seu ateliê.

Começemos pelo senhor grisalho que o entrevistara e no dia seguinte à estréia escreveu para certa revista de arte um longo artigo ilustrado com reproduções de alguns dos quadros expostos, incluindo uma em cores de página inteira da *Virgem com o Menino*, artigo no qual não omitiu as palavras de Camilo, senão que as transcreveu na íntegra valendo-se da oportuna gravação que fizera. Nesse artigo não se propunha a atacar o pintor e sua obra de forma cega e virulenta, mas a fazer uma crítica desapaixonada e fria. Não pretendemos transcrevê-lo, cansativo que seria para o leitor não apenas por sua extensão mas também pela erudição na qual fora redigido; diremos, porém, que ao fim e ao cabo, todo aquele palavrório tinha como fito tão só afirmar que o que havia era um artista novo na praça, de certa forma talentoso mas desagradável por assumir ares de sumidade sem o ser, em vista do que poderia vir a desaparecer tão rapidamente quanto aparecera; enfim, que Camilo talvez não fosse mais que um desses meteoros que se sobressaem devido a um brilho instantâneo, para apagar-se pouco depois, deixando de sua passagem apenas uma imprecisa lembrança.

Pode-se dizer que entre o público especializado — para o qual Camilo tornara-se *persona non grata* — o artigo despertou interesse, mas o silêncio foi a melhor resposta, pois bem poucos se sentiam dispostos a atear lenha na fogueira e sustentar depois um debate; extrapolando-se o estreito círculo da crítica, os amantes da Arte acolheram a notícia de uma nova exposição do artista com excitação e o artigo suscitou discussões, favoráveis ou não, mas sempre apaixonadas; já para o grande público tudo passou — como não podia deixar de ser — despercebido.

Sua Excelência, porém, sentia-se perturbado.

Ainda que em momento algum fosse interpelado acerca do quadro e nem sequer seu nome viesse à baila em conversas cochichadas nos círculos mais próximos de seu cargo, Sua Excelência sentiu-se no dever de agir. Mais ainda impunha-se-lhe essa noção de dever após, na quietude de seu gabinete e em hora tardia, ler, com preocupação crescente, o artigo publicado e examinar em detalhe a reprodução da afrontosa pintura.

O religioso meditou por longo tempo recostado em sua confortável cadeira, a revista aberta diante de seus olhos, e só se recolheu à cama muito tarde naquela noite, mal conseguindo pregar o olho, a não ser nas primeiras horas da manhã. Acordou tarde, indisposto, e durante o dia meditou. Nos dias seguintes pegou-se vez por outra a caminhar ao acaso, esquecido de seus compromissos e hesitando quanto ao que fazer; momentos havia em que despertava de um devaneio com o breviário aberto nas mãos sem ter lido uma única linha e, tendo perdido a noção das horas, sem lembrar-se ao certo do que lhe passara pelo pensamento.

Depois de tudo acabado, Sua Excelência teve certamente muito mais motivos de inquietação; ao encarar-se no espelho descobria detrás dos sinais de fadiga e esgotamento nervoso outros mais graves, mais perturbadores, nos quais esforçava-se — em balde — para não admitir o mal que lhe lacerava já não o corpo, mas a alma. Então, ao acordar de seus devaneios febris, dava-se conta de que não apenas não se lembrava do que lera no breviário, mas também de que o livro, sem que ele percebesse, caíra ao chão, escapando de suas mãos trêmulas.

Haviam-se passado já alguns dias desde que visitara a exposição de Camilo Duarte e estarecera-se diante da *Virgem com o Menino* quando, certa noite, aí pelas nove, tendo finalmente tomado uma decisão, pediu o carro e ordenou ao *chauffeur* que o conduzisse até certo prédio de aspecto sombrio no centro da cidade, onde uma sentinela, reconhecendo-o — donde se supõe não ser aquela a primeira vez que o via por ali — assumiu a posição de sentido e em seguida franqueou entrada no pátio. Vamos encontrá-lo agora acomodado em uma cadeira não tão confortável quanto a de que dispõe em seu gabinete, mas ainda assim bem à vontade, pelo menos o tanto à vontade que a situação lhe permite.

Defronte, do outro lado da grande e pesada mesa de ébano, sobre a qual acumulam-se pilhas de documentos e processos, um homem fardado ostentando numerosas medalhas, já de cabelos brancos, porém — apesar da idade — atarracado e de aspecto vigoroso, apóia os cotovelos na superfície lustrosa ouvindo-o com atenção concentrada, enquanto examina com não menos atenção — mas sem ter lido o longo artigo — a reprodução de *A Virgem com o Menino*.

— Veja, meu amigo — diz Sua Excelência a essa altura — que não se trata apenas da abordagem blasfema de um tema sagrado, o que por si só já exigiria um corretivo, mas também das próprias palavras do tal pintor: pois não teve ele o atrevimento de culpar a Santa Madre Igreja da prostituição e morte dessa moça e de se mostrar insensível diante da miséria, o que é francamente uma mentira, e mais, a crer no que diz o articulista, estendeu tal acusação a toda a sociedade?

O militar — pois como o leitor certamente já desconfia se trata de um militar — permanece em silêncio após Sua Excelência calar-se. Apóia agora a fronte numa das mãos, enquanto a outra permanece inerte sobre a mesa. Procura com os olhos as frases aludidas, e enquanto lê move lentamente a cabeça num gesto de concordância.

Por fim recosta-se, cruza os braços respirando fortemente e limpando a garganta enquanto dirige o olhar para um ponto qualquer no teto, atitude na qual permanece durante meio minuto.

— Eu percebo — acrescenta Sua Excelência — um viés francamente comunista no acontecimento em sua inteireza. Não apenas fere um dos pilares de nossa sociedade, que é a Igreja, procurando fazer crer que se trata de uma instituição não confiável, o que pode abalar a fé dos menos firmes em sua crença, para não falar do aspecto ofensivo e pecaminoso da pintura: também, ainda que de forma velada, sugerindo que vivemos numa sociedade desumana, incita à revolta. O que dirão os inimigos do Estado de posse desse artigo? Certamente a influência é perniciosa, se não perigosa.

O militar agora encara Sua Excelência:

— Serão tomadas providências — disse por fim —, Vossa Excelência pode estar tranqüilo.

— Graças a Deus! Eu sabia que podia contar com o amigo!

— Saiba, meu caro — continuou o militar adotando uma atitude menos rígida e mais franca —, que nossa luta contra a subversão tem sido grande. Exaustiva, até! O inimigo tem resistido tenazmente, tem-nos oposto forças nada desprezíveis, mas não esmorecemos, nem esmoreceremos — e, curvando-se na direção de seu interlocutor, bateu com o dedo indicador da mão direita no tampo da mesa: — Ninguém dirá que o Coronel Rebelo fraquejou no exercício de suas funções. — E recostando-se outra vez, as mãos com os dedos entrecruzados sobre a mesa, o rosto co-

mo que talhado em pedra: — Ele será intimado a depor, Excelência, e serei eu, eu mesmo, a interrogá-lo.

Ao pôr-se de pé para cumprimentar o religioso, com renovada gravidade o austero militar juntou os calcanhares em atitude marcial. Sua Excelência retirou-se com um suspiro de alívio e naquela noite dormiu um sono mais tranqüilo.

Dois dias depois uma viatura do Exército cruzou sem pressa as ruas centrais da sossegada Pinheiros, alcançou uma estradinha que conduzia à zona rural e avançou por ela levantando uma nuvem de poeira; parou pouco mais de um quilômetro adiante, defronte a uma porteira de madeira já um tanto carcomida pelas intempéries; um soldado desceu, abriu a porteira, olhou meio desorientado em volta tentando encontrar uma escora com que mantê-la aberta, mas o motorista — um sargento de meia idade e porte colossal — avançou abruptamente, atravessando-a e por pouco não atropelando o soldado, que para escapar teve de esquivar-se com um pulo para o meio do mato. “Mais devagar, diabos!” exclamou o soldado, voltando a ocupar seu lugar na viatura, “não há pressa, afinal de contas”.

Camilo encontrava-se em seu ateliê quando a Gertrudes entrou, aflita:

— Menino Camilo, estão aí fora uns homens a procurá-lo — e retorcia as mãos com nervosismo.

— Uns homens, Gertrudes? Que homens?

— Uns homens, menino... fardados... parece que do Exército.

A expressão de Camilo não se alterou. Perguntou-se o que poderiam querer consigo homens do Exército, e saiu incontinentemente para a varanda.

— Sr. Camilo Duarte? — perguntou o sargento avançando um passo.

— Sim, sou eu.

— O senhor está intimado a nos acompanhar. Ordens superiores.

Tampouco então Camilo alterou-se ou mostrou-se perturbado.

— Os senhores me concedem um minuto? Não estou adequadamente vestido.

— Sim, mas deve apressar-se.

A pobre Gertrudes viu, apavorada, Camilo entrar na viatura e esta, após manobrar sobre o gramado, tomar pela ruazinha entre as árvores e desaparecer.

Camilo entrou de volta em casa na manhã seguinte como se nada tivesse acontecido, e à interrogação muda e angustiada da Gertrudes tratou de tranqüilizá-la:

— Nada demais, minha amiga — disse —, fui lá apenas para regularizar uns documentos de que me havia esquecido — e calmamente se dirigiu para o ateliê, onde retomou o quadro no qual trabalhava na véspera como se entre sua saída e seu regresso não se tivessem passado mais de dez ou quinze minutos.

No começo da tarde daquele dia o Coronel Rebelo encontrava-se à sua mesa de trabalho quando o ordenança entrou, perfilando-se e batendo os calcanhares:

— Coronel, o prisioneiro encontra-se na sala de interrogatório — anunciou.

Rebelo levantou os olhos. Moveu brevemente a cabeça sem nada responder e voltou a concentrar-se na leitura dos documentos que tinha à sua frente, enquanto o ordenança fazia uma continência e se retirava. Perdeu a noção do tempo, as horas avançaram, um fio de luz que passava pela estreita fenda entre as cortinas desenhou no chão uma fina faixa luminosa, e essa faixa, feito um ponteiro, percorreu lentamente o espaço entre a porta e a grande mesa de ébano, e só no momento em que a luz feriu-lhe os olhos Rebelo despertou, lembrou-se do preso, olhou o relógio, “quatro da tarde” pensou, respirou fundo, “é hora” e pôs-se de pé.

— Quem está com o prisioneiro na sala? — perguntou à sentinela postada diante da porta.

— Ninguém, senhor — respondeu a sentinela assumindo uma atitude rigidamente marcial.

Rebelo não quis acreditar que suas ordens estivessem sendo descumpridas, pois “é sabido que dois guardas sempre devem permanecer com o preso dentro da sala de interrogatório”. Uma desatenção assim em outros tempos seria motivo de rigorosa punição aos responsáveis. Estaria amolecendo? Apenas respirou fundo, demonstrando na expressão severa seu descontentamento e fez menção de abrir a porta.

Foi a própria sentinela que se sentiu no dever de esclarecer:

— Os guarda saíram, senhor, porque não se sentiam bem.

— Não se sentiam bem? Estarão por acaso doentes?

— Não, senhor... doentes não...

O Coronel cravou os olhos na sentinela:

— E então, soldado? Quer explicar-se?

— ...eles estavam... não sei por quê... mas estavam... apavorados.

Rebelo sentiu um arrepio pelo corpo. Que longínquas lembranças o fizeram estremecer? Nada, porém, deixou transparecer em sua expressão de pedra. Desviou o olhar, “absurdo!” resmoneou, abriu a porta e entrou, fechando-a atrás de si. Viu o prisioneiro de costas, sentado em uma desconfortável cadeira de ferro, e novamente estremeceu. Deu lentamente volta à cadeira. O prisioneiro levantou a cabeça. Seus olhares enfim se cruzaram.

Passava um pouco das vinte e duas horas quando o carro de Sua Excelência estacionou no pátio e o religioso desceu.

— O Coronel está à espera — disse um soldado aproximando-se, e lhe

ofereceu a mão como apoio. Seguindo à retaguarda acompanhou o sacerdote pelas escadas e corredores até a sala da autoridade.

Quando Sua Excelência entrou no gabinete, o homem que viu sentado atrás da mesa já não era o militar de pedra que há algumas noites lhe falara da guerra implacável que movia contra a subversão: ali, ao contrário, estava um homem de expressão devastada, como se tivesse envelhecido dez anos em poucos dias.

— Mandei chamá-lo, Excelência, para prestar-lhe contas.

Mesmo estranhando a voz insegura e a tremura das mãos do militar, o sacerdote sentou-se e esperou, enquanto o outro, permanecendo com a cabeça baixa por longo tempo, parecia meditar. Por fim Rebelo, num suspiro, aprumou-se — o suficiente apenas para encarar seu convidado:

— Coronel... — Sua Excelência começou.

Rebelo espalmou a mão, interrompendo-o, e assim permaneceu por um breve intervalo de tempo. Recolheu a mão, ajeitou-se na cadeira buscando apurar-se um pouco mais. Por fim disse:

— Saberá Vossa Excelência o que foi que me pediu?

— O que lhe pedi?... Bem, Coronel... eu vim aqui naquela noite para...

— Eu sei, Arcebispo, o que veio fazer aqui aquela noite. A pergunta que lhe faço é: sabe exatamente o que me pediu? Em outras palavras: sabe por acaso com quem, ou com o quê, estamos lidando?

O arcebispo franziu o cenho sem compreender. Com quem ou quê estavam lidando? Mas não era uma autoridade militar, investida dos plenos poderes conferidos pelo Estado, que lhe fazia uma pergunta assim estapafúrdia?

O Coronel Rebelo ergueu-se, despiu a gandola e levantou a camisa de malha, exibindo o peito.

— Veja — fundas cicatrizes marcavam-lhe todo o lado esquerdo do peito. — Eu sou um homem de guerra, Excelência, e essas são as marcas que ela me deixou.

Sentou-se, recompondo-se.

— Eu estive em Monte Castelo — fixou os olhos no sacerdote. — Eu estive na frente de combate, eu atirei contra aqueles homens e vi meus companheiros caírem ao meu lado, mas a metralha não me intimidou, senão que me insuflou o ânimo, me atirou para adiante de arma em punho. Eu era um atirador de escol, e à medida que avançava e atirava fazia um estrago nas linhas do inimigo, até que recebi uma rajada e uma mina explodiu a alguns metros de mim... É preciso dizer mais? — mas não esperou resposta: puxou para cima a manga direita da camisa e exibiu o braço e o ombro direito lacerados: — Estas são as da luta contra a subversão — acrescentou. — Uma emboscada. Estive perto da morte, mas sobrevivi. O

mesmo não aconteceu àqueles que me atacaram. Como lhe disse, sou um atirador de fato.

Vestiu outra vez a gandola, mas deixou os botões abertos.

— Vossa Excelência sabia de Monte Castelo? — e agora apontava para um quadro na parede, onde, sobre um veludo azul, destacava-se uma medalha conquistada por bravura. — Talvez, mas e da emboscada que os subversivos armaram para mim? Não, ninguém soube, nada foi noticiado, tudo foi mantido em sigilo. Falou-se à imprensa apenas num ataque a uma viatura e em um soldado ferido. Era preciso que assim fosse, para poder-mos apanhá-los. E apanhamos! Todos eles!

Sua Excelência guardava um silêncio grave, o cenho franzido em expectativa.

Rebello pareceu distrair-se, olhando vagamente para adiante falou como se divagasse:

— Sobrevivi — disse num tom quase de ausência. — A guerra de 45, a subversão... é claro que além da coragem conta-se também com um tanto de sorte, e eu poderia ter morrido tanto lá como aqui, mas... fosse qual fosse o resultado, eu estava enfrentando adversários que podia combater.

Fez nova pausa, baixou os olhos para as próprias mãos entrecruzadas agora sobre a mesa.

— Mas não desta vez, Excelência — disse —, não desta vez.

O sacerdote remexeu-se na cadeira.

O Coronel Rebello falou então do tempo em que comandara uma unidade militar, “eu era um comandante rigoroso” disse, “e devido ao meu rigor talvez tenha sido injusto algumas vezes” admitiu, “mas não podia ser diferente: eu sempre fui um militar, sobretudo eu fui um militar”, e então relatou seu primeiro encontro com aquele soldado por causa de uma ocorrência de insubordinação, “há quanto tempo, meu Deus? Dez anos... mais...”, quando “ele não passava de um recruta sob meu comando, um simples recruta, apenas mais um entre a soldadesca”: apenas mais um, mas a quem jamais desejou encontrar outra vez.

— Porém — disse o militar levantando o dedo trêmulo, os olhos lacrimejantes fitos em seu interlocutor —, ali estava ele de novo à minha frente, tranqüilo, indiferente como se nada pudesse tocá-lo, e o que eu vi em seu olhar naquela tarde distante ... — procurou um cigarro nos bolsos da gandola — ...o que eu vi naquele dia — repetiu — eu revi ontem ao defrontá-lo, e tremi...

Fez uma pausa. Acendeu custosamente o cigarro que mantinha apagado entre os dedos.

— Eu sou um soldado, Excelência, acostumado — fez um gesto indicando uma vez mais as cicatrizes que lhe marcavam o corpo — a enfrentar homens e a não temê-los. — E frisou: — A enfrentar homens, Excelên-

cia... mas há forças que eu não posso enfrentar... que certamente nem mesmo a sua Igreja pode!

Fosse outro artista em circunstâncias similares, o artigo — reproduzido em diversas publicações especializadas — teria força para abalar-lhe o prestígio, e a convocação para depor diante de uma autoridade militar seria suficiente para aterrorizá-lo. Contudo, não se deu assim com Camilo Duarte, que guardou absoluto silêncio acerca dessa convocação e cujo nome, desde então até o ano de 1978, quando fomos reencontrá-lo no início do capítulo anterior, esteve mais do que nunca em voga, e não só dentro mas começando também a extrapolar os limites do território nacional. Enfim, o que aconteceu? Diversos incidentes — alguns graves — marcaram a vida do artista nesse período, dos quais ainda falaremos; cumpre, porém, deixar desde já como pano de fundo uma sucinta descrição de seu progresso profissional. Temos como certo a princípio que, apesar da turbulência que ora parecia envolvê-lo feito um rodamoinho que envolve a frágil embarcação e a arrasta para o fundo, Camilo não possuía essa fragilidade e não se deixaria “arrastar para o fundo”; por isso nesse período trabalhou intensamente, mesmo por vezes abalado, mantendo-se retirado em seu ateliê e preservando-se do contato com o mundo exterior, salvo ou pelas reuniões da “sociedade” em sua casa, de ordinário nos sábados à noite como já foi dito, ou quando algum dos membros dessa “sociedade” ia visitá-lo no meio da semana, de modo geral depois das seis a fim de não incomodá-lo (se bem que vez por outra Camilo pintasse também à noite, permanecendo até as nove ou dez em frente do cavalete — mas nessas ocasiões recebia o visitante no próprio ateliê, conversando enquanto trabalhava. Tais visitas, porém, eram raras, sendo o poeta Afonso Ribeiro e o pianista Silvério Costa quase os únicos a aparecer); ou por alguma eventual viagem a fim de ver o que havia de novo, quando então não permanecia fora de casa mais de um dia ou dois. A produção de Camilo nesse período foi grande, tendo realizado quase uma exposição por ano, duas no Rio de Janeiro e outras quatro noutras importantes cidades do país, exposições essas em que apresentou quase sempre trabalhos inéditos, haja vista que em geral (pelo menos nas duas últimas) as peças expostas encontravam-se vendidas antes mesmo da abertura — o que dá uma idéia não só de sua assiduidade no ateliê, como também de o quanto seus quadros eram então disputados. Além destas, diversas outras foram feitas no mais das vezes com quadros emprestados pelos colecionadores, a quem as galerias procuravam com o afã de expor Camilo Duarte. Na Europa três expressivas mostras ocorreram nesse período, sempre com quadros cedidos por colecionadores, devendo-se ressaltar que onde quer que se expusesse, a pintura de Camilo produzia alarido: tanto encontrava entusiastas e defensores

quanto detratores raivosos que não se satisfaziam em afirmar a infelicidade, se não a mediocridade, de tais quadros, como mesmo intentar fisicamente contra as peças expostas, o que pode parecer exagero, mas que aconteceu pelo menos em duas ocasiões: a primeira, em Madri, em que um certo quadro — do qual ainda falaremos — esteve por pouco para ser destruído quando um expectador furioso investiu contra ele com um estilete em punho, sendo no entanto contido pelos seguranças da casa; a segunda em Roma, em que uma outra pintura em especial atraiu de forma negativa a atenção da crítica que, através de seus comentários ferinos, insuflou alguns dos presentes contra ela; mais uma vez os seguranças intervieram, mas não com absoluta eficiência, pois desta vez o estilete chegou a alcançar a tela produzindo-lhe um corte de alto a baixo; o fato desencadeou uma ação judicial que envolveu a galeria, o vândalo e o crítico responsável, terminando com pelo menos uma prisão e uma multa a título de indenização equivalente a cinco vezes o valor da tela destruída.

Tais acontecimentos chegaram apenas por alto aos ouvidos de Camilo, e alguns de menor monta decerto nem chegaram. O artista não mais voltou ao exterior, e das exposições em território nacional chegou a comparecer nas três primeiras; mas a partir do ano de 1974 manteve-se ausente de suas estréias, e isso devido a um desagradável incidente do qual trataremos mais adiante.

O nome de Camilo Duarte tornou-se portanto bastante conhecido nesse período de oito anos que referimos, porém sua obra não chegou a alcançar o grande público, e isso devido ao fato de nunca sair do circuito das principais galerias, às quais habitualmente comparecia, além dos especialistas, apenas a gente de um nível social elevado, cabendo ao vulgo tão só as notas transmitidas pelos noticiosos da TV falando de algum escândalo, donde que a gente das camadas populares — mais numerosas — teria ouvido apenas por alto sobre um artista, um pintor, que fazia sucesso e causava polêmica, mas de quem pouco ou nada se conhecia. Acrescente-se que tais notícias, ocasionais, logo caíam no esquecimento, e isso explica o que foi dito no início desta biografia acerca do fato de a obra de Camilo — mesmo depois de seu desaparecimento — permanecer em geral desconhecida.

Após essa tumultuosa re-estréia, Camilo voltou para casa sem mais demora na manhã seguinte, descansou apenas um dia e retomou o trabalho. Não tardaria, porém, que se visse envolvido num grave escândalo, pelo menos mais grave do que aquele provocado pelos rumores acerca de uma exposição controversa. Tal escândalo teve origem quando a artista Jacira Verner o sucedeu com uma mostra de seus últimos trabalhos na mesma galeria em que ele brilhara havia apenas dois meses. Antes, porém, de tratar dos tristes episódios que compõem essa lamentável história, e

para perfeita compreensão dos fatos, convém apresentar ao leitor essa artista tão bem-sucedida quanto desastrosamente infeliz.

Jacira Verner era o nome artístico de Jacira Ataíde Lemos, e na altura em que vamos conhecê-la é uma mulher de trinta e dois anos, de estatura média para baixa, um tanto gordalhufa mas não chegando à obesidade, de rosto cheio e desprovido de graça. Usa óculos, uns óculos de formato antiquado, e toda sua aparência é de desleixo: os cabelos, divididos ao meio e sempre amarrados atrás por uma fita, estão de ordinário mal penteados e mal cuidados (visivelmente secos e quebradiços); as mãos, grandes e rústicas, exibem unhas roídas; veste umas roupas que não lhe caem bem, seja pelas conformações naturais de seu corpo, seja por não procurar adequar seus trajes a essas conformações, e de hábito calça uns tênis de má qualidade e gastos, os quais, no mais das vezes são amarrados por cadarços velhos ou pedaços de barbante. Trata-se, contudo, de uma pessoa demasiado tímida, insegura e com tendência à depressão (o que contribui para explicar o desleixo com a própria aparência), e algumas vezes chega a fazer uso de medicamentos fortes que a deixam prostrada. No entanto será útil esmiuçarmos um pouco mais essa personalidade curiosa que, apesar de todos os pontos contra, conseguira alguns a favor e acabara por destacar-se nas artes plásticas, mormente por abandonar-se sem reservas às tendências do momento, e através de diversos experimentos produzir e apresentar uma arte conceitual integrada aos bem-vistos modismos que a Camilo Duarte tanto aborrecia.

Jacira era a segunda filha de uma família já economicamente um tanto decadente da média burguesia carioca, e até os vinte e cinco anos vivera à sombra da irmã mais velha. A situação financeira da família, que ocupava um grande mas mal conservado apartamento num dos melhores bairros da Zona Sul do Rio, mantinha-se equilibrada a duras penas, e não fosse a férrea resistência dos pais aos infortúnios (diga-se, não fossem os pais trabalhar como mouros para manter sua posição social), não só as duas irmãs não teriam podido freqüentar os bons colégios em que se formaram, como há muito, é certo que desde a infância, já não residiriam naquele ponto privilegiado, mas num recanto qualquer da periferia esquecidos de todos com quem, nas presentes circunstâncias, ainda mantinham um convívio “de igual para igual”. A irmã de Jacira, Jacinta, era seu inteiro oposto: alta, longos cabelos negros, o corpo elegante bronzado nas areias de Copacabana e São Conrado, sempre bem vestida, mãos delicadas de dedos afilados exibindo unhas bem feitas e em geral pintadas de cores vibrantes; extrovertida e alegre, mantinha um vasto círculo de amizades, e entre as masculinas contando-se seus diversos pretendentes — alguns dos quais pertencentes às melhores e mais tradicionais famílias da cidade. Enquanto para os pais Jacira existia como uma espécie de estorvo — o que nem

sempre permanecia latente, já que tanto a mãe quanto o pai, vez por outra e de forma impiedosa, soltavam umas frases incompletas mas de sentido bastante claro, como “se você não fosse tão troncha, minha filha...”, ou “mas que estafermos nos saem certos filhos...”, ou ainda “como é que vamos casá-la?” —, Jacinta constituía sua esperança de salvação: entre todos os rapazes ricos que a cobiçavam por sua beleza estaria aquele que, desposando-a, tiraria toda a família do embaraço em que, no decorrer do tempo e com o acúmulo de pequenos transtornos financeiros, se viam enleados. Jacira não ignorava a preferência dos pais pela irmã, e a rejeição sofrida concorria para sua gradual submersão em si mesma, seu maior isolamento do mundo e também para as crises de depressão que passaram a afligi-la a partir dos vinte anos. Em suma, pode-se dizer que enquanto Jacinta enchia o mundo à sua volta de alegria com suas gargalhadas explosivas, com a exuberância de sua presença, com sua inquietude buliçosa que fazia com que ela estivesse “em vários lugares ao mesmo tempo”, freqüentando recepções, festas em ambientes requintados, bem como os espetáculos importantes, os desfiles de moda, etc.; Jacira encolhia-se e o mundo ao seu redor encolhia com ela, de forma que, mesmo tendo começado a projetar-se desde os vinte e três anos, só se viu liberta da irmã quando esta, após ter flertado com todos os moços ricos e bonitos da alta sociedade carioca, casou-se bem — para felicidade e alívio dos pais, que se viam enfim longe da tão temida miséria — e mudou-se para o estrangeiro. Como então se destacasse rapidamente e fosse cada vez mais solicitada, Jacira passou enfim a gozar de um favor e de uma consideração maior em família: os pais não mais a discriminavam, tratando-a ao contrário até mesmo com uma deferência que tampouco tinham o cuidado de manter nos limites da discrição. Poder-se-ia pensar que com o fato de ser agora festejada Jacira tornara-se mais alegre e expansiva, mas incorreremos em erro se assim acreditarmos: a jovem canhestra e tímida não era tola e, antes desdenhada, percebia o interesse oculto por trás da nova atitude dos pais em relação a ela, interesse e atitude com seu tanto de inconscientes da parte destes e que seriam até mesmo explicáveis, mas que implicavam numa profunda mágoa que feria o sensível coração da artista, por isso mesmo cada vez mais recolhida à “sua concha”. Acrescentemos neste ponto que, tendo vivido à sombra da irmã, Jacira não teve nos primeiros anos de sua juventude uma vida amorosa: por sua timidez e devido também às raras ocasiões em que saía de casa para um passeio ou uma festa, não chegou a ver nem a interessar-se por ninguém; por não cuidar-se, exibindo sempre aquele ar de desleixo, não despertou nos poucos que a viam qualquer interesse, e assim atravessou aqueles anos sem ter um namorado, donde que não será surpresa se dissermos que Jacira Verner mantinha-se virgem ainda aos vinte e seis anos. Foi nessa idade que conheceu, de forma bas-

tante brutal, o sexo sem antes conhecer o amor: numa noite, ao sair já bastante tarde de uma exposição da qual participara com uma coleção de objetos estranhos feitos com diversos materiais (entre os quais arames enferrujados, insetos mortos e ossos de boi dentro de caixas de vidro), seguiu com os demais participantes para o apartamento de um dos expositores, onde haveria uma festa. Ali, não habituada ao álcool, embebedou-se e na manhã seguinte descobriu-se nua na cama do anfitrião, que jazia adormecido e também nu ao seu lado. Tocou-se, e percebeu que havia sangrado. Fugiu aterrorizada e ao chegar em casa passou quase quatro horas trancada no banheiro, lavando-se e chorando em silêncio. Essa primeira experiência sexual, da qual não guardara lembrança pois decerto perdera a virgindade enquanto se encontrava bêbada e inconsciente, traumatizara-a, porém a artista logrou encontrar em si mesma forças para não deixar abater-se, apesar da crise de depressão que se seguiu e que ela venceu tanto com o uso dos remédios prescritos pelo médico da família quanto com aquele, talvez mais eficaz, que ia buscar no trabalho. Seus futuros envolvimento com homens, que ela procurou deliberadamente na vã e ingênua esperança de conhecer o amor, propiciaram-lhe mais decepções que alegrias, mais insatisfações que satisfações, de forma que não obtendo esse tão esperado amor, o sexo — até o momento em que vamos encontrá-la — ocupara em sua vida um espaço desprezível: acabou por parecer-lhe uma relação animalesca e até um tanto nojenta, de tal forma que o prazer físico não chegava a compensar. Devido a isso, Jacira, nos últimos tempos, passara a afastar os homens de si, retraíra-se mais, refugiara-se em sua oficina como numa caverna à cuja porta um dragão vigiasse.

O interesse de Jacira Verner pela Arte deu-se por volta dos dezesseis anos. Já nessa idade lia sobre o assunto o que lhe caía nas mãos, além de visitar museus e galerias, esses os únicos — e mesmo assim pouco frequentes — passeios que fazia. Comprou telas, tintas e pincéis e começou a pintar, mas logo se viu às voltas com as dificuldades do óleo e da aquarela, e como não tivesse nenhuma noção de desenho resolveu enfrentar o lápis para ver como se saía: saiu-se mal, e mesmo praticando intensamente não acusou um grande progresso, embora ao fim de dois ou três anos de prática já houvesse adquirido algumas noções de perspectiva e do desenho de anatomia humana. Nesse ínterim não chegou a negligenciar a pintura a óleo e a aquarela, mas os resultados sempre inferiores ao que pretendia pareciam-lhe desanimadores, conquanto — obstinada — persistisse praticando. Também durante esse tempo foi-se inteirando das tendências — cada vez mais exacerbadas — que as artes plásticas vinham desde longo tempo (e para sermos exatos, desde o começo do século, como já foi dito) incorporando, até compreender — talvez de forma equivocada — que para ser artista não era necessário saber desenhar ou lidar com tintas e

pincéis. Enfim, com o entranhamento na arte conceitual “compreendeu” que arte é qualquer coisa que se faça com a intenção de se produzir arte, o que pode ser uma idéia um tanto perigosa se levada a extremos, mas que pode também servir como via de escape para aqueles que a todo custo se esforçam para emergir como artistas ainda que não possuidores de qualquer talento para o desenho ou para a pintura. Era este o caso de Jacira Ataíde Lemos, a jovem feia, já gordinha e mal arrumada dos vinte e um, vinte e dois anos. Sua primeira experiência com uma exposição se deu aos vinte e três quando, participando de uma mostra em grupo, criou uma curiosa instalação que se constituía de uma enorme caixa retangular (medindo 10 m x 15 m com 3 m de altura) feitas de tábuas justapostas e sem frinchas, fechada em cima e dos lados, havendo numa das paredes uma minúscula porta de entrada e na parede oposta outra minúscula porta, de saída, mas sem janelas; nas paredes do lado de fora misturavam-se pintados em pinceladas rústicas versos de vários poetas brasileiros, especialmente Augusto dos Anjos, frases religiosas em latim e palavrões que não se julgaria fazerem parte do vocabulário da artista, enquanto no interior — iluminado por lâmpadas coloridas de baixa luminosidade — se descobria um intrincado labirinto (esse, o título da obra, “Labirinto”) cujas paredes eram também feitas de tábuas justapostas — na verdade um caminho sinuoso e estreito dando voltas e voltas sobre si mesmo —; em todas as paredes internas prosseguia a artista com versos, frases religiosas e palavrões, além de placas, fotografias e cartazes os mais diversos (p. ex., placas de trânsito, propagandas de produtos industriais, cartazes de cinema, pôsteres arrancados de revistas, calendários, bulas de remédio, imagens de sexo explícito retiradas de revistas eróticas, etc.) colados a distâncias irregulares uns dos outros e às vezes uns sobre os outros compondo um incompreensível painel no qual prevalecia a falta de ordem e de nexo; esses corredores iam desembocar num pequeno espaço escuro como breu onde o visitante, atravessando-o às apalpadelas rumo à saída, teria no fim o dissabor de mergulhar os pés numa grande poça de água e lama. A autora não deu — nem lhe foi cobrada — qualquer explicação para o sentido de tal obra, mas seu nome não foi esquecido: surgia Jacira Verner (o nome Verner escolhido por parecer-lhe de agradável sonoridade), segundo a crítica especializada “uma personalidade controvertida, introvertida, dramática, que com suas criações estranhas que implicam num conteúdo obscuro e ao mesmo tempo de fundo psicanalítico vem injetando uma energia nova às artes plásticas em nosso país”.

Façamos notar que a estréia de Jacira Verner, de todo ignorada por Camilo, se deu no começo do ano de 1961, mais ou menos à época em que nosso herói se retirou para a casa da família em Pinheiros, pois como estamos lembrados sua partida ocorrera durante a segunda metade do ano

anterior. Nos anos subseqüentes o nome da artista destacou-se cada vez mais, saindo dos limites da cidade para alcançar algumas das principais capitais do país, não tardando a chamar atenção em umas poucas mas importantes participações em coletivas no exterior (sabemos, por exemplo, que seu “Labirinto”, atravessando o Atlântico, arrancou exclamações de louvor em Berlim). Se podemos falar de um ponto em comum entre Jacira Verner e Camilo Duarte, este seria o viverem ambos em uma espécie de auto-reclusão, contudo, com características bastante diversas: Jacira permanecia reclusa em seu mundo solitário do qual excluía os pais, que a haviam discriminado noutros tempos, e a irmã, que apesar de não o fazer de forma ostensiva vivia apenas para o *glamour* de uma vida social intensa e cheia de brilhos; porém não se fechava para o mundo, inteirando-se de tudo que dissesse respeito não só à arte mas aos assuntos do momento, sendo nesse aspecto uma pessoa de grande argúcia, fina percepção e muito bem informada acerca de atualidades. Para Camilo Duarte, contudo, nada que dissesse respeito a outra coisa que não fosse a sua própria arte teria importância. O período que passara no estrangeiro não tivera outro fim que extrair da cultura do Velho Mundo tudo que aproveitasse às suas intenções como artista, inteirando-se assim não apenas da obra monumental dos mestres antigos mas também de todas as novas correntes de idéias, mantendo-se receptivo ao que lhe interessava e fechando-se ao resto. Podemos dizer que foi em decorrência desse aspecto de sua personalidade que o nome de Jacira Verner, se não lhe passara de todo despercebido, ao menos pelo que pôde colher acerca de suas “excentricidades” não lhe despertou nem mesmo curiosidade. Além do mais, vivendo aqueles anos todos recolhido em seu ateliê, eram bem poucas as informações que obtinha, o que concorria para manter-se alheio a “nomes e novidades”. O contrário, porém, não se deu: Jacira, que seis anos antes estivera por acaso na Galeria Vitória e vira a obra de Camilo, não se esquecera desse nome. Dos quadros disse — com alguma indignação — “abomináveis”, indignação essa que se devia mais à solidariedade com o venerável Rocha Monteiro — que elogiara o “Labirinto” num pequeno mas expressivo artigo para uma revista de arte — do que propriamente ao seu gosto pessoal, pois no escândalo que se seguiu (o suicídio de Maximiliano Ferraz e o fechamento da galeria por complicações com o fisco e a falência e quase prisão dos donos), a imprensa não deixou de referir a história de como o velho artista fora preterido em favor “desse quase desconhecido que passara os últimos anos na Europa”, fato que seguia sendo um mistério. Apesar de tudo, Jacira não deixou de reprimir uma espécie de admiração por esse “quase desconhecido” que parecia dominar o óleo com um virtuosismo “que lembrava Van Eyck”, admiração essa que preferiu calar a ter de admiti-la.

Quando na abertura de sua nova exposição Jacira Verner viu, para sua

surpresa, entrar Camilo Duarte (a quem conhecia só de retratos ocasionalmente publicados em revistas), sentiu-se tomada de um quase pânico, que para não demonstrar subtraiu-se por trás das pessoas deixando o ambiente o mais rapidamente possível antes de ser percebida. Foi de uma sala próxima, que permanecera com as luzes apagadas mas que permitia ampla visão do salão, que a pobre artista assistiu a uma cena que lhe pareceria no mínimo curiosa caso não se referisse a sua própria pessoa.

Convém no entanto inicialmente ater-nos à natureza das peças expostas, para que o leitor compreenda a reação de Camilo Duarte e a cena que provocou para espanto geral, incluindo a indignação de alguns e o gáudio dos jornalistas presentes, que teriam nela a “sua história” para a edição da manhã seguinte.

A obra de Jacira Verner que os presentes puderam contemplar naquela noite compunha-se de “coisas”, por assim dizer, que se justificavam pela já referida máxima, muito conveniente e ao gosto de alguns, segundo a qual “qualquer objeto deslocado do âmbito de seu uso convencional e exposto numa galeria de arte como arte será, inquestionavelmente, arte”. Assim sendo, viam-se ali:

- um punhado de sacolas de plástico velhas e encardidas dispostas de certa maneira, formando um monte em um canto;
- numa das paredes, um grande painel todo coberto por uma colagem feita com cédulas fora de circulação, nas quais a artista desenhara toscamente a nanquim diversos pênis com gotículas de sêmen projetando-se da ponta;
- no meio do salão, maletas, apenas isso, maletas que a autora fora a uma loja comprar e transportara para o local naquela mesma tarde, formando uma pilha;
- um fio grosso e negro que ia de uma parede a outra no sentido da diagonal;
- um antigo urinol de ágata com o esmalte quebrado em vários lugares, repleto de um líquido amarelo escuro de mau aspecto, sobre um luxuoso pedestal de mármore com a inscrição “*água potável*”, e embaixo, em letras menores, “*tributo a Duchamp*”;
- uma pilha de revistas eróticas velhas tendo em cima, sabe-se lá com que intenção simbólica, dois tomates maduros e uma enorme vela vermelha acesa (o que, aliás, resultou num incidente que finalizaria a exposição com uma nota cômica, se a noite, como veremos, não fosse marcada pela tragédia: a vela, queimando até o fim sem que alguém percebesse, acabou por atear fogo às revistas, causando um grande susto, gritaria e corre-corre até alguém intervir com o extintor de incêndios);
- pendurados do teto por fios finíssimos e transparentes, a alturas

diversas do chão, vários pênis de plástico que apontavam para o desenho de uma grande vagina no piso, com a inscrição “alvo” ao lado;

- num canto havia uma mesinha com diversas taças contendo bebidas (vinhos, refrescos etc.), que pareciam à disposição dos presentes, mas se alguém tentasse apanhar uma das taças descobria que ela estava firmemente colada na superfície da mesa — pois aquilo não era para os presentes beberem, senão que se tratava de uma das criações da artista;

- no interior de uma caixa de vidro inteiramente lacrada, uma boneca nua de louça, tipo *Joumeau*, deitada sobre um pedaço de carne de vaca em decomposição;

- uma gaveta cheia de talheres;

- um enorme aparelho de televisão com o tubo de imagem quebrado na frente, de cuja abertura emergiam confusamente e em profusão braços, pernas, cabeças, troncos de velhos manequins desmembrados;

- um outro painel de madeira no qual a artista colara cerca de duas centenas de absorventes femininos, cento e noventa dos quais manchados de vermelho e formando no terço inferior um bloco único e compacto tendo ao lado a inscrição também em vermelho “Plebe”; acima e separados destes por um espaço dividido por uma corrente e um fio de arame farpado, ocupando os dois terços superiores do painel, os dez absorventes restantes manchados de azul, ao lado dos quais outra inscrição igualmente em azul, “Nobreza”;

- um busto de mulher, em gesso, comprado em uma fábrica de objetos de gesso, no qual haviam sido colados rótulos, etiquetas e embalagens de produtos de consumo... e assim por diante, coisas, simples coisas penduradas ou coladas nas paredes, formando ilhas aqui e ali por toda a extensão do salão, pendendo do teto, projetando-se dos cantos...

Camilo Duarte passou pelo salão mal lançando uma olhada ou outra para as peças expostas até ser abordado por um jornalista que o conhecia e desejou saber sua opinião sobre a autora e sua obra. Camilo se deteve e, olhando em volta, ergueu as mãos deixando-as cair em seguida num gesto de desânimo, “da autora nada posso dizer, visto que não a conheço, mas, acerca deste amontoado de bobagens, o que quer que eu diga?” respondeu, fazendo-se de imediato grande silêncio no ambiente pois, mesmo que, sem fugir ao seu costume, Camilo tenha respondido num tom de voz bastante moderado, as atenções já se haviam voltado para ele. “Pelo visto a arte moderna não lhe agrada, Sr. Camilo?” tornou o jornalista, acrescentando em tom provocativo “será porque o senhor trilha por caminhos tão diversos que não julga haver outros?”, “o que posso lhe dizer” disse ele assumindo uma expressão fria e sem alterar sua voz, que no entanto pareceu agora cortante, “é que caminhos há muitos, mas muito poucos artistas são

suficientemente bons para abrir o seu próprio e fazê-lo com convicção. O que eu vejo aqui nesta noite não é apenas um embuste, não é somente o resultado da ação de alguém que não sabe sequer compor as tintas na paleta, mas a consequência do equívoco em que se embrenharam as artes plásticas ao longo deste século, a começar por Duchamp” e, aproximando-se do urinol sobre o pedestal de mármore, “para não dizerem que exagero, eis aqui a prova do que digo: uma homenagem ao grande mistificador”. “Mas o senhor não acha” insistia o jornalista, “que o conceito de arte passou por grandes transformações, de forma a abranger definições mais amplas?”, “a mim pouco importa por que transformações tenha passado o conceito de arte” respondeu ele com a mesma indiferença, “uma vez que me basta o meu próprio conceito acerca do assunto. Porém, posso deduzir do seu argumento que, desde que esteja numa sala de exposições, qualquer coisa exposta será arte?”, “e por que não?” disse o jornalista com alguma empáfia, ao que Camilo encerrou a discussão de forma categórica: “Nesse caso o crime ou o suicídio praticado numa sala de exposição será também uma obra de arte. Por que não se assassina alguém aqui, ou a autora não corta os pulsos diante de todos para demonstrar tal verdade?” e se retirou sem esperar contradita nem atentar para o espanto que provocara com sua resposta.

Após a saída de Camilo Duarte, procurou-se por Jacira Verner, que não foi encontrada, e naquele resto de noite não se soube dela. Jacira, no entanto, tendo presenciado a cena acima descrita e ouvido com clareza tudo que fora dito por Camilo, deixou a saleta contígua ao salão saindo por uma porta lateral, e abandonou o prédio em seguida. Impressionada com o que ouvira, ferida pelo desprezo com que aquele homem terrível avaliara sua obra, “ele não compreende as razões do que faço, nem sequer conhece essas razões” dizia consigo mesma, baixinho, enquanto vagava pelas ruas sem conter as lágrimas. Na manhã seguinte foi encontrada pelos pais caída no chão de sua oficina, numa poça de sangue, nua e com os pulsos cortados, aos pés, escrita também em sangue, a seguinte frase: “*Esta é minha última obra*”, tendo abaixo sua assinatura.

Jacira Verner não morreu: socorrida a tempo e levada ao hospital teve sua vida salva por copiosa transfusão de sangue, mas a depressão provocada por ver-se viva e considerar-se a partir de então um fracasso como artista — conquanto todos à sua volta tentassem dissuadi-la de tal idéia, garantindo mesmo que “aquele homem sem entranhas” não merecia ser levado a sério “por alguém que conquistou tudo que você conquistou, minha querida” — prostrou-a de tal maneira que não só não conseguia criar mais nada, como era obrigada a tomar grande quantidade de antidepressivos que a mantinham o mais do tempo sedada. Não voltaremos a encontrá-la no decorrer desta narrativa, portanto devemos adiantar que

Jacira Verner jamais se recuperou totalmente, e depois de alguns anos de tratamento passou a arrastar uma vida monótona e vazia, procurando preenchê-la com algumas leituras, passeios e a companhia dos pais, que temerosos de perdê-la se haviam enfim aproximado dela com sinceridade. Instada por familiares e amigos a voltar a criar, Jacira entrava em sua oficina, olhava suas ferramentas, os papéis com anotações na prancheta, mexia aqui e ali, examinava os trabalhos inacabados, depois sentindo-se enfastiada saía, trancando a porta e dizendo consigo mesma que aquilo não tinha para si mais nenhuma importância. Sua carreira chegara ao fim, e com efeito a tentativa frustrada de suicídio fora sua última obra, “e até nesta eu fracassei” murmurava baixinho às vezes, com tristeza.

Camilo soube do fato através de uma nota de jornal que alguém lhe enviara de propósito na ocasião. Ele leu a nota, viu a referência ao seu nome e uma reprodução de suas palavras na noite de abertura da exposição de Jacira (referência essa que bastaria para manchá-lo, mas a que não ligou nenhuma importância), deteve-se alguns momentos a examinar o rosto da artista impresso no jornal, e o deixou de lado. Moveu a cabeça, não sabemos ao certo se penalizado, e encaminhando-se para seu ateliê retomou sem qualquer outra reação a rotina de seu trabalho.

Vimos que nos anos subseqüentes Camilo esteve em voga, tendo realizado exposições tanto no Brasil quanto no exterior, desencadeando até mesmo reações violentas contra seus quadros.

Em maio de 1972, solicitado pelo presidente do Legislativo de Pinheiros, que sabia residir no município um importante artista e julgou conveniente não apenas homenageá-lo — na ocasião lhe foi entregue uma placa de bronze de Honra ao Mérito — como também estimular nos munícipes, mormente nos meninos do educandário, o interesse pela Arte, expôs Camilo no salão nobre da Câmara Municipal duas dúzias de quadros, dos quais nove inéditos, sendo que então preferiu não mencionar preços, pois quem, entre o público presente — ainda que bastante numeroso — disporia de recursos para pagar os valores que de hábito atribuíra às suas pinturas? Não obstante, escolheu três telas doando-as para o município. Essas telas estiveram expostas por algum tempo ali mesmo, no salão nobre da Câmara, depois mudaram de lugar várias vezes: o gabinete do prefeito, o gabinete do presidente da câmara, a biblioteca municipal, a sala do juiz da Comarca, etc. até que por fim, em decorrência de sucessos que ainda iremos narrar acerca da vida do artista, e tendo em vista o valor de mercado que acabaram alcançando, foram embaladas e guardadas no cofre-forte de uma casa bancária no Rio de Janeiro, onde permanecem até esta data. Podemos adiantar que acerca desses quadros por duas ou três vezes reuniu-se o Legislativo de Pinheiros para tomar uma decisão quanto ao seu

destino, “afinal quadros foram feitos para se pendurar na parede e não para ficarem enfiados dentro de um cofre onde ninguém pode vê-los” argumentou o enfático atual presidente da câmara na última reunião realizada para tratar do assunto, mas foi objetado que, conquanto ele tivesse razão, surgia uma dificuldade: o alto valor das telas implicaria num risco real e não desprezível de roubo, e não se havia definido ainda nenhum esquema de segurança para preservar tão importantes peças — donde que, não se chegando a nenhuma conclusão, adiou-se mais uma vez a decisão a ser tomada.

Também por essa época aqueles que chamaríamos de membros efetivos da “sociedade” que se formou em torno do ateliê de Camilo Duarte já se haviam definido, e eram: o poeta Afonso Ribeiro, o músico Silvério Costa, Aureliano Prates e a filha, as duas amigas quarentonas Antônia e Otávia, e Júlia, mãe do menino Ângelo, nessa época com apenas três anos de idade (lembramos que Alencar e o casal Cunha entraram para a “sociedade” algum tempo depois).

Vamos aproveitar este momento para dizer duas ou três palavras acerca daqueles cuja referência foi até agora apenas superficial, como é o caso das quarentonas e da jovem mãe, Júlia.

Antônia e Otávia não eram naturais de Pinheiros, embora lá já vivessem havia muitos anos. Antônia chegara primeiro e ainda bem jovem na companhia do pai viúvo e já idoso, que, aposentando-se, resolvera realizar um sonho de moço: residir em uma pequena cidade de interior e cultivar hortalças nos fundos do quintal. Antônia não se casou, e tendo ficado sozinha alguns anos depois, ao morrer-lhe o pai, continuou residindo no mesmo lugar, e conquanto seus vencimentos como professora de Geografia nas escolas públicas do município não fossem expressivos, bastavam para suas necessidades simples — além do que dobrara sua carga horária, de resto não muito pesada, recebendo com isso o adicional correspondente. Transcorreu algum tempo, dois ou três anos, quando chegou a Pinheiros Otávia, igualmente solteira e que vivia de uma pensão vitalícia deixada por um tio; Otávia fora a Pinheiros primeiro como turista numa excursão, mas agradou-se do lugar e passou a freqüentá-lo, até que ao fim de um certo tempo resolveu mudar-se para lá. Numa dessas visitas conheceu Antônia, surgiu entre ambas uma grande amizade, e ainda que cada qual tivesse sua casa e seus afazeres, passaram com freqüência a ser vistas juntas. Otávia era também artista, embora sem grandes pretensões; dedicava-se à pintura de pequenos óleos representando florais ou paisagens bucólicas, e apesar da simplicidade de seus temas tinha um bom domínio da cor e do pincel. Antônia até então não se interessara muito por artes, não por não gostar, mas, dedicada que era ao magistério, ocupava quase todo o tempo com seus alunos, procurando enriquecer suas aulas para torná-las

interessantes e fazer do aprendizado de Geografia, às vezes árido, algo prazeroso e instrutivo. Parecia sair-se bem em suas intenções, era bastante estimada não só pelos alunos como também pelos colegas professores, mas isso custava-lhe ter de deixar de lado muitos outros assuntos que lhe poderiam interessar. Sua ligação afetiva com Otávia fez-lhe despertar a atenção para a beleza singela de seus quadros, e ao visitá-la aproveitava para parar diante das pinturas dizendo-se “maravilhada com tanto talento”. Otávia, contudo, sabia de suas limitações como artista, e mesmo ouvindo com satisfação tais elogios respondia dizendo que “minhas pinturas são simples, não tenho qualquer pretensão com elas. Sevem para distrair”, ao que Antônia contrapunha dizendo que “o que vejo em seus quadros é muita sinceridade”, e depois de uma pausa “não sei explicar isso, mas é o que sinto, e me agrada”. Por essa época nosso biografado ainda não se mudara para Pinheiros, mas mudando-se, e começando a trabalhar no recolhimento de seu ateliê, demorou até que a cidade se inteirasse de sua presença, de forma que as duas mulheres, agora já maduras e nunca tendo se casado, só ouviram falar em seu nome por época do escândalo com a artista Jacira Verner (lembremos que o fato foi relatado nos jornais, onde se referia o nome de Camilo, bem como o da cidade onde residia). Passou-se ainda algum tempo para que ambas lograssem entrar em contato com ele, o que se deu de maneira bastante informal, até mesmo prosaica: foi Otávia quem reconheceu Camilo certo dia à saída de uma loja (pouco tempo antes da exposição na Câmara Municipal) e resolveu abordá-lo. Apresentou-se, disse que também era pintora (sem deixar de fazer a velha ressalva de que não tinha “qualquer pretensão, pinto apenas para distrair-me”) e falou da vontade de conhecer sua obra, pois “li nos jornais, e... enfim...” e embaraçou-se, pois a referência a Camilo não era das mais lisonjeiras. Camilo, contudo, tratou-a com cordialidade, tirando-a do embaraço ao convidá-la para ir ao seu ateliê. Otávia sorriu de puro contentamento, “eu poderia levar uma amiga?” perguntou. Não tardou que se tornassem membros da “sociedade”, e juntamente com Afonso e Silvério apareciam vez por outra para conversar, ouvir música, divertir-se. Ao mesmo tempo haviam ingressado na “sociedade” os Prates, Aurélia ainda uma criança; o pai porém, em vista de suas tradições de família e de sua austeridade moral, manteve com relação às quarentonas uma certa reserva em decorrência das “histórias” que corriam sobre ambas; não chegou a negar-lhes a palavra, o que representaria uma notável incivilidade com pessoas recebidas sem distinção por Camilo, e até discutiam bastante à vontade sobre os assuntos de interesse comum aos “membros”, mas fora dali — ainda que de maneira não ostensiva — procurava evitá-las, atravessando a rua ou entrando numa loja se as avistasse ao longe, recomendando à filha similar procedimento, e só em último caso dirigindo a elas

em público um sorriso e um cumprimento breve. Parece-nos que as duas mulheres, talvez acostumadas a esse tipo de comportamento em relação a si por parte de algumas pessoas (embora em Pinheiros tal coisa ocorresse com pouca frequência), não chegaram a perceber a atitude de Aureliano Prates, mas se notaram alguma coisa decerto compreenderam e não levaram em conta como ofensa.

Júlia, por sua vez, que era natural de Pinheiros e residia no segundo distrito deste município, a vinte quilômetros do centro, não esteve na mostra de Camilo no salão nobre da Câmara Municipal, da qual porém ouvira falar, tendo ouvido também algum comentário acerca do artista mas a quem não conhecia, nem mesmo de vista. Naquela ocasião vestia luto por seu esposo Miguel, falecido havia cerca de um mês, razão pela qual permaneceu em casa cuidando do filho Ângelo, de três anos. Verdade é que alguns conhecidos a haviam convidado para sair naquela noite, chegando mesmo a insistir sob o pretexto de que “todos lamentamos sua perda, minha querida, e sabemos o quanto foi grande e dolorosa, mas você continua viva”, sem contudo demovê-la de sua decisão: não se sentia animada, não tinha vontade, que esperassem mais um pouco...

Júlia tinha vinte e dois anos e estava casada há quatro — casara-se portanto muito jovem e muito encantada pelas delícias da vida em comum com o seu escolhido, aquele a quem amava e a quem pretendia amar para sempre, pensando no casamento, que até então não a desiludira, como pensa uma adolescente sonhadora —; tinha pelo marido, como podemos supor do que foi dito, um amor profundo, maior agora que sua família se encontrava completa com a existência de Ângelo. Por vezes, ao contemplar o marido e o filho juntos a brincar na sala ou na varanda de casa, amorosos e cheios de vida e alegria, previa para seu futuro uma existência tranqüila durante a qual alcançariam juntos a maturidade e mesmo a velhice, veriam seus filhos crescerem (pois pretendiam ter pelo menos mais um) e torná-los avós, e com essa antevisão julgava-se uma mulher abençoada. Súbito, porém, rompeu-se a serena estabilidade de sua vida: certo dia, enquanto preparava o almoço, o pequeno Ângelo se aproximou, furtivo e algo apreensivo, dizendo em sua voz infantil que “papai dormiu na varanda e não quer acordar”. Júlia sentiu uma vertigem e teve de apoiar-se na parede para não cair, atravessando-lhe de imediato uma suspeita que logo viu confirmada: colhido por um enfarto sem jamais ter tido qualquer sintoma de doença cardíaca, Miguel morrera enquanto brincava com o filho na varanda.

Um dia, porém, Júlia resolveu sair de sua clausura e, despindo o luto, vestiu roupas discretas porém claras e alegres, e resolveu-se a um passeio com Ângelo pelo centro de Pinheiros, onde teve a satisfação de encontrar-se com alguns conhecidos que a felicitaram por estar retomando a exis-

tência. O que a teria levado, a ela que nada entendia de arte e pelo que nunca sentira um real interesse, até a Câmara Municipal onde a exposição de Camilo Duarte chegava precisamente ao seu término? Seria apenas uma distração diferente nesse dia em que a cidade lhe pareceu também diferente: pois Júlia já não era a jovem que construía para si como modelo de vida o enredo ideal de um sonho, que deveria transcorrer como transcorre uma tarde de verão — iluminada e serena —, talvez — sim — com alguma pancada de chuva, mas após a qual o sol brilharia uma vez mais e o sossego e a dormência se restaurariam. Júlia vira erguer-se à sua frente uma muralha, desfizera-se sua ilusão, perdera muito, quase tudo — e esse novo estado de coisas lhe propiciava uma outra maneira de olhar e enxergar o mundo. Haveria um brilho diferente nas coisas? Por exemplo, as pessoas estariam também mudadas? As vitrines teriam um aspecto mais agradável? A cidade teria perdido parte de seu encanto, mas recuperado uma outra aparência de que ela não se apercebera, e da qual para aperceber-se teria de passar pela provação que passara? Júlia não sabia responder a essas perguntas enquanto caminhava pelas ruas centrais de Pinheiros levando ora pela mão, ora ao colo o pequeno Ângelo; tão só intuía todas essas transformações das quais ela própria fazia parte, e assim sendo viu, a certa altura, que havia parado defronte o prédio da Câmara Municipal. Então se lembrou de que havia ali uma exposição de arte, e resolveu entrar.

No salão percebeu a presença de dois ou três funcionários ocupados em retirar os quadros, que iam sendo depositados ao longo das paredes para serem depois embalados e transportados de volta ao ateliê do autor. Percebeu a presença de um homem jovem, de aparência simples e vestido sem qualquer afetação — calçava sandálias de couro e o *jeans* que trazia exibia manchas de tinta —, ocupado em orientar os funcionários acerca de como deveriam proceder para embalar as telas duas a duas no mesmo pacote, e teve dúvida se aquele seria o artista. Porém resolveu ignorar a presença de um e de outros e passou a examinar os quadros, tanto os que ainda se encontravam pendurados quanto aqueles que jaziam apoiados ao logo das paredes, e distraiu-se com isso a ponto de soltar a mão de Ângelo e deixá-lo livre. Não saberia dizer por quanto tempo esteve assim, passando de uma tela a outra em frente a cada qual demorava-se vários minutos numa contemplação silenciosa que a absorvera por completo. De súbito percebeu a ausência do filho e aprumou-se alarmada, mas quando se voltou e olhou, o que viu fê-la imobilizar-se de surpresa: Ângelo encontrava-se nos braços do homem jovem de aparência simples, que conversava com ele em voz baixa, rindo sem alarde mas com expansiva naturalidade e parecendo ambos muito íntimos, ocorrendo em dado instante algo ainda mais estranho e singular, pelo menos para Júlia, que conhecia bem o próprio filho:

Ângelo, num momento em que ambos se calaram do animado bate-papo em que se entretinham e após contemplarem-se um ao outro brevemente, levantou a pequenina mão e fez no rosto do homem uma carícia — uma carícia que a Júlia pareceu não apenas um gesto amistoso, de simpatia, mas uma clara e profunda demonstração de ternura, como se ambos estivessem plenamente integrados feito pai e filho.

— Ângelo... — Júlia disse, ainda sem se refazer do espanto e em voz apenas audível, mas que na quietude do salão ressoou com clareza.

Ambos se voltaram para ela, e o homem disse à criança:

— Olha, a mamãe está chamando. Vamos até onde ela está?

O menino fez que sim com a cabeça e o homem o conduziu, ainda nos braços, até perto de Júlia, a quem o entregou:

— Camilo Duarte — disse. — Veio ver a exposição?

— Sim... isto é... eu não pude vir antes, então...

— De qualquer maneira chegou em tempo, pois pôde ver os quadros, embora alguns não estejam mais pendurados.

— Ah, sim, mas de qualquer forma...

— Não gostou?

— Se não gostei?... Oh, sim... Quero dizer, gostei muito... são lindos!... Porém entendo tão pouco de arte... Aliás, não entendo nada... Não saberia o que dizer...

— Então não diga nada — respondeu Camilo com um sorriso. — Apenas olhe. Arte é assim: o que importa é olhar. Entender é sentir, nada mais. Quem complica tudo são os críticos, a bem da verdade todos eles uns parvos.

Fez uma pausa, e em seguida:

— Bem, espero que não tenha se importado de eu tê-lo pego ao colo... — e indicou Ângelo.

— Não! De forma alguma... Ele pareceu gostar de você...

— Sim, foi simpático comigo — e para a criança: — Não é, Ângelo?... Ele me disse o nome, e posso parabenizá-la: muito bem escolhido. Combina: ele se parece mesmo com um anjo.

— Obrigada...

— E quem sabe não será um anjo de fato — acrescentou Camilo com ar pensativo, que logo desfez com um sorriso.

— Oh!... — Júlia embarçou-se, não soube logo o que responder — ...creio que foi bom para ele... quero dizer, que você o tenha distraído... ele perdeu o pai há pouco... na verdade há três meses... e ressentiu-se muito...

— Ah... — e Camilo fez-se grave, moveu a cabeça, acompanhando esse movimento com uma carícia nos cachos de Ângelo.

— Pois é... estamos vivos, e... de repente... Mas uma criança não en-

tende essas coisas e... Enfim, se até nós, adultos, sofremos com nossas perdas, imagine os pequenos...

— Sem dúvida, sobretudo se era apegado ao pai...

— Sim, era... eram inseparáveis — Júlia sorriu. — Éramos o que se pode chamar uma família, mas...

Fez-se um silêncio entre ambos, mas foi Camilo a quebrá-lo:

— Bem, eu moro na saída da cidade — e indicou a localização de seu sítio. — Alguns amigos costumam reunir-se nos sábados à noite em minha casa. Está convidada...

— Oh, fico feliz!... Quase não tenho nenhuma distração... Na verdade... não sei se deveria... Não irei incomodá-lo?

— De forma nenhuma! — e Camilo explicou que no sábado à noite não tinha o costume de trabalhar, e a reunião era um acontecimento alegre e divertido, “lê-se poesia” disse, “ouve-se música também, pois temos por lá o pianista Silvério”. — Além do mais — acrescentou —, parece-me que Ângelo gostaria de ir...

— É bem possível — Júlia sorriu mais à vontade, e para o filho: — Ele é tão espoleta!... Não é, filho? Você gostaria de visitar o moço na casa dele?

A criança fez que sim e, voltando-se para Camilo, repetiu o gesto de há pouco — uma carícia em seu rosto. E foi dessa maneira que Júlia e o filho passaram a integrar a “sociedade” que se reunia na casa de Camilo Duarte uma vez por semana.

Resta-nos, portanto, referir o casal Cunha, que entrou para a “sociedade” em princípios de 1976, cerca de dois meses antes de se casarem.

Ernesto residia no Rio de Janeiro e foi aí, num *vernissage* de Camilo, que o conhecera havia dois anos. Nessa ocasião não lhe fora apresentado, tendo-o visto quase de relance quando Camilo apareceu e, como de hábito, não se demorou mais que uma hora, quando então Ernesto testemunhou um incidente que aí teve ocasião e lugar, uma cena no mínimo curiosa que causou barulho, como parecia ocorrer com tudo que dissesse respeito ao artista (trata-se do mesmo episódio a que já nos referimos, que impôs a Camilo a decisão de não mais comparecer às suas próprias exposições, e do qual falaremos adiante). Naquela ocasião Ernesto ainda não conhecera aquela com quem se casaria, o que veio a acontecer no começo do ano seguinte. Do contato inicial entre ambos, ocorrido durante uma festa em casa de amigos comuns, passaram de um rápido namoro de dois meses a um noivado que se prolongaria por pouco menos de um ano até se casarem em fins de fevereiro de 1976. Irene residia também no Rio de Janeiro, com os pais, sendo que em Pinheiros viviam uns tios numa propriedade da família para onde a jovem, quando solteira, raramente ia por não se sentir afeita à vida interiorana. Irene porém não ignorava que o pintor Camilo

Duarte — de quem já ouvira falar e a quem o namorado, e depois noivo, se referira por acaso — tinha naquela cidade um ateliê. Foi essa coincidência que os fez aproximar-se do artista: a primeira visita dos noivos ao ateliê de Camilo deu-se — como dito — dois meses antes de seu casamento e por iniciativa de Ernesto que, juntamente com Irene, e sem esperar que os introduzissem, por lá apareceram num domingo pela manhã com o pretexto de adquirir um quadro; nessa ocasião Ernesto referiu por alto sua presença no sobredito *vernissage*, evitando contudo mencionar a desagradável cena que presenciara. Sabendo-os noivos e próximos de casar-se, Camilo não vendeu, senão que presenteou a ambos com uma bela pintura a óleo — à escolha do casal — representando anjos conforme a escola barroca sobre o fundo sombrio de uma paisagem urbana à hora do ocaso, com ruas desertas e prédios incendiados e em ruínas, peça que impressionou particularmente a Ernesto, que mesmo apreciando-a não pôde negar o sentimento aflitivo que lhe ocorria ao olhar para ela. Casados, passaram a ir a Pinheiros com certa freqüência, não apenas por ter Ernesto por assim dizer “descoberto o campo”, que em sua vida citadina até então não conhecia, mas também para aproveitar, pelo menos uma vez por mês, o sarau dos sábados à noite no ateliê do artista com os demais membros da “sociedade”. Em algumas ocasiões, estando o marido ocupado — ou cansado — para viajar (pois Ernesto trabalhava na firma de importação e exportação do pai, uma firma em franco desenvolvimento da qual ficara a seu cargo toda a contabilidade e ainda a supervisão de outros setores, ocupações que no avolumar-se o deixavam às vezes exausto e sem tempo), Irene subia um segundo final de semana no mês para Pinheiros, ocasiões em que também aparecia no ateliê. Nessas vezes chegava mais cedo, ainda antes do anoitecer, indo encontrar Camilo defronte o cavalete. “Não pretendo incomodar” dizia, “e não precisa interromper o que está fazendo por minha causa. É só deixar-me por aí, que eu me viro”, e Camilo sorria em resposta, “fique à vontade, dentro em pouco vou parar e tomar um banho, que os outros devem chegar aí pelas oito”. Às vezes não haviam dado ainda as seis horas, e Irene deixando o ateliê zanzava pelos arredores, vez ou outra ia visitar a Gertrudes e o marido em sua casinha na grotta, depois retornava e, tendo Camilo parado de trabalhar, ia preparar-lhe um café, que trazia para a sala com biscoitos numa travessa, pondo-se a conversar. Mais tarde sempre apareceria alguém, sendo o mais assíduo Afonso Ribeiro, como de hábito com um ou dois poemas novos que lia ao ser solicitado. Silvério raramente faltava, sabendo que iria encontrar uma platéia pequena mas atenta à sua música, e aos poucos chegavam as duas quarentonas, Aureliano Prates e a filha, Júlia e o filho e, nem sempre por último, o enamorado Alencar, ansioso por privar da companhia de Aurélia por algumas horas, ainda que a distância por estarem na presença do pai severo,

mas sempre esperançoso de que lhe fosse concedida alguma chance de falar-lhe a sós, nem eu fosse por alguns momentos, o que sempre acontecia. Júlia ia reunir-se a Irene na cozinha, onde providenciavam alguma apetitosa receita para animar os presentes, por vezes auxiliadas pela menina Aurélia, que já principiara a mostrar seus pendores culinários. Vemos com isso que nesses dias Irene, apesar de ter estado algum tempo a sós com Camilo, portava-se com suficiente discrição, o que nos leva a supor que as relações entre ambos não iam além da simples amizade, não lhes passando pela cabeça nenhuma insinuação de infidelidade. Podemos garantir que assim foi das primeiras vezes que visitou — em companhia do noivo e, depois, do marido — a casa do artista, e também nas primeiras vezes em que ali esteve sozinha, chegando antes dos demais e antes mesmo de anoitecer. Irene porém não persistiria em sua neutralidade, que um amor adúltero por Camilo Duarte nasceria como flor maligna em seu coração.

O tema do adultério formaria um círculo com um curioso contraponto: a integração do casal Cunha à “sociedade” trouxe grande perturbação a ninguém menos que o músico Silvério Costa. Em poucas palavras foi dito que Silvério era casado havia alguns anos, não possuía o que se pode chamar de “hábitos noturnos”, e por isso vivia para sua família (que viria a ganhar em breve um novo membro) e para seu trabalho como músico, sendo seus únicos passeios as visitas ao ateliê de Camilo Duarte nos sábados à noite e, quando muito, uma rara esticada até um pouco mais tarde pelo centro da cidade. Devemos, contudo, referir alguns pormenores acerca de seu caráter e de sua relação familiar para compreendermos melhor o que se passou depois: fazia nove anos que Silvério se casara com Dalva, uma jovem de hábitos simples e temperamento tranqüilo que, assim não fosse, tampouco teria motivos para desconfianças conjugais devido ao passivo comportamento do marido, a quem jamais tivera de repreender uma embriaguez ou preocupar-se por não vê-lo chegar em casa alguma noite — pois temos como certo que Silvério não só não era dado ao consumo de álcool, como também passava as noites em sua companhia, exceto quando convidado para tocar. De resto não mantinha segredos de sua vida, nem se comportava como se os tivesse. Ter-se-ia casado por amor? Não nos parece uma pergunta pertinente, haja vista que não foi obrigado a isso, porém pode nos parecer que o casamento, em razão de sua índole, seria apenas uma consequência do hábito e não devido a um rompante amoroso, e talvez não erremos se assim pensarmos: pois, ainda que Dalva não sendo bela possuísse alguma graça, verdade é que Silvério enamorara-se mais da antevisão da vida de homem casado que se dedica ao lar do que propriamente da jovem que escolhera, e podemos até acrescentar que se acaso Dalva o recusasse, ele — sem muito pesar — procuraria outra espo-

sa em similares condições e pelos mesmos motivos. Pela mesma razão que o levou a jamais empregar esforços para tornar-se um grande concertista, conquanto não lhe faltasse talento — e mesmo virtuosismo — para isso, o pianista passara seus anos até o casamento sem grandes envolvimento amorosos; chegara a interessar-se por algumas jovens da localidade, mantivera relacionamentos mais ou menos duradouros que não resultaram em nada, uma época freqüentou prostíbulos e apanhou uma blenorragia, então desistiu desse tipo perigoso de divertimento, e assim, “mornamente” conheceu Dalva, viu-se ao mesmo tempo entrando na casa dos trinta anos, anteviu a doce serenidade da vida conjugal, talvez tenha até se enamorado um pouco da moça, e tendo seu pedido aceito não mais protelou, casando-se pouco tempo depois. Os nove anos de vida em comum — até fins de 1975 quando veio a conhecer Irene, numa das reuniões da “sociedade” no ateliê de Camilo — foram tranquilos, sem grandes transportes de ambos os lados, correspondendo ele ao amor suave da mulher com uma afeição doce e terna, sincera, porém distante da paixão. A entrada do casal Cunha para a “sociedade” viria mudar as coisas para o músico. Silvério apaixonou-se por Irene tão logo a viu, e ainda que tal afirmação possa parecer exagerada, veremos que o que se passou não difere muito disso: o pianista tocava um balada de Chopin naquela noite, por isso não percebeu a chegada de Ernesto e Irene, que aceitando a um convite feito por Camilo compareceram naquele que seria seu primeiro sarau junto à “sociedade”, chegando contudo mais tarde que os demais, por volta das nove da noite; Silvério tocou como de hábito, com vigor e brilhantismo, e os Cunha percebendo — e percebendo também que todos se mantinham atentos — evitaram ruídos para não interferir. Ao fim da execução ouviram-se aplausos e Camilo aproveitou para apresentar os novos amigos, mas tão logo Silvério voltou-se para os presentes e avistou Irene teve um estremecimento, e ao retornar para casa naquela noite ia pelas ruas com as mãos nos bolsos, a cabeça baixa e vivamente impressionado. De uma coisa tivera certeza desde o primeiro momento: tal experiência era, sem dúvida, inédita para ele, pois nunca antes diante de uma mulher sentira-se daquela maneira, não apenas embaraçado (a custo controlara uma vertigem quando Irene e o marido foram cumprimentá-lo, apertando-lhe a mão), como também dominado por um sentimento que em absoluto não imaginava existir! Seria então aquilo o amor? É certo que essa palavra não lhe ocorreu de imediato: ignorante em tal assunto, não sabia bem a que atribuir a perturbação que sentia, mas com o passar dos dias e com a necessidade de vê-la outra vez — necessidade que aos poucos intensificou-se de forma quase insuportável — não teve saída senão admitir para si mesmo que seu sentimento por Irene Cunha era novo, e tão diverso e terrível lhe parecia quanto mais o comparava ao que sentia por Dalva: pois sua mulher, é cer-

to, transmitia-lhe calma e ternura, mas Irene incendiara-lhe o peito de um fogo que, sem consumi-lo, ardia em fúria.

Bem, tivemos de valer-nos de uma expressão figurativa e até um tanto piegas para dar a entender o que se passou com o músico a partir daquela noite. Digamos, pois, de maneira simples: Silvério Costa apaixonara-se. Essa paixão, contudo, permaneceria em segredo, pois em seus modos tímidos Silvério não se arriscaria a aproximar-se de uma mulher comprometida, o que implicaria risco também para o seu próprio casamento. Dalva percebeu uma certa mudança nas atitudes do marido, notou-o às vezes taciturno; ele, que mantivera desde o início o hábito de conversarem, mostrava-se agora mais calado, e mesmo ao ensaiar havia momentos em que se interrompia, ficando com o olhar parado e o pensamento solto, voltando a tocar ao perceber qualquer movimento à sua volta para, daí a pouco, recair outra vez naquele alheamento estranho. Perguntou-lhe certo dia se alguma coisa o estaria preocupando, “noto que tem estado desatento, pensativo” explicou, para justificar sua pergunta, mas Silvério, dando-se conta de que levaria a mulher a desconfiar — e pior, a desconfiar de maneira equivocada — respondeu com uma mentira, alegando uma justificativa para a preocupação que o afligia. Pouco a pouco Dalva passaria a aproximar-se da verdade, porém mantinha-se na dúvida, pois — dizia consigo mesma — se Silvério “interessa-se por alguém”, como poderia manter uma relação extraconjugal se, como dantes, mantinha-se fiel aos seus hábitos, pouco saindo de casa e passando as noites em sua companhia? Ao mesmo tempo que lhe ocorrera a infidelidade, ocorreu-lhe também que o marido sofresse de algum mal incurável, “será câncer?” apavorou-se, e o interrogou abertamente: Silvério olhou-a com espanto, “câncer?!” exclamou, “ou outra doença incurável e fatal” ela disse, mas não! protestou ele, não havia doença alguma, “estou bem, Dalva, há pouco tempo fiz uma série de exames, não lembra?, não tenho nada!”. O nascimento do filho trouxe ao casal novas preocupações, de forma que Dalva já não tinha oportunidade de acompanhar a mudança de comportamento a princípio observada, e o próprio Silvério sentira a paixão por Irene não propriamente atenuar-se, pois não se atenuara, mas ceder espaço para que ele se ocupasse também dos cuidados com o filho, e com isso aqueles alheamentos suspeitos já não lhe ocorriam com tanta freqüência. As desconfianças de Dalva, em razão disso, cessaram, e de novo reinou em sua casa a tranqüilidade. Mas durante aqueles anos a convivência, na “sociedade”, com Irene, deixaria marcas dolorosas em Silvério: pelo menos em duas ou três ocasiões esteve a ponto de declarar-se, e, se aceito, propor-lhe fugirem juntos para longe, sendo certo que tais devaneios lhe ocorriam nas ocasiões em que a via em casa de Camilo, mas, depois, recuperando o controle sobre si mesmo, percebia o absurdo de tal atitude e recuava... para avan-

çar outra vez, em pensamento, e outra vez recuar. Quando percebeu que Irene aparecia nos saraus desacompanhada do marido, quando soube que ela nessas ocasiões chegava à casa de Camilo ainda de dia, quando não havia mais ninguém ali com eles, teve, ele também, suas suspeitas. Sentiu o remordimento do ciúme, desejou-a mais que nunca, e certo dia pilhando Camilo sozinho perguntou sem qualquer preâmbulo: “Camilo, você não tem medo do escândalo?”, porém o amigo olhou-o com um ar de incompreensão que o confundiu; “do que está falando?” quis saber, e Silvério referiu as visitas de Irene num horário pouco conveniente, “não que eu pretenda sugerir que haja qualquer coisa entre vocês” escusou-se, acrescentando que, no entanto, Ernesto Cunha poderia não compreender. Camilo sorriu com verdadeira inocência, “não há qualquer intenção, meu caro, seja da parte dela ou da minha”, explicando que Irene vinha mas que pouco permaneciam juntos, já que lhe agradava passear pelo sítio, visitar a Gertrudes, estar por ali à toa, “de forma que quando ela entra em casa já é noite e logo os demais também chegam, portanto...”. Tal explicação foi suficiente para tranquilizá-lo um pouco, mas mesmo assim não conseguia evitar o espinho do ciúme sempre que a encontrava desacompanhada em casa de Camilo. Numa dessas ocasiões abordou-a, aproveitando-se de um momento em que a viu apartada dos demais, e puseram-se a conversar; Irene mostrou-se interessada por sua música, perguntou-lhe se não pretendia tornar-se concertista em vez de apenas tocar em casas noturnas, e por aí entabularam uma conversa que durou. Silvério, evitando deixar-se embaraçar por seu estado de ânimo junto à única mulher que lhe transformara a existência, a quem queria com ardor mas em cuja presença via-se obrigado a conter-se, ora se decidia a falar-lhe da inconveniência de seu procedimento, desistindo em seguida, ora a falar de sua própria paixão e propor-lhe qualquer loucura, mas da mesma forma recuando, e naquela noite quando se recolheu a casa levava o coração pesaroso, arrependido de nada ter-lhe dito e amaldiçoando sua covardia. Estava portanto formada uma espécie de triângulo amoroso, mas dele e de suas consequências diremos a seu tempo, pois ocorrências anteriores reclamam sua ordem na narrativa.

Convém por ora mencionar a visita de Afonso Ribeiro a Camilo uma semana depois do *vernissage* no salão nobre da Câmara Municipal, visita essa que se deu excepcionalmente numa noite de sexta-feira em que chovia a cântaros. Não podemos garantir os motivos que levaram Afonso a sair de casa embrulhado num impermeável e calçando galochas para percorrer no escuro e sob o aguaceiro a razoável distância até a casa do amigo num dia em que não tinha por hábito por lá aparecer: os membros da “sociedade” sabiam — respeitando os hábitos do pintor — que este costumava trabalhar até tarde em certos dias de semana, e que visitá-lo então

— coincidindo com um desses dias — poderia ser inconveniente. No entanto acreditamos que Afonso encontrava-se ansioso por mostrar-lhe em primeira mão e, sabendo-o só, em particular, para que em seguida pudessem apenas os dois conversar sobre, um poema que viera compondo durante aqueles últimos dias e que então pela manhã dera por concluído. É possível que algum outro motivo também o levasse até lá, mas nos parece convincente que mesmo não havendo outro, este seria bastante para fazê-lo enfrentar o mau tempo. Afonso foi encontrar Camilo por volta das nove na varanda, em vez de no ateliê, sentado no escuro a contemplar a noite: “Em tal escuridão” disse quando Afonso sentou-se ao seu lado, “agrade-me ver os relâmpagos”, e voltando-se para ele acrescentou com entusiasmo: “Que bom que veio! Assim poderemos palestrar um pouco”.

Foi nessa noite que Camilo Duarte comentou pela primeira vez com alguém o projeto maior de sua vida como artista, aquela que seria a sua obra máxima ou, conforme suas próprias palavras, sua “grande obra”: a maior, que qualquer artista pode ambicionar produzir.

Mas a conversa entre ambos versou de início sobre poesia: Afonso foi direto ao que lhe interessava e referiu o poema que concluíra naquela manhã, uma de suas melhores produções, segundo sua própria opinião. “Eu o tenho de cor, o que é raro” declarou, de súbito hesitante e pouco à vontade, “se não o incomoda escutar...”, mas Camilo acedeu com satisfação, “vou ouvir com muito gosto” declarou com franqueza, e Afonso, a voz pausada e segura, declamou — sem arroubos nem exageros, pronunciando os versos com simplicidade e clareza, e ao fim calou-se, esperando um comentário que não veio de imediato. Seguiu-se contudo um breve debate acerca do poema; Camilo não escondeu que apesar de agradar-lhe, por vezes escapavam-lhe as intenções do autor, e Afonso viu-se na contingência não propriamente de explicar mas de sugerir idéias e deixá-las de certa forma em suspenso, como se essa incompletude fizesse parte da obra — o que era verdade, pois segundo suas próprias palavras a arte, em seus múltiplos significados, não requer as minúcias de uma explicação. Calaram-se outra vez e por algum tempo ficaram ambos quietos olhando o jardim que, vez a vez, rebrilhava à luz de um relâmpago, enquanto a chuva persistia enchendo a noite com seu rumor de acalanto.

Talvez a conversa declinasse, talvez os ruídos da noite fossem suficientes para preencher esse silêncio que noutras circunstâncias tornar-se-ia incômodo, e ambos permanecessem quietos. Porém a certa altura Camilo, numa breve menção à sua adolescência, mencionou um certo nome.

Afonso estirou as pernas, recostando-se na cadeira.

— Theodore Anderson — repetiu ele. — Foi um dos poetas que mais li em minha juventude — disse. A melhor tradução de sua poesia para o português é a de Souza Sobrinho. Outras há... mas há certas nuances em

seus versos que, é minha opinião, Souza Sobrinho foi quem melhor as percebeu...

— Devo confessar minha ignorância acerca de traduções — declarou Camilo. — A versão que eu tenho ainda comigo de *Apelo do Submundo*, e que... por assim dizer, subtraí... da biblioteca do colégio em meus tempos de escola, foi a primeira tradução de uma obra desse poeta para o português. O tradutor parece-me que é esse mesmo que você mencionou.

— Sim. Aliás, eu tenho um exemplar dessa primeira edição, uma edição muito bonita, encadernada em percalina marrom com gravação a ouro. Saiba: é ouro mesmo na capa, uma camada finíssima que compõe o título e o nome do autor. É a primeira tradução de *Apelo do Submundo* para o português, e é de longe a melhor.

— A poesia de *Apelo do Submundo* impressionou-me... Antes eu pensava que a impressão experimentada naquela época se devia à minha idade... eu tinha treze anos quando encontrei o livro na biblioteca do colégio... então resolvi não devolvê-lo. Engraçado, seria de esperar que justamente devido à minha idade um livro assim não me interessasse, mas deu-se o contrário... Novas releituras, porém, vieram confirmar aquela primeira impressão, de sorte que...

— Theodore Anderson foi um homem atormentado por suas próprias idéias niilistas. Ele era um ateu que desejava ardentemente acreditar em Deus. Você conhece a história da vida dele?

— Para ser franco, não cheguei a ler nenhuma biografia de Anderson.

— Existe apenas uma biografia dele, mas não traduzida para o português. O que há em português sobre ele são resenhas dessa biografia... O autor aborda tanto a obra e suas implicações filosóficas quanto a personalidade do poeta, contando sua vida em família desde a infância até a morte prematura aos trinta e cinco anos.

— Fale-me dele — Camilo pede.

Afonso Ribeiro fez uma pausa enquanto, por momentos, a chuva parecia recrudescer. Veio um vento gelado que varreu com força a relva de frente a varanda e foi sacudir num grande rumor as copas das árvores mais próximas. Seguiu-se um breve e forte clarão e depois um rugido distante. Fez mais frio.

— Uma das frases de Anderson — começou Afonso — mais discutidas é uma indagação que ele faz: “Deus, se tu existisses que lugar haveria no mundo para mim?”. Muito se tem especulado sobre o verdadeiro sentido dessa frase, que se encontra num dos poemas mais ácidos e enigmáticos de *Apelo do Submundo* (aliás, *Apelo do Submundo*, seu último livro, é o mais ácido e enigmático, e também o mais festejado pela crítica, razão pela qual foi escolhido para a primeira tradução de Anderson para o português). Você por certo se lembra dessa frase. — Camilo moveu a cabeça e mur-

murou um “sim” em voz baixa. Afonso prosseguiu: — Bem, falaremos sobre isso mais tarde. Anderson nasceu em 1894 de família judia, ou melhor, a mãe — Sofia — era judia e o pai — Charles — um inglês de relativas posses que não se opunha à religião da mulher, não exigindo dela que se convertesse ao catolicismo; mas como ele fosse católico, ainda que não muito fervoroso, fez questão de criar os filhos segundo essa doutrina. O casal teve cinco filhos, pela ordem dois meninos, duas meninas, sendo Theodore o caçula. Não se pode dizer que o transcurso de sua vida se tenha destacado por grandes sobressaltos, e se resumirmos sua trajetória teremos a impressão de que passou uma existência sossegada, apenas interrompida pela morte prematura. Veja bem: desde cedo interessou-se pelos clássicos, consta que desde a infância, e como tivesse grande facilidade para o estudo de línguas, já na adolescência lia Dante, Virgílio e Homero nos originais latino e grego!, além de já ensaiar seus primeiros poemas. O único sobressalto que iria conhecer dar-se-ia por volta dos vinte anos, quando viu a estabilidade financeira da família entrar em derrocada, o que afetaria até mesmo os dois irmãos mais velhos, já casados, cujos empreendimentos estavam associados aos do pai. Certo dia o Sr. Charles Anderson reuniu a família, convocando os filhos mais velhos e suas esposas, e expôs a verdade acerca de suas finanças, que todos até então presumiam em condições satisfatórias: o que a família pôde vislumbrar no transcurso daquela reunião foi uma perspectiva de decadência que poderia descambar para a miséria, sendo o menor risco para eles terem de deixar a bela mansão de três pavimentos, cômodos amplos e claros e cercada por uma imenso jardim num bairro nobre de Londres. Havia, porém, uma saída, e essa saída seria o sacrifício de uma das filhas, Eugênia, a mais velha, com vinte e quatro anos: Eugênia compreendeu que de si dependia agora o bem-estar dos seus, e submeteu-se, conquanto o casamento de conveniência que se impunha, e para o qual não havia alternativa, já que o tempo premia, não fosse o que se poderia qualificar de uma nobre aliança: pedira-a em casamento um homem já bem passado dos quarenta anos, oriundo das classes inferiores, de maneiras rudes e muito ignorante, que a poder de usura amealhara respeitável fortuna; esse homem, a quem ainda por cima faltava qualquer traço de beleza, vinha desde algum tempo cortejando a moça, e quando finalmente foi aceito, o pai de Eugênia fez questão de estabelecer tal união nos termos de um negócio em que a mercadoria seria ela, a filha, e o preço o imediato pagamento de uma quantia vultosa a fim de cobrir suas dívidas e permitir que sua casa se reerguesse. O negócio foi explícito e cumprido à risca, de maneira que em família tudo continuaria, por assim dizer, bem. Tal casamento, melhor dizendo, tal “negócio” não apenas salvou a família como permitiu que Theodore se ocupasse exclusivamente da literatura e do estudo dos clássicos, o que talvez não

tivesse sido possível se, p. ex., ele tivesse de trabalhar para manter-se. Seu primeiro livro foi publicado aos vinte e quatro anos, para o qual o poeta reuniu criteriosamente parte de sua produção até aquele momento (ficaram de fora algumas dezenas de poemas que não atendiam às suas exigências de qualidade, mas dos quais também não quis descartar-se, conservando-os inéditos). O livro obteve sucesso, tanto por parte da crítica especializada acerca do surgimento de um nome promissor na literatura, quanto por parte do público. Mas no ano seguinte sobreveio um fato que consternou toda a família: a morte de Eugênia. A jovem fora literalmente sacrificada: casamento tão desigual não poderia resultar bem, e ela foi não apenas infeliz, mas desgraçada. Verdade é que Eugênia tentou — e conseguiu — esconder da família sua infelicidade, e teve êxito em “manter as aparências”, porém Theodore não se deixou iludir e certa ocasião, desconfiado e aproveitando que se encontravam a sós durante uma visita que lhe fez, pediu-lhe explicações. Esses detalhes constam do diário de Theodore, sobre o qual o biógrafo se deteve para a maioria das informações de ordem pessoal que figuram no livro. Eugênia então falou ao irmão de sua infelicidade, e pintou com cores reais sua desgraça, afirmando que a única compensação encontrada era saber que sobre os seus já não pesava nenhuma ameaça. Sendo, contudo, uma mulher frágil, não resistiria muito tempo a uma situação assim: num inverno rigoroso, cerca de cinco anos depois de casada, e isso devido não aos rigores daquele inverno mas à mortificação diária de sua convivência com tal homem, contraiu uma tísica e morreu em pouco tempo. A morte da irmã abalou Theodore, que se sentia, pelo menos em parte, culpado, já que se beneficiara com seu sacrifício, e assim decidiu dividir essa culpa com o resto da família: a notícia da infelicidade de Eugênia não apenas abalou como surpreendeu a todos, que se por um lado não teriam grandes motivos para julgá-la a esposa mais feliz do mundo, por outro tampouco o teriam para julgá-la tão infeliz. A desgraça da irmã pesou sobre Theodore por toda a vida, e em seu diário teria feito diversas referências a isso como um motivo permanente de mortificação. Até os vinte e oito anos produziu a maior parte de sua obra, diga-se de passagem tão importante quanto reduzida: além do livro de poesia já publicado, um segundo livro e uns poucos ensaios, alguns filosóficos, outros sobre literatura em revistas do gênero, ensaios esses reunidos postumamente em um volume único. Fez então uma pausa de seis anos e veio à luz o *Apelo do Submundo*, seu último livro, como os anteriores de proporções modestas — oitenta e quatro páginas naquela primeira edição, incluindo as páginas de rosto, de dedicatória (dedicara-o à memória de Eugênia) e do colofon. No entanto ao longo dessas páginas distribuíam-se trinta e cinco poemas que causaram, mais que qualquer outro de seus livros, um grande impacto por seu niilismo exacerbado e pela profundidade da abor-

dagem, além da riqueza literária, que sobrepujava tudo que escrevera até então. Anderson, porém, vinha desde alguns anos sofrendo crises de *angina pectoris* (que se manifestou por volta dos vinte e oito anos mais ou menos), e morreu desse mal no ano seguinte à publicação de *Apelo do Sub-mundo*. Quando nos debruçamos sobre sua personalidade é que vemos as peculiaridades de seu caráter e de seu pensamento. Theodore era muito diferente dos irmãos e tinha uma inteligência aguda, querendo sempre conhecer tudo, incomodando os pais com perguntas e perguntas sobre quaisquer assuntos, mesmo aqueles que não poderiam interessar a uma criança de dez ou onze anos, como religião e filosofia. Embora tenha estudado o Catecismo em criança e feito a Primeira Comunhão, já nessa idade perguntava-se, por exemplo, como é que o pão e o vinho se convertiam em sua boca no corpo e no sangue de Cristo, se o que ele sentia era apenas gosto de pão e de vinho, e não de carne e de sangue. Sabe-se que foi severamente repreendido pelo padre que lhe ministrava as aulas, e a peripécia relatada ao pai, que teve com ele uma conversa bastante austera. O menino Theodore, contudo, não se deixou convencer, pois se era proibindo-o de falar em tal assunto que lhe respondiam, “o que poderia significar” ele diz em seu diário, “tal atitude, se não o fato de que não sabiam a resposta?”. A mãe, a fim de não entrar em atrito com o marido e criar problemas familiares por causa de suas crenças pessoais, muito pouco falava aos filhos sobre sua própria religião, sendo que com Theodore ela teve, por instâncias do menino, de pelo menos expor com alguma clareza a religião de seu povo. Parece que Theodore viu tão pouco sentido na doutrina judaica quanto na católica, e bem cedo — por volta dos treze ou catorze anos — já havia perdido sua fé. Como desde muito cedo começara a interessar-se por literatura, leu se não todos pelo menos boa parte dos livros da pequena biblioteca da família, e logo depois passou a visitar a biblioteca pública. Seu interesse principal era a poesia, e aos poetas dedicava a maior parte do tempo disponível. Sabe-se por depoimento de seus pais que a partir dos doze ou treze ele costumava passar dias inteiros sentado à escrivaninha escrevendo sem parar; mas isto não significava que a produção era extensa, e sim que, muito exigente consigo mesmo, escrevia a mesma página várias vezes, alterando-a a cada reescrita. Às vezes trabalhava uma tarde inteira num único poema: escrevia-o e depois, durante a releitura, ia rabiscando os trechos que não o satisfaziam para depois passá-lo a limpo, mas ao relê-lo em voz alta deparava com novas alterações a serem feitas, e assim por diante; em certos momentos interrompia o trabalho e, levantando-se, ia postar-se à janela, pensativo, sem saber como continuar, esperando a inspiração que lhe ditasse o verso seguinte... Então punha-se a reescrever o mesmo poema, fazia uma segunda, uma terceira, quarta, quinta versões, por fim acabava se perdendo entre tantas versões e assim

transcorria uma tarde inteira lendo uma por uma em voz alta até decidir-se quanto ao que preservar ou descartar de cada uma delas; no fim do dia havia um monte de papel amassado no chão ao lado da escrivadinha, mas seu trabalho ainda não chegara ao fim, pois continuaria às vezes por toda a semana, se não por toda a quinzena, debruçado sobre o mesmo poema, reescrevendo e reescrevendo sem parar. Num trecho de seu diário (segundo biografia) ele chegou a comentar o quanto lhe afligia não deparar de imediato com a frase perfeita, o que o angustiava imensamente obrigando-o a escrever, ler, rabiscar, reescrever, reler, rabiscar outra vez e assim uma infinidade de vezes!...

Afonso fez uma pausa. Prosseguiu:

— O diário de Theodore Anderson, que segundo consta é desordenado e confuso, por decisão da família nunca foi publicado, tendo sido concedido ao biógrafo compulsá-lo na própria casa da família do poeta. Há coisa de cinco ou seis anos, soube que os irmãos de Theodore (dois ainda estão vivos, se bem que bastante idosos. Um destes é a irmã mais nova, Tereza.) estabeleceram para a publicação do diário — e sabe-se lá por quê — o ano de 1980, portanto teremos de esperar ainda algum tempo para conhecê-lo. Porém muitos dos fatos relatados em sua biografia foram colhidos nas publicações de então, não apenas de sua obra poética ou filosófica, mas também de entrevistas que deu para revistas literárias. Numa dessas entrevistas declarou-se ateu para escândalo da sociedade católica de sua época, e disse que em face do mundo que conhecia não via sentido na existência de Deus. Ele tinha vinte e seis anos, e a declaração foi feita pouco tempo depois da morte de sua irmã Eugênia, portanto reflete bem seu estado de espírito perante um Deus que se diz piedoso mas permite que uma inocente seja sacrificada daquela maneira. Este, aliás, é um argumento recorrente para justificar a descrença na existência de Deus, ou pelo menos de um Deus piedoso. Em outra ocasião reafirmou seu ateísmo, e acrescentou que as religiões não passavam de conveniência dos governos para melhor manterem o controle sobre o povo. Tendo-lhe sido perguntado se ele acreditava no diabo, respondeu que o diabo era um subterfúgio criado pelo homem para justificar a própria maldade e corrupção. Esta idéia também se encontra em dois poemas desse último livro: num dos poemas ele fala do encontro ao entardecer com alguém cujo rosto não consegue enxergar, mas em quem reconhece o diabo; porém seu companheiro revela de repente uma face humana; no outro poema, uma espécie de complemento do primeiro, mais uma vez refere-se ao diabo falando d'*aquele que nos espera com seus ardis*", para concluir *"Por que não nos reconhecermos/ A nós mesmos/ No nosso ardiloso inimigo?"*. Portanto todo o mal que há no mundo provém apenas do próprio ser humano, por quem o poeta não fazia questão de esconder seu desprezo; pelo contrário: chegou a

declarar certa vez que a principal razão de não acreditar no Deus bíblico (ou em qualquer outro) é que não compreendia como um Criador onisciente pudera criar um ser tão desprezível. Em suas declarações, Theodore Anderson parecia falar com tranqüilidade, como se sua descrença pudesse ser encarada por todos, e até mesmo por ele, como uma coisa natural, mas de sua poesia se depreende que não era assim... nem mesmo para ele...

— Sim — Camilo concordou —, sua poesia revela não só uma grande angústia, mas também a consciência de sua própria incompreensão do mundo, sendo essa incompreensão que o levava ao assombro e ao desespero.

— Por isso eu penso que ele era um ateu que desejava ardentemente crer. E eu chego quase a pensar que, de alguma forma, ele creu, bem à sua moda, porque nesse mesmo livro há um poema que diz em sua primeira estrofe: *“Na curva do caminho parei/ Temendo seguir adiante/ Porque adiante fazia noite tempestuosa./ Virei-me então para regressar/ Mas vi que às minhas costas uma Sentinela guardava”*. Esse poema segue com algumas alusões pessimistas a fatos de sua vida, mas finaliza com nova referência à Sentinela: *“Não,/ Eu não estava só/ Pois uma Sentinela/ Às minhas costas/ guardava o meu caminho...”* E num outro poema: *“Incomoda-me a página em branco/ Como a vida em branco./ Ah, o horror de olhar em volta e ver que esta solidão é menos do meu corpo/ Que da minha alma./ Sei que a Sentinela é apenas um mito/ Mas ainda assim vela por meu sono”*. *Sentinela* é a palavra que ele usa às vezes para referir-se a Deus.

— Lembro-me bem deste poema — disse Camilo e, após uma breve pausa: — Lembro-me bem porque foi o primeiro que li, quando abri o livro por acaso na biblioteca do colégio. Posso dizer que fui fígado de imediato e levei o exemplar para casa. Está visto que meu pai não aprovaria que eu lesse um livro como aquele se conhecesse seu conteúdo, embora não fosse criterioso a ponto de investigar com que leituras eu me distraía. Penso que não o fazia por ver-me aplicado aos estudos, além de ler também a Bíblia com frequência e acompanhá-lo todos os domingos à Escola Dominical. Então resolvi esconder o livro na minha escrivaninha e alegar tê-lo perdido. A penalidade para minha falta de cuidado foi uma contribuição com a biblioteca: deveria doar para seu acervo dois livros novos. Referi a meu pai, por alto, a exigência do diretor da biblioteca acerca da doação de dois livros, e ele, sem perguntas, comprou no dia seguinte dois livros infantis muito bonitos, com vistosa encadernação, e deu-mos para levá-los; assim tudo acabou bem e eu pude ler T. Anderson com tranqüilidade. Quantas e quantas noites fiquei até tarde acordado lendo e relendo seus poemas!

— No entanto é mesmo estranho que você tenha se interessado por um livro assim nessa idade. Afinal, era ainda um garoto.

— Sim, e a verdade é que eu li sem compreender muito bem o que o

autor queria dizer, e assim tive de ler uma segunda vez, com mais atenção, depois uma terceira vez, e assim por diante... Mas era a beleza dos versos, a beleza intrínseca, você sabe, que nem sempre tem a ver de imediato com seu significado, que me envolvia... Foi aos poucos que percebi quanto o poeta procurava por um Deus no qual não tinha fé...

— Correto: procurava por Deus sem acreditar nEle!

— ...e por certo sem encontrá-lo, pois até o último poema percebe-se sempre a mesma pergunta e só o silêncio como resposta.

— Sim, pois é mais ou menos isto que se depreende daquele verso, “*Deus, se tu existisses que lugar haveria no mundo para mim?*”. Que lhe parece? O poeta afirma que um Deus verdadeiro não permitiria que alguém descesse dEle, mas tal afirmação é mais contundente do que parece: pois o sentido exato é que Deus não permitiria a existência de quem, a despeito de tudo, teimasse em não crer, e que a ele, Theodore Anderson, somente restava não crer. Chega a ser trágico um tal sentimento!... Mas você falou do último poema...

— Sim, que contém um verso extraordinário...

— Creio que posso adivinhar a que verso se refere...

— É possível... — Camilo sorriu.

— “*Os anjos ofereceram aos homens de sua taça, mas só um deus poderia beber dela*” — Afonso declamou.

— Sim.

— E aí estão essas figuras que permeiam a obra de Anderson apesar de seu ateísmo: anjos, deuses, e antes: sentinela grafado com “S” maiúsculo para significar Deus.

— Mas esse verso em particular tem um significado no contexto de seu livro, presumo mesmo que no contexto de sua obra como um todo, conquanto não a conheça na íntegra: tem-se a impressão de que o poeta pretendeu ter, ele mesmo, provado desse néctar que os anjos oferecem mas nem todos podem beber.

— Ou terá querido dizer que ele também não era um “deus”, pois o poema termina com “*e a mesa é retirada: derramou-se a taça,/ partiram os comensais/ e o dono da casa ficou sozinho*”.

— A coisa fica no ar...

— De acordo com as dúvidas que o perseguiram — Afonso conclui.

Ambos se calam por algum tempo, cada qual de súbito distraído com suas próprias reflexões. A chuva continua, havendo diminuído um pouco de intensidade; mas vez por outra relâmpagos iluminam o jardim seguidos do rumor surdo e profundo dos trovões.

Foi Camilo quem quebrou o silêncio:

— Eu tenho uma obra a realizar, Afonso, mas penso que ainda não estou preparado.

— Uma obra?... Ora, Camilo, mas você está sempre trabalhando em sua obra.

— Não é disso que estou falando.

— Não? Não é de sua pintura que...?

— É da minha pintura, mas não dessa pintura que faço agora.

— Ah... bem, então...

— A minha pintura, essa que faço no momento, essa que venho fazendo ao longo dos anos, tem para mim o significado de um prelúdio. O que eu tenho a realizar, aquela que será minha obra máxima, algo tão intenso e grandioso que por certo bem poucos têm tido a graça de uma realização assim em sua vida, essa ainda está por ser feita.

— Parece estranho... você crê que tem algo assim a realizar? Não que eu duvide, afinal conheço sua força... já que o venho acompanhando há alguns anos, mas... É uma intuição? Como é que você sabe que vai criar algo assim? — Afonso perguntou.

Camilo deu de ombros.

— Não sei como — disse. — Só sei que sei.

— E por que não a começa logo? Por que pensa que não está preparando para ela?

— Também não sei dizer. É como se...

— ?

— ...como se eu estivesse à espera de alguém que virá... alguém que virá para acompanhar-me nesse trabalho que... que talvez seja a última coisa que eu faça.

Esta frase final de Camilo teve o poder de deixar Afonso Ribeiro embaraçado, sem saber o que responder. Pigarreou, impressionado, pensativo curvou a cabeça e calou-se. Durante mais algum tempo não disseram nada, mas desta vez foi Afonso quem falou: respirando fundo levantou-se, fez um comentário qualquer sobre as horas, “já deve ser tarde e eu aqui a incomodá-lo”, ao que Camilo protestou, pois lhe agradava conversar, porém Afonso, alegando sono e cansaço, “tive um dia cheio hoje na repartição” disse, decidira retirar-se: embrulhou-se em seu impermeável, apertou a mão do amigo e saiu para a chuva.

Dissemos que a partir do ano de 1974 Camilo deixara de ir às suas próprias exposições devido a um incidente. Acrescentemos que a partir de então não foi mais visto também em *vernissage* de nenhum outro artista nem tampouco em visitas a museus e galerias; podemos dizer ainda que, excetuando-se na pequena Pinheiros, onde costumava fazer compras ou ir à biblioteca municipal, e onde passava por um morador comum da cidade, não foi mais visto em público. Para as mostras que ainda realizou nem mesmo saía de sua casa, pois havia instalado um telefone que agora

lhe facilitava comunicar-se com galerias e curadores, despachando através de uma empresa transportadora os quadros devidamente embalados e munidos de uma apólice de seguro para o local da exposição.

Certo é que seu comparecimento era sempre solicitado, não só através da formalidade de cartas corteses em que se procurava ressaltar a importância da presença do artista na noite de abertura de sua mostra, importância não apenas para o próprio artista, que seria visto, mas também para o público, que teria oportunidade de privar com ele junto de sua obra, pelo menos por umas poucas horas; mas também através de telefonemas, que ele atendia como se fosse o seu secretário (não que tivesse um!), sempre com a mesma resposta: encontrava-se concentrado em sua produção, tinha prazos a cumprir (o que nem sempre era verdade), de forma que não podia deixar-se distrair. Sua persistência em não comparecer às exposições não passou despercebida, sendo certo que o fato foi comentado, porém como em tais ocasiões havia sempre alguém que conhecia o incidente de que trataremos a seguir, tal incidente era apresentado como um possível motivo de sua atitude — conquanto isso ninguém pudesse afirmar com certeza.

O incidente, que teve lugar na primeira das duas exposições realizadas naquele período no Rio de Janeiro — e que seria a segunda, se contarmos a que constituiu seu “retorno” no ano de 1970 —, deveu-se à indiscrição (pode-se dizer mesmo à grosseria) de um jornalista, mas não se deveu menos ao próprio Camilo, que duas semanas antes publicara um longo artigo na revista *R** no qual atacou duramente a arte conceitual e aquilo que considerava de mau gosto — se não estupidez — como produção artística, chegando inclusive a criticar a arte produzida pela loucura, aquela que provinha dos sanatórios de doentes mentais, afirmando que embora se colhessem aí trabalhos de boa qualidade “a crítica obtusa não tem discernimento capaz de fazer uma distinção entre o que presta e o que não presta, apresentando a um público perplexo como arte de fato delírios que, contudo, não passam de uma mixórdia”.

Nós, que temos acompanhado a vida do artista e o conhecemos de perto, sabemos que Camilo não teria real intenção de atacar quem quer que fosse com suas observações; que de ordinário era com grande tranquilidade que expunha suas opiniões quando interpelado, e que por certo não se dava conta da força de suas palavras; por exemplo, a expressão “crítica obtusa” não era dirigida a nenhum crítico em particular — já que desde o episódio com Maximiliano Ferraz achou conveniente não mais importar-se com o que dissessem a seu respeito —, e podemos mesmo ter como certo que ao valer-se de tal expressão dirigia-a a alguma entidade abstrata — isso em sua mente —, de forma que não julgaria estar assim melindrando a ninguém. Sim, dirá o leitor, é possível, mas não seria essa uma

atitude bastante ingênua? Concordamos, mas advertimos que Camilo portava-se nesses casos com uma certa ingenuidade, cujas conseqüências não conseguia prever. O artigo, por si só, provocou novo escândalo que deixou irados não só diversos artistas como também boa parte dos críticos de arte, que se sentiam atingidos por ele (aquela parte, segundo Camilo, que não tinha discernimento para distinguir “entre o que presta e o que não presta”). O comentário foi geral e o editor-chefe da revista, questionado, justificou-se dizendo que a matéria era de interesse não só por não apresentar qualquer viés político e “vir de quem vinha”, como também pela clareza e precisão da abordagem, “além do mais” concluiu, “a decisão de publicar o artigo foi tomada em conjunto, de forma que apenas uma voz contrária — a minha — não seria considerada”.

Para a exposição em cuja abertura se deu o incidente Camilo preparou uma exótica decoração feita com ossos humanos, que fora comprar subrepticamente num cemitério — pagando ao coveiro uma soma bastante elevada para que ele não hesitasse em atendê-lo — e aos quais deu um banho de soda cáustica não apenas para desinfecção mas também para deixá-los o mais brancos possível, o que causou surpresa e horror aos visitantes, que para ver os quadros tinham de transitar por vias estreitas entre ilhas de ossos no chão, nas quais sobressaíam crânios, úmeros, tíbias, fêmures, costelas... Dos vinte e dois quadros apresentados podia-se dizer modernos, mas de um “modernismo” incômodo pela técnica rebuscada e — a exemplo do que mostrara até então — por seu sentido filosófico, compondo um conjunto que falava por si mesmo, e embora cada um dos presentes pudesse escolher o que ouvir em tal polifonia, emergia do fundo, numa espécie de uníssono, uma mensagem que se impunha, uma crítica — essa sim, intencional e acerba — à natureza humana. “Decididamente” alguém comentou em voz baixa com outra pessoa, frase no entanto que foi registrada para os anais da galeria, “Camilo Duarte não simpatiza mesmo com o ser humano, se é que não o odeia!”.

Havia, contudo, um quadro que destoava dos demais, singularmente pendurado no meio de uma parede e como que posto ali para mais que todos os outros atrair os olhares do público. Não havia outras pinturas à sua volta, não havia ossos no chão, e quando se chegava diante dele era possível perceber que Camilo criara de forma engenhosa, com sua estranha e fúnebre decoração, uma espécie de labirinto que em seu percurso conduzia intencionalmente o expectador para ali.

Esse quadro intitulava-se simplesmente *Pintura*.

Tratava-se de uma reprodução fotográfica em tamanho natural (0,91 m × 0,65 m), mas em preto-e-branco, do “Nu em Rosa”, de Matisse. A fotografia do quadro fora colada numa chapa de duratex e emoldurada com uma moldura estreita de madeira, sem *passe-partout*. Este foi o suporte,

disposto não na horizontal, como a pintura de Matisse, mas na vertical e com a cabeça da mulher cor-de-rosa voltada para baixo, utilizado por Camilo para pintar um nu feminino — não um nu qualquer, mas a reprodução de um mármore grego: Camilo escolheu para reproduzir com seu pincel a bela *Vênus Genetrix*, que na realidade não está nua: essa Vênus, exceto por um seio à mostra, foi esculpida vestida com um manto muito fino e por certo úmido, de tal forma que o corpo aparece sob a transparência das partes em que, devido à umidade, adere à pele. Camilo, reproduzindo-o a partir de uma fotografia grande e em cores que trouxera de uma de suas viagens, pintou um cromo vibrante que ocupava pouco mais da metade da altura do quadro, e teve o cuidado de manter-se fiel ao original no drapeado e na transparência do fino véu que recobre o corpo da deusa; no entanto, ao representar a brancura da pele das mulheres nórdicas, o azul líquido dos olhos e as vestes vaporosas de um sutil tom de rosa pintou não um mármore grego mas um corpo de carne e osso, e o relevo produzido pela representação de luz e sombra fazia com que a forma feminina emergisse da superfície bidimensional da tela ganhando um súbito e inesperado volume. O quadro teria talvez seu quê de irônico, e usar como suporte uma pintura famosa de Matisse com a figura original de cabeça para baixo passava talvez por uma brincadeira, mas de gosto duvidoso, que acabou por despertar a revolta dos admiradores do velho mestre: no início deste capítulo mencionamos um quadro de Camilo atacado por um expectador que se lançara de estilete em punho contra ele, sendo porém contido em tempo de evitar o dano: queríamos nos referir, portanto, a essa *Pintura*. Tal episódio, contudo — após o qual o quadro não voltou a aparecer —, se deu um ano depois dessa sua primeira mostra, ocasião em que não deixou de causar incômodo e mesmo desgosto. Camilo chegou com o atraso de uma hora, e à sua entrada fez-se imediato silêncio no salão. Alguns conhecidos — e diremos conhecidos apenas, pois não havia ali ninguém íntimo, excetuando o pianista Silvério Costa e as duas quarentonas — se acercaram dele para cumprimentá-lo, sendo imitados por vários outros visitantes, enquanto alguns, mesmo admirando sua ousadia, se mantinham arredados, na expectativa, como se esperassem por algum acontecimento extraordinário. Aliás, tal impressão parecia geral, de forma que mesmo Otávia referiu em voz baixa a Antônia seu mau pressentimento, “mas não devido à singular escolha de Camilo para decorar o ambiente” apressou-se em explicar, “e sim a qualquer coisa no ar”. Camilo dispensou a todos o mesmo tratamento de rotina: sorriu e falou com comedimento de frases e de gestos, percorreu os quadros comentando brevemente cada um deles mas, evitando abordar seu significado como arte, procurou ressaltar tão só os aspectos técnicos das obras. A certa altura foi solicitado a dar uma entrevista, o que concedeu sempre com o mesmo ar displicente e algo dis-

tante que lhe era comum nessas ocasiões. A entrevista em si não passou de uma rotineira série de perguntas convenientemente escolhidas para que se fizesse apenas uma matéria jornalística que despertasse atenção e fosse de agradável leitura, com provocações simples, como por exemplo pedindo-lhe que explicasse a estranha decoração ou que significavam certos símbolos encontrados nas pinturas, e assim por diante. Foi então que um colunista pouco conhecido, que até certo momento apenas fazia anotações, avançou um passo e, aproveitando uma pausa (quem sabe procurando também notoriedade), interpelou Camilo:

— Senhor Camilo, permita-me — e como Camilo se voltasse em sua direção, prosseguiu: — Na edição deste mês da revista R* saiu um artigo de sua autoria no qual o senhor critica duramente a arte conceitual, lançando até mesmo, por assim dizer, “uma pedra” contra a crítica especializada acerca do que se convencionou chamar de “arte do inconsciente”, que se tornou não apenas reconhecida como de muita qualidade. Hoje, entre outras coisas... digamos, curiosas... se não absurdas... o senhor nos apresenta esta *Pintura*. O que pretende com tal quadro? Trata-se de uma brincadeira com o grande Matisse?

— Só uma brincadeira — admitiu Camilo com a tranquilidade característica de seu temperamento —, mas não com o “grande Matisse”, porque não houve nenhum “grande Matisse”.

A resposta teria sido desconcertante mas o outro parecia preparado e não se retraiu, pelo contrário — chegando a uma conclusão muito pessoal — atirou uma provocação:

— Com seu quadro, Sr. Camilo, o senhor sugere que Matisse não sabia pintar, parecendo menosprezar sua pintura. Não considera tal atitude uma temeridade?

— Não existem temeridades em arte, senhor — Camilo respondeu com um sorriso sutil, que mal foi percebido pelos circunstantes —, a não ser a mediocridade. Mas é verdade: Matisse não apenas não sabia pintar, como também foi o pior pintor deste século de misérias. Costumo dizer que Picasso foi o segundo pior pintor, mas minha aversão pelos *fauves* é tão grande que prefiro colocar, *in totum*, a pintura *fauve*, em termos de má qualidade, antes da de Picasso.

— O senhor cita nomes como Matisse e Picasso de forma bastante leviana...

— Por que leviana?

— Porque esses artistas têm sua obra reconhecida no mundo todo, há uma unanimidade...

— Em primeiro lugar — Camilo interpôs, sem alterar-se mas também pouco disposto a esperar o fim de um arrazoado que já podia ser previsto —, você comete o erro de acreditar em unanimidades; em segundo lugar,

o fato de meia dúzia de imbecis afirmar isto ou aquilo sobre estes e outros artistas não significa que tenham razão ou que sua opinião tenha valor de verdade; e em terceiro eu me sinto livre e à vontade para ter opinião própria e expressá-la.

Com um sorriso sutil Camilo apontou para o quadro:

— E, mesmo que a minha também não tenha necessariamente valor de verdade, eu a expressei desta forma que você pôde ver.

O outro, ainda não se dando por achado, resolveu atacar mais fundo e tocou num assunto que foi motivo de mal-estar e expectativa, aumentando a tensão da já bastante tensa e apreensiva assistência:

— Sr. Camilo, enfim, o senhor parece ter o hábito dos ataques gratuitos, mas um de seus ataques, ocorrido há alguns anos, foi contra uma artista nacional, mais exatamente, carioca: Jacira Verner, sendo que na ocasião o senhor não se limitou apenas a tachar de ruim sua obra, mas a sugerir que a artista deveria a título de produção artística cometer o suicídio, e que esta sim seria uma obra de qualidade. Apesar de tudo isso, o senhor hoje nos brinda com uma exposição da qual não se pode dizer menos que “conceitual”, tendo em vista sua evidente visita aos cemitérios da cidade — e indicou as ilhas de ossos humanos espalhadas pelo salão —, o que entra em contradição com sua implicância contra a arte conceitual. O senhor não se dá conta dessa contradição? E no caso da artista Jacira Verner, o senhor soube que ela, sendo uma pessoa doente dos nervos, tentou de fato o suicídio, sendo salva por milagre e ainda hoje encontrando-se em tratamento e sem produzir mais? E se soube, por acaso se sente de alguma forma responsável pelo que aconteceu a ela? Em suma, o que o senhor pensa disso tudo? Não teve remorsos? E se ela tivesse morrido, como ficaria sua consciência?... — E finalizou com uma clara provocação: — Ou “não ficaria”, pois talvez o senhor julgue que instigar alguém ao suicídio seja também uma forma de arte...

Camilo, durante toda essa tirada, não deixou transparecer nenhuma reação, nem esboçou desta vez qualquer gesto para interrompê-lo. Com indiferença esperou-o concluir seu discurso e, no instante de silêncio que se seguiu, pesou uma opressiva atmosfera sobre cada um dos presentes, que de olhos cravados em ambos esperaram por uma tempestade.

Mas não houve tempestade, conquanto a resposta de Camilo, por si só, em que pese a serenidade de sua voz e mesmo da expressão de seu rosto, possa ser tomada por uma:

— O senhor — disse ele mudando a forma de tratamento — parece não ter percebido que isso que toma por “arte conceitual” é apenas a decoração que escolhi a fim de enfatizar o sentido de cada quadro em particular e do conjunto como um todo. Pois se acompanha minha trajetória, como afirma, deveria ter compreendido que o mal dessa arte dita concei-

tual não pode contaminar minha produção, pois são ambas de natureza inteiramente diversa. Aliás, a minha obra existe com um força sublime, enquanto execráveis experimentos como esses a que me referi em meu artigo nem ao menos tem existência real como arte. Quanto ao caso da artista Jacira Verner, não é verdade que eu tenha dito que suicidar-se resultaria numa obra de arte de qualidade: lembro-me de ter dito que, de acordo com o entendimento enviesado dos artistas conceituais, o crime e, por que não?, também o suicídio praticados numa sala de exposição poderiam ser tidos como arte. Verdade é que eu não me sinto nem um pouco responsável pela sua insensatez, ter tentado matar-se. Felizmente ela se salvou, mas se não se tivesse salvo eu não teria qualquer problema de consciência, já que o que eu disse possuía apenas um sentido alegórico. Fico sabendo agora pelo senhor que ela deixou de produzir? É verdade?... Bem, penso que não se perde grande coisa. De qualquer forma, espero que ela se recupere.

O outro fez menção de falar outra vez, mas Camilo conteve-o com um breve gesto da mão direita:

— Creio que não há mais perguntas cabíveis por hoje — e voltando-se para os circunstantes: — A todos, obrigado por terem comparecido e o meu boa-noite — e se retirou, seguido por um Silvério Costa perplexo e pelas duas quarentonas, Otávia cochichando ao ouvido de Antônia enquanto lhe segurava o braço para acompanhar-lhe os passos, “eu não disse? Eu não disse?”.

Este foi o incidente ao qual, lembremos, esteve presente Ernesto Cunha antes de casar-se, antes mesmo de conhecer Irene; e que fez Camilo exilar-se de vez.

V

Éis que chegamos então ao ano de 1978, quando se iniciou o período final da produção de Camilo Duarte, aquela que, à parte tudo que fizera até ali, ambicionava como o máximo que um artista brilhante pode conseguir e que eleva seu nome à altura dos maiores nomes da História. Temos por certo que ele logrou seu intento, ainda que essa produção final permaneça inédita e ainda mais, que embora revele em seu traço um virtuosismo ímpar, seja por demais intrincada e difícil de compreender. Por lhe conhecermos a história sabemos, com efeito, que em algum momento ele iria iniciar sua última série de pinturas, mas até que ponto ele mesmo saberia disso? Lembrando-nos de sua conversa com Afonso Ribeiro naquela noite de chuva, na varanda de sua casa, em que ele se referiu a esse projeto como “a última coisa que talvez eu faça”, diríamos que Camilo

intuíra que sua carreira estivesse chegando ao fim, e que esse fim seria coroado por uma criação inigualável; é possível que aquela frase não tenha sido pronunciada apenas como um recurso de retórica, mas que ele com efeito estivesse certo de que ao concluí-la não lhe restaria mais nada a fazer e por essa razão era necessário estar, por assim dizer, preparado para “sua última batalha”. No decorrer da narrativa veremos de que maneira se deu essa “preparação”. Achamos interessante ainda chamar a atenção do leitor para a natureza dessa ambição, pois Camilo, indiferente a adulações e festas ao redor de sua pessoa, preferindo viver retirado numa pequena cidade de interior e, por isso, longe do burburinho dos grandes e fervilhantes centros, que cobrava pequenas fortunas por um quadro mas que vivia com modéstia e simplicidade e pouco uso fazia de seu dinheiro; Camilo — e seria de estranhar que fosse de outra forma — com o conjunto de sua obra não cogitava a vanglória de ter seu nome preservado para o futuro, o distante futuro — os séculos adiante —, quando ele já não estaria vivo para vê-lo. Parece-nos natural que ao artista importe o sucesso, e mais ainda o sucesso imediato cujos louros lhe possam advir não apenas em vida mas o mais cedo possível; não duvidamos porém de que todo artista guarde no seu íntimo — mesmo sem que disto se aperceba — uma mui recôndita e ambiciosa vaidade, a de que sua obra, mesmo sendo festejada durante sua vida, permaneça e continue festejada muito tempo depois de sua morte, de modo que lá, muito longe no tempo, alguém pronuncie seu nome com uma entonação de reverência. Contudo somos propensos a crer que tais pensamentos não ocorriam a Camilo Duarte, e que sua necessidade de produzir — evidente, devido à obsessão com que pintava dias seguidos sem se dar um descanso —, e mais ainda, a visceral necessidade de realizar aquela que seria sua obra final e a maior já produzida visava a atender apenas a um clamor íntimo, um impulso, digamos — embora a palavra seja um tanto contundente — um vômito, trazendo com ela ao mundo uma mensagem indispensável mas que a ele importasse apenas “expressá-la”, mesmo que não houvesse ninguém ali para ouvi-lo. Sabemos que havia muitos ali para ouvi-lo, sabemos também que seu clamor ferira muitos ouvidos e chamara muita atenção sobre si, e que seria sempre assim, podendo-se adiantar até que seria assim também para o futuro sobre o qual ele nem sequer cogitava; afiançamos, no entanto, que o momento de glória para Camilo Duarte não era aquele quando se abriam as portas e o público adentrava o salão, fosse para adorá-lo ou para odiá-lo, de qualquer maneira para aproximar-se dele com inquietude e respeito; não, o momento de glória Camilo fruía-o na solidão, na intimidade e no silêncio de seu estúdio, quando tendo dado a última pincelada num quadro recuava um passo e se punha a contemplá-lo.

Trascorridos alguns dias desde aquele sábado à noite em que o deixamos caminhando na companhia de Afonso Ribeiro, Júlia e o filho rumo ao centro de Pinheiros, encontrava-se Camilo em seu ateliê logo depois do almoço quando entrou a Gertrudes, já bastante idosa, secando as mãos no avental, pois lavava a louça naquele momento:

— Seu Camilo, está aí na sala uma senhora. Pediu para falar com o senhor.

Camilo encarou a Gertrudes como se, com a interrupção, fosse de repente arrancado dos páramos onde penetrara e tardasse alguns segundos para reentrar no mundo, e só em seguida depôs o pincel e a paleta, dispondo-se a atender a visitante.

Como já se tivesse passado muito tempo desde que a vira pela última vez, ao entrar na sala não reconheceu nessa senhora baixa e roliça, vestida de preto, de cabelos brancos cobertos por um pequeno e antiquado chapéu, as feições coradas mas revelando um certo cansaço, sua tia Ordália, que ao vê-lo adiantou-se para ele. A confusão durou pouco, no entanto, pois logo Camilo deu-se conta de quem era e apertou-lhe a mão com um sorriso franco e alegre, conduzindo-a até o sofá.

— Você nunca mais procurou os seus, meu filho — ela disse.

— A senhora deve saber por quê, tia Ordália. Eles também não me procuraram.

— Sim, eu sei... oh, céus, quantos desencontros, e ainda mais este!... Porém, eu tive de vir, depois de tanto tempo... e... bem, aqui parece um agradável lugar para viver-se, não?... — Ordália disse olhando em volta, como se tomasse coragem para entrar no assunto.

— A senhora ainda não conhecia a propriedade?

— Oh, não... nunca estive aqui... bem, verdade é que... — levantou-se com vagar e aproximou-se da janela. — Um belo quintal, e amplo, he-in?... Sim senhor, e todas essas árvores... decididamente, você está muito bem instalado — voltou-se para Camilo, encarando-o.

— Não posso me queixar — ele respondeu. — É como quero, como me agrada, propicia-me um ambiente adequado para meu trabalho.

Ordália voltou a sentar-se, segurou as mãos de Camilo.

— Fico feliz por você, de verdade, por sabê-lo bem, mas... — fez uma pausa, baixando a cabeça por um breve momento. Parecia desconcertada, mas em seguida ergueu o rosto para Camilo e desatou: — Enfim, Camilo... Oh, meu querido sobrinho, eu não me conformo, saiba que eu não me conformo! — ela exclama, desconsolada.

— Mas por quê, tia?

— Oh... Pois é como se tudo estivesse bem... e no entanto... você aqui sem saber de nada!...

— O que foi que aconteceu, tia Ordália?

— Pois então...! — e a velha senhora cobriu os olhos por um instante, mas aprumou-se, que “não era hora para choro” disse consigo mesma, e prosseguiu: — Não, seu pai não sabe que vim... tentaria dissuadir-me, se soubesse... no entanto como se trata de Lídia, sua irmã...

— Minha irmã Lídia?

— ...e de sua mãe...

— De minha mãe?

— Sim, elas... Oh, meu filho, como é triste estar aqui para dizer-lhe o que vim lhe dizer

— Pode falar, tia Ordália — disse Camilo com gravidade —, fique à vontade...

— Nós as perdemos, meu filho, nós as perdemos — e a velha senhora, muito digna, muito aprumada em seu luto, a custo sustinha o pranto. Por fim deixou que as lágrimas rolassem e cobriu os olhos por um instante, curvando ligeiramente a cabeça.

Camilo sentiu um golpe dentro de si, mas manteve-se firme.

Ordália, após essa pausa, se recompôs e levantou o rosto, considerando a maneira de prosseguir.

— Eu decidi que você não poderia continuar ignorando o que se passa com sua família, conquanto tenha preferido não dar ciência a seu pai de minha decisão.

Cabisbaixo e com as feições conturbadas, Camilo pediu:

— Diga-me tudo. Como foi que aconteceu?

Ordália assentiu com um movimento de cabeça, no colo a pequena valise que levava e em cujo fecho mexia nervosamente como se não tivesse controle sobre os dedos. Por fim entrecruzou-os com firmeza e ergueu mais uma vez os olhos para o sobrinho. Assim revelou a Camilo que sua irmã Lídia, sua “irmãzinha” como ele costumava chamá-la, nunca se recuperara de todo, mergulhando numa loucura suave da qual não voltaria a sair. “A pobrezinha passava os dias em seu quarto folheando revistas antigas” disse, pois Lídia, após recuperar a consciência, parecia esquecida do que lhe acontecera e em nada pôde esclarecer a família a esse respeito, porém via-se que não estava mentalmente sã e quase não saía mais de casa, a não ser muito instada pelo pai para que o acompanhasse à igreja ou a algum passeio a fim de distraí-la; às vezes parecia melhor, quase recuperada; nessas ocasiões, alegre e expansiva, referia sua intenção de preparar-se para voltar à universidade e até mesmo saía sozinha à rua para passeios curtos; tal estado, contudo, não persistia, o projeto de retomar os estudos era esquecido e a jovem retornava ao seu mundo nebuloso onde nem sempre estava só: pois um vulto sem rosto a perseguia na imensidão de suas noites, sendo certo que mais de uma vez falara ao pai desse vulto que lhe aparecia dissimulando-se detrás das árvores do jardim, entre reposteiros

nos salões de uma casa muito grande e antiga, quase em ruínas, aonde ela ia parar sem saber como, sim, sempre se dissimulando para não ser reconhecido, “mas ele não é um estranho, meu pai; eu não consigo ver seu rosto, mas sei que o conheço de algum lugar”. Lídia nunca mais pronunciara o nome do irmão, e parecia mesmo nem se lembrar de ter um irmão. Seu estado agravara-se nos últimos três ou quatro anos, nenhum vestígio de lucidez restava-lhe, e quem fitasse seus olhos grandes e brilhantes veria ali o claro sinal de uma loucura sem remédio: Lídia não se tornara agressiva como ocorre com alguns, porém passara a definhar, sendo necessário às vezes pôr-lhe a comida na boca pois do contrário não comeria, “acabaria morrendo de inanição” Ordália garantiu, “pois era como se não sentisse fome”. Fazia quinze dias que morrera, tão magra e transparente que sua figura em nada lembrava a jovem linda e cheia de vida de seus dezoito anos. Neste ponto Camilo interrompeu a tia, perguntando-lhe se ela, como o pai, acreditara no absurdo de... Mas Ordália pôs-lhe a mão sobre os lábios, “shhh” fez, que “não, não!... Estou certa, meu filho, absolutamente certa de que você não seria capaz...” e os olhos dele encheram-se de lágrimas, transbordaram inundando-lhe as faces. Porém, fazendo uso de uma expressão popular, restava ainda a Camilo tomar o resto da taça, vale dizer, ouvir tudo: pois sua mãe não suportando mais a vida — é certo que poderíamos dizer que não suportara mais a dor de perder uma filha bastante jovem e de ter perdido um filho ainda vivo, e também que seu corpo combalido pela idade (completara setenta anos havia pouco) e pelas enfermidades sucumbira, quebrara como um junco, mas cabe melhor aqui a expressão de que nos valem, pois é certo que a pobre velha não suportara mesmo a vida com todas as suas misérias —; não suportando, pois, mais a vida, veio por sua vez a falecer uma semana depois da morte de Lídia.

Camilo curvou a fronte, o cenho carregado a indicar forte comoção. Apesar do afastamento a que se decidira a fim de não contrariar a imposição paterna, podemos dizer em seu favor que nunca lhe fenecera o amor pela mãe e pelas irmãs, e mesmo pelo pai preservara se não talvez a mesma afeição da adolescência e da juventude, pelo menos um sentimento de respeito e dignidade do qual não se poderia dizer que estivesse ausente o amor.

Ordália por fim deu-lhe notícias do pai, de Diva e do velho Lucas.

Diva fora inocentada da morte do marido, culpa que a polícia de início lhe creditara em razão do papelucho manuscrito encontrado na mão do morto, porém enfrentara dias terríveis de interrogatório, chegando mesmo a ser presa provisoriamente embora tivesse domicílio certo, e ao sentar-se no banco dos réus pareceu-lhe ter descido ao grau mais baixo da condição humana. Fora absolvida, mas não se recuperara de todo do

trauma. Era agora uma mulher de quarenta e dois anos bastante triste, de feições consumidas, que não encontrara em si forças para retomar o curso normal de sua existência; não voltara a ligar-se afetivamente a ninguém, conquanto tivesse aparecido algum interessado ocasional, e nem mesmo se preocupara em procurar uma ocupação na área em que se especializara, tanto para ter uma renda (já que a situação financeira do pai, cujo comércio fechara suas portas, entrara em decadência e agora viviam apenas de sua magra aposentadoria de velho, “eu é que vou lhes valer às vezes, meu filho, senão...”) quanto para distrair-se; em suma: sentia-se acabada e não havia jeito de convencê-la do contrário; enquanto isso exercia na igreja as mesmas atividades de sempre, mas já sem entusiasmo, mecanicamente como quem cumpre um fastidioso dever, e afora isso não fazia mais nada. “E quanto a seu pai”, e Ordália comprimiu os lábios, “este sim é um homem... coitado, pode-se dizer... acabado. Envelheceu muito nos últimos anos, envelheceu mais ainda nos últimos dias, e aos setenta anos parece ter pelo menos dez a mais. Por fim... já não é o pastor de sua igreja... já não se sentia com suficiente disposição para o encargo e teve de entregá-lo a alguém mais jovem...” e uma vez mais Ordália sentiu a voz trêmula, os lábios trêmulos, e esteve a ponto de chorar.

Respirou fundo, porém. “Ah” disse, “você por certo se lembra do primeiro caixeiro de seu pai, o Lucas”. Camilo assentiu. “Pois ele também nos deixou. Faz pouco mais de um ano, já bem idoso. Creio que já passava bem dos oitenta. Nos seus últimos meses de vida, a convite de seu pai, mudou-se para lá e foi ocupar um quartinho vago no térreo. Passava quase todo o tempo na cama, bastante achacado, e quando se levantava era para passar alguns minutos ao sol, ou à sombra das árvores nos fundos do terreno. Andava escorando-se com uma bengala. Às vezes perguntava por você, e era sempre Diva quem lhe dava notícias suas... notícias, claro, que ela apanhava casualmente em alguma revista de arte. O velho Lucas o apreciava muito, sabia, e nessas ocasiões costumava dizer aquele menino brilha, ele tem uma grande missão na vida”. Camilo estremeceu. “No dia de seu falecimento” Ordália prosseguiu, “ele segurou as mãos de Diva e disse-lhe que orasse a Deus por você, logo ele, que nunca se convertera, não é engraçado? Que será que se passava em sua cabeça naquela hora? Não tresvariava, pelo contrário, parecia muito lúcido. Disse que orasse, pois você iria precisar muito. Fechou os olhos poucos minutos depois”.

Forçou um sorriso, tomou das mãos do sobrinho, “falemos, no entanto das coisas boas” disse, “soube de seu sucesso e, ah!, fiquei tão feliz em ver que você não se deixou derrotar!”. Então Camilo levou a tia até o ateliê, onde lhe mostrou os quadros novos e alguns que apenas havia começado; depois almoçaram e, concedendo-se o resto do dia de folga, convidou-a a fazer um passeio a pé pelos arredores a fim de espairecer. Ordália passou a

tarde com o sobrinho, mas deveria regressar à noite, mesmo ele tendo insistido para que pernoitasse em sua casa.

— Não posso, meu filho — ela disse. — Eles precisam de mim, e a verdade é que não gosto de deixá-los sozinhos. Vir aqui foi um caso excepcional, e precisei inventar que pretextos, você nem imagina!

No momento do embarque, Camilo entregou-lhe um envelope, “aqui tem uma certa importância” disse, “é suficiente para que nada lhes falte, mas não deixe que meu pai saiba de onde provém, pois ele não aceitaria”. Já anoitecera por completo ao regressar a casa, caminhando devagar, as mãos nos bolsos da calça, os pensamentos em desordem. E a madrugada veio alcançá-lo sentado em uma pedra no jardim de sua casa, sempre pensando. A noite sem lua, o céu repleto de estrelas, um vento suave e frio a mover com brandura a galharia das árvores em volta, sentou-se ele na pedra, recostou-se, apoiou o rosto numa das mãos e permaneceu: quieto, em silêncio, uma sombra diluindo-se nas sombras — e só então a força da realidade que ele vivera nesses últimos dezoito anos, à qual esquivara-se teimosamente sob o pretexto de acatar a imposição paterna, fez-se-lhe sentir no corpo e no espírito.

Naquela madrugada que antecederia os primeiros preparativos para dar início enfim à sua *grande obra* e, podemos acrescentar sem com isso antecipar os fatos, o começo de seu fim, na solidão do lugar, Camilo, as faces úmidas de pranto, pensou em sua casa: no pai, na irmã mais velha, na mãe morta mas principalmente em Lídia, em sua infeliz “irmãzinha”. Por muito tempo entreteve-se com as lembranças da infância: o isolamento involuntário em que se via submerso entre aquele período de dez anos que o separava das irmãs, uma bem mais velha e a outra bem mais nova para que ele tivesse uma conveniente companhia em sua meninice; não obstante, não esqueceu os carinhos de sua mãe, o amor austero mas seguro de seu pai; depois a adolescência e com ela a gradual aproximação de Lídia, a que ele contudo, e não por vontade própria mas por injunção de um temperamento arredo, opunha certa resistência; também as tardes compridas em que permanecia em seu quarto, sentado à escrivaninha, a encher de desenhos as brancas páginas de tantos cadernos, e aquelas noites longas de insônia em que se entretinha a olhar através da vidraça de seu quarto e, com sua imaginação, elaborar a partir da sombra das árvores estranhas criaturas; a memória lhe trouxe também de volta seu amor de infância, a pequena Karen, a linda criança que surgiu na sua vida certa manhã e que tão de pronto desapareceu, a quem reencontrou anos depois para novamente se desencontrarem num amor sem esperanças, e por fim a trágica e última vez, em que foi ela a procurá-lo... tudo se extinguiu, e por um momento lhe pareceu quase improvável que com efeito tivessem existido aqueles dias; no entanto existiram, e não o poderia negar, nem ainda es-

quivar-se de uma outra terrível certeza: que ele não cometera a vilania de deitar-se com a própria irmã, mas fizera algo ainda pior: sacrificara-a a *ele*, para que pudesse realizar sua obra — e veio-lhe à memória a nítida lembrança daquele dia distante dos seus vinte anos, da manhã em que deixara a casa paterna para seguir sua vida; do instante em que, sozinho em seu quarto, lhe ocorrera que “às vezes é preciso que alguém sofra quando precisamos avançar, alguém sempre fica para trás e se perde de nós”; naquele instante, recorda-se, perguntara-se se seria esse o preço a pagar — em seu pensamento confundidos o rosto de Karen e o de Lídia, daquela para quem não havia mais remédio e da outra, que ainda podia ser salva —, e após uma breve reflexão respondera para si mesmo: “Se for... se tiver de ser assim... que seja!” — mas agora começava a compreender que aceitar incondicionalmente as conseqüências de tal decisão implicava num preço talvez elevado demais.

“Quantos mais terei de sacrificar?” foi a pergunta que se fez ao fim de suas elucubrações, não sem um estremecimento de pavor antes de recolher-se, e nesse momento, com o vento brando que movia o arvoredo, ali, no escuro, na conformação singular dos galhos em seu bracejamento tranqüilo (ou no interior de seu coração, nos recessos de seu espírito conturbado?), a *criatura* parecia pacificada.

Na manhã seguinte, outra vez só em sua casa, atendido apenas pela presença inócua da velha Gertrudes, Camilo, não tendo sucumbido ao golpe sentia-se, pelo contrário, revigorado, descobrindo em si disposição e forças inusitadas, e, compreendendo que o sofrimento fora não apenas útil e necessário mas indispensável para a realização de seu plano, encetou sua última jornada.

Foi por essa época que a “sociedade” começou a dismantelar-se, e compreenderemos que isso deveria acontecer para que Camilo estivesse só — ou, como veremos, só, mas apenas de uma certa forma — em seu caminho, constituindo-se assim aquele processo de “preparação” referido no início deste capítulo, pois a pintura que tinha em mente agora exigiria dele total entrega e nenhuma distração, mas para que isso acontecesse suspeitamos — e não o podemos evitar, ainda que tal pensamento nos incomode e sintamos mesmo um certo arrepio pelo corpo —, suspeitamos, portanto, da ação de forças desconhecidas e inomináveis. Além do mais, tal debandada não se deu de repente, mas aos poucos, até que ao fim de um certo tempo os encontros e reuniões de sábado à noite deixaram de acontecer: já não se ouvia mais na sala o piano executado por Silvério Costa, nem Afonso Ribeiro declamar seu último poema, tampouco a conversa animada, as discussões inflamadas às vezes acerca de quaisquer questões enquanto na cozinha alguém estaria preparando salgadinhos e o

tilintar de copos sugerisse a boa cerveja a regar a animação geral, quando não, nos momentos mais solenes, um vinho de boa qualidade.

No entanto, estamos ainda naqueles primeiros dias, e por “primeiros dias” entendemos aquela época aproximando-se meados do ano em que Camilo, pondo mãos à obra, mandou erguer nos fundos da casa um imenso galpão com vidraças e clarabóias guarnecidas de cortinas brancas e finas a fim de prover o recinto de uma luz baça mas suficiente, pois necessitaria de um novo ateliê, de amplas dimensões, onde coubessem as enormes pinturas que tinha em mente produzir. Enquanto os pedreiros trabalhavam na construção do novo ateliê, Camilo encomendou em regime de urgência a marceneiros da cidade a feitura de vários painéis, alguns medindo trinta e até mesmo quarenta metros quadrados, com fundo em madeira de lei imunizada contra a ação das térmitas e uma sólida estrutura para não se deformarem, pois estava decidido a trabalhar com óleo sobre madeira e não mais sobre tela. Ao mesmo tempo encomendou no Rio de Janeiro uma grande quantidade de tintas e outros apetrechos indispensáveis, para que mais tarde nada lhe faltasse. Com todo esse material à mão, passou à imprimadura dos painéis para, só ao fim desse procedimento, começar a pintar.

As obras do novo ateliê demoraram quatro meses, pois Camilo fez questão de que o prédio fosse não apenas vasto em todos os sentidos e bem iluminado, mas também meticulosamente limpo e vedado a ponto de tornar-se quase à prova de poeira. Na imprimadura dos painéis gastou, trabalhando sozinho uma vez que não poderia confiar a ninguém uma tarefa tão delicada quanto a de preparar o suporte para sua pintura, cerca de dois meses e meio, durante os quais impermeabilizou a madeira aplicando a seguir várias camadas, finas e cuidadosamente espalhadas, de um preparado especial de gesso misturado com outros materiais de grande resistência, concluindo o trabalho com a aplicação sobre essa imprimadura uma primeira camada de tinta a óleo branca — usando para isso o branco de prata — que, uma vez seca, deixariam os painéis prontos para receber a pintura.

Foi, portanto, nesse período de pouco mais de seis meses — entre abril e novembro — que ocorreu o desmantelamento da “sociedade”, termo esse adequado à maneira como se deram os acontecimentos, os quais tiveram início com o sucedimento de uma triste tragédia doméstica.

Numa quinta-feira por volta das sete e meia da noite, tendo Camilo acabado de chegar de uma caminhada e estando em seu ateliê, onde punha em ordem seus apetrechos e se preparava para fechá-lo, viu com alguma surpresa entrar o jovem Alencar muito agitado e mostrando na expressão de seu rosto uma grande aflição.

— Desculpe-me, Camilo, por eu ter vindo num momento... enfim, bem sei que talvez eu esteja interrompendo seu trabalho, mas...

Camilo jogou sobre a mesa a toalha com que secava os pincéis e se aproximou de Alencar:

— Ei-lo que reaparece! — exclamou alegremente ao vê-lo e estendeu-lhe a mão. — Não, não me interrompe, faz duas horas saí para fazer uma caminhada e acabei de chegar. Por onde tem andado?

Para compreendermos a maneira como Camilo se dirige ao recém-chegado, necessário é referir preliminarmente alguns fatos que antecederam essa visita.

Lembre-mo-nos aqui brevemente do pedido que o moço lhe fizera numa certa noite de sábado, pedido esse que se relacionava a seu interesse pela menina Aurélia e às suas boas intenções quanto a ela.

Camilo atendera-lhe tal pedido em ocasião oportuna, isto é, conversando com Aureliano Prates poucos dias mais tarde. A conversa entre ambos não rendera o sucesso esperado, ainda que o artista tenha sido bem claro quanto ao papel que desempenhava na questão, dizendo-lhe com franqueza ter aceitado tal incumbência por parte de Alencar porque reconhecia nele suficiente merecimento. “É um moço sério” explicou, “e parece ter uma afeição sincera por Aurélia”. Aureliano Prates não deu de imediato nenhuma resposta: agradeceu-lhe não apenas o empenho em falar-lhe mas, por si só, a notícia que lhe trazia, e garantiu que pensaria sobre o assunto. Camilo, nesse mesmo dia, deu conta a Alencar do vago resultado obtido, acrescentando porém que o resto dependeria da boa vontade do pai e da habilidade do pretendente em conquistar a ambos, e, voltando a concentrar-se em seu trabalho, não se preocupou mais com o caso.

Aureliano Prates e a filha, nas semanas seguintes, não compareceram aos saraus de sábado à noite em casa de Camilo, fato que inicialmente passou despercebido pelos demais, não porém por Alencar, que nunca faltava sempre na esperança de pelo menos avistar a moça. O jovem começou a desconfiar de que seu interesse por Aurélia não era visto com simpatia pelo pai, o que comentou com Camilo, reservadamente (havia se retirado para o ateliê), no terceiro sábado de ausência dos Prates.

— É verdade — dissera-lhe Camilo então —, eles não têm vindo, e hoje decerto não vêm mais — e, consultando o relógio de bolso, acrescentou: — Já passa das nove...

— Já são quase dez — disse Alencar.

— Sim, certamente hoje não vêm mais.

— Ele ambiciona talvez um melhor partido para a filha — e Alencar, reconhecendo-se um moço simples, apenas um modesto comerciante cujo pai vivia dos negócios de uma papelaria que se expandira pouco e cujos rendimentos não seriam decerto expressivos, sentia-se humilhado e dava

mostras de um sincero ressentimento diante da decisão de Aureliano. — Eu sou capaz de entender — disse, não obstante seu ressentimento —, os Prates estão em franca decadência financeira desde muito... É o que se comenta a boca pequena pela cidade... Não deixa de ser natural que queira para Aurélia um noivo de posses... Seria uma combinação muito conveniente, é forçoso que se reconheça... um nome de família tradicional em troca de... fortuna... — deu de ombros: — Eu não tenho nada disso.

Camilo ouvia-o com atenção enquanto Alencar, andando de um lado para outro, parecia pensar em voz alta.

Súbito, o rapaz estacou:

— Também não a tenho visto — disse, encarando Camilo.

— Não?

— Não. Nestas últimas semanas não a vi na rua uma só vez... creio mesmo que não foi à escola... Passei algumas vezes pelas imediações do casarão, mas...

— Estará talvez adoentada — Camilo sugeriu.

— Parece que sim... aliás, foi o que consegui colher com um dos criados da casa... uma constipação ou coisa assim, mas os criados de lá quase não falam... como se lhes fosse proibido...

— Aureliano parece bastante reservado — Camilo disse —, talvez ordene aos criados que...

— Sim... talvez... essa mesma a quem me dirigiu... uma crioula já de certa idade... falou rapidamente e logo desguiou...

— Posso tentar confirmar a notícia, obter mais informações sobre o estado da menina, se isso o deixa tranqüilo.

— Faria isso por mim?

— E por que não?

Na tarde seguinte Camilo falou pelo telefone com Aureliano Prates, disse-lhe que sua ausência nos saraus havia sido notada e ouviu dele que a filha encontrava-se de cama, “uma gripe, meu amigo” ele disse, “que acabou se agravando e passando para uma pneumonia. Fiz até vir do Rio de Janeiro um especialista... tantos remédios... e ainda a recomendação de cuidados especiais... pobre Aurélia, deverá continuar recolhida por pelo menos um mês”. Alencar não pareceu de todo convencido com a explicação para a ausência dos Prates; agradeceu a Camilo o empenho, não obstante a disposição de tirar a história a limpo ele mesmo. Uma inesperada viagem, contudo, forçou-o a ausentar-se de Pinheiros pelas semanas seguintes: Alencar viajava periodicamente a negócio, em substituição ao pai, a fim de renovar o sortimento da papelaria, permanecendo fora de casa não mais que dois ou três dias; dessa feita, contudo, não só certas urgências determinaram a viagem sem preparativos prévios (embarcara na segunda-feira à noite), como ainda outras injunções o obrigaram a deslocar-

se para a casa de parentes em outro estado e a estar fora por quase quatro semanas sem quaisquer notícias de sua eleita, inquietando-se ainda mais por uma outra curiosa razão: ao tentar falar ao telefone com Aurélia, Alencar ouviu da telefonista que aquele número havia sido desligado.

De regresso naquele fim de tarde, uma terrível decepção — como veremos a seguir — o obrigou, mal tendo tempo de deixar em casa sua bagagem, a procurar Camilo, que ao vê-lo exclamou:

— Ei-lo que reaparece! — e: — Por onde tem andado?

— Estive fora — respondeu, como que tomado por um grande nervosismo que só a muito custo conseguia controlar —... uma viagem repentina... só cheguei agora há pouco... desculpe-me no entanto se venho procurá-lo num horário tão impróprio...

— Não há o que desculpar — disse Camilo percebendo a agitação contida, o nervosismo do outro. — Vejo que parece preocupado. Conte-me o que houve.

— É sobre Aurélia...

— Ah... já imaginava...

— Você decerto não obteve mais nenhuma notícia?

— Aureliano esteve aqui no sábado — Camilo disse, e franziu o cenho lembrando-se da última reunião da “sociedade”, quando estiveram presentes Júlia com o filho, Silvério Costa e Afonso Ribeiro, Otávia (pois Antônia ficara retida em casa por uma enxaqueca) e, como de costume quando Ernesto não vinha, Irene, que havia chegado cedo, ainda antes de escurecer. Como de hábito Afonso declamou seu último poema, dissertou um pouco sobre um poeta grego (qual? Não se lembrava do nome) e depois Silvério alegrou a todos com a interpretação de peças de Vivaldi. Silvério, contudo, fora o primeiro a chegar e estivera conversando por muito tempo com Irene, a sós na varanda, até que os demais também foram aparecendo. Quanto a Aureliano Prates, não se recordava exatamente do momento de sua chegada mas lhe parecera, sim, um pouco mais calado que o habitual naquela noite, e quando lhe pediram notícias da filha mencionou outra vez a pneumonia, a recuperação vagarosa, os medicamentos, os cuidados, “não convém por enquanto que se exponha ao sereno” arrematou.

— Isso não lhe pareceu estranho? — Alencar perguntou, retorcendo os dedos e mal dominando os nervos.

— Não, na verdade, afinal a pneumonia é uma enfermidade grave, requer mesmo atenção... — e Camilo encarou Alencar: — Mas o que há, afinal?

— Eu a vi hoje, Camilo.

Neste ponto a voz de Alencar tornou-se trêmula.

— Eu deveria ficar feliz em vê-la... Mas...

Camilo não respondeu, com as faces crispadas ouvia e observava o rapaz.

— Assim que cheguei tentei uma vez mais ligar para a casa dos Prates, para ouvir novamente a informação de que aquele número fora desligado... então saí... não me continha... fui até o casarão... já anoitecia... está claro que não era prudente bater na porta principal e pedir notícias de Aurélia... mas circulei pelas imediações, contornei o muro que cerca o casarão e em alguns pontos permite avistar o interior do jardim...

— E então?

— Então eu a vi... avistei-a por um momento no jardim e corri até o portãozinho de ferro que há na parte de trás, e chamei por ela... Aurélia estava a quatro passos de mim, mas ao voltar-se...

— ?

Exasperado, Alencar levou as mãos à cabeça, comprimindo-a e desalinhando nervosamente os cabelos, enquanto dava dois ou três passos ao acaso.

— Não era ela, Camilo, aquela que ali estava não era Aurélia!...

— Como não era Aurélia? — perguntou Camilo, estranhando.

— Ela parecia consumida... toda a vivacidade, toda a alegria de outros tempos... o brilho de seus olhos... em lugar de tudo isso o que vi foi uma expressão de angústia e desespero tais que...!

— Você está certo disso?

— Como não estaria!

— Pois, reflita, se ela teve mesmo uma pneumonia... decerto não estaria com tão boa aparência como se desejaria que estivesse...

— Não... não é isso, entende?, aquela aparência não é a de alguém que se recupera de uma doença... estou certo disso...

“O que há contigo, Aurélia?” ele perguntou; a moça parecia espantada com sua presença naquele lugar, esforçou-se para sorrir e dizer que estava tudo bem, mas as palavras lhe saíram entrecortadas e confusas. “O seu pai...” Alencar começou — mas não prosseguiu, pois ao mencionar-lhe o pai transfigurou-se a expressão de Aurélia de tal forma, que era como se um grande e súbito sofrimento se abatesse sobre ela.

Alencar cobriu os olhos e chorou. Seu corpo estremeceu por alguns momentos, até que Camilo lhe pôs a mão no ombro, “sossegue” disse, “vamos, sossegue”, e o fez sentar-se num tamborete.

— Tentei retê-la, mas ela começou a se afastar de mim... Eu inicialmente pretendia perguntar-lhe se durante o tempo em que estive fora o pai fizera alguma alusão a meu respeito, se ele dera alguma resposta, mesmo negativa... mas diante do que vi...

Alencar levantou-se do tamborete, voltou a caminhar pelo ateliê, sentou-se outra vez.

— O olhar fundo e febril, as feições consumidas... Deus, Deus!... Ela começou a se afastar mas em seguida parou, hesitou, como se devesse

fugir de mim, entende?, mas ao mesmo tempo quisesse ficar... Por fim correu até o portãozinho e pediu baixinho que eu fosse embora... segurou-me os dedos através da grade quase em pânico e suplicou que eu fosse embora... Quis saber por quê... O que havia acontecido? Estivera mesmo doente? Perguntei-lhe se não sentia por mim nenhuma afeição... Que pergunta estúpida e egoísta a minha, Camilo!... Mas ela voltou a suplicar “por Deus, Alencar, tenha piedade de mim, vai embora!... Um dia você saberá! Agora, vai!”... disse estas mesmas palavras e correu para dentro, não me dando tempo para mais nada...

Encarou o amigo:

— Então, Camilo! Não tenho razão para suspeitar de que alguma coisa está errada nessa história?

— Sim, é estranho — Camilo concordou. — Sendo como diz, é muito estranho.

— E eu? O que eu faço? — e um tanto desorientado levantou-se e caminhou para a porta, como se fosse embora. Mas ali parou, voltou, sentando-se outra vez no tamborete.

— Se você quiser ir para sua casa — disse Camilo ao fim de algum tempo, pensando em como ajudar o amigo —, vá tranquilo, que eu tentarei me informar sobre a moça, e assim que souber alguma coisa...

— Hoje mesmo?... Você a procuraria hoje mesmo?

— Prometo — respondeu Camilo com um sorriso de compreensão —, hoje mesmo. Daqui a pouco vou até lá saber o que está acontecendo.

Alencar pareceu aliviado e, ainda com os olhos cheios de lágrimas, apertou a mão de Camilo, “obrigado, meu amigo... sei que lhe trago um problema, na verdade um grande transtorno, e de antemão lhe peço desculpas... porém, é porque não tenho mais ninguém com quem contar...” e se retirou. Camilo tomou um banho, vestiu-se e passava um pouco das oito e meia quando saiu com destino à casa de Aureliano Prates. Um fato singular, no entanto, veio distraí-lo, pelo menos temporariamente, de sua missão: no caminho para o centro de Pinheiros avistou o pequeno Ângelo, que parecia perdido. Vendo-o, o menino correu até ele.

— Olá, Ângelo, o que faz por aqui?

Ângelo, parecendo amedrontado e à beira do pranto, disse-lhe que à tarde viera em companhia de uma tia para Pinheiros, tendo-se perdido dela há quase uma hora e agora não sabia como voltar para casa, “pois também não tenho nenhum dinheiro para o ônibus” concluiu, com a voz já um pouco trêmula. Camilo estranhou que uma tia da criança percebendo sua ausência não se pusesse a procurá-la, mais ainda numa cidade pequena como aquela, imaginou alguma peraltice do garoto mas preferiu não demonstrar desconfiança e tomando-o pela mão sorriu-lhe dizendo que não precisava ter medo, “eu o levo para casa, não se preocupe” e fez sinal para

um táxi que passava. Foi encontrar Júlia aflita e já pronta para sair à procura do filho, a quem abraçou tranqüilizada ralhando com ele (“Saiu sozinho” disse mais tarde a Camilo sem que o filho ouvisse, “preocupa-me que se habitue a mentir”), porém ao mesmo tempo demonstrando-lhe todo o carinho de uma mãe preocupada e amorosa. Júlia instou com Camilo para que entrasse um pouco, “tome um café conosco” disse, “afinal eu vou sempre à sua casa e nunca o recebi na minha”, e ele não soube como recusar um convite tão amável: pedindo ao motorista que o esperasse, “demoro-me no máximo meia hora”, entrou com Júlia, que foi preparar-lhes um café. O tempo passou muito rápido? O relógio os enganou? Quando Camilo, entretido em animada conversa com Júlia, lembrou-se de consultar as horas, viu que a meia hora que pretendia demorar-se convertera-se em hora e meia: eram quase onze da noite, e ele se deu pressa de sair “pois tenho ainda hoje um compromisso bastante urgente e aqui estou eu distraíndo-me”. Saltou do táxi próximo à casa de Aureliano Prates e se encaminhou para o casarão, mas ali chegando não viu luz nas vidraças e imaginou que pai e filha já estivessem dormindo. Cogitou se deveria chamar Aureliano e conversar com ele ainda aquela noite ou se convinha esperar pela manhã, quando então o procuraria bem cedo. Deu uma volta no quarteirão e passou pelos fundos da casa, cujo terreno estendia-se de uma esquina à outra, e também ali não percebeu luz nem movimento. Convencido de que já dormiam achou por bem voltar pela manhã, e sem pressa encaminhou-se para casa.

Ao chegar, surpreendeu-se com um envelope sob a porta, e abrindo-o encontrou não propriamente uma carta, mas um pedido de socorro:

“Senhor Camilo,

“Espero que esta carta chegue às suas mãos, pois a estou confiando a um dos nossos criados, já que não tenho permissão de meu pai para sair à rua. Lembrei-me de recorrer ao senhor pois não tenho ninguém, sinto-me perdida e concluí que só no senhor posso confiar.

“Venha até minha casa e salve-me, se ainda houver tempo. Se, contudo, eu não encontrar forças para resistir... se quando vier já for tarde demais... eu deixarei uma outra carta, na qual explicarei tudo. A carta estará escondida, para que não seja descoberta pela pessoa errada, num esconderijo que só eu conheço: o fundo falso da gaveta que há na minha mesinha de cabeceira. Eu mesma fiz esse esconderijo quando pequena, como brincadeira, para guardar ali meus pequenos segredos de criança... e agora...”

“Mas eu espero que haja tempo. Espero ainda que Deus não vai desamparar-me.

“Atenciosamente,

Aurélia.”

Ao bater à porta do casarão dos Prates repetidas vezes, Camilo foi atendido por Aureliano (os criados à noite eram dispensados) que, muito surpreso, mandou-o que entrasse para o vestíbulo.

— Senhor Aureliano — disse Camilo —, como está sua filha?

— Minha filha?... Ora essa... Estará dormindo a essa hora... — neste ponto a voz de Aureliano Prates tremeu. — Por que pergunta?

— Peço-lhe que vá verificar se ela está bem.

— Ora, mas é claro que ela está bem! Afinal, o que há?...

— Talvez ela não esteja bem. Peço que vá verificar, eu o acompanharei para certificar-me.

— Como talvez ela não esteja...?! O que é que está se passando com o senhor, Sr. Camilo?... Saiba que seja o senhor quem for... e apesar da grande consideração que lhe tenho...

— Senhor Aureliano — Camilo o interrompeu, imprimindo à voz uma entonação tão incisiva, conquanto não se alterasse e tampouco a expressão de seu rosto denotasse qualquer mudança, que Aureliano recuou um passo —, peço-lhe que vá ao quarto de sua filha ver se ela está bem. Eu o acompanharei, como disse, para certificar-me por mim mesmo.

— Pois eu penso que o senhor não pode dar ordens na minha casa — e fazendo menção de entrar e fechar a porta: — Exijo, portanto, que se retire.

Tampouco então Camilo exaltou-se: avançou, afastando Aureliano de seu caminho e entrando na sala, onde se encaminhou para a escada que conduzia ao segundo pavimento.

— Senhor Camilo Duarte — Aureliano Prates elevou a voz —, saiba que chamarei a polícia.

Camilo parou no meio da escada, voltou-se:

— Faça isso, senhor Aureliano! É para fazer isso mesmo! Exatamente isso!

Quinze minutos mais tarde, quando o delegado de polícia, seguido por dois agentes, entrou no quarto da menina Aurélia Prates deparou com uma cena singular: não havia no aposento sinais de desordem, exceto pela mesinha de cabeceira, da qual uma das gavetas jazia quebrada ao chão; Camilo, sentado na cama, segurava a mão da jovem, deitada e imóvel, os olhos abertos como numa expressão de espanto. De cabeça baixa, tinha ele as faces lavadas pelo pranto, e ao ser instado pelos policiais levantou-se, afastando-se do leito. Só então avistaram o copo caído ao lado do travesseiro cujos restos de um líquido escuro se haviam derramado, e perceberam que Aurélia estava morta.

— Mas afinal — exclamou o delegado de polícia —, o que foi que houve aqui?

Camilo avançou um passo e lhe estendeu um papel.

Eis o conteúdo desse papel:

“Àqueles que me lerem,

“Deixo este documento para esclarecer os motivos que me levaram ao gesto extremo de tirar minha própria vida nesta noite. Tal gesto é resultado do desespero de ver-me só, sem ninguém com quem repartir meu sofrimento e por já não poder suportá-lo.

“Hoje mais cedo tentei ainda salvar-me e por um de nossos criados enviei uma carta a uma pessoa em quem depositava confiança a fim de pedir-lhe que viesse em meu socorro; trata-se do Sr. Camilo Duarte, conhecido artista que reside nesta cidade, mas penso que a carta não chegou às suas mãos, pelo menos a tempo de atender meu pedido, pois estou certa de que não se negaria a isso. Sentir-me suja outra vez foi mais forte do que eu, e neste exato momento em que redijo estas linhas, sentindo por mim mesma e por meu corpo um nojo insuportável, já tenho preparado o remédio que há de pôr fim à minha enfermidade.

“Tudo isso se explica: em breve farei dezesseis anos e passei a gostar de um rapaz desta cidade que, igualmente, demonstrou afeição por mim. Não cheguei a dar-lhe esperança pois, sendo ainda bastante nova e devendo obediência ao meu pai, entendi que deveria alcançar-lhe primeiro o consentimento para que namorássemos. Refiro-me ao moço da papelaria, conhecido por Alencar.

“Mas tão logo soube da afeição mútua que havia entre nós, meu pai mostrou um ciúme louco por mim e, mantendo-me presa em casa e sob estrita vigilância desde então, noite após noite, passou a vir a meu quarto. De início fez apenas insinuações, falou de desejo e amor, não sendo muito claro quanto às suas intenções; depois, quando começou a aludir que a união de pessoas da mesma família era uma coisa normal e que seria muito natural parentes mesmo muito próximos sentirem atração entre si, comecei a ter suspeitas que preferi não admitir como verdadeiras, e pensei que meu pai talvez estivesse tentando esclarecer-me sob algum aspecto da vida que eu, em minha inexperiência, desconhecia; por fim tornou-se explícito, alegou que me amava não como pai mas como homem, que sentia um ciúme terrível de mim por saber que eu me interessava pelo jovem que mencionei acima, e então proibiu-me de sair à rua, de ir à escola, e manteve-me presa em casa a fim de evitar que eu me en-

contrasse com ele; como não obtivesse meu consentimento, como eu ainda fingisse não compreender suas intenções, deitou-se comigo a força. Eu me opus, horrorizada, disse que eu era sua filha, que ele não fizesse aquilo, mas diante de minha resistência passou a fazer ameaças, transtornado, dizendo que mataria a mim e quem mais se interpusesse em seu caminho; p. ex., se eu contasse alguma coisa a algum dos criados, ameaçava matá-los a todos, e depois tornou-se mais explícito: Mato aquele pelintra da papelaria, teu namorado, sua rameira dos diabos, mando castrar e matar o miserável. Parecia completamente louco, de tal forma que apavorada, com medo de que algum mal acontecesse ao pobre Alencar, e sem saber a quem recorrer tive de submeter-me. Isso vem se repetindo desde pouco mais de um mês, o que me levou a sentir repulsa pelo meu próprio corpo como se ele estivesse apodrecendo.

“Então não vi outra saída além dessa. Digam ao Sr. Camilo que ele não veio a tempo de salvar-me, mas que não levo mágoa dele, pois sei que é um bom homem.

“Peço que orem por mim, por minha alma, que eu mereça a graça da redenção, mesmo em face do grave pecado que estou cometendo.

Aurélia”

Terminada a leitura da carta, que aos presentes estarreceu, o delegado dobrou meticulosamente o papel e, guardando-o no bolso do paletó, disse com a formalidade usual:

— Senhor Aureliano Prates, o senhor está preso e ficará recolhido à cadeia pública à disposição da Justiça, enquanto espera pela decisão do Meritíssimo Dr. Juiz desta comarca. Quanto ao senhor, Sr. Camilo, por ora está dispensado, mas é necessário que amanhã pela manhã compareça à delegacia de polícia para prestar depoimento no inquérito que será instaurado — e a um dos policiais que o acompanhara ordenou que permanecesse na casa, guardando o local e o corpo, até a chegada dos peritos.

Naquela madrugada, ouvindo o rumor do vento no arvoredor, e ainda sentindo lágrimas escorrerem por suas faces, Camilo, caminhando feito um sonâmbulo pelo gramado em volta de sua casa, murmurava baixinho:

— Quantos mais? Quantos mais?... Quantos inocentes ainda terei de sacrificar a ti?

A história da tragédia caiu no domínio público com a rapidez do fogo em rastilho de pólvora e causou perplexidade e consternação entre a população de Pinheiros, da qual uma certa parte exaltada cercou a cadeia pública na intenção de arrancar lá de dentro o pai criminoso para executá-

lo, provocando grande alarido e fazendo com que o delegado de polícia solicitasse reforços a fim de garantir-lhe a segurança.

Um fato notável se observou durante o velório de Aurélia, que ocorreu no próprio casarão presidido pelos derradeiros membros do segundo ramo da família Prates (estando ali a inconsolável prima de Aureliano com o marido e os filhos legítimo e adotivo, além do tio-avô, que aos noventa e dois anos dava claros sinais de caduquice e parecia não compreender bem do que morrera a menina, “mas estão mesmo certos de que foi veneno?” dizia com a voz frágil a quantos chegavam estendendo a mãozinha mirrada pela velhice, “talvez tenha comido algo que lhe fizesse mal...”). Raramente teria havido nos anais da cidade funeral mais concorrido que o de Aurélia, tendo a população de Pinheiros comparecido em peso ao casarão dos Prates, sendo que todos, salvo um ou outro morador mais antigo, ali entravam pela primeira vez. E o que viam? Cruzando o vestíbulo em direção à sala, onde, sobre uma mesa que fazia as vezes de essa, repousava a urna funerária — ao lado da qual os mais idosos dentre esses membros últimos da família Prates denotavam em solene quietude sua dor —, cada qual teve sua atenção invariavelmente atraída para a parede fronteira, onde se via o retrato de Aurélia pintado por Camilo Duarte: fulgurava em juventude e beleza a menina jacente agora na urna, mas quantos olhassem para o retrato — e pode-se dizer que todos que ali estiveram não puderam evitar deter-se defronte a ele por alguns longos minutos, como que arrebatados por seu mistério — sentiam um inevitável mal-estar, um incômodo que não obstante prendia a atenção do espectador, e nisso o mais curioso seria a observação geral, cochichada pelos cantos, e que constituiu motivo de comentário durante muito tempo na cidade, comentário contudo feito sempre em voz baixa, como um segredo que todos conhecessem; seria, portanto, a observação geral de que o maravilhoso retrato, no qual Aurélia parecia viva, revelava sobre a cabeça da menina retratada um mui sutil e estranho sinal. “Um sinal?” indagaria então aquele ouvinte que não estivera no casarão aquele dia, e lhe responderiam: “Sim, um sinal, como se naquele ponto a tinta fosse ligeiramente mais escura e desenhasse o vulto de um grande corvo negro”.

Camilo compareceu à delegacia de polícia na manhã seguinte, um sábado, para prestar seu depoimento, e à saída avistou na rua Alencar, que foi ter com ele. “Não cheguei a tempo” escusou-se Camilo apertando-lhe a mão e pedindo-lhe que o perdoasse, mas Alencar, que também deveria depor por ter seu nome citado na carta de Aurélia, ainda que abatido aparentava uma certa calma e disse-lhe ao pé do ouvido, quase cochichando: “Não há nada, meu amigo. Ela será vingada” e se afastou em direção da delegacia. Com efeito, alguns dias mais tarde, apesar da proteção policial, Aureliano Prates foi abatido a tiros por Alencar quando levado à audiên-

cia preliminar com o Juiz de Direito da Comarca. A ação, inesperada, fora tão rápida e eficiente que os policiais da escolta nada puderam fazer: ao entrarem com o preso pela porta principal do fórum seguindo em direção à escada que conduzia à sala de audiências, Alencar saiu detrás de uma coluna empunhando um revólver e desfechando várias vezes contra Aureliano, que tombou; a reação da polícia, conquanto imediata (balearam na perna o atirador, prendendo-o em seguida), não foi suficiente para salvar a vida do prisioneiro.

A “sociedade” voltara a reunir-se transcorrida uma semana desde a tragédia, ausentes Alencar, que levaria a efeito sua vingança na semana seguinte, e os Cunha que, retidos por compromissos no Rio de Janeiro, durante todo aquele mês não haviam viajado para Pinheiros, sendo contudo informados dos acontecimentos. Naquele sábado — primeiro de julho — à noite, portanto, num clima de consternação que a todos embotava, ali compareceram Afonso Ribeiro, Silvério Costa, as quarentonas Otávia e Antônia, e Júlia com o menino Ângelo. Conversou-se pouco; Afonso não quis declamar, afirmou que pretendia escrever um poema em memória da jovem morta mas nada lhe havia ocorrido, “foi tão horrível” disse o poeta, “que é como se minha inspiração tivesse secado...”; Silvério Costa pediu desculpas, mas afirmou que lhe parecia uma falta de respeito à memória da morta tocar em tais circunstâncias, “durante um mês pelo menos não tocarei em respeito a essa criança injustiçada” declarou já sem reter o pranto; Otávia manteve-se todo o tempo calada, mas Antônia, tomando a palavra — já que todos persistiam num silêncio incômodo — referiu suas lembranças de Aurélia como aluna, “uma excelente aluna, saibam, muito dedicada aos estudos”, suspirou e depois de uma pausa, “todos na escola têm as melhores lembranças dela. Nunca poderíamos supor que...”, e fez um gesto com as mãos como a significar aquilo que ninguém poderia supor. E o silêncio recaiu no ambiente, pois tampouco Júlia teria algo a dizer, exceto por uma frase de Ângelo para a mãe, em voz baixa — mas ouvida por todos: “Foi naquela noite, não é mamãe?, naquela noite em que Camilo foi me levar em casa”, tendo então Júlia abraçado o filho, “shhh”, acariciando-lhe os cabelos e cochichando junto ao seu ouvido “foi sim, filhinho, foi sim”. Cedo todos se retiraram e Camilo, alegando não se sentir com ânimo para acompanhá-los, ficou só.

Estamos agora em fins de agosto.

Camilo se concentra mais em seu trabalho, e enquanto a construção de seu novo ateliê — o imenso galpão que mandara erguer nos fundos de casa — prossegue, e enquanto não ficam prontos os grandes painéis que encomendara a marceneiros da cidade, ocupa-se em concluir os últimos quadros que pintaria antes de iniciar sua obra final.

Certo dia, mais precisamente numa quarta-feira por volta das dez ho-

ras da manhã, Camilo viu com espanto Irene Cunha entrar de surpresa no ateliê após uma ausência de várias semanas (os Cunha não haviam aparecido uma única vez desde antes da tragédia com Aurélia Prates). Irene estava só, e sua aparição num dia e hora tão incomuns, sobretudo sua aparência aflita e a maneira como ao entrar estacara de súbito à sua frente, fez Camilo recuar um passo e largar instintivamente sobre a mesa os petrechos de pintura que tinha nas mãos. No instante seguinte Irene correu até ele e atirou-se em seu pescoço.

— Camilo, eu não posso mais... eu não posso mais, portanto peço-lhe que me salve! — e já com a voz embargada calou-se, mas não se reprimindo mais chorou com a cabeça pousada no peito do amigo, enquanto apertava-o com força contra si.

Camilo sentiu-se contrafeito com tal atitude e pediu-lhe que se acalmasse, “diga-me o que está acontecendo, mas antes, venha” e a levou para a sala, fazendo-a acomodar-se no sofá. Segurando-lhe as mãos, insistiu então para que falasse.

— Eu não sei como lhe dizer — Irene começou —, na verdade é bastante embaraçoso para mim... sobretudo na minha condição de mulher casada... E além do mais eu não minto se disser que não tenho aparecido para evitar esse constrangimento, que tenho tentado lutar contra isso... Oh, Deus, eu soube do que aconteceu à menina Aurélia — ela exclamou então, mudando repentinamente de assunto —, quanta coisa triste nos sucede nessa vida... pobre criança!... Eu soube, Camilo, e não pude vir... se bem que... ora, que bobagem, não é mesmo? Por que eu teria de vir? De que valeria minha vinda a Pinheiros se a pobre criança já estava morta?...

Camilo ouvia-a com atenção, observando-lhe as feições com curiosidade. Irene percebendo seu olhar atento retirou as mãos das dele e baixando os olhos entrecruzou os dedos no colo.

— Desculpe-me, eu...

E após nova pausa, vencendo o embaraço:

— Eu cometi um erro casando-me com Ernesto.

— Por que diz isso? Não o ama?

Irene moveu a cabeça, sem contudo levantar os olhos para Camilo.

— Amo a outro — declarou.

— E seu marido sabe disso? Disse isso a ele?

— Não, por enquanto...

— Então pretende dizer-lhe?... Não lhe parece que está arriscando seu casamento, talvez sua felicidade e a desse homem que desposou, por uma ilusão?

— Será o amor que sinto uma ilusão?... Além do mais ele não precisa saber... pelo menos por enquanto.

— Irene — Camilo começou —... estaria você disposta a...?

— A tornar-me adúltera? — levantou os olhos muito vivos e agora até mesmo audazes para seu interlocutor, chegando a interrompê-lo.

— Sim...

— E se estivesse? Hã? E se eu estivesse disposta a cometer adultério?

— E sua dignidade? — Camilo perguntou. — Como você se sentiria depois?

— Por um amor como esse, Camilo... que valor têm essas convenções que se chamam dignidade, honra e conceitos similares?

— Isso não é amor, Irene — contrapôs Camilo.

— Como não é amor? — ela exaltou-se, levantando-se. — Meu Deus, o que sabe você de mim para dizer se é ou não é amor o que sinto?

Camilo moveu as mãos num gesto de incompreensão.

— Não... desculpe-me... eu não sei nada de você. O que poderia saber?... Sinto-me honrado que tenha escolhido a mim para confiar seu segredo... porém, não atino com que mais possa dizer-lhe...

— Não quero que diga nada, Camilo — e ela tornou a sentar-se, tomando-lhe as mãos e apertando-as entre as suas. — Não, não diga nada... diga apenas... diga apenas que aceita o que vim lhe oferecer...

Camilo estremeceu, como se só então tivesse compreendido. E não devemos estranhar que, com efeito, só então ele tenha compreendido que era de si que Irene falava: era a ele que Irene dizia amar e com ele pretendia trair o marido.

Levantou-se então dum salto, retirando até mesmo com certa rudeza as mãos das mãos dela, e afastou-se tomado de um verdadeiro pavor. Irene o olhou com espanto...

Neste ponto, contudo, achamos por bem interromper a descrição desse encontro para retornarmos a um assunto cuja última referência remonta aos dezessete anos de Camilo: sua vida afetiva, digamos ainda, sua vida íntima.

Camilo passara sua adolescência num círculo por demais restrito de relações, de forma que além de ter tido poucos — e apenas superficiais — amigos (algum raro menino da vizinhança com quem conversava às vezes, ou as relações de colégio, sempre distantes e mantidas apenas no âmbito escolar), também se relacionara muito pouco com meninas: lembremos contudo de como entre os dez e onze anos, portanto ainda na infância, se impressionara com a pequena Karen e de o quanto foi breve a amizade travada entre ambos, pois a menina desaparecera para somente se reencontrarem anos mais tarde, no fim da adolescência; lembremos também desse reencontro e desse namoro tempestuoso aos dezessete anos que não só resultou numa crise de ciúmes da “irmãzinha” Lídia (então com doze anos), que chegou a adoecer, como também transtornou a existência tran-

qüila de Camilo até o inevitável rompimento. Seguiu-se o serviço militar, e durante esse tempo não consta nenhum envolvimento amoroso duradouro, exceto alguns ocasionais encontros com garotas que, no entanto, não iam além de uns passeios simples, às vezes mesmo em grupo, junto com outros colegas da caserna, e algum menos freqüente divertimento noturno, quando aproveitavam para dançar um pouco. De regresso a casa temos por certo que Camilo, durante o tempo em que aí permaneceu, preocupado com sua iniciação na pintura não se relacionou com nenhuma mulher, o que não parecia fazer-lhe falta, fosse por não interessar-se por ninguém em particular, fosse por seu temperamento reservado, que não lhe propiciava encontros e novos conhecimentos. Por fim Camilo deixou a casa dos pais, em seguida viajou permanecendo na Europa por dois anos. Naquele mundo para ele não apenas novo mas também estranho Camilo não procurou a trivialidade de uma relação amorosa, pois, como sabemos, ali estive numa viagem, por assim dizer, de preparação, interessando-lhe não o sexo feminino mas a Arte do Velho Mundo, da qual pretendia extrair os segredos e, se tal expressão tem algum significado no contexto, “a espiritualidade”, estando portanto consciente de que qualquer distração consistiria num distanciamento de suas intenções precípuas. Não afirmamos, é certo, que se manteve todo o tempo distante de qualquer aventura: conquanto jovem, era homem feito, e uma ou outra visita ocasional a prostíbulos não estaria fora de cogitação, conquanto Camilo não passasse por aquilo que conhecemos como “um lúbrico”. Temos desta forma que o jovem “divertiu-se”, mas o amor estava ausente de seu coração, e esses “divertimentos” não deixaram em seu espírito qualquer marca. De regresso ao Brasil manteve-se como até então distante do amor, ainda presente em nossa lembrança a ocasião em que “a irmãzinha” Lídia lhe perguntara se ele “tinha alguém”, tendo respondido que não. Porém os anos se passaram, não poucos como podemos constatar, Camilo é agora um homem maduro de trinta e oito anos, e sobre esse tema o que pode ser dito?

O sexo na vida de Camilo Duarte jamais teve uma presença relevante, e se vez ou outra buscava esse tipo de satisfação seria apenas devido a um desejo superficial, diremos melhor, uma questão de momentânea e fugaz necessidade; ocasiões portanto houve, mas não muito freqüentes, e como seu coração parecia fechado para o amor, ao longo de todos esses anos não chegou envolver-se com mulher alguma a não ser dessa maneira. A experiência com Karen fora definitiva: Camilo nunca se esqueceu da intensidade de seu sentimento pela menina na infância, e essa paixão — melhor diríamos esse *amor*, pois não seria outra coisa que um amor pleno e verdadeiro o ferro em brasa que feriu seu coraçãozinho de criança — redespertou e floresceu, ainda que por um período muito curto no fim da adolescência, e com tal intensidade que ao chegar ao fim e secar era como que se

extinguísse a si mesmo. Lembrando-se portanto de Karen, de como por duas vezes ela desaparecera de sua vida, das condições em que ressurgira pela última vez e de seu trágico desenlace, lembrando-se também de como a havia amado, não via Camilo possibilidade de reencontrar em outra mulher aquilo que a infeliz menina lhe fizera conhecer. Não cremos, pois, que a reação assombrada de Camilo diante da investida de Irene Cunha se devesse apenas ao fato de ser casada essa mulher jovem e atraente e, por isso, assustar-lhe um envolvimento em tais circunstâncias: ele não temia o adultério pelas complicações que lhe podiam advir de um marido ciumento e justamente enraivecido: espantava-o que o amor dessa mulher por seu marido fosse tão frágil que se deixasse corromper daquela forma, e ainda que não de todo desafeito — como já foi dito — a um esporádico “encontro”, pareceu-lhe que em tais circunstâncias um episódio desses trouxesse a marca do indesejável.

Uma outra razão, no entanto — e por certo maior e mais justa —, havia em sua recusa: pois já não lhe parecia cabível uma “distração” de seus propósitos, um como que desvio de caminho naquela altura da vida em que se encontrava prestes a iniciar sua criação definitiva, à qual não seria apenas devotado mas também fiel. Concluímos pois que aceitando Irene seria ele o adúltero, o impuro nessa relação de carne e espírito com sua arte.

Camilo, portanto, à declaração de Irene, ergueu-se dum salto, afastando-se decididamente dela e mesmo quase dando-lhe as costas.

Conhecendo porém — como conhecemos, nós, que vimos acompanhando a vida do artista desde a sua infância — a conjunção de fatos que norteia sua trajetória, podemos com alguma clarividência nos perguntar se seriam ainda apenas essas as razões que o levavam a repelir a proposta e recusar a oferta de Irene. O próprio Camilo nos responderá essa pergunta.

— Irene, vá embora — ele disse, baixando a cabeça. — Não seja louca de destruir sua vida.

— Então não me quer... — Irene disse com voz rouca, baixando o rosto desolada. — Não sente nada por mim...

Durante algum tempo permaneceram sem trocar palavra: Irene sentada no sofá torcendo e retorcendo os dedos uns contra os outros nervosamente, a ponto de romper em prantos; Camilo de pé a três passos de distância, imóvel, de cabeça baixa e de costas para ela — ambos em expectativa diante do que estava por vir.

— Então não sente nada por mim — repetiu Irene ao fim de certo tempo, e levantando para ele o rosto que as lágrimas descompunham: — Eu quero ser sua porque o amo, Camilo. Não procederia dessa forma por simples leviandade...

Camilo Duarte não respondeu de imediato. Voltou-se devagar para ela, deteve-se por um momento em que se encararam com perplexidade, depois virou-lhe as costas uma vez mais e se encaminhou até a janela. Ali conservou-se ainda calado por dois ou três minutos, contemplando — sem ver — o jardim.

— Esteja certa, Irene — disse ele por fim com gravidade, permanecendo de costas —, que eu recuso o que me oferece não tanto por estima a Ernesto, embora essa estima também pese em minha decisão. Tampouco apenas pela interferência que possa significar em meu trabalho, se bem que de ambos os motivos este pesa até mais que aquele...

— Então por quê...?

— Eu temo muito mais pelo que lhe possa acontecer — disse, sempre de costas, a voz baixa e soturna.

— Pelo que me possa acontecer, Camilo? Mas o que...? Teme que Ernesto...?

— Não, não se trata de Ernesto — ele respondeu.

— Então o que...?

Nesse momento Camilo voltou-se para ela. Olharam-se nos olhos:

— Você não sabe com que forças está se envolvendo, Irene — ele disse, a voz pausada porém cortante. — Sua alma — acrescentou, crispando as feições — corre um grande perigo.

Não se pode com precisão e clareza, sem incorrer em desagradáveis lugares comuns, descrever o súbito horror que tomou conta de Irene, como se tivesse de um instante para o outro vislumbrado além das palavras de Camilo e daquele olhar feito um poço escuro pousado no seu que subterrâneos labirintos onde é sufocado todo lamento, asfíxiado todo grito de desespero e toda dor esquecida. Por um instante muito breve mas muito intenso Irene, paralisada de surpresa, se sentiu perdida nessas funduras tenebrosas até que por fim, com a garganta oprimida e um estremecimento a percorrer-lhe todo o corpo, levantou-se e saiu como que em fuga dali.

Camilo, seja dito em seu favor, esforçara-se por salvá-la, mas para Irene já era tarde: Ernesto, desde algum tempo, vinha desconfiando de alguma infidelidade por parte da esposa, se bem que não tivesse pensado primeiro em Camilo como o suposto amante. Verdade é que as freqüentes viagens de Irene a Pinheiros, quando ele próprio permanecia no Rio de Janeiro retido por seus compromissos, se por um lado podiam ser explicadas com o fato de ter familiares ali, por outro não se justificavam por sua assiduidade. As desconfianças, que ele calou durante muito tempo a fim de evitar constrangimentos domésticos, esperando para manifestar-se quando tivesse pelo menos algum grau de certeza, foram pouco a pouco se consolidando. Porém, naquela mesma quarta-feira em que Irene surpreendeu Camilo Duarte com sua intempestiva investida amorosa, Ernesto,

por volta das duas da tarde, recebia em seu escritório um telegrama nos seguintes termos:

Ilmo. Sr. Ernesto Cunha:

Quem lhe envia o presente comunicado é um defensor da moral e dos bons costumes, indignado em ver como o senhor vem, de longa data, sendo enganado.

No exato momento em que lhe telegrafo, sua esposa encontra-se em casa de um certo homem, morador desta cidade interiorana, que passa por artista de renome nacional.

O que fazem ali é fácil suspeitar, haja vista que com relativa freqüência sua esposa tem sido vista a dirigir-se sozinha para aquela casa, às vezes mesmo à luz do dia.

Espero que com este aviso possa o senhor tomar a atitude correta, não apenas em desagravo próprio, mas também em desafronta à própria noção de família da nossa pequena mas respeitável comunidade.

Com os meus respeitos,

Um Amigo.

Naquele mesmo dia Ernesto viajou de carro para Pinheiros mas, sem se deter aí, avançou pela estrada sem pavimentação que conduzia à casa de Camilo Duarte. Numa exaltação nervosa freou bruscamente o automóvel junto à porteira e, antes de saltar, procurou qualquer coisa no porta-luvas, mas como não encontrasse arrastou de dentro as quinquilharias que lá havia espalhando-as pelo chão. “Onde está, maldição, onde está?” e desacomodado desceu do carro cobrindo o rosto com ambas as mãos, “não está ali... devo tê-lo esquecido... não é possível, está sempre ali...” e então deu-se conta de que o que procurava com tamanha aflição fazia um pequeno volume em sua cintura. Surpreso com tal novidade fez menção, finalmente, de avançar em direção à porteira, mas sustou os passos, perplexo: pois ali, junto à entrada, avistou Camilo, que parecia esperar por ele, encarando-o com uma expressão de serenidade em suas feições, e assim, por algum tempo estiveram se olhando.

— Então você está aí! — disse Ernesto sem, contudo, avançar outro passo. — Então... então...

O outro não respondeu. Ernesto apalpou a arma na cintura, sempre encarando aquele que agora tinha como fatal inimigo e disposto talvez a matá-lo, mas deixou-a onde estava.

Deu-lhe as costas por um momento, cobrindo o rosto com as mãos, e assim esteve durante alguns segundos, girando em seguida nos calcanhares e voltando a encarar seu rival:

— Deveria envergonhar-se! — gritou, e de novo apalpou a cintura, mas ainda não conseguiu sacar a ama, enquanto Camilo o observava com inalterável serenidade.

— Não, não se envergonha — exclamou —, não deve envergonhar-se, tampouco sabe o que seja lealdade — e abriu a porta do automóvel, certo de que não teria coragem para atirar. — Devia ter vergonha de desonrar a casa de pessoas direitas — disse agora baixando a voz e entrando no carro, decidido a partir — mas não tem! — Bateu a porta com violência e uma vez mais olhou na direção da porteira, mas Camilo havia desaparecido. Ernesto sentiu um arrepio de pavor pelo corpo e afastou-se o mais rápido que pôde rumando para a propriedade da família de sua mulher. Encontrou-a em companhia dos tios e de dois primos, sentados todos na varanda a conversar, e sem nem cumprimentar os demais atirou-lhe a denúncia no rosto, estando então o drama prestes a converter-se numa lamentável comédia: Irene, ainda abalada com o resultado de seu encontro pela manhã com Camilo, a princípio calou-se, mas o marido, exaltado, gritou-lhe dois ou três palavrões intimando-a a falar e perguntando-lhe se diante daquele papel persistiria em negativa. Os familiares tentaram conter-lhe a cólera, chamaram-lhe atenção para o fato de tratar-se de uma denúncia anônima à qual não deveria dar assim tanta importância; que se contivesse, pois além de estar em jogo o bom nome da família “veja” exclamaram, “estamos na varanda, estamos em público! Pelo menos vamos discutir o assunto dentro de casa!”, mas não se sabe por que Irene, emergindo de seu abatimento, investiu contra Ernesto gritando-lhe que, sim, amava Camilo Duarte com todas as suas forças, amava-o e fora naquele dia de manhã à sua casa para entregar-se a ele (neste ponto teria usado de algumas expressões obscenas para enfatizar seu ato), sendo porém rejeitada, “ele me rejeitou” disse aos gritos, “ele não quis!”. A discussão, em altos brados, na qual persistiam em atacar-se um ao outro com frases obscenas que revelavam particularidades íntimas do casal, atraiu a atenção da vizinhança, que a tudo assistiu entre curiosa e debochada: o triste incidente culminou com violenta agressão já não apenas verbal mas física de Ernesto contra a esposa infiel, fato que contou como pano de fundo com os gritos e assovios dos vizinhos divertidos, até ser contido a força pelos primos de Irene, o que, contudo, não foi suficiente para evitar os comentários maldosos que de pronto circularam pela cidade, enxovalhando um nome até então preservado de mácula na conservadora sociedade provinciana. Camilo não se viu afetado pelo incidente: essa sociedade, que se orientava pelos moldes de uma conduta moral rígida, não porém isenta de hipocrisia, creditou a Irene toda a culpa pelo ocorrido, “é ela a puta” diziam sem levar em conta que o adultério não fora consumado — pois fato é que não acreditavam nas palavras da mulher —, “ele é homem, apenas aproveitou

o que lhe foi oferecido de graça, mas ela sim é a puta”, e ainda que Irene até certo ponto estivesse inocente, seus familiares pediram-lhe que se retirasse de sua casa e ali não voltasse tão cedo, “pelo menos enquanto essa vergonha toda não for esquecida”. Destruía-se assim, e de forma irremediável, aquele casamento. Pode-se adiantar em breves palavras, pois tais minudências não têm outro valor para a história além do de propiciar talvez à curiosidade do leitor alguns esclarecimentos sobre o destino desse casal, que Ernesto e Irene se separaram em seguida e, como fossem casados em regime de comunhão de bens, repartiram a parte do patrimônio comum e a participação nos lucros da empresa. Ernesto, abalado com o desastre conjugal, enfrentou grandes dificuldades na tentativa restabelecer-se profissionalmente, sendo certo que não o conseguindo viu, pouco a pouco, seus empreendimentos entrarem em derrocada; quando o pai interveio, tirando de suas mãos a direção dos negócios, já era tarde e em meado do ano seguinte decretou-se falência e fecharam-se as portas; Irene, sem nenhuma experiência em lidar com dinheiro, cedo viu-se sem recursos, tendo dilapidado em dois tempos seu expressivo patrimônio, e para não ter de pedir asilo a uma família que a expulsara, reuniu seus últimos haveres e viajou — não se sabe para onde, não mais voltando nem dando notícias.

Não se pode deixar de referir neste ponto uma visita do músico Silvério Costa a Camilo, tão logo tornou-se público através do escândalo o suposto adultério de Irene Cunha, não sem antes fazermos alguns comentários pertinentes sobre seu próprio sentimento por ela.

Como vimos, Silvério nutria em segredo uma paixão por Irene, paixão que deveria permanecer no limbo por um duplo entrave: ambos eram casados, sendo Silvério agora pai de uma criança com pouco mais de um ano idade. Do que foi dito a respeito, poder-se-ia suspeitar do músico: enciumado, e ainda que não estivesse disposto a sacrificar seu casamento para tentar realizar sua paixão com Irene, ele seria o autor do telegrama que pôs fim à história entre ambos (ainda que propriamente não tenha havido uma “história”). Nossa suspeita não padeceria de fundamento se considerássemos que Silvério não se aventurara a aproximar-se de Irene por nunca ter percebido da parte dela qualquer indício de interesse: daí concluirmos que o músico se manteve reservado quanto a essa paixão para não desejar correr o risco de um “passo em falso”, passo a que só se arriscaria com algum grau de segurança. De tal conclusão nasce uma outra: que Silvério não seria tão íntegro assim, sendo portanto bem capaz de uma vilania. Conquanto, porém, nunca se tenha apurado a autoria do telegrama (mesmo tendo sido emitido pela agência dos correios de Pinheiros), somos propensos a crer na inocência de Silvério Costa. Probo de caráter, estamos certos de que se mantivera na reserva acerca de seus sentimentos por ter

sempre em mente que uma paixão também pode ser uma ilusão que súbito se desfaz, não valendo a pena arriscarem ambos sua vida estável e, ele mais que ela, uma amizade que parecia duradoura; e assim, mesmo que vítima de um grande ciúme, não seria capaz de um ato dessa natureza, de forma que não poderemos satisfazer o leitor quanto a esse pormenor: é certo que o funcionário dos correios que transmitiu os dizeres poderia deslindar o caso, mas não o fez em nome do sigilo de correspondência (e também para não pôr em risco seu emprego) nem mesmo quando, passado escândalo, foi procurado por familiares de Irene, e assim a identidade do denunciador anônimo permaneceu ignorada.

Foi portanto bastante alterado pela indignação que Silvério Costa procurou Camilo dois dias depois do escândalo. Eram pelas onze horas quando chegou à casa do pintor e ali encontrando a Gertrudes, pediu-lhe que fosse chamá-lo, aguardando-o enquanto isso na sala.

— Você cometeu essa indignidade, Camilo — disse Silvério mal contendo sua ira, quando Camilo Duarte apareceu na sala —, sim ou não?

Interpelado dessa maneira, Camilo parou, encarou o visitante crispando o cenho, e não respondeu. Silvério insistiu no mesmo tom, mais visível sua exaltação a custo refreada, mas, ainda que a Camilo não agradassem tais confrontos, tendo sido muito mais simples responder apenas que não, que nada acontecera entre ele e Irene, o artista ressentiu-se da atitude intempestiva do outro, a quem nenhum direito assistia de interpelá-lo em tal assunto, e de imediato lembrou-o disto, acrescentando que em sua casa ninguém, a não ser ele, tinha o direito de elevar a voz.

— Para o diabo se a casa é sua! — exclamou Silvério dando alguns passos de um lado para outro; desferiu um chute numa cadeira e, parando, agitando o dedo erguido na direção do outro: — Ela... ela me era muito cara e você sabia... Por que foi proceder de forma tão vil?

Camilo, que conforme sua índole não daria continuidade a tal discussão, pediu a Silvério que se retirasse, só devendo voltar quando estivesse calmo, e lhe deu as costas encaminhando-se de volta ao ateliê. Silvério, contudo, não se sentia disposto a ceder e fez menção de avançar contra o dono da casa e puxá-lo pelo ombro a fim de obrigá-lo a falar, porém não chegou a dar três passos em sua direção: Camilo voltou-se para ele como que pressentindo seu gesto, e fitou-o com uma tal expressão de frieza no olhar, conquanto seu rosto não demonstrasse ainda qualquer alteração, que Silvério estacou.

— Cuidado, Silvério — disse Camilo em voz baixa mas segura —, é melhor não fazer coisas das quais possa arrepende-se. Peço agora que se retire de minha casa.

— Farei isso — exclamou o outro ainda exaltado. — E esteja certo de que aqui eu não voltarei!

A voz de Camilo soou então num sussurro, acompanhado de um olhar cheio de tristeza:

— Eu sei que não voltará, meu amigo. Você não terá tempo para isso — e sem mais, deu-lhe as costas, retornando para o ateliê.

Silvério, impressionado, sentiu toda sua raiva desaparecer e se retirou sem saber ao certo o que pensar acerca do presumido envolvimento entre Irene e o pintor.

Com o definitivo afastamento do casal Cunha, de quem não se teria mais notícias, nossa conhecida “sociedade” se via então desfalcada em mais dois de seus membros, e se dissolveria de vez no transcurso dos meses de setembro e outubro, quando três novos sucessos propiciariam a toda a comunidade desacostumada de tais novidades fartos motivos de comentário. Além desses, ocorreria também um drama pessoal, sem sangue e de que pouquíssimas pessoas ficariam sabendo, mas ao qual não faltariam suficientes motivos para lágrimas.

O primeiro desses sucessos se deu menos de duas semanas depois da visita que acabamos de narrar, tendo sido um fato não apenas vexatório mas com as cores de um verdadeiro escândalo: uma certa manhã em meados de outubro o pequeno jornal do município — ao contrário dos outros dias — rapidamente esgotou-se, circulando de mão em mão através da cidade e provocando grande alarido entre os habitantes do lugar. Tablóide de tiragem reduzida e não tendo nunca mais de oito ou dez páginas, de ordinário recheadas de ninharias que a ninguém interessava e que bem poucos liam, naquela edição trazia uma única notícia de primeira página, em letras garrafais e com fotografias que não deixavam dúvidas, que de todos chamou atenção. A manchete dizia:

ATENTADO À MORAL E AOS BONS COSTUMES

E ocupando toda a página assombrosas fotografias nas quais se viam as quarentonas Otávia e Antônia em sua intimidade — de certa forma veladas por estreitas tarjas negras, mas que nada ocultavam —, denotando com isso a verdadeira natureza de suas relações.

O longo relacionamento de amizade entre essas duas mulheres solteiras e sem família causara desde muito alguma suspeita entre a população, e como consequência corriam acerca de ambas “certas histórias”. Verdade é que essas histórias, das quais bem pode o leitor suspeitar, nunca haviam passado de cochichos, e ainda que algum comentário corresse à boca pequena, não foram suficientes para provocar repercussão, digamos também para marcá-las, uma vez que ambas haviam granjeado um certo *status* em seu convívio pacífico e revestido de dignidade naquela sociedade provinciana e conservadora. Sim, podia-se até desconfiar que uma amizade entre

duas mulheres em tais condições fosse temperada, na intimidade, por “algo mais”, conquanto nem uma nem outra houvesse demonstrado até então um comportamento que justificasse a desconfiança. Além do mais todos sabiam que cada qual tinha a sua casa, portanto não viviam juntas, e embora se visitassem, havia em seu favor o fato de que muitas dessas visitas que uma fazia à outra eram acompanhadas de amigos, convertendo-se em reuniões que às vezes se estendiam até tarde, e o testemunho público de uma conduta moral idônea bastava para assegurar-lhes a necessária tranquilidade. Devido a isso podemos dizer que, ainda que em seu íntimo o povo cogitasse nesse “algo mais” que havia entre ambas em intimidade (cogitação que até mesmo poderia alcançar algum grau de certeza, pois alguém sempre terá certeza acerca de algum fato sobre a vida de seu semelhante), isso ocorreria de forma tão discreta e tão fora do alcance das vistas que, mesmo existindo, não poderia ser tomado como uma ofensa à dignidade familiar.

Não pretendemos alegar inocência nas relações entre ambas: Otávia e Antônia eram, com efeito, amantes, mas sua descrição respondia por seu nome e mesmo pelo respeito conquistado, e se tais comentários chegaram ao conhecimento de ambas — e é certo que tenham chegado —, as duas não ligaram importância a eles, e tantos anos já fazia que mantinham aquela relação “duvidosa”, que esses comentários não apenas haviam-se tornado raros, como não seriam capazes de trazer-lhes qualquer preocupação. “Boatos tendem a extinguir-se”, era o que diziam entre si, não levando em conta porém que, se ressuscitam, e se ressuscitam munidos de evidências que os transformam de boatos em fatos, fazem-no com a força de uma avalanche.

Nunca se soube como o referido tablóide obtivera tais fotografias. Pode-se imaginar o acontecimento como o resultado de uma paciente caçada, de noites de vigília, quem sabe até mesmo de uma ardilosa conquista de confiança; pode-se também perguntar com que fim alguém se daria esse trabalho, mais ainda se considerarmos que tal empreitada, além de difícil não seria pouco dispendiosa; havia, é certo, uma janela em casa de Otávia que dava para um vasto quintal, permitindo que de fora se visse com clareza o interior de um dos quartos, mas é certo também que um muro bastante alto e guarnecido de cacos de garrafa para dificultar o acesso limitava esse quintal, protegido além do mais por um cão barulhento que, decerto, à aproximação de alguém, não deixaria de produzir alarido; podemos lembrar que nos fundos desse quintal o muro confinava com um alto barranco que dava para um espesso matagal, uma via de acesso possível, se bem que trabalhosa... enfim, pode-se especular à vontade sobre o tema, mas o resultado será um só: as fotografias foram obtidas, eram autênticas e... não deixavam dúvidas.

Naquela manhã Otávia saltara próximo à praça central de Pinheiros para fazer compras no exato momento em que os exemplares do tablóide, tendo já circulado seu veneno, produziam efeito; ao mesmo tempo Antônia, em sala, ministrava sua aula de Geografia a uma turma bastante numerosa de alunos. Na praça alguém aproximou-se de Otávia, interpelando-a e entregando-lhe um exemplar do tablóide enquanto no colégio uma inspetora de alunos interrompia intempestivamente a aula de Geografia, dizendo a Antônia que se requeria sua imediata presença na sala da direção. Otávia recebeu o jornal com um sorriso de agradecimento e seguiu caminho enquanto Antônia avançava pelo corredor, entrando no gabinete do diretor, que, pondo-se de pé, entregou-lhe um exemplar — dobrado — sem nada dizer. Porém Otávia andara uma dúzia de passos até que lançou uma olhada à manchete e às fotografias da primeira página e parou, momento em que Antônia se deteve junto à mesa do diretor e abriu o jornal...

Nesse instante a manhã encheu-se de assovios.

As duas mulheres passariam o dia refugiadas na residência de Otávia, que oferecia melhores condições de abrigo por ser maior e ficar mais distante da rua. Não obstante viu-se o comandante do destacamento policial obrigado a requerer reforço para a casa a fim de manter a ambas em segurança até que a agitação serenasse. Alguns mais afoitos não hesitaram em atirar pedras contra as vidraças e gritar palavrões, conquanto não se atrevessem a chegar muito perto e desafiar o cassetete dos policiais; a casa de Antônia, no entanto, teve as janelas e portas depredadas, palavrões foram escritos em todas as paredes internas e externas, e seus bens saqueados. Otávia, mais forte em situações de desastre como aquela que ora enfrentavam, esteve todo o tempo junto da amiga, que abalada revelava seu verdadeiro estado de ânimo através da tremura das mãos, da fraqueza das pernas sobre as quais mal se sustinha, e do choro incontrolado; passou boa parte do dia estirada na cama, num quarto de fundos, portanto mais longe da rua, ao qual não obstante chegava a grita da multidão alvoroçada; vez por outra levantava-se e punha-se a caminhar de um lado para outro sem um motivo, murmurando consigo mesma que era preciso sair dali, enfrentar a turba — dizia essas mesmas palavras, “enfrentar a turba” —, desaparecer, e nesses momentos era preciso que Otávia interviesse tomando-a pelas mãos, procurando chamá-la à razão e reconduzi-la para a cama; Antônia obedecia com uma docilidade inesperada, mas daí a pouco ei-la de novo a caminhar pela casa e a dizer que tinha de sair, mostrar-se forte, enfrentar a turba...

Houve um momento em que Otávia, após um desses acessos da amiga, fez que ela tomasse um banho morno para acalmar-se e deixou-a aparentemente sossegada na cama, dir-se-ia mesmo que prestes a adormecer.

“Um café” pensou, “acho que preciso de um café” e foi para a cozinha. Distraiu-se, digamos melhor, abismou-se olhando a água alcançar vagarosamente a fervura mas sem se dar conta, perplexa com a subitaneidade dos acontecimentos daquele dia e seus prenúncios de ruína: primeiro um suave rumor indicou que a água aquecia e se aproximava do ponto de ebulição; então pequeninas bolhas começaram a formar-se no fundo da chaleira e subir, a princípio poucas, mas que foram aumentando gradualmente em tamanho e quantidade e não tardou que a superfície da água borbulhasse, mas Otávia, parecendo hipnotizada, não percebia. Só tornou a si quando despertada por um alarido muito mais intenso que até então, culminando com gritos e o ruído de disparos de arma de fogo. Sobressaltou-se, esteve um momento imóvel escutando, depois desabalou para fora. Ao chegar na varanda estacou, horrorizada: dois policiais conduziam pelo quintal o corpo ensangüentado da amiga.

Antônia, tão logo Otávia a deixara só, estivera quieta na cama por dois ou três minutos, mas de repente levantou-se tomada outra vez por uma exaltação e pela idéia fixa de enfrentar a turba: “É preciso enfrentá-los” disse para si mesma, “não poderei fugir a vida inteira, tenho de enfrentá-los” e em completo silêncio saiu do quarto, atravessou o corredor, a sala, abriu a porta com cautela e apareceu na varanda. Todos de imediato se aquietaram, em expectativa. Antônia desceu os degraus devagar, caminhou empertigada para o portão, olhando diretamente para frente e saiu para a calçada. A multidão silenciosa dividira-se em duas alas, que Antônia, como se não houvesse ninguém ali, atravessava, sempre de busto erguido e olhando para frente. Os policiais destacados para manter a ordem, colhidos de surpresa, nada puderam fazer de imediato e também restaram em expectativa.

Todos permaneciam em suspense, mas tal situação não se sustentaria assim por muito tempo.

Começou quando alguém estendeu timidamente a mão e tocou-a no ombro: então Antônia estremeceu e parou. Uma outra mão puxou-lhe, ainda de forma cautelosa, o tecido da blusa, e Antônia, conquanto não quisesse demonstrar, retraiu-se um pouco, recuando um passo. Então a turba descobriu-lhe o medo que, a todo custo, esforçava-se por não demonstrar, e alguém a empurrou com violência fazendo que avançasse dois ou três passos aos trambolhões; seguiu-se uma bofetada que a colheu em pleno rosto, um chute nas pernas que a atirou ao chão... e a turba caiu-lhe em cima.

— Uma temeridade — dizia assombrado um dos policiais, ajudando a deitar Antônia no sofá da sala — ela ter-se aventurado sozinha aí fora... a multidão parece fora de si, e quando conseguimos intervir...

Na rua o reforço policial usava dos cassetetes para dispersar o povo com violência, e alguns chegaram mesmo a disparar suas armas para cima.

O médico, chamado pelo telefone, atravessou a custo o tumulto e entrou na casa, mas verificou ser impossível atendê-la ali, “temos de removê-la para o hospital” declarou sem meias palavras, “seu estado não é nada bom”. Ainda assim estavam resolvidas a não permanecer sequer uma noite mais em Pinheiros, e Otávia, aterrorizada, removeu do hospital a amiga semi-consciente e deixaram a cidade naquela noite — já bem tarde — num carro de aluguel. Não obstante, o carro acabou descoberto por alguns renitentes que, não satisfeitos com o desfecho daquela tragicomédia, fez sobre ele chover pedras enquanto rompia através das ruas, ganhava a estrada e desaparecia.

A este episódio seguir-se-ia, menos de duas semanas depois, um crime que mais uma vez sacudiria a placidez da pequena Pinheiros e faria com que Camilo, no seu recinto de solidão, mais uma vez estremecesse: o músico Silvério Costa, benquisto e admirado por todos, morreu baleado por trás enquanto tocava num bar noturno. Silvério nada teve a ver com o fato que culminaria com sua morte: perto da meia-noite surgira de súbito, numa das mesas próximas ao estrado onde ficava o piano, uma discussão entre dois freqüentadores; tudo se deu muito rapidamente, desde a alteração até o disparo que um deles efetuou contra o outro, disparo que errando o alvo foi atingir o músico na cabeça.

Por volta das nove e meia da noite seguinte à morte de Silvério Costa, um sábado muito frio em que durante todo o dia, com o vento cortante, caíra uma chuva fina e contínua e os cumes se cobriram de cerração, Camilo encontrava-se como de hábito sozinho na varanda de sua casa quando viu aproximar-se pelo gramado um vulto no qual tardou um pouco em reconhecer o poeta e amigo Afonso Ribeiro.

Afonso bateu os pés na calçada (calçava galochas) e entrou na varanda, despindo a capa impermeável que vestia e deixando-a sobre o espaldar de uma cadeira.

— Presumo que soube do ocorrido — disse.

Camilo suspirou movendo a cabeça no escuro, e só um momento mais tarde respondeu com voz surda:

— Sim, eu soube.

— Foi sepultado hoje mesmo à tarde — disse ainda. Pigarreou, lveando a mão fechada aos lábios. — De início — prosseguiu — cogitaram em deixar para sepultá-lo amanhã pela manhã... para que se velasse o corpo durante a noite, pois compareceu ao cemitério um número muito grande de pessoas... porém... — Afonso fez uma pausa. — Mas reconsideraram... temeu-se que podia passar muito da hora... então...

Camilo não respondeu.

— O cemitério estava cheio — Afonso comentou. — Ele era muito estimado na cidade.

— Sim, eu imagino — a voz de Camilo mal se ouviu.

— Hoje é sábado — tornou Afonso. — Dia de estarmos aqui reunidos. Mas todos os nossos amigos se foram.

Camilo recolheu os pés e aprumou o busto. De braços cruzados, deixou o queixo descair na direção do peito.

— Nossa sociedade extinguiu-se — disse ainda Afonso.

Camilo tão somente suspirou. “Sim” disse depois de um momento, mais para si mesmo, a voz sussurrante, “é verdade”. Permaneceram em silêncio durante algum tempo, até que Afonso voltou a falar.

— Aconteceu-me também um... um pequeno desastre... Meu Deus, nada comparável ao que sucedeu ao nosso bom Silvério, mas... Quer ouvir? Não o estou enfasiando?

Camilo sorriu, quase sorriu e moveu a cabeça, mas no escuro da varanda não podia ser percebido, e disse:

— O que poderá enfasiar-me, Afonso, depois de tudo?

— Sim, é verdade... creio que...

— Esteja à vontade — Camilo prosseguiu —, porque eu presumo que você, quando for embora hoje, também não voltará.

Afonso Ribeiro conservou-se calado por alguns momentos.

— Sim, você acertou. Depois desta noite, deste último sábado afinal de contas, eu também não voltarei.

— Então esteja à vontade. Que não leve de minha casa a impressão de uma hospitalidade deficiente.

— Mas não seria essa de qualquer forma a impressão que eu levaria. Sua hospitalidade sempre foi a melhor.

— Pelo menos isso — disse Camilo tentando dar um tom de descontração à voz. — Vamos lá, diga o que houve.

— A minha poesia... perdeu-se... toda ela... não sobrou nada!

Camilo esperou que Afonso continuasse.

— Ao chegar em casa, após o sepultamento de Silvério... alguém havia entrado lá e... Terá sido por pura maldade?... Por não ter encontrado dinheiro ou objetos de valor?... Que sei eu!...

Camilo ainda esperou.

— E olhe — a voz de Afonso Ribeiro tornou-se trêmula, porém com um esforço conteve-se —... olhe que eu havia datilografado todos os poemas e...

Cobriu por alguns momentos o rosto com as mãos. Depois respirou fundo, levantou-se, deu dois ou três passos pela varanda e parou junto à mureta, espiando a noite. Voltou-se então para Camilo:

— Quando cheguei vi maços de papel incinerados no assoalho do quarto... até as cópias que eu fiz foram destruídas... e... o caso é que eu tenho uma péssima memória... costumo decorar alguns poemas para declamar

havendo uma oportunidade... em geral os últimos que escrevo... mas depois... depois esqueço tudo...

Riu um riso nervoso:

— Chega a ser engraçado, não acha?... Eu decoro alguns poemas... aqueles que compus por último... e depois esqueço... se eu ainda os tivesse de memória... pelo menos alguns — riu mais alto agora: — Mas olha só que ironia: eu não tenho hoje nenhum dos meus poemas de memória! Nenhum!... Estão todos perdidos!

E ainda nervosamente soltou uma sonora gargalhada, que pareceu maior e mais terrível dentro da noite quieta. Mas no instante seguinte, tomado de uma grande prostração foi sentar-se ao lado do amigo.

— Camilo, há uma coisa... uma coisa que me ocorreu hoje antes de vir para cá... que me fez ter medo.

— Do que é que você tem medo, Afonso?

Afonso calou-se. Sabia o que tinha a dizer, havia pensado naquilo durante o trajeto até ali, mas ainda abismava-se diante do bizarro e absurdo mas também do inevitável de sua conclusão.

— Isto, essa coisa — começou, mas mudou de rumo: — Você disse ainda há pouco que eu, quando me fosse hoje, não voltaria mais...

— Sim, eu disse.

— E não haveria motivo para que eu não voltasse... afinal, sua hospitalidade sempre foi a melhor... e nós continuamos amigos, pois não?

— Claro que continuamos amigos, Afonso — Camilo respondeu em voz baixa, porém clara. — Por que não continuaríamos?

Afonso fez uma nova pausa, escolhendo as palavras.

— Lembro-me — disse por fim — de uma noite, há alguns anos, em que eu aqui estive... naquela noite chovia forte mas eu assim mesmo resolvi sair de casa e vir para conversarmos um pouco... estávamos sós, então...

— Eu me lembro daquela noite.

— Sim, lembra-se... Eu, aqui mesmo nesta varanda, declamei meu último poema, depois conversamos sobre Theodore Anderson e por fim você me falou de uma obra grandiosa que pretendia realizar, mas que não se sentia ainda pronto a iniciá-la.

— Eu lhe falei então daquela que seria minha criação máxima.

— Sim, você chegou mesmo a dizer que seria... isto é, referiu-se a ela usando a expressão “minha grande obra”, porém... porém você não chegou a descrevê-la, apenas mencionou que havia em seus projetos alguma coisa assim...

— Eu não poderia descrevê-la então, pois ainda não tinha idéia de como seria.

— Não tinha idéia?... Ah... Mas hoje... você já sabe como será?

— Sim, Afonso, agora eu sei como será.
— E se sente pronto para iniciá-la?
— Sim, agora eu estou pronto para iniciá-la.
— Você disse também que esperava alguém que... viria... para acompanhá-lo nesse trabalho...

— Sim.
— E virá alguém?
— Sim, alguém virá.
— Com efeito? Aparecerá mesmo alguém que...?
— Alguém que já está a caminho, Afonso.
— Ah...

E Afonso abismou-se, alheou-se por longos minutos durante os quais, entre ambos, somente o silêncio rompido pela brisa que movia com brandura as copas do arvoredor e pelo gotejar monótono dos beirais.

— O meu medo — disse o poeta depois de muito tempo, como se hesitasse em tocar no cerne da questão que o preocupava — refere-se a um certo poema de Theodore Anderson... não propriamente a um poema, mas um verso, um único verso...

— *Os anjos ofereceram aos homens de sua taça, mas só um deus poderia beber dela* — disse Camilo, como que adivinhando.

Afonso Ribeiro estremeceu ao ouvi-lo.

— Diga-me, Camilo — disse então —, diga-me que eu não tenho motivo para ter medo.

Camilo tardou um pouco sua resposta:

— Não posso dizer-lhe isso, meu amigo. Sinto muito.

— Então eu estou certo em minha suspeita...

— É possível que esteja.

— Você provou dessa taça...

— .

— ...mas de que tipo de anjo, Camilo, você aceitou tal dádiva?

— Não devo lhe falar dessas coisas, Afonso.

Conversavam com voz serena e pausada, que soava grave e um tanto triste na varanda silenciosa, fazendo-se um breve intervalo entre as frases e às vezes até baixando-se o tom com que se pronunciavam as palavras, como se cada uma delas devesse ser considerada antes de ser dita.

— Para o seu próprio bem, talvez — Camilo acrescentou.

Afonso Ribeiro sentiu um arrepio. Levantou-se de súbito e apanhou da cadeira seu impermeável como que decidido a ir embora. Mas se deteve um instante.

— Deus do céu! — exclamou em voz apenas audível. — Camilo, você fez um acordo com...! — e apontou para baixo, como a indicar os mundos inferos, os abismos subterrâneos, conquanto não falemos aqui em infero

ou subterrâneo no seu sentido lato, mas adotando para tais palavras um sentido muito restrito e próprio que decerto não escapa à percepção do leitor. — Por quê?!

Camilo pareceu pensar por um momento.

A chuva engrossou e um vento forte sacudiu o arvoredado, lançando também sobre os dois homens na varanda uma neblina fria.

— Para produzir uma obra, Afonso — disse ele por fim —, à qual nenhuma outra poderá comparar-se, a maior que um artista em qualquer tempo já realizou.

Afonso Ribeiro saiu para o jardim. Ali, se deteve.

— Eu perdi a minha — disse —, que talvez não fosse grande coisa... E, estranho, sinto-me liberto agora. Mas, quanto a você, Camilo?

Afonso não obteve, de imediato, uma resposta. Mas por fim, daquele recanto mais escuro da varanda:

— Eu talvez esteja perdido, meu amigo.

É possível que Afonso já esperasse por uma resposta assim, porém não pôde evitar um estremecimento. Sem mais, afastou-se rumo ao caminho que conduzia à estrada, desaparecendo. Outra vez sozinho, Camilo pôs-se de pé e saiu para o jardim. Caminhou ao acaso, desceu o suave declive até o arvoredado e ali, junto aos troncos antigos, de casca áspera e encharcada de chuva, sentindo a brisa gelada agitar-lhe o cabelo, respirou fundo e consigo mesmo disse, num murmúrio:

“Todos foram sacrificados a *ti*. Agora estou pronto para iniciar e terminar meu trabalho.”

Dois dias mais tarde um alvoroço agitou o segundo distrito de Pinheiros, distrito este bem simples e pequeno, cujo centro — minúsculo — consistia em meia dúzia de ruas que se entrecruzavam com casinhas de um só pavimento de cada lado, contando também com um bonito parque arborizado onde, além de um chafariz e canteiros nos quais a própria população cultivava plantas ornamentais, havia brinquedos para a criançada do lugar, que ali passava as horas de lazer.

Conforme estamos lembrados, era aí que residia a jovem viúva Júlia com seu filho Ângelo, de nove anos. Pois naquela manhã Júlia levantou-se às oito, alimentou Ângelo e, como sempre, mandou-o brincar no parque com as outras crianças. Pelas onze horas foi apanhar o pequeno: era hora de tomar banho, almoçar e em seguida sair para a escola — portanto Júlia naquela manhã seguiu sem alterações sua rotina diária, até dar-se conta de que havia algo errado antes mesmo de alcançar os limites do parque: ali não avistou o filho. Antes de alarmar-se acelerou o passo e circunvagou as vistas na esperança de encontrá-lo talvez entre as árvores, talvez junto a algumas moradoras que àquela hora replantavam alguns canteiros, quem

sabe mais além, do outro lado nas ruas próximas... porém ainda assim não o avistou.

Sentiu uma opressão no peito e pensou que fosse desfalecer, mas esforçando-se entrou no parque e perguntou por Ângelo. As demais crianças não o haviam visto, as mulheres que replantavam canteiros olharam para ela com espanto, interrompendo sua atividade: o pequeno Ângelo? Não, não o vimos esta manhã, diziam; por certo aqui não esteve, sim, pois estamos aqui desde as sete e se ele tivesse vindo o teríamos visto, e as mulheres, vendo lágrimas nos olhos da mãe, olharam-se entre si já aflitas também, deixaram de lado mudas e sementes e se dispuseram a ajudá-la a procurar pelo filho. Todas as ruas, todas as casas, todos os recantos foram vasculhados, mas em vão. Deveríamos entrar pelo mato, sugeriu alguém, talvez tenha-se perdido; é possível, acudiu um outro, lembrando que seu filho também se perdera assim uma ocasião, e agora os homens também participavam da busca, e as matas circunjacentes foram por sua vez vasculhadas. Por volta das três da tarde a pequena população reuniu-se no parque: discutiam entre si o que fazer, algumas mulheres cercavam a desolada Júlia tentando animá-la, vamos encontrá-lo, minha querida, diziam, tenha fé em Deus que não há de ser nada, etc. Por fim decidiu-se que era tempo de comunicar o desaparecimento da criança à polícia em Pinheiros, e a polícia também começou a participar das buscas: a única viatura disponível percorreu os pontos mais distantes, como os limites do município, e um efetivo de homens andou pelas ruas do centro e da periferia, perguntou pelas casas, procurou por poços abertos, levantou a tampa dos bueiros, porém o menino Ângelo parecia ter-se desintegrado no ar.

Por fim anoiteceu. O céu pesado de nuvens escuras prenunciava chuva, e já se ouvia ao longe um rumor surdo de trovões. Perto das dez da noite as equipes regressaram de suas buscas inúteis: homens e mulheres referiam entre si o que haviam feito, onde haviam estado; a polícia também recolheu-se prometendo reiniciar as buscas pela manhã; e sentada na calçada de casa, vamos encontrar Júlia meio desfalecida e à sua volta as mulheres da vizinhança que, já não tendo palavras para confortá-la, olhavam-se entre si preocupadas. Súbito, porém, restabelecendo-se em suas forças, pôs-se de pé, “vou até lá” disse; as outras mulheres “aonde, querida, aonde você vai?”, e Júlia esfregando o rosto com vigor “deveria ter ido antes” disse, “quem sabe ele poderá ajudar-me”, “a quem você se refere, querida?”, “Camilo” ela diz desprendendo-se dos braços que tentavam retê-la e se encaminhando para um táxi que ali próximo fazia ponto, “é meu amigo... tem sido meu amigo todos esses anos... talvez possa ajudar-me”, “talvez você não devesse ir sozinha, já é tarde” alguém aconselhou, mas ela não ouviu e, entrando no automóvel, mandou que o motorista arrancasse.

— Espere-me aqui — disse, quando chegaram à entrada do sítio onde residia Camilo Duarte. Descendo, atravessou a porteira e meteu-se pelo sinuoso caminho entre árvores que conduzia até a casa. Alcançou o gramado mas não viu luz nas vidraças e parou: estaria Camilo dormindo? “É bem possível, afinal já passa das dez” pensou, no entanto não era hora para cerimônias e achou por bem acordá-lo: pelo menos repartiria com ele seu desespero. Então avançou e contornou a casa, quando viu luz nas vidraças no novo ateliê.

“Está acordado” Júlia pensou, “graças a Deus está acordado”, e correu para uma das janelas a fim de espreitar para dentro e ver se Camilo estaria ali, mas o que viu através da vidraça propiciou-lhe a princípio um refrigério que lhe percorreu todo o corpo, para em seguida sentir-se tomada de horror: lá, no meio do vasto salão, estavam Ângelo e Camilo. O menino, de pé, e o homem à sua frente a segurar-lhe uma das mãos — um joelho apoiado no chão e o outro dobrado — pareciam conversar; nesse primeiro momento Júlia viu-os a ambos nessa posição e sentiu um imenso alívio, “ei-lo, o meu menino, nada de mau lhe aconteceu” murmurou consigo mesma, a voz trêmula de alegria, “ainda bem, meu Deus, nada de mau lhe aconteceu!”, sendo que então Ângelo estendeu a mão e tocou o rosto de Camilo num gesto de carinho — um gesto que para Júlia não seria estranho, o mesmo daquela tarde, anos atrás, no salão nobre da Câmara Municipal; no instante seguinte, porém, sentiu-se estremecer: pois Camilo, ao toque dos dedos do menino em seu rosto, alteou o busto em sua direção e o beijou, beijo do qual não se diria apenas um breve roçar de lábios, pois as bocas de fato se uniram, e embora a princípio não possamos afirmar se com sensualidade, tendo em vista prevalecer entre ambos uma certa contenção de gestos e não se perceber nenhum arrebatamento apaixonado, ainda assim um beijo sem qualquer sombra de dúvida, e ao qual o pequeno Ângelo não se esquivou, nem mesmo fez menção de evitar.

Júlia não esperou mais e, correndo para a porta, empurrou-a com tal violência que foi chocar-se num estrondo contra a parede; e entrou no salão. Camilo e o menino voltaram-se então para ela e, descobrindo-a ali, trêmula e pálida, sorriram-lhe.

— Canalha! — gritou Júlia correndo para o filho, arrebatando-o e afastando-se dois ou três passos, enquanto ofegava de indignação. — O que fez com meu filho?! Depravado! O que fez com meu filho?!

— Acalme-se, Júlia — disse Camilo com voz suave, pondo-se de pé —, acalme-se, você está enganada em seu juízo.

— Enganada!... Enganada!... Então eu não vi...?!

Mas o menino desprendeu-se suavemente do forte abraço com que a mãe o tolhia junto a si e, recuando um passo, disse:

— Sim, mamãe, você está enganada.

Júlia sentiu-se gelar ao ouvir as palavras do filho. Compreendeu então: a criança fora corrompida muito além do que ela pudera de início imaginar, corrompida a ponto de julgar natural aquilo que o outro lhe fazia e dizer que ela, sua mãe, enganava-se!

— Maldito! Maldito! — Júlia, descontrolada, avançou contra Camilo tentando golpeá-lo no peito e no rosto com os punhos.

— Acalme-se, Júlia — disse ele recuando e sem exaltar-se, mas já com uma entonação de leve severidade —, garanto-lhe que você não sabe o que está acontecendo aqui.

— Ora, meu Deus! Eu não sei! Então eu não sei! Eu não vi! Eu não vi, monstro!

— Pare com isso, mamãe — ouviu Júlia a voz do filho e, voltando-se para ele, viu o pequeno Ângelo que a encarava com ar de censura.

A mulher, desorientada por não compreender o que se passava com o menino, abraçou-o como que para protegê-lo do outro, puxando-o para si.

— Vou chamar a polícia, seu depravado — disse conchegando a criança em seu corpo —, agora mesmo... agora mesmo vou procurar o delegado e...

Mas Ângelo uma vez ainda desprendeuse, sempre com suavidade, de seus braços:

— Não, mamãe, você não vai chamar a polícia. Eu não estou aqui forçado, eu quero estar aqui. Eu tenho de estar aqui.

— Ângelo! O que você está...?... Você não sabe o que está dizendo, meu filho!...

— Sei sim, mamãe, eu tenho de estar aqui.

— Filhinho... filhinho... — e agora foi Júlia a recuar um passo olhando perplexa ora um, ora outro, e em seguida a cair numa crise de choro enquanto cobria o rosto com as mãos. No instante seguinte, porém, levantou para Camilo os olhos como uma fera, uma leoa prestes a dar a vida pelo seu leãozinho: — Você abusou do meu filho porque sabe que sou uma mulher só... porque ele não tem um pai para defendê-lo...

No entanto uma vez mais a voz de Ângelo fê-la estremecer:

— Não, mamãe — e Júlia, olhando-o, viu-lhe nos lábios um sorriso sutil —, eu estou aqui por ordem do *meu pai*.

Júlia crispou o cenho olhando o filho como se já não o reconhecesse e sentindo-se gelar:

— Camilo é um grande artista, mamãe, e tem uma obra grandiosa a realizar, por isso o *meu pai* enviou-me para acompanhá-lo em seu trabalho. E é também por isso que você agora vai embora e não dirá nada à polícia nem a ninguém, a não ser que você me encontrou e que eu estou bem.

Júlia, ainda sem crer no que ouvia, e temerosa por aceitar enfim o que se lhe revelava através das palavras do filho, recuou devagar até a porta,

sempre olhando-o nos olhos e já não conseguindo disfarçar o pavor que começava a dominá-la.

— Eu não voltarei para casa hoje, mamãe — disse ainda Ângelo, um sorriso abrindo-se enfim em seus lábios rosados, iluminando mais que nunca sua extraordinária beleza —, pois a partir de agora tenho de estar aqui com ele. No entanto não é preciso preocupar-se comigo, eu estarei bem e amanhã pela manhã, assim como todas as manhãs, você irá acordar-me e mandar-me brincar e depois chamar-me para o almoço e mandar-me para a escola. Somente à noite, todas as noites, estarei aqui.

VI

E agora que nos encaminhamos para o fim, vamos falar do período de quatro anos que se seguiu ao mês de novembro de 1978 até o mesmo mês do ano de 1982, durante o qual Camilo Duarte se dedicou àquela que seria sua produção principal: sua monumental, terrível e última criação.

Vimos no fim do capítulo anterior que Camilo podia enfim iniciar seu trabalho final porque aquele que deveria estar com ele durante esse período de intensa atividade havia, por fim, chegado: Ângelo, o anjo que lhe daria de beber de sua taça, ou, em outras palavras, de sua boca, inoculando-lhe o veneno da beleza e da danação para que seu espírito alçasse vãos a cujas alturas o comum dos mortais não poderia ascender, alturas vertiginosas de que o comum dos mortais nem ao menos suspeita.

Cumpre, no entanto, acrescentar aqui duas palavras acerca desse especial momento de sua vida: como deduzimos da última conversa entre o artista e seu amigo Afonso Ribeiro, estava Camilo consciente de que aquele seria com efeito seu último trabalho, sabendo de antemão tudo que iria produzir, e vimos também como todas as imensas telas que pintaria já haviam sido montadas, imprimadas e armazenadas em seu ateliê, bem como do material de que necessitaria dispunha ali em quantidade suficiente; assim sendo, cabe então uma pergunta que o leitor é provável que se faça: sabendo Camilo que aquela seria sua máxima e, conseqüentemente, derradeira produção, e sendo ainda um homem jovem — como seria — ao concluí-la, o que preveria para sua vida futura? Contentar-se-ia em continuar pintando, mesmo que então — como nos parece óbvio, dadas as circunstâncias que conhecemos — não mais com a mesma grandiosidade? Contentar-se-ia em, por assim dizer, “regredir”, mesmo que ainda viesse a produzir bons, e mesmo excelentes quadros? Ora, com a conclusão da narrativa o leitor virá a saber o que de feito se deu, mas o que nos interessa então é conhecer o pensamento do artista naquele momento em que se via pronto para começar, isto é, encontrando-se já livre de seu restrito

círculo de amizades e portanto inteiramente só, à espera apenas de que chegasse “aquele que estava por vir” (diga-se de passagem que somente os caseiros manter-se-iam por perto, para atendê-lo em suas necessidades básicas, porém de forma alguma representando uma interferência em seu trabalho que justificasse também um “afastamento”); suspeitamos com alguma razão que Camilo não tinha qualquer plano para quando concluísse sua maior criação, mas de uma coisa estamos seguros: não seria o caso de contentar-se o artista com produções menores após ter-se alçado às máximas alturas, mas sim de estar certo de que aquela seria, com efeito, o último trabalho a produzir, sendo portanto “último” não apenas uma expressão de retórica. O que viria depois não apenas ignorava, como nem lhe passaria pela cabeça sequer cogitá-lo: “aquele que estava para vir” havia por fim chegado, portanto ao artista cabia apenas começar. Ângelo estaria com Camilo (que reservaria agora apenas umas poucas horas entre as oito da manhã e a uma da tarde para o descanso e o sono) dias e noites naqueles quatro anos, acompanhando-o em seu trabalho, falando com ele, imprimindo-lhe ânimo nas horas de exaustão em que o artista temesse sucumbir, restaurando-lhe as forças, as idéias e a concentração. Não obstante isso, Ângelo todas as manhãs seria encontrado em sua cama pela mãe, que o iria despertar para que fosse à escola, pois a vida diária do pequeno não se veria afetada por aquela insólita missão que, segundo suas próprias palavras, lhe fora confiada por *seu pai*. Assim, Ângelo cresceria também junto à mãe, brincando ainda com as crianças da vizinhança, com elas indo à aula, a elas se reunindo vez por outra para estudarem juntos e fazerem em comum os deveres de casa e os trabalhos escolares. De Júlia, que desde o dia do sumiço do menino e de seu extraordinário reencontro tornara-se uma mulher nervosa e triste que raramente saía de casa e já não recebia nem falava com os vizinhos e amigos, diremos que foi com apreensão e, não seria exagero afirmar, indisfarçável pavor, que na manhã seguinte encaminhou-se para o quarto da criança, e se ao mesmo tempo suspirou aliviada por vê-lo, ao filho, adormecido em sua cama como na véspera lhe prometera, sentiu confranger-se-lhe o coração sabendo não ter mais ascendência sobre ele, pois seu menino encontrava-se agora sob as ordens de *alguém* cuja lembrança fazia gelar seu sangue e um arrepio de medo percorrer-lhe o corpo: pois, sim, ei-lo adormecido em sua cama, e tocando-lhe no ombro como de costume ele abriria os olhos e diria sorrindo-lhe “bom dia, mamãe”, e então levantar-se-ia para escovar os dentes e tomar seu café, após o que, munido de seus apetrechos escolares, sairia para escola; porém à noite, todas as noites, estaria ausente no cumprimento de um medonho dever. Júlia já não entraria à noite no quarto de Ângelo para beijá-lo pois tremia à certeza de não encontrá-lo, inda que momentos antes o menino para lá se tivesse encaminhado, não sem antes como sempre

dizer-lhe do corredor “boa-noite, mamãe”, e de lá não tendo saído; ver-lhe o leito vazio ser-lhe-ia uma prova por demais difícil de suportar; tampouco — e pela mesma razão — ali entraria às últimas horas da madrugada a fim de verificar se ele já estaria de volta. Verdade é que o filho partia e regressava sem que ela soubesse como e sem que nem mesmo se aventurasse a vigiá-lo para saber: interessava-lhe apenas que pela manhã, no horário habitual, isto é, por volta das sete e meia, quando fosse acordá-lo o encontrasse em sua cama. Do que foi dito poderá o leitor inferir que, de certa forma, a vida na casa entre mãe e filho voltara à normalidade e seguisse a mesma rotina de sempre e que Júlia acabaria por habituar-se às circunstâncias singulares a que se via compelida. Porém assim não era, não poderia ser, e não apenas seu comportamento se alterou como sua saúde se ressentiu: pois se durante o dia tinha junto a si o mesmo menino alegre e carinhoso de sempre, depois que o Sol se punha sabia-o transformado — e no quê? perguntava-se —, e não raro passava noites e noites de insônia, deitada em sua cama, os olhos abertos esperando um sono que não vinha, atenta talvez a qualquer ruído no quarto ao lado que indicasse a presença da criança, até que com o aproximar-se da aurora adormecesse de cansaço, um sono pesado e sem sonhos. Naquele período de quatro anos Júlia definhou: emagreceu, surgiram olheiras que lhe escureceram os olhos, os quais somente um brilho de febre tornava vivos, a pele das faces já sem carne grudou-se nos ossos e seus cabelos tão negros tornaram-se grisalhos antes do tempo; suas mãos adquiriram uma tremura de velhice, seu corpo tornou-se curvo como se achacado por um reumatismo crônico e seus passos, inseguros, às vezes pareciam vacilar como se fossem dar com ela em terra. O declínio de Júlia não passou despercebido na pequena comunidade em que vivia, pelo menos quando se tornou visível e se percebeu que implicava num agravamento diário do qual não parecia recuperar-se. Uma de suas amigas, ao vê-la assim magra, febril, o corpo debilitado e os movimentos nervosos e imprecisos, decidiu — em comum acordo com as demais mulheres da vizinhança — procurá-la, apurar se ela sofria de alguma doença, levá-la mesmo ao médico, acompanhá-la em todos os exames que se fizessem necessários, porém Júlia disse que não tinha nada: sentia-se, garantiu, um pouco fraca ultimamente porque passara a sofrer de insônia e tivera além disso umas indisposições estomacais, “creio que uma úlcera nervosa” alegou, “é de família, minha mãe também padeceu do mesmo mal”, porém, exceto uns chás que preparava para o estômago, preferia não fazer uso de medicamentos a fim de não tornar-se dependente, “a menos que seja mesmo necessário” disse, “mas por enquanto não, por enquanto vai-se levando...”. Quando, porém, vizinhos e amigos passaram a insistir com ela, a acuá-la dizendo-se temerosos por sua vida, “pois está claro, Júlia, que você não é mais a mesma, você está doente e isso se

vê em seu aspecto, ou você pensa que não temos olhos para ver?”, Júlia, com brandura mas decisão, pediu-lhes que se retirassem e fechou-lhes em definitivo a porta de sua casa, diante do que foi deixada à sua sorte, e ela ficou só.

Dissemos que um anjo viera até Camilo e lhe dera de beber de sua taça. Vimos em que circunstâncias Júlia, naquele aflitivo dia do desaparecimento de Ângelo, foi encontrá-lo no ateliê do artista. Em outras passagens desta narrativa falamos também, por assim dizer em amplas pinceladas, das experiências amorosas do pintor, dando conta de que seus envolvimento com mulheres teriam sido não apenas ocasionais mas também superficiais a tal ponto que, àquela altura de sua vida, aos trinta e oito anos de idade, ninguém lhe conquistara o coração.

Tendo em vista esses pormenores, não nos parece coerente — apesar do que presenciamos naqueles primeiros momentos de sua efetiva ligação — que se venha a suspeitar de um envolvimento de natureza luxuriosa entre Camilo e o pequeno Ângelo, mormente se lembrarmos de uma outra afirmação feita acerca do artista quando Irene Cunha foi declarar-se a ele em sua casa: que apesar de, como homem, Camilo ter procurado algum divertimento com mulheres, dessas ocasiões não lhe ficaram marcas, vale dizer que o sexo não seria em sua vida um elemento de importância. Adquiriria importância agora, e de uma forma pouco natural? Podemos adiantar que não, mas sendo assim, como se explica o beijo surpreendido por Júlia? Ângelo, cabe reconhecer, com o passar dos anos cresceu tornando-se pouco a pouco um adolescente em cuja singular beleza não se vislumbrariam traços viris, conquanto tampouco parecesse ou demonstrasse modos efeminados, e assim sendo poder-se-ia dizer que o menino não teria um sexo definido, isto é, ainda que menino fisicamente, em sua personalidade não seria nem menino, nem menina. Camilo, que o beijara naquela noite quando ele não completara ainda dez anos, somos propensos a acreditar que não se tenha excitado, de forma que não houvesse Júlia irrompido com fúria no ateliê o beijo trocado entre ambos não teria resvalado para “algo mais”. Como nos anos seguintes a criança veio a crescer e tornar-se um belo adolescente, poder-se-ia talvez argumentar que então se consumaria entre ambos o amor físico como um necessário complemento ao ato preliminar representado pela união de seus lábios, incabível enquanto Ângelo era apenas uma criança de nove anos. Podemos, contudo, afiançar que tal não se deu, e por uma razão muito simples: essa não era a razão pela qual ele fora enviado àquela casa.

Somos, portanto, levados a perguntar o que de fato teria Júlia presenciado naquela noite ao espreitar por uma das vidraças do ateliê. Dissemos que ela vira Camilo e o menino se beijarem de uma forma da qual não se

diria apenas um breve roçar dos lábios, e que ainda que não vislumbrasse nenhum arrebatamento nesse gesto tratava-se efetivamente de um beijo em que as bocas estiveram inequivocamente unidas. Diremos agora que sem qualquer dúvida aquele seria, sim, um beijo, mas de outra natureza, ainda que para a mãe tal não parecesse e nem estivesse ela em condições de compreendê-lo: Ângelo, *o anjo, oferecia a Camilo sua taça*, da qual ele tomava por necessidade, colhendo ali a transcendência de sua última criação. Júlia testemunhara portanto um ritual de iniciação ao qual não assistira desde o começo e nem estamos nós em condições de descrever, ritual contudo onde não cabia qualquer impulso de caráter voluptuoso, ainda que não se possa duvidar da intimidade que fazia presumir e da existência de uma volúpia, sim, mas de espécie inteiramente diversa; tampouco se dirá que com o passar do tempo viria tal contato a acender-se de forma luxuriosa ou ocorrer com a frequência natural de um desejo assim: momentos houve durante aqueles quatro anos em que Camilo, magro e debilitado pelo pouco que dormia e se alimentava e pelo excesso de trabalho que se impunha, pensou que fosse sucumbir, e era nesses momentos que o menino intervinha: aproximava-se dele com aquele gesto que já conhecemos, a carícia no rosto; nada se diziam, um sabia ser o momento de intervir e o outro de acolher essa intervenção, e durante alguns segundos o artista sentia-se restaurar, se não em sua aparência física, pois certo era que esta em nada se alterava, permanecendo magro e debilitado, as faces vincadas de rugas e olheiras quase negras no fundo das quais os olhos teriam vez por outra um lampejo talvez de desespero, talvez de loucura; se não, portanto, fisicamente, ao menos em seu íntimo, em sua condição mais profunda porque mais do espírito e menos do corpo, uma flama de vitalidade recompunha suas forças para que pudesse continuar. De resto, no mais das vezes bastava-lhe sabê-lo ali, buscá-lo com os olhos e deparar com sua figura de criança junto a si, ora ao seu lado observando-o enquanto pintava, ora sentado em algumas almofadas a um canto folheando revistas antigas, ora entregue à placidez de um cochilo sobre essas mesmas almofadas, o corpo largado molemente que Camilo, interrompendo o trabalho por alguns instantes, ia cobrir com um lençol num gesto de paternal carinho. E quando Ângelo ali não estava, durante o dia, aproveitava — já o dissemos — a manhã para descansar e dormir, retomando o trabalho após uma frugal refeição ao meio-dia, sendo-lhe suportável a tarde sem sua presença.

Desta forma, o único contato físico entre o artista e o menino eram esses beijos sutis durante os quais podiam ambos vislumbrar os prodígios e os horrores do império das musas.

Na obra final de Camilo havia não luz, mas sombras.

Pintor algum em nenhuma época retratou os páramos sombrios de

forma tão intensa, valendo-se no entanto de uma paleta de cores tão reduzida: dela estavam ausentes os amarelos luminosos, os vermelhos quentes, os azuis brilhantes, reduzindo-se tão só às diversas tonalidades de terra, aos verdes escuros e frios, aos azuis-marinhos e ocre, além do preto, amplamente utilizado para reduzir a intensidade dos tons, intensificar os claro-escuros e conferir relevo às formas. Onde deveria sobressair-se um volume que sob certo ângulo recebia luz direta, essa luz — uns vestígios de amarelo bacento mesclado a uns tons de bronze ou a umas sutis pinceladas de vermelho — atenuava-se, diluindo-se então os contornos numa penumbra ampla e vaga a misturar-se com horizontes difusos e esfumados. As perspectivas se perdiam em sombreados profundos a lembrar noites infinitas de dentro das quais emergiam vagamente vultos indistintos, nebulosos, como que a convergir para primeiros planos devastados pela guerra e pela peste. Muitas vezes era desses planos devastados que personagens indecisos, atormentados e mal definidos partiam para seus poços de solidão e dor naqueles infernos desconhecidos que só se discerniam por um mui vago contraste de luz e sombra em algum ponto entre o distante e o infinito, onde inapelavelmente iriam perder-se. Mas se aqui descobríssemos uma luminosidade, ainda que frouxa, talvez pudéssemos respirar com alívio: avistá-la-íamos e teríamos esperança para no entanto percebermos depois que caíramos num logro, pois essa luz iluminava, sim, um caminho, uma via de mão-única que em vez de propiciar uma fuga das trevas eternas era para aquela direção que conduzia, pois eis ali a flutuar no espaço entre nuvens de chumbo e rumo à escuridão a barca de Caronte! E que lugar seria esse, abaixo, mal entrevisto sob a névoa senão um alagadiço, um pântano onde toda suposta rota de fuga conduz numa falácia para o fundo quando ao caminhante fatigado falta de súbito a firmeza do chão e ele submerge? Aqui os cinzas se diluem numa luminosidade baça criando a ilusão de uma profundidade onde o espectador, enleado, poder-se-ia abismar como se a pintura não estivesse sobre uma superfície mas construída no espaço, e entrando nesse espaço mágico fosse esse mesmo espectador submergir no lodaçal, ser tragado pelas areias movediças, buscar arrimo no vulto das árvores que o nevoeiro dissolve para descobrir que não há árvores mas apenas ilusão — sim, ilusão, pois esta era a impressão propiciada por uma das pinturas: vultos, névoa, profundidade e abismo! Mas talvez não se perdesse enfim o rumo nesse dédalo, nesse de muros de névoa e volutas de fumo *labyrinthus*, pois não havia sobre o abismo uma ponte? E que aparência de solidez, com suas amarras incorruptíveis, suas robustas colunas, seus arcos catenários...! Sim, mas de onde partiria essa ponte e para onde conduziria — de onde, se não de algum lugar na “Noite” impenetrável, indiscernível, e para onde senão outro lugar também na “Noite”, também indiscernível, impenetrável, donde

origem e destino mergulhados nessas interrogações sem resposta? E assim essa ponte sobre o abismo não figuraria antes um caminho mais rápido e certo para a escuridão, que uma via segura para a luz, mesmo porque naqueles páramos toda luz não representava afinal o mero contraste para que a escuridão se mostrasse mais intensa e profunda? E então, súbito, eis uma parede — um imenso espaço vazio como que ao fundo — com um corrimão em primeiro plano a sugerir uma escada que conduz para baixo mas cujos degraus não estão visíveis: sobre essa parede surgem as sombras esfumadas daqueles que descem projetadas de baixo por um fecho de luz crepuscular, e apenas isso basta, o registro fugaz daqueles que passam, pois o que é a vida humana se não fumo transitório no fundo imóvel do tempo, sombras das quais não ficam rastros nem nomes? Vastas construções em amplos espaços lembravam câmaras de tortura vazias e, em pinceladas soltas e diluídas, percebia-se a sugestão de corpos transparentes que sofriam não a dor física de um “garrote vil” ou de uma “donzela de ferro” mas o desespero do esquecimento — pois naquele lugar de dores e pavores indescritíveis a maior dessas dores, o pior desses pesadelos era este: o esquecimento, a certeza de que pelos séculos dos séculos não seriam lembrados! E aqui tínhamos um porão, e ali um poço, e ao fundo um tronco com sua argola de ferro e correntes, e nesses cenários singulares não por suas características triviais mas pela força simbólica que evocavam viam-se uma lâmpada apagada, uma corda rompida, uma flor seca. O Mal era simbolizado pela **inocência** num jogo ritualístico de significados, pois as Bestas do Apocalipse talvez fossem doces crianças de cachinhos dourados e a Grande Prostituta uma menina impúbere com o sexo à mostra e uma auréola de santidade ao redor dos cabelos anelados. Mais adiante, todavia, poder-se-ia apreciar uma surpreendente confusão de manchas escuras obtidas com largas pinceladas, enérgicas, vibrantes, às quais se sobrepunham por sua vez outras pinceladas pequenas e ligeiras como num pontilhismo monocromático que a um passo de distância dir-se-ia tratar-se de uma enorme pintura abstrata, mas da distância dez passos via-se emergir como que de um limiar entre a luz e a treva uma horda de condenados não a fugir de sua condenação mas a correr enlouquecidos em direção a ela: e o que se podia identificar ali eram as santas da Igreja entregues à luxúria e os santos ao crime numa profissão de deboche da fé, com fogueiras inquisitoriais ao fundo onde se queimavam os Papas empalados em crucifixos. Então de uma nebulosidade noturna descrita em tons de verde-musgo e negro emergia um rubro, quem sabe um dourado — uma rara nota de cor naquele confuso universo de cinzas —, mas não um rubro ou um dourado brilhantes que sugerissem luz: e sim a cor do sangue que apodrece, o ouro azinhavrado a lembrar que o “vil metal” é uma das causas da perdição; e com efeito eis ali o sangue inocente derramado à beira de

uma via de assombros, e a mão cobiçosa a estender-se para “os trinta dinheiros” do suborno ou da traição colhendo apenas o logro e a mentira.

E assim foi: noite após noite, dia após dia, com escassas horas de sono, emagrecendo e definhando pela fome pois quase já não se dava conta da necessidade de alimentar-se (ainda que instado a fazê-lo pela já bastante envelhecida Gertrudes, que ia levar-lhe pontualmente as refeições, preocupada e achando que “o patrãozinho havia enlouquecido”), Camilo realizou sua derradeira obra, pinturas imensas e terríveis nas quais retratou a perdição da humanidade, a derrocada do homem através de sua tortuosa história de enganos, o ludíbrio dessa criatura tão plena de tola vaidade cujo destino todavia não passa de *um vaso rachado cheio de pó*⁴; obra da qual se poderia dizer uma mensagem, um alerta para o perigo que o espera detrás de uma porta fechada, de uma curva do caminho, de um reposteiro estendido sobre o precipício, mensagem entretanto — oh! ironia, oh! supremo escárnio — enviada por *aquele* que ao homem estende suas armadilhas, que a parva criatura seduz com seus ardis; obra à qual denominou em conjunto “FAUSTO NAS SOMBRAS”, pois que melhor e mais apropriada representação da humanidade que essa velha figura do Fausto, capaz de vender sua imortalidade pelo gozo fugaz de um devaneio?

Assim foi: dia após dia, noite após noite, faminto, debilitado, insone, Camilo pintou tão somente a si mesmo: o próprio retrato. E por fim, extenuado e quase morto, depôs os pincéis, caminhou para o centro do salão e olhou em volta: as telas colossais que recobriam todas as paredes e pareciam conter a sinfonia silenciosa do ludíbrio humano!

Ângelo foi colocar-se ao seu lado e segurou-lhe a mão, junto dele a contemplar demoradamente a obra.

— Ainda não acabou — disse no entanto o menino com sua doce voz juvenil ao fim de algum tempo, apontando para um dos quadros, o maior deles.

Pois com efeito, eis à sua frente um gigantesco óleo com cinco metros de altura por doze de comprimento no qual se viam figuras humanas andando não em círculos mas numa espiral infinita rumo a imponderáveis profundezas, pintura essa quase monocromática em seus vagos e frios tons de terra, em seus negrumes intensos e abissais, em seu firmamento sulfúreo e fuliginoso, na qual essas figuras enormes e esfumadas pareciam caminhar com grande dificuldade e vagareza como a sucumbir ao peso de suas culpas; ali, não entre essas figuras mas à margem do caminho, emergindo da escuridão e como a observar o desfile sem fim dos condenados, Camilo pintou seu auto-retrato — mas não o completou, pois seria seu auto-retrato se o rosto estivesse definido e as feições reconhecíveis... Foi

⁴ A frase em itálico é um verso do meu poema “Sobressalto”.

porém naquele momento, por meio de um tão simples detalhe, que o gênio recuou à beira do abismo e deixou no lugar do rosto apenas um borrão.

Camilo voltou para Ângelo os olhos apagados e viu que o lindo adolescente, supondo-o decerto novamente a sucumbir, oferecia-lhe uma vez mais de sua taça: a boca, os lábios nos quais durante aqueles últimos quatro anos buscara as visões e revelações do mundo ífero e a flama de vitalidade que lhe permitisse continuar.

— Eu não serei vencido — respondeu porém, a voz débil, os olhos fundos e tristes, e repelindo o menino afastou-o de si.

— Não seja tolo, Camilo — disse o adolescente com doçura e um sorriso de sedução —, não deixe sua obra maior e, como você queria, a maior já produzida em qualquer tempo, inacabada.

Camilo encarou-o e tão só moveu a cabeça numa negação, nos lábios um fugidio sorriso.

Ângelo aproximou-se dele e entregou-lhe o pincel, que o artista contudo recusou, recuando um passo.

— Não resta muito tempo, Camilo — disse sem alterar-se, nenhuma irritação torcendo seus traços, maculando-lhe a beleza. — Logo que nasça o Sol neste novo dia o prazo terá chegado ao fim. Complete a obra, pinte ali seu retrato — e Ângelo outra vez aproximou-se dele, oferecendo-lhe de beber em sua taça, mas uma vez ainda Camilo o repeliu, afastando-o de si.

Pois não restava mesmo muito tempo: não tardou, o primeiro clarão do dia apareceu nas vidraças e Camilo, apagando as luzes do ateliê, abriu a porta e saiu. Por um momento voltou-se e, olhando para o interior do salão às escuras, vislumbrou ainda o vulto do adolescente como que a flutuar na penumbra que a luz da aurora ainda não dissipara e a fitá-lo com tristeza: o menino, o anjo, sim, *o anjo*.

Deu-lhe, contudo, as costas, e desapareceu.

vii

Nossa história aproxima-se do fim, mas alguns esclarecimentos, sem os quais teríamos a impressão de que algo ficou por ser dito, são ainda necessários, como por exemplo sobre alguns personagens que ao término do último capítulo permaneceram com o desfecho de sua ação, de certa forma, em suspenso.

Trataremos inicialmente de Júlia e seu filho Ângelo.

Sabemos o que aconteceu nesse período de quatro anos que compreendeu a produção final de Camilo Duarte: Júlia passara a definhar e sua saúde entrou em declínio tal que a certa altura até mesmo os membros menos

próximos da comunidade onde vivia receram por sua vida, ainda que ela alegasse apenas instabilidade nervosa e uma insônia freqüente; quanto ao menino, este não apenas crescera tornando-se um belo adolescente, mas também desempenhara com satisfatório êxito a missão que lhe fora destinada.

Júlia, como vinha fazendo nos últimos quatro anos, por volta das oito horas daquela manhã cujas primeiras claridades vimos ao final do capítulo anterior, entrou no quarto do filho para acordá-lo, e como não podia ser de outra forma, viu-o em sua cama, como sempre adormecido de bruços, apenas um braço emergindo sob o lençol e umas mechas de sua cabeleira espalhadas sobre o travesseiro. Não será necessário reiterar que na véspera não fora diferente do habitual: a mulher, cujo corpo dilacerado revelava os tormentos que suportara e vinha suportando ao longo dos anos, não tinha coragem de ir à noite espiar o quarto vazio, esperando com uma ansiedade febril pelo amanhecer, certa então de que por meios dela desconhecidos o filho bem-amado estaria de regresso. Naquela manhã, porém, aconteceu uma coisa inesperada: ao aproximar-se do leito e tocar o ombro do menino, “Ângelo” disse baixinho, “Ângelo”, não obteve resposta — aquela resposta à qual, apesar de sua dor, se acostumara, “bom dia, mãe”, seguida de um sorriso alegre, vivo, encantador, após o qual o menino sentar-se-ia na cama, espreguiçando-se, para em seguida pôr-se de pé. Júlia ainda conseguiu sorrir, pois afastando-lhe um pouco o lençol do rosto, como lhe pareceu feliz seu filho assim tão profundamente adormecido, e outra vez tocou-lhe o ombro, “Ângelo”, mas ele ainda não respondeu e ela fez-lhe uma carícia nos cabelos anelados de que tanto se orgulhava, correu entre eles os dedos, desceu a mão para a face e o pescoço do menino e então percebeu que ele estava frio. Com um grito caiu sobre o corpo do filho, sacudiu-o com violência, pô-lo de costas, segurou seu rosto entre as mãos, mas ao fitar-lhe os olhos abertos encontrou apenas um olhar vazio e sem vida.

“Ângelo, Ângelo meu filhinho!...”

Toda a pequena comunidade do distrito pasmou à notícia da inesperada morte do garoto que ainda na véspera pela manhã fora à escola e à tarde brincara alegremente na praça com outros meninos numa demonstração de vitalidade que ninguém diria tão prestes a extinguir-se. O sepultamento deu-se no mesmo dia à tardinha, e o cemitério encheu-se não só de adultos (vizinhos e amigos de Júlia, além dos curiosos de sempre) mas também de crianças, podendo-se dizer que toda a população infantil do lugar ali compareceu para despedir-se de Ângelo.

A mãe não sobreviveu ao filho por muitos dias, e menos de uma semana depois foi também conduzida ao mesmo cemitério e sepultada ao seu lado. Hoje, quem visita aquele lugar pode ver duas modestas campas com

lápides iguais: uma, sem nenhum atrativo a não ser a curiosidade dos fatos que ficaram registrados na memória do povo e são às vezes contados aos forasteiros; na outra, porém, vê-se, além de duas datas muito próximas — ★1969 †1982 — a fotografia de um menino, um adolescente tão belo que não se consegue evitar uma censura à natureza.

Falemos em seguida de Alencar, que cumprira sua vingança abatendo Aureliano Prates a tiros no interior do fórum de Pinheiros, sendo alvejado, por sua vez, na perna e em seguida preso.

Sim, foi preso. Esteve preso durante algum tempo até que o advogado contratado pela família obteve sua soltura mediante *habeas-corpus*, e em liberdade aguardou ser julgado. Durante esse tempo raramente foi visto na cidade, permanecendo quase sempre em casa e não aparecendo nem mesmo no comércio do pai, com quem noutros tempos trabalhara; por fim foi preso outra vez, e então por ocasião do julgamento. Muito se discutiu nesse dia, não apenas entre os antagonistas da Lei — o advogado de defesa e o Promotor de Justiça —, mas entre a própria população que, ainda revoltada com a lembrança do crime que acabara com a vida da menina Aurélia Prates, emitiu um parecer favorável ao jovem, aprovando seu gesto. Porém Alencar foi condenado a oito anos de prisão e posto em liberdade condicional após cumprir um sexto da pena, conforme ditame legal. A absolvição não seria alcançada uma vez que, conforme sóbria argumentação da Promotoria, o crime fora planejado e o réu deslocara-se até o local da execução munido de uma arma, permanecendo oculto nas próprias dependências daquela instituição enquanto aguardava momento azado para pôr em prática seu intento, o que fez com pleno êxito — tendo, portanto, tempo suficiente para refletir sobre o que estava por fazer e retroceder de suas intenções. Não caberia, no entanto, uma condenação muito pesada, pois o réu não só pareceu simpático a todos e seus antecedentes diziam por ele, como o trauma que sofrera com a tragédia ocorrida com sua por assim dizer “eleita” bastava para explicar, se não para justificar seu ato. Todos esperavam que Alencar saísse livre aquela noite do tribunal, porém para surpresa geral o júri votou pela condenação numa apertada margem de 4 x 3. O juiz titular, tendo simpatizado com o réu e conhecendo todas as nuances do caso, não pesou a mão, podendo-se entender por “não pesar a mão” que, como Alencar tivesse permanecido cerca de um ano preso até a impetração e aceitação do *habeas-corpus*, e como um sexto da pena de oito anos implicaria em que o réu permaneceria preso por apenas mais quatro meses, aplicou-lhe esta sentença sendo ele próprio quem, no tempo certo, ordenou-lhe a soltura.

Jovem de boa índole, não mais se envolveria com a Justiça e podia dar

um novo rumo a sua vida; no entanto, Alencar sentia-se de certa forma acabado: não que tivesse achado sua pena injusta, nem tal sentimento se devia à perda de Aurélia (ainda que tal perda lhe tivesse aberto uma ferida decerto incurável), tampouco por arrependimento, pois verdade é que não se arrependera de ter atirado contra Aureliano Prates. O que acontecia então no íntimo desse moço que, apesar de tudo, poderia recuperar-se? Não sabemos dizer, pelo menos não o sabemos com clareza, e por isso diremos apenas que Alencar se sentia esgotado como se todas as suas forças estivessem por terra, absorvidas, sugadas não de seu corpo mas de seu espírito. Podemos adiantar que hoje, transcorridos alguns anos desde aqueles tristes acontecimentos, ainda vive em Pinheiros e, tendo perdido o pai, administra sozinho a pequena papelaria (que nunca progrediu) e cuida da mãe e de uma irmã mais nova, ainda solteira. Mas quem o vê detrás do balcão vê apenas uma sombra, não mais do que isso, só uma sombra.

Vem-nos também à lembrança neste momento o poeta Afonso Ribeiro, e nos parece interessante referir a seu respeito duas ou três palavras — pois o leitor decerto estará lembrado de que Afonso fora vítima de um lamentável desastre, não tendo porém (e isso o leitor ignora) se deixado derrotar. Inabalável, continuou a escrever seus versos, e embora impossível recuperar aqueles que se haviam perdido, à altura em que nos achamos dos acontecimentos — fins do ano de 1982 — vamos encontrá-lo prestes a publicar seu tão sonhado livro: pois naqueles quatro anos teve uma produção bastante expressiva e, conquanto não tivesse ainda encontrado um editor que se aventurasse a lançá-lo, resolveu recorrer a umas economias e custear, ele mesmo, sua edição. Essa particularidade não diminuiu sua alegria, e se o acompanharmos um pouco mais vê-lo-emos — já no início do ano seguinte — sentado em seu modesto apartamento a manusear o primeiro exemplar impresso de sua poesia e a avaliar como ficaram seus versos em letra de forma, parecendo-lhe que ficaram bem, e até melhores.

Dos anos em que foi membro da “sociedade” guarda apenas uma lembrança da qual, apesar de tudo, não se pode dizer desagradável; nenhum outro membro restou a não ser Alencar, por isso passa vez por outra pela papelaria e conversa um minuto com ele, fala de suas idéias e de seus projetos e mesmo entregou-lhe um exemplar de seus poemas, mas o moço, apático e triste, costuma responder apenas por monossílabos e a conversa minguava; no mais, evitam tocar no passado como se este fosse um tema proibido. Nunca mais com o passar dos anos ouviu falar de Camilo — exceto uma vez, como veremos adiante —, restando-lhe apenas ocasionais lembranças, e quando essas lembranças vêm insinuar-se em sua tranqüilidade, Afonso — que nem chega a ser muito religioso — endereça uma

prece em favor desse amigo tão singular, tendo mesmo lhe dedicado um poema de seu livro.

Agora, porém, estamos num dia luminoso e cheio de sol de um desses verões escaldantes do Rio de Janeiro durante os quais prevalece nas praias a nudez e vemos subir do asfalto ondas de vapor — e é para lá que nos transportamos nesses momentos finais de nossa história, e se falamos de dias cheios de luz decerto não nos ocorre a lembrança de uma casa onde as janelas, de ordinário fechadas e com as cortinas corridas, deixam numa permanente penumbra seus cômodos simples, de paredes encardidas que há muitos e muitos anos não recebem uma demão de tinta, assoalho carcomido, móveis em franca decadência. É porém numa casa assim, situada no segundo pavimento de um prédio pequeno e muito antigo, que vamos encontrar a família que aí reside há décadas, família contudo reduzida a apenas duas pessoas: um homem idoso de setenta e cinco anos e sua filha, uma mulher magra, amarelona e grisalha, de feições cansadas aparentando quase sessenta anos, conquanto não tenha ainda completado quarenta e oito.

A mulher acaba de emergir de um corredor sem janelas — e portanto escuro — para a sala no momento em que ouve a campainha. Interrompendo os passos, um pouco surpresa com o toque, uma vez que quase ninguém mais os procura, muda de itinerário e avança até o vestibulo, gira a chave na fechadura e abre a porta: à sua frente está um homem — decerto um pedinte — de aspecto paupérrimo, cabelos longos e barba cerrada, vestindo umas calças jeans muito surradas e encardidas, além de uma camisa de malha na qual se vêem alguns cerzidos e calçando sapatos gastos cujo couro já começa a estourar em alguns pontos.

— Desculpe-me, senhor — diz a mulher com indiferença e algum enfado ao pedinte —, hoje não temos nada — e faz menção de fechar a porta.

No entanto o pedinte estende a mão para contê-la e ela se detém.

— Senhor — torna a mulher —, eu já disse, hoje não temos...

— Diva — diz o pedinte —, não se lembra mais de mim? Estarei então irreconhecível?

A mulher o encara procurando algum traço familiar sob aquele rosto quase de todo oculto pela barba e pelos cabelos em desalinho, um brilho conhecido em seu olhar fundo e triste, faz um gesto de hesitação e crispa as faces, mas no instante seguinte leva as mãos ao rosto, contendo um grito de surpresa.

— Camilo!

O homem sorri.

— Não me convida a entrar, pelo menos por um momento?

— Quem é, minha filha? — veio de dentro uma voz débil de velho.

— Entre, Camilo, por Deus, entre! — ela diz introduzindo o irmão no

vestíbulo, e para dentro: — Uma visita, papai, uma visita muito cara para nós.

— Uma visita? — e um homem velho e bastante acabado, em mangas de camisa e tamancos, aparece à porta da sala ajeitando no rosto os óculos antiquados. — Mas quem...?

— Eu posso, pelo menos hoje, entrar em sua casa, meu pai?

Naquele dia, depois de muitos anos, abriram-se de par em par as duas folhas da janela da sala, descerraram-se as cortinas cinzentas e grossas, e o sol, entrando aos borbotões, despertou a luminosa paisagem a óleo que enfeitava a velha e descascada parede: nela, o quadro com que Camilo presenteara o pai, décadas atrás, resplandecia.

Naquele dia, e também depois de muitos anos, Camilo esteve outra vez em comunhão com sua família, sentindo-se feliz por poder, depois de tanto tempo, abraçar a irmã e apertar a mão de seu pai que, com os olhos úmidos, murmurou que “mais uma vez o Senhor engrandece minha casa” e numa curta e íntima oração agradeceu a Deus por ter novamente diante de si esse filho bem-amado que julgara perdido para sempre.

Enquanto pai e filho conversam na sala, Diva, exultante com o regresso do irmão, empenha-se em preparar-lhe um bom e copioso repasto, cujo aroma que se desprende não deixa dúvidas acerca do tempero. Por fim, ao chamado da filha Arthur, de pé diante da mesa posta, curva a cabeça numa oração apenas murmurada, no que é imitado conscienciosamente pelos filhos — Diva, que ao furor das tribulações talvez tenha titubeado mas nunca desfalecido por completo em sua crença; e Camilo, cuja fé se dissolvera por completo ainda na adolescência, ingressando ao longo da vida por ínvios caminhos dos quais talvez não vislumbrasse a saída.

Camilo almoçou bem e provou de um vinho reservado para alguma boa ocasião, tendo Arthur erguido sua taça propondo um brinde. Conversaram com bom ânimo. Mesmo evitando-se falar do passado, Camilo soube que a tia Ordália, já com a saúde bastante debilitada, morrera de pneumonia no último inverno. Diva agora trabalhava numa obra benemerente de auxílio a idosos, mas não voltara a casar-se, e ele, o pai, há muito deixara o pastorado — o que era do conhecimento de Camilo — e devido a uma certa dificuldade em andar provocada pelo reumatismo ia pouco à igreja, “quase que só aos domingos à noite, quando o tempo está bom” disse o velho e, após refletir por um minuto, acrescentou num tom de lamento: “Mas está tudo tão mudado, meu filho, tão mudado!...”. Camilo, que não entendeu bem a que o pai se referia, percebendo uma ponta de angústia em sua voz preferiu não insistir no assunto e perguntou sobre o armazém. Porém aquilo também estava muito mudado, e desde alguns anos não fazia mais sentido manter um estabelecimento assim, por isso havia fechado as portas.

— Faz quase dez anos — disse —, e agora eu conto apenas com minha aposentadoria, um tanto minguada, é bem verdade — achou por bem acrescentar, deixando claro que não se encontrava totalmente desprovido de recursos, embora estes fossem bastante reduzidos.

Se tanto o pai quanto a irmã se calaram acerca de coisas que melhor seria permanecerem, se não esquecidas, pelo menos adormecidas; também ele, o filho ausente, preferiu nada referir sobre sua vida. De seu sucesso como artista e de alguns episódios de sua carreira, ambos, pai e irmã, tinham conhecimento pela imprensa, e isso bastava. No entanto, para explicar o porquê de achar-se ali naquele dia e em tais condições, disse:

— Já faz algumas semanas, meu pai, que eu abandonei nossa casa em Pinheiros, mas uma parte de minha obra, a mais importante dela, encontra-se lá. Fica a seu critério dar-lhe o devido destino. Tenho ainda reservas bancárias que também prefiro entregar-lhe. Não é uma quantia inexpressiva, pelo contrário, mas eu preciso partir e não quero mais preocupar-me com as coisas do mundo... não me sinto disposto a dar explicações para a imprensa mexeriqueira, por isso não ouvirão mais falar de mim.

Diva sentiu um aperto no coração ao ouvi-lo.

— Meu irmão! Então você não fica conosco?

Camilo moveu a cabeça e falou de sua missão: pois tinha uma missão que não poderia cumprir ali, junto aos seus, entre as paredes antigas e familiares da casa de sua infância, mas sim na solidão de si mesmo e entre estranhos que não o reconheceriam; o mundo e o relento seriam sua casa, o anonimato sua identidade. “É preciso que eu parta” disse, e como partiria para sempre, e como também não soubesse para onde pois não cogitara um rumo, fora vê-los, entrevistar-se com eles uma vez ainda para depois seguir seu caminho. Arthur, estendendo o braço sobre a mesa, pousou a mão magra e enrugada de velho sobre a mão do filho, “e qual será seu caminho, Camilo?” perguntou, porém Camilo não tinha uma resposta. Falou vagamente de uma coisa perdida, algo que era seu mas que ele havia sacrificado, um bem que não só lhe era caro mas o único que lhe restava e que para resgatá-lo empreenderia uma guerra — sua guerra solitária — cujo resultado não poderia prever.

Fez uma pausa, e acrescentou:

— É possível que seja tarde demais... ou não... mas se eu não enfrentar meu destino não poderei sabê-lo.

A Arthur talvez escapasse o mais amplo sentido dessas palavras, como decerto não compreenderia a grandiosidade da obra final do filho quando estivesse diante dela, ainda que em face de ambas se sentisse perturbado: pois da mesma forma como se sentiria tolhido e até mesmo temeroso ao contemplar, algum tempo depois, as imensas pinturas que Camilo deixara para trás ao abandonar para sempre seu ateliê, deu-se conta naquele mo-

mento de que o filho falava de coisas que, mesmo não compreendendo plenamente, intuía como graves e a implicar um terrível perigo.

Cumprido neste ponto, para não deixarmos fatos pendentes em nossa história, referir em duas ou três palavras a especial ocasião na qual Arthur esteve em Pinheiros a fim de atender a vontade do filho e decidir sobre sua última produção. Lembremo-nos de como Camilo abandonara o ateliê, deixando mesmo a porta aberta e tomando rumo ignorado. Acrescentemos que foi a velha Gertrudes quem, mais tarde naquele dia, não encontrando “o patrãozinho” em parte alguma e julgando que ele saíra para uma de suas caminhadas, fechara o ateliê, e que só começou a preocupar-se quando não o viu chegar até a noite. Sua preocupação, contudo, restringia-se apenas a verificar, dia a dia, se ele havia regressado, e como isso não acontecesse concluiu que Camilo, cujo comportamento naqueles últimos tempos não seria o de uma pessoa em seu juízo perfeito, por certo decidira de repente viajar por qualquer razão sem lembrar-se de avisá-la. Foi com surpresa que viu aparecer ali meses mais tarde o velho Arthur, de quem guardava apenas uma lembrança muito vaga pois fazia mais de vinte anos que não o via, e soube dele que Camilo não voltaria àquela casa.

Arthur e a filha encontravam-se no ateliê, examinando com perplexidade e sem compreender a produção final de Camilo — embora intuindo nela algo de sublime e extraordinário — quando viram entrar um homem de boa estatura, desempenado mas não muito corpulento, e já grisalho que, a distância, os cumprimentou com um meio sorriso e um breve movimento de cabeça; o estranho passou em seguida a examinar os quadros, detendo-se demoradamente diante de cada um deles. Arthur imaginou tratar-se de algum amigo do filho e, para deixá-lo à vontade, fez um sinal a Diva e saíram do ateliê sem serem notados — mesmo porque o visitante parecia tão submerso na contemplação das pinturas que não teria percebido mesmo qualquer movimento que fizessem.

Não erramos se adivinharmos nesse visitante o poeta Afonso Ribeiro.

Pois nesse dia Afonso soube por acaso da presença na cidade dos familiares “daquele artista estranho que morou muito tempo aqui e depois sumiu, lembra-se dele, Afonso?”, novidade que ouviu de alguns conhecidos quando transitava pelo centro logo após o almoço; “pelo menos foi o que o marido da velha Gertrudes espalhou por aí”. Então Afonso seguiu outra vez, como de hábito a pé, pela estrada de terra que conduzia para fora da cidade, cruzou a porteira derruída, seguiu pelo caminho entre as árvores e, atravessando o gramado, contornou a casa e chegou ao ateliê de Camilo. Entrou. Aquele senhor de cabelos brancos, bem vestido e de ares distintos, não obstante esse visível pesar a lhe marcar as plácidas feições deveria ser o pai, pensou Afonso, e a senhora em sua companhia seria talvez alguma irmã — mas após o meio sorriso e o breve aceno de cabeça a

título de cumprimento, esqueceu-se deles... Não saberia dizer quanto tempo esteve ali, numa contemplação assombrada e reverenciosa, certo de estar diante de algo cuja extensão e profundidade escapava ao seu julgamento e que palavras como transcendente, brilhante, grandioso nem mesmo palidamente transmitiriam a idéia daquilo que lhe era dado ver naquela tarde. Não obstante percebeu uma força terrível a emanar de cada um dos quadros e, em dado momento, quase sucumbiu a uma vertigem, levando ambas as mãos ao rosto e esfregando-o com força para recuperar o ânimo e o equilíbrio.

Ao preparar-se para sair encontrou junto à porta o mesmo senhor idoso que avistara ao entrar, enquanto a mulher que o acompanhava então não mais se encontrasse presente:

— Perdoe-me não ter-me apresentado antes — disse —, sou Afonso Ribeiro. Fui muito amigo de Camilo...

O velho quase sorriu e moveu a cabeça, apresentando-se por sua vez.

— Eu e seu filho — tornou Afonso — conversávamos muito. Sobre arte principalmente. E houve uma ocasião... eu diria uma ocasião muito especial, sabe?, creio que há cerca de uns dez anos, em que ele me falou de uma obra que tinha em mente realizar — e num gesto indicou os quadros. — Lembro-me de que então ele se referiu a ela como a algo... monumental... “a minha grande obra” ele disse, a qual seria também possivelmente a última. — Afonso fez uma pausa e circunvagou as vistas. — Saiba, Sr. Arthur, que eu acompanhei durante muitos anos a carreira de Camilo, e sabia do que era capaz... quando ele me comunicou que pretendia produzir algo grandioso, eu não compreendi... cheguei a replicar dizendo que ele estava sempre criando coisas assim... pois toda sua pintura é, fora de dúvida, grandiosa... portanto, quando Camilo me referiu seu projeto, do qual ele próprio não tinha ainda nenhuma idéia, eu não entendi... não pode entender quem não olha para tudo isso...

— E o que lhe parece tudo isso, meu amigo? — perguntou o velho com sua voz débil.

Afonso baixou a cabeça por alguns instantes sem saber o que responder. Em seguida encarou o velho:

— Quem foi o seu filho, Sr. Arthur?

— Meu filho?... Meu filho foi um homem bom, Sr. Afonso... mas foi também um homem muito triste.

Afonso crispou as feições.

— E o que foi feito dele?

O velho suspirou, “só Deus sabe, meu amigo, só Deus sabe” disse, a voz trêmula, os olhos úmidos.

— Venha — disse-lhe Afonso, e ambos, juntos, mais uma vez percorreram os quadros, sempre se detendo por alguns momentos diante de cada

um, ora afastando-se dois ou três passos para melhor abarcar com as vistas toda a extensão da tela, ora aproximando-se para observar alguma particularidade que atraía sua atenção, suscitando um comentário, uma observação, uma conjectura, após o que, uma vez mais recuando um passo ou dois passavam para o quadro seguinte... — O senhor me perguntou o que eu penso de tudo isso — disse Afonso detendo-se no meio do salão. Fez uma pausa, concluiu: — Eu penso, Sr. Arthur, que Camilo teve uma visão do Inferno.

Dito isso, retornemos ao dia da última visita de Camilo à família. O moço, do qual já não podemos dizer um moço mas um homem maduro em seus quarenta e dois anos, e quem sabe nem mesmo isso, talvez mais acertado fosse dizer “o velho”, pois era bem assim que se sentia, como se tivesse vivido o dobro dos anos que na verdade contava; o moço, portanto, ou o homem ou ainda o velho acaba de dizer ao pai que talvez seja tarde demais para ele, mas que era preciso enfrentar seu destino para certificar-se.

— Eu pressinto que você terá uma luta muito difícil e penosa, meu filho — respondeu-lhe Arthur depois de alguns instantes em que, olhando-o nos olhos (e estendendo a mão, pousou-a no braço desse filho que partia para a mais terrível das batalhas), perguntava-se se também nesse caso o Senhor o engrandeceria, preservando porém para si mesmo essa pergunta bem como a resposta que procuraria alcançar através de suas orações, pois pressentia também que a partir de então deveria crescer em fé e muito mais estar de joelhos dobrados, a fronte curvada até o chão, até o pó, buscando o entendimento que lhe escapava.

— E como você vai enfrentá-la sozinho, meu pobre irmão? — Diva perguntou, sorriu-lhe com tristeza no olhar e lhe acariciou os cabelos.

Mas Camilo não sentiu a mão do pai em seu braço, a carícia da irmã em seus cabelos. Camilo já não estava ali: olhos distantes, feições inexpressivas, trazia consigo mesmo sua própria ausência, como alguém que na iminência de partir já o fez, se não em corpo, pelo menos em espírito.

As primeiras luzes da noite no centro da cidade se acenderam. Pessoas transitam em todas as direções, muitas retornando de suas ocupações diárias, outras indo para o trabalho onde assumirão o turno da noite, outras ainda à busca de algum divertimento e entre todas quantas urdindo crimes! Os interesses são os mais diversos, os destinos tantos que é impossível sondá-los.

E os automóveis? Cruzam as avenidas, barulhentos e ranzinzas, param nos sinais e depois avançam, fazem roncar os motores e soar suas buzinas estridentes, de súbito sobreleva a todos os sons o espocar de uma motoci-

cleta, o gemido prolongado de uma sirene do corpo de bombeiros, o picotar distante do trem que chega do subúrbio e, para os lados do cais, o apito de algum navio. Diversos ônibus passam cheios de gente sem rosto.

Estamos aqui e contemplamos tal bulício um pouco apalermados, nós, que durante tanto tempo gozamos da tranqüilidade de uma pequena e pacata cidade do interior.

Súbito passa rente a nós, caminhando devagar mas com decisão como se soubesse para onde ir, um homem de aspecto miserável, decerto um pedinte, barba cerrada e cabelos longos, mas um olhar fundo e triste. Passa por nós e, porque qualquer coisa em sua aparência trivial nos chama a atenção, voltamo-nos para ele e por alguns minutos ficamos a acompanhá-lo com os olhos: ele avança, caminha agora à sombra de umas árvores que crescem na calçada, mais à frente emerge outra vez para a luz da iluminação pública e cruza uma rua, lá adiante mistura-se à multidão e por um momento o perdemos de vista, mas eis que ele ressurge já bem ao longe, sempre avançando, até sumir-se numa esquina... e então não o vemos mais...

— Fim —

Na obra final de Camilo havia não luz, mas sombras. Pintor algum em nenhuma época retratou os páramos sombrios de forma tão intensa, valendo-se no entanto de uma paleta de cores tão reduzida: dela estavam ausentes os amarelos luminosos, os vermelhos quentes, os azuis brilhantes, reduzindo-se tão só às diversas tonalidades de terra, aos verdes escuros e frios, aos azuis-marinhos e ocre, além do preto, amplamente utilizado para reduzir a intensidade dos tons, intensificar os claro-escuros e conferir relevo às formas. Onde deveria sobressair-se um volume que sob certo ângulo recebia luz direta, essa luz — uns vestígios de amarelo bacento mesclado a uns tons de bronze ou a umas sutis pinceladas de vermelho — atenuava-se, diluindo-se então os contornos numa penumbra ampla e vaga a misturar-se com horizontes difusos e esfumados. As perspectivas se perdiam em sombreados profundos a lembrar noites infinitas de dentro das quais emergiam vagamente vultos indistintos, nebulosos, como que a convergir para primeiros planos devastados pela guerra e pela peste.